

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Elizabeth do Rocio Dipp Azevedo Gimael

Conflitos Conjugais: Uma leitura a partir da psicologia analítica, tomando como base os tipos psicológicos.

Mestrado em Psicologia Clínica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
da Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, como exigência parcial para obtenção do
título de Mestre em Psicologia Clínica sob a
orientação do Prof. Dr.Durval Luiz de Faria.

SÃO PAULO – SP

2008

Banca Examinadora.

Para Hamilton, companheiro de longa caminhada na busca incessante de mim mesma e da criatividade maior: nossas filhas, Carolina e Fernanda, que a partir de um compromisso amoroso nos agregaram nossos queridos genros, Felipe e Gabriel.

AGRADECIMENTOS.

Ao Durval Luiz de Faria, querido orientador, pela confiança e encorajamento no início e durante essa jornada.

As queridas professoras Laura Villares de Freitas e Edna P. Kahhale, pela disponibilidade, pelo estímulo e valiosas contribuições na banca de qualificação.

A Maria Zélia Alvarenga, pela competência, pela disponibilidade, pelo acolhimento, de uma forma sempre profunda e analítica.

Aos professores do núcleo, pelos momentos de profundas reflexões, pelas aulas brilhantes, pelo convívio humano, como também aos colegas, que sempre estiveram dispostos a realizarem trocas significativas.

Aos amigos do curso de Pós-graduação, em especial ao querido Alexandre Schmitt, pelas nossas longas caminhadas sempre regadas de boas conversas. As minhas novas e queridas amigas Regina Biscaro, Susan Albert e Silvia Pessoa pelos momentos inesquecíveis pelos quais passamos, de muita descontração, muitas risadas e também de algumas ansiedades.

A minha querida mãe, Esther, por estar ao meu lado em todos os momentos dando-me condições para continuar essa jornada. Seus exemplos de honestidade, dedicação, trabalho e resistência me orientaram sempre.

Aos casais que se disponibilizaram a compartilhar suas histórias colaborando com essa pesquisa, doando o seu tempo precioso com altruísmo.

Aos meus pacientes, que, através de suas vivências, tanto contribuíram para a realização desse trabalho.

A Irene Bondesan pela valiosa contribuição e pela amizade.

A minha querida turma da SBPA, que em nossas imersões sempre são tão acolhedores e dispostos a contribuir em tudo e sempre.

Tudo que puderes fazer, ou creias poder,
começa. A ousadia tem gênio, poder e
magia.

Goethe.

RESUMO.

GIMAEI, E. R. D. A. Conflitos Conjugais: Uma leitura partir da psicologia analítica, tomando como base os tipos psicológicos. São Paulo, 2008.

Orientador: Prof.Dr. Durval Luiz de Faria.

Palavras-Chaves: Conflitos Conjugais, Tipos Psicológicos, Casamento, Conjugalidade, Casais, Quati (Questionário de Avaliação Tipológica).

Esta pesquisa procurou identificar os conflitos em casais que possuem a tipologia Sentimento Extrovertido. Nosso estudo baseou-se na premissa de que não existe um casamento sem conflitos, e que os mesmos ocorrem tanto em casais com tipologias opostas como também nos que possuem a mesma tipologia. Conflitos não se instalaram apenas quando os casais têm funções tipológicas opostas, mas também quando apresentam a mesma função dominante.

Na revisão de literatura encontramos apenas um estudo que focasse os dois assuntos. Identificamos vários estudos a respeito de conflitos conjugais e poucos relacionados a tipos psicológicos.

Considerando que o nosso estudo examinou os conflitos conjugais, a tipologia dos casais e a possível relação entre os conflitos e suas tipologias, a entrevista de profundidade foi considerada um procedimento adequado para abordar essa questão, visto que, a nossa intenção não era realizar um processo terapêutico.

O método escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi o qualitativo. Esta constou de dois momentos, no primeiro momento os casais foram selecionados pela tipologia e no segundo, foram realizadas entrevistas com os três casais selecionados, a fim de identificar os conflitos conjugais trazidos por eles, assim como, relacioná-los a tipologia.

Esta pesquisa utilizou como instrumento o QUATI (Questionário de Avaliação Tipológica), o qual permitiu selecionar três casais dos vinte e quatro que participaram da primeira fase da pesquisa.

Considerando a difícil tarefa de conciliar tipologia e conflito conjugal, após a avaliação dos resultados, discussão dos dados e de uma análise intuitiva, simbólica e conceitual. Concluímos que alguns dos conflitos apresentados pelos casais podem estar ligados a tipologia dos mesmos, mas deixamos uma porta aberta para que novos estudos sejam realizados, com o propósito de aumentar as possibilidades de pesquisa referentes ao tema.

ABSTRACT.

GIMAEI, E. R. D. A. Conjugal Conflicts: An analytical psychological understanding, based on psychological types. São Paulo, 2008.

Supervisor: Prof. Dr. Durval Luiz de Faria.

Key Words: Conjugal conflicts, Psychological Types, Marriage, Couples, Quati (Questionnaire to Evaluate Typology).

This research aimed to identify the conflicts experienced by couples that have been characterized with the 'Extrovert Feeling'. Our study was based on the assumption that no marriage can exist without conflicts, and that conflicts occur not only between couples with the opposite typology but also between those with the same typology. Conflicts do not only occur only when couples have the opposite typological functions, but also when they have the same dominant functions.

From our review of the literature we only identified one study that focused on the two issues. We identified several studies that considered conjugal conflicts, but very few that related these conflicts to psychological types.

Considering that our study examined conjugal conflicts, the typology of couples and the possible relationship between the conflicts and their typology, an initial depth interview was considered to be an adequate procedure to approach this question, given that we did not intend to undertake a therapeutic process.

We adopted a qualitative approach to this research, which consisted of two moments. During the first moment we identified the typology of the couples and during the second moment, three couples were selected and interviewed in order to investigate the conjugal conflicts they identified, and to relate these conflicts to their typology.

The instrument used for this research was QUATI (Questionnaire to Evaluate Typology), which enabled us to select three couples from the twenty four couples who participated during the first stage of the research.

Considering the difficult task of reconciling typology and conjugal conflicts, after evaluating the results and the data obtained and performing an intuitive, symbolic, conceptual analysis, we concluded that some conflicts reported by the couples could be related to their typology, but we understand that other studies need to be undertaken in order to obtain more conclusive evidence.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CASAMENTO	18
2.1	Casamento: qual é a sua história	18
2.2	Casamento: como se dá o encontro? Ou o possível desencontro	22
2.3	Casamento: uma das possibilidades para o processo de individuação ou também de antiindividuação	29
2.4	Casamento: não foi no civil, não foi no religioso, foi por amor	36
3	CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA PARA A COMPREENSÃO DA CONJUGALIDADE	41
3.1	Inconsciente Coletivo e Arquétipos	41
3.2	Persona	43
3.3	Sombra	44
3.4	Complexos	47
3.5	Símbolos	49
3.6	Anima e Animus	51
3.7	Self e ndividuação	53
4	CONFLITO CONJUGAL – REVISÃO BIBLIOGRAFICA	57
4.1	Casamento como espaço de desenvolvimento pessoal	59
4.2	Casamento: do apaixonamento ao conflito	60
4.3	Casamento: a importância das expressões emocionais do casal e da família para sua manutenção	66
4.4	Cotidiano: a vivência necessária	70
4.5	Individualidade X Conjugalidade.....	78
5	TIPOS PSICOLÓGICOS	83
5.1	Temperamento e Personalidade	83
5.2	Histórico: temperamentos e tipos.....	85
5.3	A tipologia de Jung	88
5.3.1	A função Inferior	95
5.4	Descrição dos tipos	97
5.4.1	Tipo pensamento extrovertido-sentimento introvertido inferior	98

5.4.2	Tipo pensamento introvertido-sentimento extrovertido inferior	99
5.4.3	Tipo sentimento extrovertido-pensamento introvertido inferior	100
5.4.4	Tipo sentimento introvertido-pensamento extrovertido inferior	102
5.4.5	Tipo intuição extrovertida-sensação introvertida inferior	103
5.4.6	Tipo intuição introvertida-sensação extrovertida inferior	104
5.4.7	Tipo sensação extrovertida-intuição introvertida inferior	105
5.4.8	Tipo sensação introvertida-intuição extrovertida inferior	106
5.5	Tipologias segundo o Questionário de Avaliação Tipológica – QUATI	107
5.5.1	O foco de atenção	107
5.5.1.1	Introversão	107
5.5.1.2	Extroversão	107
5.5.2	Recebendo informações	108
5.5.2.1	Intuição	108
5.5.2.2	Sensação	108
5.5.3	Tomando decisões	108
5.5.3.1	Pensamento	108
5.5.3.2	Sentimento	109
5.5.4	Descrição básica dos tipos psicológicos	109
5.5.4.1	E St In	109
5.5.4.2	E In St	111
6	OBJETIVOS	113
6.1	Objetivo geral	113
6.2	Objetivos específicos	113
7	MÉTODO	114
7.1	Procedimento	115
7.2	Participantes	118
7.3	Local	120
7.4	Cuidados éticos	120
7.5	Procedimentos e análise dos dados	120
8	RESULTADOS	123

8.1	1º Casal Selecionado	123
8.1.1	Primeiro Encontro	124
8.1.1.1	Dados sobre João	124
8.1.1.2	Dados sobre Maria	126
8.1.2	Segundo Encontro	127
8.1.3	Terceiro Encontro	143
8.1.4	Quarto Encontro	149
8.1.5	Observações sobre o primeiro casal	151
8.2	Segundo Casal Selecionado	152
8.2.1	Primeiro Encontro	153
8.2.1.1	Dados sobre Jorge	153
8.2.1.2	Dados sobre Ana	155
8.2.2	Segundo Encontro	157
8.2.3	Terceiro Encontro	171
8.2.4	Quarto Encontro	177
8.2.5	Observações sobre o segundo casal	178
8.3	Terceiro Casal Selecionado	179
8.3.1	Primeiro Encontro	180
8.3.1.1	Dados sobre Diogo	180
8.3.1.2	Dados sobre Marina	183
8.3.2	Segundo Encontro	184
8.3.3	Terceiro Encontro	196
8.3.4	Quarto Encontro	199
8.3.5	Observações sobre o terceiro casal	201
9	Discussão.....	203
9.1	Questões Familiares.....	203
9.2	Diálogo como necessidade e como recurso	205
9.3	Conflitos conjugais e as possibilidades de transformações	207
10	Considerações Finais	211
	Referências Bibliográficas	216

ANEXOS

Anexo A – Carta a Comissão de Ética	225
Anexo B - Parecer do Comite de Ética - PUC	226
Anexo C - Termo de Compromisso do Pesquisador	227
Anexo D - Consentimento Livre e Esclarecimento	228
Anexo E - Ficha de Identificação	229
Anexo F - Resultados do Quati	230
Anexo G - Descrição das demais tipologias descritas segundo o QUATI	235

1 - INTRODUÇÃO.

Os relacionamentos humanos sempre nos fascinaram como também nos intrigam principalmente aqueles entre homens e mulheres, o chamado relacionamento conjugal. Está aqui sendo considerada a conjugalidade, a relação entre homem e mulher, que ao passarem por um processo de apaixonamento tomaram a decisão de viver juntos, optando assim pelo casamento. Que o amor que sentem entre si, ou pelo menos acredite senti-lo, possa criar um espaço em que duas personalidades diferentes consigam conviver sob o mesmo teto. Como também se sintam interessados e motivados a compartilhar vivências relacionadas à conjugalidade, e também aos aspectos da vida particular, individual de cada um dos parceiros. Que compartilhem de ideais comuns, objetivos pessoais e conjugais. Esta vivência incluirá respeito, admiração, como também um ambiente propiciador ao desenvolvimento das potencialidades de cada um. Gostaríamos de assinalar que não estamos considerando nenhum aspecto legal, por não acreditarmos que um casamento só se constitui legalmente.

O casamento, esse fenômeno complexo, tem sido estudado por diversas abordagens teóricas, a partir de diversas perspectivas. Como o casamento é o início da construção de uma família e esta vive, atualmente, uma grande crise; com muitos questionamentos que não são respondidos, voltamos à gênese da mesma que é o casamento, para refletir a respeito de mudanças, especialmente, nas relações conjugais.

Como o casamento envolve dois seres humanos, seria difícil para esta instituição uma vivência sem conflitos. Diante disto, começamos a nos perguntar, quais fatores poderiam interferir nos conflitos conjugais, além da retirada das projeções quanto à fase da paixão termina, abrindo a porta para outras vivências mais criativas ou também abrindo a porta de saída, levando os amantes a procurar novos caminhos. Questionamo-nos então, se os tipos psicológicos descritos por Jung teriam alguma influência, como fatores causais, nesses conflitos.

Para compreendermos a psicologia do homem e a da mulher na conjugalidade, recorremos aos pressupostos da Psicologia Analítica.

A psicologia de Jung chama nossa atenção para um tema importante em relação às diferenças sexuais: o sexo oposto é um fator formador de projeções. O outro (sexo oposto) mobiliza demandas arquéticas que se expressam como se fossem convite para atentarmos para realidades de nós mesmos, que se encontram defendidas e que nossas defesas projetivas depositam tais realidades no outro. Ele nos convida a ver aspectos de nós mesmos que são

negados à consciência por meio de nossas projeções nos outros. Essa sua teoria de contra-sexualidade, nos diz, que todos temos uma personalidade do sexo oposto de base oriunda de traços genéticos do sexo oposto (hormonais morfológicas). Young-Eisendrath (2002), sinaliza que diante desta afirmação, Jung peca por seu essencialismo, mas sua teoria é clara em relação a seu domínio psicológico. Essa condição cria o outro interior, uma subpersonalidade inconsciente com vida própria, geralmente dissociada, e muitas vezes projetada no sexo oposto, a fim de defender o si - mesmo contra a ansiedade e o conflito.

Na teoria junguiana essas subpersonalidade são chamadas de *anima* e *animus* (nomes latinos adotados por ele). *Anima* e *animus* são arquétipos e como tal, servem tanto para uma análise cultural de opostos universais quanto para uma teoria psicológica, na qual os mesmos são responsáveis por projeções. Para Jung a *anima* seria o feminino de uma pessoa do sexo masculino e o *animus* o masculino de uma pessoa do sexo feminino. Esses arquétipos são expressos como imagens carregadas de emoção, como também concorrem para estruturar aspectos do sexo oposto em cada um de nós, uma espécie de alma gêmea de potenciais tanto ideais quanto desvalorizados.

A contra-sexualidade de Jung é uma contribuição para a psicologia profunda que problematiza o “sexo oposto”, seguindo a sombra da Estranheza de volta a seu possuidor. Em contraste com as estreitas teorias freudianas de ansiedade de castração e inveja do pênis (que centraliza o pênis, o falo e o poder masculino), a teoria de gênero de Jung é fluida e expansiva em seus usos potenciais num mundo pós-moderno descentralizados. Muito antes dos teóricos das relações objetais (como Melaine Klein, Ronald Fairbairn ou Wilfred Bion no grupo mais antigo, ou Thomas Ogden, James Grotstein ou Stephen Mitchell entre os contemporâneos) conceberam a personalidade como descentrada em suborganizações autônomas, Jung havia desenvolvido um modelo dissociativo da personalidade com maior ênfase na cisão da identidade entre o Si - mesmo consciente de gênero definido e o Outro contra-sexual menos consciente (ou inconsciente) (YOUNG-EISENDRATH, 2002, p.214).

Para Jung (2002 [1972] p.195) o matrimônio como relacionamento psíquico é algo complicado, por ser constituído por dados subjetivos e dados objetivos e, em parte, de natureza heterogênea. Para que ocorra um casamento de fato como relacionamento psíquico é necessário que os parceiros tenham consciência de si mesmos e condição de serem diferentes do outro. Jung afirma que a distinção eu – outro nunca é completa, pois há sempre a área de vida inconsciente. Quanto maior a área inconsciente, menor será a possibilidade de escolha do parceiro, neste caso as pessoas estariam se relacionando simbioticamente, com pouca diferenciação eu – outro e, pouca diferenciação indivíduo – coletividade.

Quando um dos cônjuges começa seu processo de individuação antes do outro, as diferenças no grau de desenvolvimento espiritual seriam as principais causas das dificuldades típicas do casamento.

A relação amorosa é plena de complexidades seja pela realidade decorrente do encontro dos parceiros como pelas interferências que o casal sofre e que são advindas dos pais, familiares, amigos e da dinâmica inconsciente dos próprios cônjuges. Um estudo muito interessante foi realizado por Kearns e Leonard (2004), e publicado no *Journal of Family Psychology*, no qual foi examinado o relacionamento entre a interdependência da rede de contato social do casal e a qualidade matrimonial dos mesmos. Os resultados do estudo indicaram que, depois do casamento, a rede de amigos e familiares da esposa e do marido torna-se altamente interdependente.

Colman (1994) parte da noção que o Self não pode se desenvolver no isolamento e de que o eu é definido pela sua diferenciação com o tu; de modo que o tu dá base para a identidade do indivíduo, desde que se possam diferenciar dois processos importantes nas relações conjugais: a intimidade e a fusão.

Cleavely (1994) aponta para a vivência do conflito na conjugalidade, afirmado ser este saudável, desde que o conflito aponte para oportunidades que poderão levar os cônjuges a entrar em contato com seus potenciais criativos e destrutivos.

Na definição de Singly (1988) o casamento implica a construção de uma nova identidade para os cônjuges. Um “eu conjugal” vai se construindo através das interações estabelecidas entre eles.

Um estudo realizado por Lavee, Yoav, Ben-Ari, Adital, (2004) na Universidade de Haifa, Israel, teve como objetivo examinar como comportamentos neuróticos e expressividades emocionais estão ligados à qualidade do casamento. Concluíram que quando as emoções são expressas e não apenas sentidas, esta expressão, facilita a criação de vias de acesso a outras pessoas, permitindo assim que as emoções influenciem os relacionamentos. Outro estudo no qual membros das mais diversas Universidades dos Estados Unidos, tais como Johnson, Cohan, Davil, Lawrence, Rogge, Karney, Sullivan, Bradbury (2005), realizaram uma pesquisa na qual, inicialmente, participaram 172 casais recém-casados, visando averiguar por quatro anos a trajetória percorrida por eles, quanto as suas satisfações matrimoniais. O foco do estudo foi à mudança no nível de satisfação conjugal e não a dissolução do casamento. O estudo mostrou que afetos e habilidades são aspectos diferentes na comunicação do casal. Indicou também que a interação entre afetos positivos e habilidades negativas é particularmente expressiva.

Todo esse emaranhado de diferentes posições e reflexões causa-nos uma sensação de impotência, como também um desejo, um desafio, no sentido de tentar compreender um pouco melhor esse relacionamento e, consequentemente, os seus conflitos. Podemos pensar que no casamento atual há livre escolha do companheiro, o que implica um compromisso de suma importância. Isso porque, em tese, espera-se que os parceiros compartilhem a vida, na saúde e na doença, na alegria e na tristeza.

Neste trabalho, tentamos compreender melhor os conflitos e dificuldades existentes em uma relação tão íntima e tão próxima, como é viver a dois, sob o mesmo teto.

Hoje em dia, o “viver juntos” exige muito mais dos cônjuges, pois a realização profissional tornou-se quase que uma obrigatoriedade. Vai daí que as diferenças e as igualdades dos cônjuges aparecem como se estivessem sob holofotes. O casal de hoje se ilumina e se deixa iluminar no que diz respeito à exposição social e profissional: podemos pensar na existência de certa competitividade não só entre a diáde que forma o casal, mas também entre os casais de amigos, colegas de profissão e até na própria família. Mas, estudiosos do assunto nos mostram, desde 1980, como Guggenbühl-Graig em seu polêmico livro “O casamento está morto - Viva o casamento”, que esta instituição não constitui um lugar confortável para se estar, tampouco para viver apenas relações amorosas.

O casamento não é confortável e harmonioso; antes é um lugar de individuação onde uma pessoa entra em atrito consigo mesma e com um parceiro, choca-se com ele no amor e na rejeição e desta forma aprende a conhecer a si próprio, o mundo, bem e mal, as alturas e as profundezas (GUGGENBÜHL-CRAIG, A. 1980, p.72).

Como o tema conflito conjugal tem sido bastante estudado, como veremos adiante na revisão bibliográfica, resolvemos então, realizar um trabalho que pudesse incluir os tipos psicológicos descritos por Jung nesta temática, porque esta também é outra questão que nos inquieta, fascina e intriga. Tentaremos verificar como o tipo psicológico de cada cônjuge pode influenciar ou não, na questão da conjugalidade, em particular em seus conflitos conjugais.

Tipo é um modelo característico de uma atitude geral que se manifesta em muitas formas individuais. Das muitas e possíveis atitudes, saliento nesta pesquisa quatro, isto é, aquelas que se orientam, sobretudo pelas quatro funções psicológicas básicas: pensamento, sentimento, intuição e sensação. Quando uma dessas atitudes é habitual e imprime ao caráter do indivíduo um cunho determinado, falo então de um tipo psicológico. Esses tipos, estribados nas funções básicas, e que podemos denominar tipos pensamento, sentimento, intuição e sensação, dividem-se, conforme a qualidade da função básica, em duas classes: racionais e irracionais. Aos primeiros pertencem o

tipo pensamento e sentimento, aos últimos o tipo intuição e sensação. Outra divisão em duas classes é autorizada pelo movimento dominante da libido, isto é, a introversão e a extroversão. Todos os tipos básicos podem pertencer a umas ou outras classes – dependendo da atitude predominante: se é mais introversão ou mais extroversão (JUNG, C.G. (1991[1921]), p.450).

Como mencionado acima, o tema conflito conjugal tem sido amplamente estudado, mas sua relação com os tipos psicológicos, conceituado por Jung, foi enfocada em um único trabalho de Nairo de Souza Vargas, em sua dissertação de mestrado intitulada: “A Importância dos Tipos Psicológicos na Terapia de Casais”, apresentada na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em 1981.

Decidimos então realizar um trabalho aliando estas duas temáticas – conflito conjugal e tipos psicológicos. Esta pesquisa está baseada em um estudo de caráter clínico e qualitativo e o procedimento utilizado o da entrevista de profundidade. O trabalho foi realizado com casais em dois momentos. Inicialmente aplicamos o QUATI (Questionário de Avaliação Tipológica), em vinte e quatro casais, destes, quatro foram selecionados para dar continuidade a pesquisa, por apresentarem a tipologia Sentimento Extrovertido, isto é, os dois membros de cada diáde apresentou a tipologia Sentimento Extrovertido, cada casal participante passou por quatro encontros com a pesquisadora.

Dada a riqueza das observações feitas dentro da referida tipologia, somos levados a acreditar na relevância do nosso trabalho para a psicologia analítica, como também para todos aqueles interessados nas relações humanas e nas relações conjugais. Destaca-se, ainda, a falta de material especificando os temas propostos: “Conflitos Conjugais aliados aos Tipos Psicológicos”.

Em virtude das transformações da relação conjugal ao longo do tempo, e a partir do momento em que as escolhas puderam ser realizadas, alguns conflitos conjugais também começaram a se destacar como um evento resultante da própria escolha. Nos dias atuais, os casamentos se realizam quando os parceiros estão mais velhos, mediante esta mudança, espera-se que muitas das motivações inconscientes que os levaram a fazer tal escolha, já se tornaram conhecidas, conscientizadas. Percebemos um novo padrão de relacionamento se instalando: o casamento deixa de ser um local onde as pessoas buscam segurança afetiva ou financeira.

O novo padrão tem também sua face transformadora. Se o homem e a mulher suportarem conviver com a idéia de que o amor é o último lugar onde se deva buscar segurança, a experiência amorosa trará uma ampliação

de consciência e uma reconciliação com as leis cíclicas da vida e da natureza (MORAES, N. M, 2002, p.20).

Pensamos que, a partir desse momento histórico no qual é conferido um valor extraordinário às escolhas, a responsabilidade do casal aumenta. Quando não ocorria responsabilidade no ato de escolher, alguns conflitos não existiam porque, na verdade, vários deles são consequências dessa nova forma de se relacionar. A sociedade contemporânea reluta em aceitar que alguém possa se casar sem desejo e sem amor: se com isso se ganha à possibilidade de escolha, também se aumenta o risco da vivência conflituosa do casal.

Diante do que foi exposto, não podemos esquecer a visão de Jung no que se refere ao tema casamento.

Raras vezes, ou até mesmo nunca, um matrimônio se desenvolve tranquilo e sem crises, até atingir o relacionamento individual. Não é possível tornar-se consciente sem passar por sofrimentos (JUNG, C. G. 2002[1972], p.198).

Cada idade tem sua verdade psicológica própria, uma verdade que lhe serve de programa, como acontece em cada etapa do desenvolvimento psíquico. Há mesmo etapas que pouquíssimos conseguem atingir, - depende de raça, família, educação, talento e paixão. A natureza é aristocrática. O homem normal é apenas uma ficção, ainda que existam certas regularidades válidas para quase todos. A vida psíquica é um desenvolvimento que pode estacionar nas etapas iniciais. É como se cada indivíduo tivesse um peso específico próprio, e de acordo com ele, subisse ou descesse, até encontrar o ponto de equilíbrio onde encontrasse seu limite. Também os conhecimentos e as convicções do indivíduo correspondem a esse estado. Não é, pois, de admirar que a grande maioria dos casamentos atinja seu limite psicológico superior ao realizar a finalidade biológica, sem que daí se origine qualquer dano para a saúde mental e moral (JUNG, C. G. 2002 [1972], pp.205/206).

Existe uma dificuldade em ser casal, pois ao mesmo tempo, ocorre uma dinâmica, em que as duas individualidades e uma conjugalidade têm de conviver. Um casal contém dois sujeitos, dois desejos, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal. Diante disso, como um casamento pode sobreviver sem conflitos? Na atualidade, há uma demanda enorme para a individualidade, como também para a vivência da relação amorosa: duas forças paradoxais que os casais contemporâneos estão enfrentando. Como ser dois sendo um? Como ser um, sendo dois?

O grande questionamento é: alguns dos conflitos que ocorrem na relação conjugal podem estar relacionados com o tipo psicológico dos cônjuges?

Para que essa pergunta seja respondida, abordamos o estudo em nove capítulos. O primeiro capítulo é constituído pela introdução ao estudo. No segundo capítulo, um pequeno histórico sobre o casamento e algumas relações a que o tema nos remete. No terceiro capítulo, abordaremos alguns pressupostos da Psicologia Analítica, para uma maior compreensão da conjugalidade e de seus possíveis conflitos. No quarto capítulo, uma revisão bibliográfica do que foi estudado sobre conflito conjugal e, também apresentação de algumas pesquisas, atuais, na área do referido tema, no qual é desenvolvida uma análise da problemática que envolve os casais e seus conflitos. No quinto capítulo, apresentamos a gênese dos tipos, um detalhamento a respeito dos tipos psicológicos descritos por Jung (1991[1921]), fazendo também uma passagem pelas considerações de Zacharias (1999), já que utilizamos o material desenvolvido por ele que é o QUATI. Questionário de Avaliação Tipológica (Versão II). No sexto capítulo explicam-se os objetivos gerais e específicos da pesquisa. O sétimo capítulo consiste na apresentação do método do estudo. No oitavo capítulo é apresentada a análise dos resultados, no nono, apresenta-se a discussão e, no décimo e último capítulo traçam-se as conclusões.

Nosso objetivo nesta presente pesquisa será identificar os conflitos vividos por cada casal, e se os mesmos estão ligados a tipologia apresentada por eles - Sentimento Extrovertido, verificar se os casais que participaram da pesquisa, (todos com a tipologia Sentimento Extrovertido) apresentam conflitos semelhantes ligados à conjugalidade, como também identificar os limites e as possibilidades da tipologia expressos nos conflitos.

2 – CASAMENTO

Tudo no Universo é formado por união e geração – pela aproximação de elementos que se buscam um ao outro, que se fundem dois a dois e que renascem num terceiro.

Pierre Teilhard de Chardin.

2.1- Casamento: qual é a sua história?

Não se sabe ao certo quando o homem começou a se casar. O mais antigo contrato nupcial conhecido data de 900 A.C no Egito. Há poucas informações sobre laços matrimoniais no tempo das cavernas. Há indícios, através de pinturas, de que nossos ancestrais viviam em bandos de até trinta pessoas, mas não se sabe se em monogamia ou poligamia.

Nos séculos V e IV A.C na Grécia, as noivas quase sempre se casavam contrariadas, pois, para os gregos, mulheres, crianças e escravos eram propriedades dos homens. A mulher tinha pouca importância - tanto que o noivado acontecia sem a sua presença - mas tinha de se manter virgem para o casamento e fiel ao marido. Só que, para os homens, o prazer era obtido tanto por meio de relações heterossexuais como por relações homossexuais.

Na Grécia, o status da mulher foi extremamente degradado. O homossexualismo era prática comum entre os homens e as mulheres ficavam exclusivamente reduzidas às suas funções de mãe, prostituta ou cortesã (KRAMER, H.; SPRENGER, J. 1993 p.12).

No Império Romano, a união era apenas um meio para a manutenção da família. À esposa, cabia procriar. O prazer ficava para as amantes, que eram aceitas pela sociedade. A

palavra “matrimonium” é usada para definir o papel da mulher casada: ser mãe. Em contraposição, patrimonium estabelece a parte que cabe ao homem: gerir os bens.

O casamento por rapto persistiu em várias culturas menos desenvolvidas até bem depois do início da Era Cristã. O homem que desejasse uma mulher a capturava e a levava embora. Na Grécia Antiga também havia esse costume. Na mitologia, há vários casos como o de Helena, filha de Zeus e Leda, que foi raptada por Teseu, sendo depois resgatada pelos irmãos, Castor e Pólux. Mais tarde, casada com Menelau, foi levada novamente, desta vez por Páris, que a conduziu a Tróia, dando início a uma guerra de dez anos.

No século IV, os anglos saxões, interessados em reduzir conflitos, trocaram o roubo de mulheres pela compra das mesmas, prática que perdurou por muitos anos. Surge aí o dote. A taxa era chamada de wedd, a palavra casamento em inglês wedding, vem daí. Em sua origem latina, o termo dote se referia à doação que o pai da noiva fazia ao noivo. Na França, o dote latino vigorou oficialmente até 1965.

No século XII, menestréis compõem e cantam músicas e histórias de paixões para entreter os nobres nas cortes. O casamento continua sendo por interesse, usando os nobres a união para consolidar seus impérios.

A Igreja já havia reconhecido o significado político do casamento, desde o século IX, instituindo, então, nesta época, a cerimônia religiosa.

A sacralização do casamento pela Igreja só aconteceu por volta do século XII e a normatização da moral cristã se estabeleceu no século XIII, instituindo, assim, o sacramento do matrimônio, tornando-o monogâmico e indissolúvel. Foi extinta a autorização familiar e interditados a poligamia e o concubinato, regras que valem até hoje.¹

A Revolução Francesa, em 1789, teve grande impacto sobre o casamento. Uma nova era começou em 1792, quando a Assembléia Constituinte da França instituiu o casamento civil. Foi estabelecida uma idade mínima para a união legal, de 15 anos para rapazes e de 13 anos para moças.

¹ As informações contidas nesses parágrafos encontram-se no site: <http://pt.wikipedia.org/wiki>.

O ritual foi dividido em duas partes, a contratual e a religiosa, sendo que somente a primeira valia no momento de registrar os filhos.

As grandes mudanças no casamento se iniciam com a Era Moderna. A valorização do amor individual estabelece o casamento por amor, amor-paixão. Este novo ideal de casamento fez com que os parceiros tivessem expectativas a respeito do amor e da felicidade no matrimônio.

Até o século XVIII, havia uma diferença básica entre o amor no casamento e o amor fora do casamento. A moral estóica defendia a procriação como finalidade e justificação do casamento. A regra básica do código moral estóico defendia o amor-reserva no casamento e o amor-paixão fora do casamento.

No final do século XVIII, o amor romântico marca presença, incorporando elementos do amor paixão. Nas palavras de Giddens, “o amor romântico introduziu a idéia de uma narrativa para uma vida individual... ...contar uma história é um dos sentidos do ‘romance’, mas essa história tornava-se agora individualizada, inserindo o eu e o outro numa narrativa pessoal”.

É quando o amor romântico vincula-se pela primeira vez à liberdade, sendo ambos considerados desejáveis. Seus ideais são inseridos nos laços emergentes entre a liberdade e a auto-realização. O amor rompe com a sexualidade, embora a contenha; a “virtude” começa a assumir um novo sentido para ambos os sexos, não mais significando apenas inocência, mas qualidade de caráter que distingue a outra pessoa como especial.

Na era moderna, o casamento por amor se estabelece como regra básica. O amor romântico se torna o ideal de casamento. A duração do mesmo é colocada à prova. Como o amor-paixão em geral não dura, o amor conjugal ligado a ele também não dura.

No século XIX, inaugurou-se o modelo de casamento ocidental com a rainha Vitória que, ao contrário de que faziam os nobres até então, casou-se por amor. O seu moralismo influenciou muito o comportamento da época: valores como virgindade, fidelidade e educação dos filhos foram modelos seguidos por outras mulheres. Todas as mulheres passaram, também, a querer casar por amor.

McFarlane (1990) denominou de casamento malthusiano o modelo de união conjugal que tem como premissas básicas o afeto, a amizade e o companheirismo entre os cônjuges e a procriação não é o objetivo principal do casamento. Assim, passam a ser objetivo central o propósito econômico e psicológico do casal. A ausência dos filhos é justificada pela

idealização do amor romântico. O mais importante é a relação conjugal, mesmo considerando o casamento por amor como a relação mais importante na vida de uma pessoa.

Malthus (séculos XVIII e XIX) coloca o matrimônio como uma escolha racional em que a condição econômica pesa na decisão e na idade de casar. Acreditava que os indivíduos deveriam estar física e economicamente maduros para o casamento. Essas mudanças eram revolucionárias para a época, pois propunha uma relação mais igualitária entre marido e mulher. O casamento centrado no vínculo conjugal, e não nos filhos ou na família, também constituía uma mudança radical.

O grande propósito do casamento era satisfazer as necessidades psicológicas, sexuais e sociais dos indivíduos. Os filhos eram mais uma consequência do que uma causa do casamento, um subproduto da união sexual. Para muitos, o ideal consistia em serem “amigos casados”. Em última instância, o casamento baseava-se numa combinação, ou compromisso, entre as necessidades econômicas, de um lado, e as pressões psicológicas e biológicas, do outro. A união deveria brotar de uma atração pessoal – física social e mental - de aparência e temperamento. O casamento era um jogo, com estratégias, táticas, prêmios e penalidades, e o namoro, um período em que o casal se testava e se examinava mutuamente. Em termos ideais, o “amor” resolvia as complexas equações em que os indivíduos tentavam ponderar uma série de critérios – riqueza, beleza, temperamento e status - para medir o parceiro em perspectiva. O casamento e a vida conjugal subsequente refletiam as premissas sobre as quais o sistema se apoia, mostrando que o núcleo da questão era o profundo vínculo que unia um homem a uma mulher. (MACFARLANE, A. 1990, pp.325, 326).

Atualmente, muitas características do modelo de casamento malthusiano são encontradas nos casamentos ditos “modernos”, como a relação igualitária entre os parceiros, a valorização do companheirismo e da amizade na relação conjugal e a não-obrigatoriedade de procriação. O casamento formal continua sendo uma referência e um valor importante, mas convive com outras formas de relacionamento conjugal como as uniões consensuais, os casamentos sem filhos ou sem coabitação, e também as uniões homossexuais.

Poderíamos dizer que a visão de mundo mudou, são outros tempos e porque não dizer tempos difíceis. Reafirmando esta colocação, Moraes nos diz:

São tempos difíceis. Muitas verdades tidas como absolutas e imutáveis estão desmoronando. As antigas bases da relação homem/mulher ruíram. A instituição do casamento está fortemente abalada. A mulher adotou discurso próprio, rebelde e revolucionário (MORAES, N. M. 2000, p.7).

Hoje, a mulher está no casamento de uma forma diferente e desempenha muitos papéis que, anteriormente, só ficavam a cargo do homem. Ela participa ativamente da vida dentro e fora de casa. Sua contribuição financeira, não só é importante como necessária. O fato de a mulher ter querido e precisado “ir à luta” trouxe várias modificações dentro da conjugalidade: aquela que ficava em casa, à espera do marido, com a comida pronta, hoje, chega junto com ele do trabalho, com os mesmos problemas do tal “mundo cão”, com o mesmo cansaço, com a necessidade de relaxar. Enfim, necessidades que antes pareciam pertencer ao mundo masculino agora também são compartilhadas com as mulheres. O desejo e a realização sexual que, antes, era domínio apenas dos homens, hoje, é um direito adquirido, conquistado, um território também feminino, como são outros os aspectos do casamento. Partilham-se responsabilidades, privilégios, aborrecimentos, contas, desejos, fantasias, amor.

Quando o homem e a mulher são iguais nos sentimentos de estatura, quando estão no mesmo nível, a força do vínculo entre eles não deve obediência às velhas cláusulas – vem de dentro. É um vínculo verdadeiro, não uma escravidão, e o paradoxo repousa no fato de que sua força como união se origina da liberdade que cada cônjuge tem para ser ele mesmo (O’NEILL, NENA e GEORGE. 1973 p.183).

2.2 - Casamento: como se dá o encontro? Ou um possível desencontro.

“Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”.

Caetano Veloso.

Conta-nos o mito que, no início, o homem e a mulher existiam num mesmo corpo e possuíam qualidades extraordinárias. Platão, em O Banquete – Apologia de Sócrates (Nunes, C.A. 2001, p.46), nos narra o mito sobre os seres primordiais que eram redondos, possuíam quatro pernas e quatro braços e uma cabeça com duas faces, cada uma olhando para um lado. Este ser esférico era dotado de uma força e de uma robustez formidável, inflada de um orgulho imenso. Possuía tal poder e inteligência que despertou nos deuses, medo e inveja. E eles foram cortados em dois para que o seu poder fosse diminuído. O ser androgino original

foi cortado em duas metades, uma feminina e outra masculina. E até hoje as duas partes procuram se unir.

Hermafrodito, o filho de Hermes e Afrodite é o ser mítico que reúne em si mesmo as duas partes, masculino e o feminino. “Tão belo quanto Narciso, provocou a paixão da ninfa Sálmacis, que clamou aos deuses que os unissem em um só corpo, surgindo assim um ser de dupla natureza” (BAPTISTA, S. M. S. 2007, p. 258).

Há uma indicação no mito de um modelo arquetípico de funcionamento. O ser humano, no seu processo de desenvolvimento, terá que reunir em si próprio, aquilo que foi separado - o lado masculino do lado feminino - para se tornar um ser mais completo. Só será possível o encontro mais verdadeiro entre um homem e uma mulher, quando, dentro de cada um deles, ocorrer à reunião do lado masculino e do lado feminino.

Para Jung, os arquétipos são expressões do inconsciente coletivo. Refletem experiências vividas e repetidas inúmeras vezes pelo ser humano, que, quando integradas, contribuem para a ampliação do campo da consciência e estruturação egóica.

O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta. (JUNG, C. G. 2002 [1976], p.17).

Vivemos, hoje, em um momento cultural em que o modelo arquetípico do androgino tem um significado simbólico importante. Homens e mulheres procuram uma melhor compreensão de si mesmos, rejeitando, muitas vezes, definições antigas que os percebem de maneira unilateral.

Gostaríamos de enfatizar que Jung (1991) nos deixa claro que o conceito de símbolo difere do conceito de sinal. O significado simbólico (símbolo) seria a melhor expressão de algo ainda desconhecido, já o significado semiótico (sinal) seria uma expressão análoga ou designação abreviada de algo conhecido.

O símbolo tem como característica o fato de ser o ponto de confluências entre energias vindas do consciente e do inconsciente. Abrangendo tanto aspectos racionais e irracionais, representa conceitos que vão além de seu significado óbvio e imediato, constituindo a melhor expressão para o que foi pressentido, intuído, mas ainda não é sabido. Capaz de representar aquilo que, por seu significado irracional, por sua complexidade e unicidade, foge totalmente à formulação intelectual e, portanto, não pode ser adequadamente definido, o símbolo é necessário como expressão de uma experiência, sempre que qualquer forma de expressão seja inadequada. (GUERRA, M.H.M. 1988, p.10.).

A partir de modelos culturais que exigiam a unilateralização, como o modelo patriarcal, no qual são atribuídos aos homens e as mulheres, papéis identificados conforme o sexo, é que foram definidas a feminilidade e a masculinidade, ocorrendo, assim, a exacerbação de alguns aspectos e negação de outros. Homens e mulheres se fecharam dentro destes padrões e funcionam como seres pela metade, que desconhecem a sua outra parte negada. Diante dessa dissociação, o diálogo entre o masculino e o feminino não encontra nenhuma possibilidade de acontecer dentro de cada ser humano, gerando, como consequência, a in - comunicação entre o homem e a mulher.

Os processos de desenvolvimento do homem e da mulher seguem caminhos diferentes, estão, porém, inter-relacionados e são interdependentes. Tanto os homens como as mulheres vivem uma unilateralização psíquica, que exige uma complementaridade do masculino com o feminino, dentro de cada um e também na relação de reciprocidade entre eles mesmos. Quando a mulher se assumir para ela mesma de forma íntegra, isto é, sendo consciente de que, para seu desenvolvimento, há necessidade de uma totalização da vivência psíquica e não fazendo a eliminação de um dos lados, poderá despertar no homem respeito e admiração, e ao mesmo tempo, levá-lo a perceber em si mesmo a alma feminina.

Não há diálogo na unilateralidade. Sem a disponibilidade para a compreensão de que cada um é um, para a aceitação das diferenças existentes, é impossível a comunicação. O encontro entre homem e mulher ficará facilitado quando ambos aceitarem seus próprios valores, masculinos e femininos, e não se envergonharem de afirmá-los diante do outro. O homem terá de entrar em contato com seu princípio feminino para que possa aceitar a mulher dentro de si, e fora, como sua companheira no universo. E a mulher, entrar em contato com seu princípio masculino para aceitar o homem dentro e fora de si.

No seu processo de desenvolvimento, o homem e a mulher deverão entrar em contato com essas polaridades existentes em cada um, que foram denominadas por Jung de *anima* e *animus*. As polaridades estão presentes dentro da nossa totalidade, criando tensões e conflitos, cada uma delas lutando por se expressar. Para harmonização da unidade, é preciso estar consciente de cada um desses lados e permitir a expressão adequada de cada um deles. E isso se dá muito internamente na psique de cada ser humano, aparecendo depois no mundo exterior, num melhor relacionamento entre homem e a mulher.

A *anima* e o *animus* são os arquétipos daquilo que, em cada sexo, é o inteiramente outro. Cada um representa um mundo que, à primeira vista, é incompreensível ao seu oposto, um mundo que nunca pode ser conhecido diretamente. Embora tenhamos, dentro de nós, elementos do sexo oposto, seu campo de expressão é precisamente aquela área que é mais obscura, estranha, irracional e amedrontadora; na melhor das hipóteses, ela pode ser intuída e “sentida”, mas nunca completamente compreendida. Esses arquétipos, portanto, são contra-sexuais por expressarem o fato de que não há nada tão totalmente “outro” como o sexo oposto (WHITMONT, E. C. 1969, p.165).

Para a humanização dos arquétipos, necessitamos da figura humana do outro, aí surgem às noções de *anima* e *animus*. Buscamos o outro numa busca de nós mesmos. Dentro desta busca, há vários caminhos, e o casamento é um deles. Nele haverá confrontos, dificuldades que deverão ser enfrentadas para que o processo de busca pela individualidade seja cumprido. Como esta busca é parcialmente inconsciente, é comum nos sentirmos atraídos pelo oposto do que somos. Assim, um homem que tenha predomínio de um dos princípios (Masculino ou Feminino) na estruturação de sua consciência, tenderá a se sentir atraído por uma mulher que tenha o predomínio do outro princípio (Feminino ou Masculino) na sua consciência.

Inicialmente, a *anima* e o *animus* aparecem projetados. O homem projeta na mulher o seu lado feminino e espera dela a realização daquilo que ele não consegue viver. Da mesma forma, a mulher projeta no homem o seu lado masculino e deseja que ele realize para ela o que ela tem dificuldade de realizar. Mas, como em toda projeção, aquilo que é projetado deixa de ser visto no próprio sujeito que projeta, facilitam-se as distorções. Desse modo, o que ocorre muitas vezes é a seguinte situação, homem e mulher vêem um no outro o seu próprio lado inconsciente e menos elaborado. A mulher, para o homem, passa a ter a forma da imagem que ele projetou como homem; para a mulher, ele é visto por aquilo que ela projeta de si mesma e que é, geralmente, a parte menos diferenciada. A projeção é um mecanismo que pode ajudar no autoconhecimento, no entanto para isso é preciso que seja trazida à consciência. Quando tomamos consciência de que aquilo que estamos vendo no outro, nada mais é que um aspecto nosso, temos condições então de recuperar aquela parte que estava fora, trazendo assim um acréscimo de autoconhecimento.

A anima em projeção é responsável pelo fato de um homem estar amando ou odiando. Ele encontrou a imagem de sua alma, a mulher ideal e única ou, ao contrário, uma bruxa absolutamente insuportável. Ambas as reações são fascinantes e irresistíveis. Em tais situações, tende a haver um envolvimento compulsivo com o qual não conseguimos lidar e que também não

conseguimos deixar de lado. Se fosse apenas o fato de que a mulher é muito maravilhosa ou muito horrível, poderíamos amá-la ou abandoná-la. Mas se não podemos fazer nenhum dos dois, então estamos sob o encantamento arrebatador do arquétipo (WHITMONT, E. C. p.173).

A projeção é a responsável por grandes paixões, ódios, fascinações, encantamentos, que tanto homens e mulheres assumem uns aos olhos dos outros. Quando o homem projeta a sua *anima* na mulher, ela adquire qualidades mágicas para ele, adquire um poder que não é dela, e sim do arquétipo, ao mesmo tempo em que este poder a satisfaz, também a sufoca, pois nega a sua personalidade.

Segundo Marie-Louise von Franz (2001[1964]), a *anima* é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem, os humores e sentimentos instáveis, as intuições proféticas, a receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza e o relacionamento com o inconsciente.

“A anima é um fator de maior importância na psicologia do homem, sempre que são mobilizados suas emoções e afetos. Ela intensifica, exagera, falseia e mitologiza todas as relações emocionais com a profissão e pessoas de ambos os sexos. As teias da fantasia a elas subjacentes são obra sua. Quando a anima é constelada mais intensamente, ela abranda o caráter do homem, tornando-o excessivamente sensível, irritável, de humor instável, ciumento, vaidoso e desajustado. Ele vive num estado de mal - estar consigo mesmo e o irradia a toda volta. Às vezes, a relação de um homem com uma mulher que capturou sua anima revela a existência da síndrome”. (JUNG, C.G. 2002 [1976], p.82).

Nas suas manifestações individuais, o caráter da *anima* de um homem é, em geral, influenciado pela sua mãe, não queremos dizer com isso que a *anima* é uma figura substituta da mãe, mas figura arquetípica da psique; logo, não se trata de uma invenção da consciência, mas sim, de uma produção espontânea do inconsciente. Se o homem foi influenciado negativamente pela sua mãe, sua *anima* vai expressar-se, muitas vezes de maneira insegura, irritada, depressiva, incerta e susceptível. Mas se ele for capaz de dominar estas influências negativas, poderá então fortalecer sua masculinidade.

Segundo Jung (2001[1964]), a *anima* tem quatro estágios no seu desenvolvimento. O primeiro está bem simbolizado na figura de Eva, que representa o relacionamento puramente instintivo, biológico; o segundo pode ser representado pela Helena de Fausto: ela personifica um nível romântico e estético que, no entanto, é caracterizado por elementos sexuais. O terceiro estágio poderia ser exemplificado pela Virgem Maria, uma figura que eleva o amor à

grandeza da devoção espiritual. O quarto estágio é simbolizado pela Sapiência, a sabedoria que transcende até mesmo à pureza e à santidade, como a Sulamita dos Cânticos de Salomão. O homem moderno raramente alcança este estágio de desenvolvimento. A figura de Mona Lisa é a que mais se aproxima deste tipo de *anima*.

O *animus* é a personificação masculina do inconsciente na mulher e apresenta, tal como a *anima* no homem, aspectos positivos e negativos. Manifesta-se mais comumente como uma convicção secreta “sagrada”, expressa nas concepções filosóficas e religiosas universais, ou seja, nas atitudes que resultam de tais convicções. O *animus* é também um “psychopompos”, isto é, um intermediário entre a consciência e o inconsciente. Tanto a anima como o animus tem esse caráter de psicopombo expressando, portanto aspectos de uma função transcendente.

Esta convicção secreta “sagrada” é reconhecida como uma masculinidade encoberta. Podemos reconhecê-la quando uma mulher se impõe as outras pessoas por meio de cenas violentas, ou com uma voz forte, masculina e insistente. Mesmo em uma mulher que se revele exteriormente muito feminina, o *animus* poderá mostrar-se firme e inexorável. Observamo-lo quando nos deparamos com algo de obstinado e frio e totalmente inacessível em uma mulher.

O *animus* nunca aceita exceções; dificilmente podemos contradizer uma opinião do *animus* porque, em geral, é uma opinião certa; no entanto, raramente se enquadra numa determinada situação individual. É uma opinião que parece razoável, mas que está fora de propósito. É importante salientarmos que o *animus* representa sistemas de avaliação que nunca foram confrontados pela consciência. O *animus* na mulher representa seu ímpeto de ação, sua capacidade de julgamento e discriminação. Quando essas funções não são suficientemente conscientes, a mulher julga pessoas, circunstâncias e coisas pela autoridade da imagem inconsciente e pelo padrão emocional esperado, ligado àquela imagem, e não por suas qualidades.

O caráter do *animus* é basicamente influenciado pelo pai da mulher. É o pai que dá ao *animus* da filha convicções incontestavelmente “verdadeiras” e que nunca têm nada a ver com a pessoa real que é aquela mulher. Padrões que ela aceita como verdadeiros, não chegando a questioná-los por nem saber que são padrões, e por parecerem ser fatos óbvios para todo mundo. O *animus* pode tornar-se também o demônio da morte, aquele que afasta as mulheres de qualquer relacionamento humano e, sobretudo, de qualquer contato com os homens. A mulher fica afastada de toda a realidade da vida, presa em pensamentos oníricos, em desejos e julgamentos que definem as situações como elas deveriam ser.

Assim como o homem dominado pela anima é melancólico, inseguro e retraído, a mulher conduzida pelo animus é governada por preconceitos, noções e expectativas preconcebidas e é dogmática, argumentadora e hipergeneralizadora. Uma mulher possuída pelo animus não discute para descobrir a verdade, mas para mostrar que está certa, vencer e ter a última palavra. Ela prefere estar certa num argumento a levar a sério o relacionamento humano. A vida e os homens são julgados e rejeitados se não se encaixarem nos moldes de suas noções preconcebidas (WHITMONT, E. C.1969, p.179).

Quando o homem perceber que sua alma é feminina, e a mulher perceber que sua alma é masculina, o encontro entre eles será facilitado.

O Encontro, simbolizando um caminho que pode nos conduzir à individuação, é um processo de amor e também um processo de morte, pois, a cada avanço somos obrigados a nos deparar com a morte daquilo que fomos. Esses dinamismos, ao se revezarem, levam a um fortalecimento do ego e à ampliação e transformação da consciência. Assim, ao atribuirmos ao Encontro um caráter simbólico, devemos levar em conta as polaridades opostas que lhe são inerentes as quais estão nele sintetizadas (idem, p.23)

A verdadeira personalidade permite ser guiada pelos dois princípios, podendo responder às situações a partir dos ditames da mesma. Mas não é isso que ocorre. De maneira sistemática e muitas vezes de modo compulsivo e repetitivo, e, portanto de modo neurótico, assistimos ao homem usar o princípio masculino tão somente por repressão, ou não desenvolvimento do princípio feminino. Vemos igualmente na mulher o inverso. Nossa cultura patriarcal quase que impede a mulher de ser penetrante, aguda, firme e de romper paradigmas o que seria mais conveniente e rico em determinadas situações. Nossa cultura também proíbe o homem de ser terno, acolhedor, receptivo e envolvente, mesmo quando isso possa ser a atitude mais criativa. O princípio masculino, por suas características, tende a funcionar de maneira mais extrovertida e menos seletiva; já o princípio feminino tende a funcionar como mais seletivo e mais introvertido. À medida que, na nossa cultura, o homem e a mulher ficam identificados com papéis, tendem a desempenhar de modo unilateral, respectivamente, o princípio masculino e feminino.

2.3- Casamento: uma das possibilidades para o processo de individuação ou também de antiindividuação.

*Mas é doce morrer nesse mar.
De lembrar e nunca esquecer.
Seu tivesse mais alma pra dar.
Eu daria, isso pra mim é viver.*

Caetano Veloso e Djavan.

Aqui estaremos usando “Alteridade” como um conceito formulado por um autor brasileiro, Carlos Byington. A alteridade traduz a dinâmica do padrão de consciência que expressa o seu centro pela relação EU-OUTRO.

Na vivência da alteridade, só há encontro entre dois indivíduos, quando cada um é símbolo de transformação para o outro, onde cada um está presente como estruturação simbólica para o outro, na busca de identidade profunda de si mesmo. A estruturação simbólica se dá pela dinâmica matriarcal, patriarcal, alteridade e cósmica. A estruturação dos símbolos e as transformações do padrão de consciência daí decorrentes, ou seja, como o Ego se apresenta e se relaciona é que falamos no processo de individuação.

O dinamismo de Alteridade, regido pelos arquétipos da anima e do animus, é de especial importância para a compreensão da problemática do casamento, sendo também mais difícil de ser integrado à consciência. Através dele, a consciência adquire a capacidade de operar de maneira quaternária, atingindo uma riqueza de elaboração simbólica muito maior. A relação com o “Outro” é igualitária e dialética e seu grande mecanismo estruturante é o encontro. O encontro pleno só pode ocorrer quando as pessoas são realmente capazes de se comportar dentro desse dinamismo. Somente através dele é que o “Eu” e o “Outro” podem se reconhecer e se relacionar plenamente, o que pressupõe este nível de discriminação (VARGA, N. S. 2004, p.65).

O processo de individuação é coordenado pelo Self, no sentido de realização máxima do potencial de cada personalidade individual. O outro participará como símbolo desse processo, na medida em que sua vivência significar uma realização na direção desse completar-se da

personalidade. Uma personalidade mais realizada implica em uma consciência ampliada, num ego em constante processo de integração de conteúdos do inconsciente. Na interação com o outro, o ego pode conhecer-se e diferenciar-se cada vez mais. O outro humaniza e atualiza os arquétipos desde o início de nossas vidas.

Uso a palavra “individuação” para designar um processo através do qual um ser torna-se um “individuum” psicológico, isto é, uma unidade autônoma e indivisível, uma totalidade.

A individuação significa tender a tornar-se um ser realmente individual; na medida em que entendemos por individualidade a forma de nossa unicidade, a mais íntima, nossa unicidade última e irrevogável; trata-se da relação do seu si-mesmo, no que tem de mais pessoal e de mais rebelde a toda comparação”. Poder-se-ia, pois, traduzir a palavra individuação por “realização de si-mesmo”, “realização do si-mesmo”.

“Constatou continuamente que o processo de individuação é confundido com a tomada de consciência do eu, identificando-se, portanto, este último com o Si-mesmo, e daí resultando uma desesperadora confusão de conceitos. A individuação não passaria, então, de egocentrismo e auto-erotismo. O si-mesmo, no entanto, comprehende infinitamente mais do que um simples eu... A individuação não exclui o universo, ela o inclui (JUNG, C.G.1975[1957] p.355).

A busca pelo outro faz parte do anseio pela completude existente em cada um de nós.

Seria a busca da “outra metade” original da qual nos fala o mito do hermafrodita, a busca em direção à totalidade. No “Banquete” de Platão, a separação operada por Zeus no andrógino, no UM, e a carência daí resultante, o anseio de reunir o que havia sido dividido, é descrito como a origem mítica do amor: a busca pela “outra metade”, a que nos falta, aquilo que não temos desenvolvido dentro de nós, ou com o qual perdemos contato dentro de nós. O encontro com o outro se torna um meio possível de nos relacionarmos criativamente com o que precisa ser resgatado e crescer no interior de cada um.

O casamento é um grande símbolo de encontro. Encontro com o outro e consigo mesmo. No casamento, mais que em outro relacionamento, aquilo que cada um é na sua totalidade tem maior probabilidade de ficar exposto, pois se trata de um relacionamento que envolve grande intimidade e longo convívio. Estar casado é simbolicamente dormir juntos, ou seja, é estar um ao lado do outro, expostos por inteiro, mutuamente.

Vários são os estudiosos, poetas, pessoas interessadas na alma humana que escreveram sobre relacionamento homem-mulher.

A poeta Flora Figueiredo, em sua poesia intitulada Parceria, aborda o tema da seguinte forma:

Ficamos assim:

*Você joga as queixas no telhado,
eu ponho as manias de lado,*

*você lava a escadaria,
eu rego o jardim.*

*Podemos varrer juntos
as nódoas secas aderentes*

ao passado.

Se você se habilita,

eu me disponho,

num desafio à desdita.

Você acende a luz,

eu desempeno o sono,

enquanto você ensaia o passo

eu troco a fita

Na mesa torta, a toalha colorida.

O resto é fácil:

Basta mandar flores

ao futuro,

derrubar o muro e

acreditar na vida.

Jung (2002 [1972]) aborda o tema específico do casamento no seu texto “O Casamento como Relacionamento Psicológico”. Segundo ele, para que o casamento seja uma relação psicológica, é necessário que os parceiros tenham consciência de si mesmos e de sua diferenciação do outro. Sem a distinção eu - outro, não há possibilidade de relacionamento psicológico. Neste, a natureza das motivações inconscientes para o casamento deve estar reconhecida, e a identidade original inconsciente deve estar desfeita. Obviamente, a distinção eu - outro nunca é completa, pois há sempre a área de vida inconsciente. No entanto, Jung

observa que, quanto maior a área de inconsciência, menos o casamento é uma questão de escolha. No casamento entre jovens, não haveria quase nada de relacionamento psicológico, pois a sombra ocuparia uma área muito extensa de suas personalidades, incluindo as motivações inconscientes em relação ao casamento, tais como as influências parentais. Jung (2002 [1972]), aqui, distingue uma escolha instintiva de casamento - que poderia inclusive até ser melhor do ponto de vista de manutenção da espécie - de uma escolha psicologicamente diferenciada. No casamento em que a escolha é instintiva, somente um vínculo impessoal pode existir entre os parceiros, como nos casamentos entre os primitivos, totalmente regulado pelos costumes tradicionais e preconceitos coletivos. O relacionamento é mantido dentro dos limites da meta instintiva, biológica, de preservação da espécie. Jung descreve um estado de fusão, de retorno ao UM original, que é reforçado através da vida sexual normal. Os indivíduos, na inconsciência, vivem papéis coletivos e são roubados da sua liberdade e feitos instrumentos da urgência da vida.

Até esse ponto, o texto de Jung (2002 [1972]) trata de pessoas se relacionando simbioticamente, com pouca diferenciação eu - outro e pouca diferenciação indivíduo-coletividade. Todas as pessoas, principalmente as mais jovens, ao se casarem, têm pela frente um longo processo de discriminação entre as polaridades eu – outro, indivíduo-sociedade, além de muitas outras. Mas é só com o estabelecimento de uma relação criativa que se inicia o processo de diferenciação no relacionamento. Segundo Jung (2002 [1972]), o relacionamento psicológico é inexistente nesse processo de diferenciação, em que os motivos pelos quais os jovens se uniram ainda são inconscientes, e que, só após o início da individuação, é que o relacionamento psicológico entre os parceiros passará a existir. Não podemos deixar de salientar que Jung situa a individuação na segunda metade da vida.

Jung (2002 [1972]) diz que, quando um dos cônjuges começa seu processo de individuação antes do outro, as diferenças no tempo e no grau de desenvolvimento espiritual seriam as principais causas de uma dificuldade típica do casamento. Um dos parceiros teria uma personalidade mais complexa que a do outro: o primeiro seria como que multifacetado e o segundo, como que um cubo. O multifacetado seria aquele que contém e o cubo aquele que seria contido. Jung nos diz que é mais freqüente a mulher ser totalmente contida espiritualmente no seu marido, e o marido ser totalmente contido emocionalmente na sua esposa.

O conflito, quando é mantido no casamento, faz com que cada cônjuge possa encontrar em si mesmo aquilo que buscava no outro. O casamento, como relacionamento psicológico,

traz consciência. E é um meio de ambos os indivíduos saírem da identificação com o coletivo para a diferenciação da consciência individual.

Adolf Guggenbuhl-Craig (1980) no seu livro “O Casamento Está Morto, Viva o Casamento”, distingue os conceitos de bem-estar e de salvação. O bem-estar “está relacionado com o evitar tensões desagradáveis, com a tentativa de usufruir a sensação física de conforto, relaxamento e prazer” (p.31). O bem-estar está relacionado com a busca da felicidade. A salvação diz respeito com a busca do sentido, do significado da vida e, assim, não há uma resposta definitiva à questão da salvação. O caminho da salvação implica necessariamente em sofrimento e sacrifício nos confrontos com os vários aspectos da vida. Portanto, os caminhos de salvação e de bem-estar são contraditórios. O processo de individuação está relacionado ao de salvação. “A meta de individuação, poderíamos dizer, é a salvação da alma” (p.41).

O autor ainda nos apresenta duas concepções: o casamento de individuação seria um meio de descobrir a alma, através do confronto com o outro “até que a morte nos separe”: um local de individuação em que há atrito, amor e rejeição, em que se conhece a si mesmo, ao outro, ao mundo, ao bem e ao mal. Tal casamento, portanto, seria um casamento singular de um casal em direção à individuação. Nesse sentido, os conceitos tradicionais de casamento “normal” ou “neurótico” seriam bastante questionáveis, pois os caminhos da Individuação são muitos e nem sempre seguem o padrão “normal” de comportamento para a consciência coletiva da época.

A outra concepção é o casamento de bem-estar. Guggenbuhl – Craig (1980) considera-o falido, visto que a convivência diária e rotineira entre duas pessoas inevitavelmente traz conflitos e exige confrontos. O casamento de bem-estar está morto, (aquele que está relacionado com a busca de felicidade), como uma instituição já não tem mais justificativa. A partir deste enfoque, o casamento não é só um paciente, mas um paciente condenado à morte.

Um casamento só funciona se alguém se abre exatamente para aquilo que nunca pediria que fosse de outra maneira. Somente friccionando as próprias feridas e se perdendo se é capaz de aprender sobre si mesmo, Deus e o mundo. Como todo meio de salvação, o do casamento é duro e doloroso (GUGGENBUHL – CRAIG, A. 1980, p. 55).

O casamento como desenvolvimento de cada um dos parceiros, aquele em que a opção de permanecerem juntos é unicamente dos cônjuges, e não mais em função de leis externas, aquele do qual cada um dos parceiros participa com o seu jeito, com sua singularidade é um

dos caminhos possíveis para a individuação. Através do ato de casar, duas pessoas assumem a tarefa de mútua confrontação. Por isso, deve ser um caminho pelo qual se opta: um caminho escolhido e não um dever social.

No casamento temos a chance de viver a união dos opositos e de cultivar Eros todos os dias. Um bom casamento significaria uma boa união. Mas isto está especialmente reservado para aqueles casais nos quais cada membro se encaixa perfeitamente nas partes falhas do outro. Um “bom” casamento se dá, então, pela anulação do crescimento total do indivíduo. Esse tipo de união impede o desenvolvimento, pois o parceiro não deixa o outro preencher suas lacunas por seu próprio crescimento individual. (“Ela já estará lá, à minha frente, como de hábito demonstrando sua competência”).

No casamento, duas metades não fazem um inteiro. Assim, muito dificilmente poderá existir um “bom” casamento, se antes não existir um casamento “ruim”, isto é, uma união onde o processo individual em direção à totalidade freqüentemente produza necessidades contrárias à imagem costumeira de um “bom” casamento (HILLMAN, J. 1985, p. 118).

Não podemos deixar de citar David Hewison (2003) que, em um artigo no *Journal of Analytical Psychology* nos leva a entrar em contato com outro conceito – O processo de antiindividuação.

Ele se propôs a analisar o filme “Beleza Americana” a fim de explorar algumas dificuldades decorrentes do processo de individuação. “Beleza Americana” retrata um desejo de transformação. Aos 42 anos, Lester Burnham (interpretado por Kevin Spacey) coloca este desejo em movimento, ou é colocado em movimento pelo desejo. Em certo sentido, é bem sucedido, especialmente se abdicarmos da idéia de longa duração como parâmetro de felicidade – a respeito do que, sem dúvida, o filme nos faz refletir. A narrativa é comandada por uma retórica póstuma, já que a história é contada pelo personagem morto, que vê tudo do alto, convidando-nos a olhar a vida (e a morte) a partir dessa perspectiva.

Hewison (2003) entende que o processo de individuação constitui uma experiência tanto inter-psíquica quanto intrapsíquica. Segundo ele, a relação conjugal é uma das áreas que apresenta uma grande riqueza em relação à vida emocional no processo de individuação do casal e também uma área que ilustra muito bem as progressões e regressões no desenvolvimento psicológico dos cônjuges.

Segundo Hewison (2003) nas relações conjugais em que o movimento natural de um casamento é evitado, aquele em que os parceiros pouco a pouco vão se reconhecendo e reconhecendo o outro como verdadeiramente é, o resultado pode ser um processo de “antiindividuação”, no qual o desenvolvimento enquanto conjugalidade fica paralisado ou

pode até retroceder. A “antiindividuação” ocorre quando o casal, isto é, os dois cônjuges fazem um conluio inconsciente impedindo que ocorra criatividade dentro da relação conjugal, tem-se assim, como resultante, um ataque a qualquer desenvolvimento no processo de individuação. Nessas relações, nas quais o processo criativo deixa de existir, o casal fica fechado às novas possibilidades, como a descobrir e sentir quem eles são para eles mesmos e para o outro. Podemos entender esse conluio como um “acordo” inconsciente entre o casal. Assim sendo, não precisará enfrentar mudanças, tampouco investir no desenvolvimento da relação.

O trabalho de Hewinson (2003) tem como foco a interação compartilhada entre os parceiros no nível inconsciente.

Cada indivíduo age e depende do outro para manter uma ‘defesa compartilhada do casal’ contra uma perigosa e assustadora ‘fantasia inconsciente e compartilhada’ sobre o que o desenvolvimento pode significar (HEWINSON, D. 2003, p.8)

Este autor descreve que o processo de “antiindividuação” ocorre quando o ego fica extremamente rígido para não se perder em uma experiência desconhecida e o corpo somatiza as experiências, visto que “sensações somáticas substituem as imagens mentais, pois a mente não consegue manter as coisas” (p.6), e a tendência do indivíduo é agir sem reflexão para se livrar de sentimentos dolorosos. Os conteúdos arquetípicos não são ‘mediados’ ou elaborados. Mas, quando o indivíduo sofre impactos fortes, pode ficar preso a esses conteúdos arquetípicos, sem resistência suficiente para lidar com as emoções advindas como consequência desse enroscamento. O casal passa a ter uma visão do mundo dicotomizada, a ambivalência ou a ambigüidade não podem ser toleradas, e a gratidão, a preocupação, o luto, a lamentação não podem ser experimentados. Essa é uma relação que poderíamos chamar de paralisante, na qual poderá ocorrer um impedimento no desenvolvimento criativo das potencialidades do casal.

De acordo com Hewison (2003) os cônjuges podem desenvolver uma relação contra o processo de individuação e diálogo. Como resultado haverá muitos desastres conjugais como também destruição psicológica de ambos. Haja vista que mesmo que o esperado de uma relação conjugal é que haja espaço para a individuação, concorrendo para que transformações pessoais e conjugais aconteçam. Ele destaca a importância do reconhecimento das perdas nas relações conjugais; quando essas forem negadas pelos parceiros, eles farão de tudo para evitar entrar em contato com dores emocionais.

Sem o processo de luto, de manter-se em contato com as nossas dificuldades emocionais ligadas a perdas e mudanças, o processo de individuação fica parado; o relacionamento de um casal que não se desenvolve enquanto os cônjuges envelhecem, está condenado a ser fechado, defensivo e incapaz de acomodar mudanças (HEWISON, D. 2003, p.19).

O processo de individuação requer diferenciação e separação. Inicialmente, dos pais, para posteriormente assumir uma relação com o outro. Em se tratando de conjugalidade, esta terá de basear-se no respeito mútuo, oferecendo espaço para o desenvolvimento do potencial de cada um dos cônjuges.

2.4- Casamento: não foi no civil, não foi no religioso, foi por amor.

“Diz-se é perigoso a gente ser feliz”.

Chico Buarque.

Atualmente, encontramos muitos casais que fazem a opção de viver juntos na mesma casa, sem ter um casamento oficializado no religioso, tampouco no civil.

Como tivemos a oportunidade de verificar no histórico do casamento, nos dias atuais, existe uma regra básica para que dois seres humanos resolvam se casar: esta regra é o amor. Assim, jovens abandonam a idéia de um casamento com festa, convidados, vestimentas apropriadas, protocolos, única e exclusivamente para evitar o dispêndio que todo este evento exige, preferindo, assim, redirecionar o investimento em benefício do próprio casal; fazem, então, apenas um comunicado da união por escrito em um formato gráfico, endereçado aos mais íntimos e, neste, já vem indicado o novo endereço do casal.

A palavra amor inclui uma grande diversidade de fenômenos que talvez tenham a mesma fonte, mas que, todavia devem ser distintas entre si. O casamento é um dos caminhos de salvação do amor, mas de um amor que não é de todo idêntico ao produzido pelo jovem Cupido. O amor de Cupido não é temperamental, irrestrito. A peculiaridade do amor que marca o caminho de salvação pelo casamento é sua “antinatural” estabilidade: “Para o melhor ou para o pior, para mais riqueza ou mais pobreza, na doença e na saúde, até que a morte nos separe (GUGGENBUHL - CRAIG, A. 1980, p.52).

Hoje, no trabalho clínico, verificamos que há inúmeras razões que levam os jovens casais a não formalizar oficialmente suas uniões. Muitos deles, não acreditam mais na instituição casamento; consideram-na falida, julgando não ser necessário fazer parte de algo que, para eles, perdeu valor. Parte considerável desses jovens teve uma vivência negativa em relação ao casamento de seus pais, durante o qual presenciaram pai e mãe amargarem suas vidas, perderem sua juventude, seja para dar satisfação a uma sociedade que acredita em uma união perene, seja por razões econômicas, ou mesmo, por medo da solidão.

Esses mesmos jovens constataram, com o passar do tempo, acrescido das imagens que viam ao seu redor, que o casamento oficial não é mais solução para problemas diversos como angústias advindas da própria individualidade. Isto é, a angústia de viver, a angústia do vir a ser, a angústia de se saber finito, enfim, todas as crenças que acompanham o ser humano desde a Antiguidade, acerca dos relacionamentos ligados a conjugalidade. A posse de um papel assinado não é mais garantia de felicidade, fidelidade, companheirismo, partilha. O afeto, o respeito pelo companheiro/a não necessita ser registrado em cartório, visto que amor não se compra, não se vende, é dado de graça e com a vantagem de ser uma doação extremamente gratificante, tanto para o amado, quanto para o amante. Ao pensar e escrever este jogo de palavras nos ocorreu que não era nossa esta originalidade. Então resolvemos ir à busca de quem havia escrito algo parecido, e encontramos, não poderia ser ninguém menos que Carlos Drummond de Andrade (1984) que nos presenteia com esta linda poesia intitulada:

As sem-razões do amor.

*Eu te amo porque te amo.
Não precisas ser amante,
E nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
Amor é estado de graça
e com amor não se paga.*

*Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.*

*Eu te amo porque não amo
bastante ou demais a mim.
Porque amor não se troca,
não se conjuga, nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
feliz e forte em si mesmo.*

*Amor é primo da morte,
e da morte vencedor,
por mais que o matem (e matam)
a cada instante de amor.*

Como o aparecimento desta nova forma de vida a dois, algumas reflexões se fazem necessárias. Hoje, nos ambientes da sociedade permissiva – às vezes rotulada de “progressiva” -, não se cansa de fazer apologia ao divórcio como uma solução “libertadora”. Será que alguns casais já fazem a opção pela não oficialização do matrimônio como uma forma de não se sentirem aprisionados dentro do casamento? Ou será que os mesmos acreditam que a não oficialização da união conjugal, daria a eles uma condição privilegiada frente às leis civis que regem o casamento, isentando-os de prováveis problemas futuros se os mesmos vierem a se separar? Poderíamos pensar em uma provável infantilidade, proveniente da adolescência prolongada que está sendo vivida nos dias atuais; os jovens permanecem na casa dos seus pais o máximo de tempo possível e quando tomam a decisão de casar, o fazem de forma informal, acreditando que a não oficialização ainda os manterá na posição de filhos, assim sendo, a qualquer momento podem retornar ao ninho seguro.

Outra questão também inquietante é que sabemos que um casal apaixonado age, quase sempre, sob o domínio de violenta emoção: não pondera, não examina, não reflete. Adere e raramente sabe com precisão a que está aderindo. Enquanto estão envolvidos nesta grande simbiose, nada compromete a relação, mas, quando a paixão acaba, não se encontram

preparados, tampouco compromissados o suficiente para manter-se no relacionamento, vivenciando os conflitos referentes ao mesmo. Vargas (1995) descreve que na relação de paixão, nossa consciência está tão dominada pelo arquétipo que pouco ou nada enxergamos do outro como pessoa, como indivíduo. O objeto de paixão é muito mais o que se quer ou se precisa que ele seja, do que aquilo que de fato é.

Muitos desses jovens casais descobriram que, mesmo no amor, é preciso aprender a amar a si mesmo para ser capaz de amar a outro, para que se possa efetivamente ter um encontro de almas, corações, espíritos, individualidades. Não podemos ofertar a um outro aquilo que ainda não possuímos. Precisamos, antes de tudo, aprender a amar a nós mesmos e a ser um indivíduo. Descobrir o sentido da vida, do nosso caminho, para que possamos ter a certeza de que esse outro é o ponto, com o qual podemos compartilhar e prosseguir, agora juntos.

Cada um precisa estar consciente de que pode e deve se responsabilizar financeiramente por si mesmo, como também ir à busca da água que bebe, da comida que come, das cobertas com que possa se aconchegar, da casa onde se vive. E também poder partilhar do riso cristalino do outro, do seu olhar, de seus braços, seus abraços, sua presença em nossas vidas, suas mãos em nossas mãos, sua suave invasão, sua companhia equilibrada, sua parceria, por nos acompanhar, sem nos invadir. Essa vivência amorosa de alteridade seria o resultado de um preço pago ao se construir, se sedimentar, se reconhecer.

Quando não pagamos esse preço, acabamos por assumir o pagamento de um outro preço bem mais amargo, que é nosso próprio aprisionamento, e a sensação de vazio e perda da alma que a ausência do outro acarreta, pois ao depositarmos no outro tudo aquilo que é nosso, de nossa responsabilidade criamos uma situação, na qual sem o outro, não somos ninguém.

O preço mais doloroso que poderemos ter de pagar é a perda de nós mesmos que paixões irrefletidas, baseada em necessidades, são capazes de gerar, iludindo-nos e deixando-nos perceber nesse outro, partes não vividas, páginas que não escrevemos, por nos desconsiderarmos. E acabamos pagando caro por ver nesse outro rosto, nosso próprio riso; em seus olhos, nossa alma, e acabamos necessitando tanto da energia que acreditamos vir desse outro, que passamos a abrir mão de coisas construídas, espaços conquistados, experiências vivenciadas, obras criadas, confundindo por um período de tempo, tudo isso que chamamos de realização.

Vale à pena destacar, que em uma fase mais amadurecida é importante percebermos que se relacionar é diferente de se apoiar, uma vez que relacionar-se permite ao indivíduo sair de si mesmo, deixar suas certezas se transformarem em dúvidas, possibilitando a vivência de

seus limites, descobrindo o que e lhe dá prazer ou desprazer. Enfim, ampliar a consciência que tem de si próprio.

Mais tarde, acabamos por perceber que viver de forma satisfatória é assimilar bem a rotina, introjetar a monotonia do dia- a- dia; é lavar os pratos sorrindo, por entender que faz parte do nosso cotidiano harmônico; é embalar tranqüilo nosso bebê que chora, mesmo que nossos sonos estejam atrasados em dois ou três dias, ou tenhamos cumprido uma dura jornada de trabalho. É sentir que cada minuto de nossos dias contribui para a trama de nossas vidas que se constitui num roteiro único - nossos filmes particulares, singulares.

Porque viver com amor e amando quem está ao nosso lado é remendar ponto a ponto, dia a dia, cada pedaço dessa enorme colcha de retalhos que somos nós, e apararmos as arestas de nossas idiossincrasias, visando aí ao nosso aprimoramento. É saber que solidão não é sinônimo de ser ou estar só, pois fazemos parte de uma estrutura mais abrangente que inclui o irmão, a irmã, o vizinho, a vizinha, o sol, a lua e as estrelas. É perceber que, por menor que sejamos, somos importantes nessa engrenagem maior, pois pertencemos a um todo; é também perceber que cada conquista em qualidade que efetivamos, contribui para a integridade, ampliando as possibilidades dessa estrutura maior da qual fazemos parte.

Então, podemos perceber que o ato de casar, hoje em dia, é uma dinâmica muito ampla, aponta para vários sentidos, é muito mais que um papel assinado, que um sim diante de um número considerável de pessoas, um estar consciente de que sua escolha terá de vir acompanhada de responsabilidades maiores, como a opção de caminhar, lado a lado, com alguém com quem se possa compartilhar tanto os melhores como os piores momentos de sua vida. Uma das grandes lições da nossa época é aprender a amar o outro em sua individualidade e diferença.

3 - CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA PARA A COMPREENSÃO DA CONJUGALIDADE.

Aqui, faremos uma breve passagem por conceitos de fundamental importância para a compreensão da psicologia analítica, segundo Carl Gustav Jung.

3.1 – Inconsciente Coletivo e Arquétipos.

A totalidade não é a perfeição, mas sim o ser completo.

Jung.

Uma das grandes contribuições de Jung ao conhecimento psicológico foi à formulação do seu conceito de inconsciente e a noção de arquétipo.

Jung concebe um inconsciente compensatório à atitude consciente, um inconsciente coletivo e arcaico além do inconsciente pessoal. Ele estava convencido de que nem todas as experiências podiam ser explicadas com base na história pessoal, e ressalta que “os sentidos do homem limitam a percepção que este tem do mundo a sua volta, e, por mais bizarras que pudesse ser experiências evidentemente impessoais, elas deveriam ter algum significado” (Jung, 2000). O inconsciente para Jung é uma fonte de criatividade. Como considerou o inconsciente mais do que o pessoal, postulou a existência de uma camada mais profunda, que seria a do inconsciente coletivo, que não deriva da experiência pessoal, mas sendo inata, contém toda a herança espiritual da evolução da humanidade. “O inconsciente coletivo possui conteúdos e modos de comportamentos que são similares em toda parte e em todos os indivíduos” (Jung, 1934).

Arquétipos são estruturas arcaicas que regem o desenvolvimento da psique e é comum a toda a humanidade. Jung (1991b) refere que existem condições coletivas inconscientes, que atuam como reguladoras e estimuladoras da atividade criadora da fantasia e provocam configurações correspondentes, utilizando-se do material consciente já existente.

A existência desses reguladores inconscientes, que eu às vezes chamo também de *dominantes*, por causa de sua maneira de funcionar, me parece tão importante, que baseei sobre eles minha hipótese de um *inconsciente coletivo*, dito *impessoal* (JUNG, 1991b, p. 141).

Quanto à natureza dos arquétipos, Jung adverte que é preciso nos dar conta, sempre, de que aquilo que entendemos por arquétipos é, em si, irrepresentável, mas produzem efeitos que tornam possíveis certas visualizações, isto é, as representações arquetípicas. A representação arquetípica, o chamado tema ou mitologema, seria uma construção deste gênero. É importante frisar que Jung fala de representação no sentido de disposição, eliminando o caráter por vezes imagético concreto que a noção de arquétipo possa, erroneamente, dar a entender. Jung (1991b) refere que essas disposições primordiais se acham fortemente obscurecida pela extraordinária diferenciação de nosso pensamento, isto é, a teoria do conhecimento reduz os arquétipos a um número relativamente pequeno de categorias, logicamente limitadas, do entendimento.

Quanto à origem do conceito, Jung revela que Platão confere um valor extraordinariamente elevado aos arquétipos, como idéias metafísicas, em relação aos quais as coisas reais se comportam meramente como imitações ou cópias. Na filosofia medieval de Agostinho, do qual, segundo Jung, foi tomada emprestada por ele a idéia de arquétipo (Jung, 1991b), ainda se encontra em terreno platônico, embora na Escolástica, a noção de arquétipo desponte como imagens naturais gravadas no espírito humano, com base nas quais este forma o seu juízo. A partir de Descartes e Malebranche, o valor metafísico da idéia de arquétipo declina sensivelmente. Torna-se um “pensamento”, uma condição interna do conhecimento. Kant reduz os arquétipos a um pequeno número de categorias da razão. Schopenhauer simplifica ainda mais a idéia, embora ao mesmo tempo volte a conferir um valor quase platônico aos arquétipos (Jung, 1991b).

O autor confere grande poder aos arquétipos, refere que no inconsciente coletivo do indivíduo a própria história se prepara, e quando alguns arquétipos são ativados num certo número de indivíduos, chegando à superfície, encontramo-nos no meio da corrente histórica. A “imagem” arquetípica que o momento necessita ganha vida e todo mundo é tomado por ela (Jung, 2004b). Jung revela que o fator poderoso, aquele que muda nossa vida por completo, muda a superfície do mundo conhecido, faz a história, é a psicologia coletiva que se move de acordo com leis totalmente diferentes daquelas que regem nossa consciência. Os arquétipos são a grande força decisiva e, segundo o autor, são quem produzem os fatos e não os nossos raciocínios pessoais e inteligência prática.

3.2 – Persona.

Só negará a necessidade da persona quem desconhecer a verdadeira natureza dos seus semelhantes.

Jung.

Jung denominou *persona* a um complicado sistema de relação entre o indivíduo e a sociedade. Este termo designava originalmente a máscara usada pelo ator, significando o papel que ia desempenhar, e é um segmento arbitrário da psique coletiva, uma máscara que aparenta individualidade, procurando convencer aos outros e a si mesma que é uma individualidade, não passando de um papel, no qual fala a psique coletiva. Ela representa um compromisso entre o indivíduo e a sociedade, acerca daquilo que alguém parece ser como: nome, título, ocupação, etc. (Jung, 1994a).

Para Jung, o termo *persona* significa um complemento funcional que surge por razões de adaptação ou de necessária comodidade. O complexo funcional da *persona* diz respeito exclusivamente à relação com os objetos (Jung, 1991a).

Segundo o autor Murray Stein (1998), Jung encontrou duas fontes da *persona*: a primeira tem a ver com as expectativas e demandas do meio; inclui requisitos, como ser certo tipo de pessoa, e comportar-se apropriadamente com os costumes sociais do grupo. A segunda tem a ver com as ambições sociais do indivíduo. Quanto mais prestígio tiver um papel quando desempenhado, mais forte é a tendência para o ego identificar-se com ele. O movimento do ego no sentido da relação e adaptação ao meio, buscando assegurar a sobrevivência, oferece a *persona* à oportunidade de adquirir influência e predomínio. Mas, a *persona*, quando usada criativamente, funciona tanto para expressar quanto para esconder aspectos da personalidade. Uma *persona* adequada possui amplitude suficiente para expressar aspectos socialmente apropriados da personalidade e ser autêntica.

A *persona* é o rosto que envergamos para o nosso encontro com outros rostos, para sermos como eles e para que eles gostem de nós. Não queremos ser demasiados diferentes, pois os nossos pontos de diferença, onde a *persona* termina e a sombra começa, fazem-nos sentir vergonha (STEIN, M. 1998, p. 112).

É inegável a necessidade de construirmos uma personalidade artificial, isto é, aprendermos a nos adaptar às exigências coletivas, e ainda assim, sermos nós mesmos. *Persona* e ego podem conviver de maneira adequada, mas se a diferenciação fracassar, ou seja, quanto mais o ego identificar-se com a *persona*, mais o sujeito será aquele que aparenta; o ego será, portanto, desindividualizado (Jung, 2003).

Quando ocorre essa indiscriminação ego – papel social, forma-se segundo Whitmont (1969) um “pseudo-ego”, “um precipitado estereotipado dos padrões coletivos”. Tal “pseudo-ego” não é apenas rígido, mas extremamente frágil e quebradiço, já que o ego está em oposição ao consciente e separado das intenções do *Self*. O “pseudo-ego” está sujeito às pressões constantes que vêm de dentro e, sem meios para ajustar seu equilíbrio precário, freqüentemente beira o limite da psicose.

De acordo com Jung (2003) as identificações com os papéis sociais são fontes de muitos distúrbios. “O homem jamais conseguirá desembaraçar-se de si mesmo, em benefício de uma personalidade artificial” a tentativa de fazê-lo desencadeia reações inconscientes: caprichos, afetos, angústias, idéias obsessivas, vícios etc. O “homem forte” no contexto social é, freqüentemente, uma criança nos seus estados de espírito na “vida particular”. Quanto à sua moral pública “sem mácula”, suas mulheres teriam muitas coisas a contar, e, com relação ao seu abnegado altruísmo, a opinião dos filhos é outra.

3.3 – A Sombra.

*Quando ouvi a primeira história de amor
comecei a procurar por ti, sem saber
o quanto estava cega.
Os amantes não se encontram num lugar.
Eles existem, desde sempre, um no outro.*

Rumi

Para Jung, o inconsciente pessoal contém lembranças e reminiscências da infância e da vida atual e também lembranças perdidas, reprimidas, evocações dolorosas, percepções que não ultrapassaram o limiar da consciência, isto é, percepções dos sentidos que por falta de

intensidade não atingiram a consciência e conteúdos que ainda não amadureceram para a consciência. A isto denominou sombra (Jung, 2004a).

Em Memórias, Sonhos e Reflexões, Jung relata um sonho, mostrando como viu em si mesmo a inseparabilidade do ego e da sombra.

Era noite, em algum lugar desconhecido, e eu avançava com muita dificuldade contra uma forte tempestade. Havia um denso nevoeiro. Eu segurava e protegia com as mãos uma pequena luz que ameaçava extinguir-se a qualquer momento. Eu sentia que precisava mantê-la acesa, pois tudo dependia disso.

De súbito tive a sensação de que estava sendo seguido. Olhei para trás e percebi uma gigantesca forma escura seguindo meus passos. Mas, no mesmo instante, tive consciência, apesar do meu terror, de que eu precisava atravessar a noite e o vento com minha pequena luz, sem levar em conta perigo algum.

Ao acordar, percebi de imediato que havia sonhado com minha própria sombra, projetada no nevoeiro pela pequena luz que eu carregava. Entendi que essa pequena luz era minha consciência, a única luz que posso. Embora infinitamente pequena e frágil em comparação com os poderes das trevas, ela ainda é uma luz, a minha única luz (JUNG, C.G.1961, p.86).

Em toda sua obra, Jung procura mostrar que a formação da sombra é inevitável e, portanto universal, denominando sombra os aspectos da personalidade que foram reprimidos na busca do ego ideal. Há, portanto, uma relação direta entre a formação do ego e da sombra. A adaptação do homem na sociedade exige o desenvolvimento de um ego capaz de agir como um princípio organizador da consciência.

A sombra constitui um problema de ordem moral, que desafia a personalidade do eu como um todo. A tomada de consciência da sombra consiste em reconhecer os aspectos obscuros da personalidade, tais como existem na realidade.

De acordo com Jung (1986[1976]) os arquétipos que se caracterizam mais nitidamente são aqueles que mais perturbam o ego: a sombra, a *anima* e o *animus*. A sombra é mais acessível às experiências e é possível um conhecimento mais aprofundado da sua natureza exceto quando qualidades da personalidade foram reprimidas. Sua natureza é pessoal, representa o inconsciente pessoal; portanto, com certo grau de autocritica e esforço moral, pode-se percebê-la. Como já foi visto acima, o reconhecimento de aspectos obscuros da personalidade constitui, então, um problema moral que desafia a personalidade. Quando tratada como arquétipo, as dificuldades aumentam, e Jung ressalta: “É bem possível que o indivíduo reconheça o aspecto relativamente mau da sua natureza, mas defrontar-se com o absolutamente mau, representa uma experiência ao mesmo tempo rara e perturbadora” Jung (1986[1976]).

Uma pesquisa mais acurada dos traços obscuros do caráter, isto é, das inferioridades do indivíduo que constituem a sombra, mostra-nos que esses traços possuem uma natureza emocional, uma certa autonomia e, consequentemente, são de tipo obsessivo, ou melhor, possessivo. A emoção, com efeito, não é uma atividade, mas um evento que sucede a um indivíduo. Os afetos, via de regra, ocorrem sempre que os ajustamentos são mínimos e revelam, ao mesmo tempo, as causas da redução desses ajustamentos, isto é, revelam uma certa inferioridade e a existência de um nível baixo da personalidade (JUNG, C.G.1986 p. 6):

Cotejando Jung, Whitmont (1969) mostra como a existência da sombra é uma realidade arquetípica de gênero humano, pois no processo de formação do ego, o conflito entre coletividade e individualidade é um padrão humano geral. Assim, é típico de todos os seres humanos que, ao desenvolverem uma personalidade consciente, desenvolvam também uma personalidade inconsciente: a sombra.

Projetada individualmente, a sombra surge na forma das pessoas a quem atribuímos todo o mal e, coletivamente, em sua forma mais geral, ou seja, como o inimigo. Suas representações mitológicas são o demônio, o maligno ou o duplo.

A tradição cristã reconhecia o oposto que o homem traz dentro de si: “Não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero”, exclama Paulo, angustiado com sua sombra (Romanos. 7,19). Eu vos digo: “Não resistais ao mal”. (Mateus. 5,39).

Em uma citação de Whitmont a respeito das projeções da sombra, podemos reconhecer com clareza a força desta experiência.

A sombra é a experiência arquetípica da “outra pessoa” que, em sua estranheza, é sempre suspeito. É o anseio arquetípico do bode expiatório, de alguém para culpar e atacar a fim de se obter justificativa e absolvição; é a experiência arquetípica do *inimigo*, a experiência da culpabilidade que sempre adere à outra pessoa, já que temos a ilusão de compreender a nós mesmos e de já ter lidado adequadamente com nossos próprios problemas. Em outras palavras, à medida que tenho que ser correto e bom, *ele*, *ela* ou *eles* se tornam os portadores de todo o mal que não consigo reconhecer em mim mesmo (WHITNONT, E. C. 1969, p.146).

De acordo com Murray Stein (1998), a sombra é caracterizada pelos traços e qualidades que são incompatíveis com o ego consciente e a *persona*. A sombra é uma espécie de contra-pessoa e pode ser pensada como uma subpersonalidade que quer o que a *persona* não permitirá. Para um ego que esteve identificado com a *persona* e seus supostos valores, a sombra representa a podridão e a malignidade.

A integração da sombra constitui um problema psicológico e moral extremamente espinhoso. Se uma pessoa rechaça completamente a sombra, a vida é correta, mas terrivelmente incompleta. Ao abrir-se para a experiência da sombra, entretanto, uma pessoa fica manchada de imoralidade, mas alcança um grau maior de totalidade. Isso é, na verdade, um dilema diabólico. É o dilema de Fausto e o problema essencial da existência humana. No caso de Fausto, sua alma é salva no final, mas só pela graça de Deus (STEIN, M. 1998, p. 101).

O autor refere que os aspectos pessoais de que nos envergonhamos são sentidos, com freqüência, como radicalmente malignos. Embora algumas coisas, sejam, em sua natureza, ruins e destrutivas, freqüentemente o material da sombra não é maligno, mas assim é sentido pelo ego. A sombra pode facilmente ser projetada, ou seja, o inconsciente é projetado e, portanto, tudo o que nele está sombrio também é projetado. Quanto maior a repressão, mais destrutiva e maligna será a sombra.

3.4 – Complexos.

Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os complexos de tonalidade emocional, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica.

Jung.

Jung fez a descoberta dos complexos quando trabalhava com o teste de associação de palavras e, segundo o autor, por ocasião dos testes se descobriu que o objetivo do método, que era determinar a velocidade média das reações e de suas qualidades, era um resultado relativamente secundário, comparando-se com a maneira como o método vinha sendo perturbado pelo comportamento autônomo da psique, ou seja, pela assimilação dos complexos pela consciência. Realizou seus trabalhos de psicologia experimental do inconsciente, na clínica universitária de psiquiatria em Burgholzli, entre 1904-1906, conseguiu demonstrar, numa série de experiências, a existência desses agrupamentos de idéias de acento emocional como fatores específicos de perturbação do processo psíquico normal.

Nessas experiências pode-se demonstrar que as “perturbações” apresentadas, eram de natureza interna e surgiam independentemente da vontade consciente. Através dos testes de associação, observou-se que as velocidades e as qualidades da reação do processo associativo provocado nos indivíduos por meio de uma palavra-estímulo escolhida segundo determinado princípio, são individualmente condicionadas. Frente a uma palavra-estímulo, em vez da esperada capacidade de pronta-reação, algo parece interferir distorcer e empurrá-la em outra direção. Respostas físicas aparecem, tais como aumento da pressão arterial ou da circulação e reações psicossomáticas.

A descoberta dos complexos mostrou claramente que não há processos psíquicos isolados, tampouco, processos vitais isolados. Jung denomina de complexo afetivo a “imagem” de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência (Jung, 1991b). Segundo o autor, essa “imagem” é dotada de poderosa coerência interior, tendo sua totalidade própria e um grau relativamente elevado de autonomia, ou seja, está sujeita ao controle da consciência até certo limite, por isso comporta-se como um corpo estranho animado de vida própria. Pode-se, em geral, com algum esforço de vontade, reprimir o complexo, mas é impossível negar sua existência e, na primeira ocasião favorável, ele volta à tona com sua força original.

Freud foi o verdadeiro descobridor do inconsciente psicológico, porque pesquisou esses pontos obscuros, em vez de os colocar de lado, classificando-os eufemisticamente como meros atos falhos. A via regia que nos leva ao inconsciente, entretanto, não são os sonhos, como ele pensava, mas os complexos, responsáveis pelos sonhos e sintomas. Mesmo assim, essa via quase nada tem de régia, visto que o caminho indicado pelos complexos assemelha-se mais a um atalho áspero e sinuoso que freqüentemente se perde num bosque cerrado e, muitas vezes, em lugar de nos conduzir ao âmago do inconsciente, passa ao largo dele. O temor do complexo é um marco indicador enganoso, porque aponta sempre para longe do inconsciente e nos encaminha para a consciência. Os complexos são de tal modo desagradáveis, que ninguém, em sã razão, se deixa convencer que as forças instintivas que alimentam o complexo podem conter qualquer coisa de proveitoso (JUNG, C. G. 1994b, p. 36).

Murray Stein (1998) refere que a questão, na época em que Jung chefiou o projeto científico de condução de experimentos laboratoriais (teste de associação), consistia em como penetrar na mente para além das barreiras da consciência. Haveria como verificar empiricamente fatores psicológicos inconscientes? Jung, segundo o autor, admitiu que as perturbações da consciência, as quais eram registradas e medidas como respostas a certos

estímulos verbais, pelo teste de associação de palavras, eram devidas a associações inconscientes com as palavras lidas.

Os resultados de seus experimentos convenceram Jung de que há, de fato, entidades psíquicas fora da consciência, as quais existem como objetos que, semelhantes a satélites, gravitam em torno da consciência do ego, mas são capazes de causar perturbações no ego de uma forma surpreendente e, por vezes, irresistível. São os diabretes e demônios interiores que podem pegar uma pessoa de surpresa. As perturbações causadas por complexos devem ser diferenciadas, compreensivelmente, das perturbações provocadas por fatores estressantes oriundos do meio ambiente externo, embora possam estar, e com frequência estejam intimamente relacionadas umas com as outras (STEIN, M. 1998, p. 44).

Segundo Stein, Jung, mais adiante, descreve a estrutura do complexo como sendo composta de imagens associadas e memórias congeladas de momentos traumáticos que estão enterradas no inconsciente e não são facilmente acessíveis para recuperação pelo ego. Seriam as lembranças reprimidas (Stein, 1998).

Quando um complexo está constelado, o indivíduo é ameaçado com a perda de controle sobre suas emoções e, muitas vezes, sobre seu comportamento. É como se a pessoa estivesse em poder de um demônio; uma força muito superior à sua vontade. Os complexos são o que permanece na psique depois que ela digeriu a experiência e a reconstituiu em objetos externos (Stein, 1998).

De acordo com Stein (1998) os complexos são gerados na vida pessoal, mas existem também complexos familiares e sociais.

3.5 – Símbolo

O símbolo sempre se classifica abaixo do nível de mistério que procura descrever.

Jung.

Para Jung, a energia psíquica caminha do instinto para o espírito, e essa transformação da libido se opera através do símbolo (Jung, 1994a). Jung define um símbolo como “a melhor descrição, ou fórmula, de um fato relativamente desconhecido; um fato,

todavia reconhecido ou postulado como existência" (Whitmont, 1969). Enquanto um símbolo for vivo, é a melhor expressão de alguma coisa e só é vivo enquanto cheio de significado. Uma vez brotado o sentido do símbolo, ou seja, encontrada aquela expressão que formula melhor a coisa procurada, esperada ou pressentida do que o símbolo até então empregado, este se torna morto, tendo apenas significado histórico (JUNG, 1991a).

O autor difere significado simbólico de significado semiótico (sinal). O significado semiótico seria uma expressão análoga ou designação abreviada de algo conhecido. O significado simbólico seria a melhor expressão de algo ainda desconhecido.

O símbolo vivo não pode surgir num espírito obtuso e pouco desenvolvido, pois este se contentará com o símbolo já existente conforme lhe é oferecido pela tradição. Só a ânsia de um espírito bem evoluído que já não encontra no símbolo apresentado a expressão única da suprema união pode gerar novo símbolo. Mas exatamente porque o novo símbolo nasce das maiores realizações espirituais do homem e deve, ao mesmo tempo, conter as razões mais profundas de seu ser, não pode provir unilateralmente das funções espirituais mais diferenciadas, mas também, em igual medida, das moções mais inferiores e mais primitivas. Para que a colaboração dos estados opostos seja possível, ambos têm que estar conscientemente lado a lado em plena oposição. Este estado tem que ser uma desunião fortíssima consigo mesmo, de tal forma que tese e antítese se neguem e que o eu tenha que reconhecer sua participação absoluta em ambas. Se houver subordinação de uma das partes, o símbolo será principalmente produto da outra parte e será, na mesma proporção, menos símbolo do que sintoma, isto é, sintoma de uma antítese oprimida. Porém, na medida em que um símbolo é mero sintoma, também lhe falta o efeito libertador, pois não exprime o pleno direito à existência de todas as partes da psique, mas lembra a opressão da antítese, mesmo que a consciência não se dê conta disso (JUNG, C.G. 1991a, p.447-8).

Segundo Stein (1998), os símbolos são os grandes organizadores da libido e contemporiza a diferença entre transformação e sublimação, ou seja, entre as teorias de Jung e de Freud. Na teoria de Freud, os indivíduos civilizados são capazes de sublimar desejos libidinais, mas a sublimação produz apenas substitutos para os verdadeiros objetos de tal desejo. Na realidade, o que a libido deseja é realizar a fantasia edípica. Jung, por sua vez, difere dessa idéia concebendo a libido como fluindo normalmente do que é instintivo para o que é espiritual, não necessitando ser sublimada. Para Jung, segundo Stein, quando a libido encontra um análogo espiritual do instinto, uma idéia ou imagem, encaminha-se para aí por ser esse o seu objetivo, e não, por ser um substituto do desejo sexual. Isto seria a transformação da libido, e a cultura nasceria de tais transformações. A cultura seria então uma realização do desejo e não sua obstrução. Para Jung, a natureza do ser humano conduz à formação de cultura, à

criação de símbolos, ao controle de energia de modo que o seu fluxo possa ser dirigido para esses conteúdos espirituais e mentais.

Segundo Whitmont:

A preocupação de Jung, e na verdade o próprio ponto de divergência com Freud era mostrar que a intuição, a emoção e a capacidade de perceber e de criar por meio de símbolos são modos básicos de funcionamento humano, assim como a percepção através dos órgãos do sentido e através do pensamento.

Um símbolo genuíno nos termos de Jung não é uma designação abstrata livremente escolhida ligada a um objeto específico por convenção (tais como signos verbais ou matemáticos), mas a expressão de uma experiência espontânea que aponta para além de si mesma na direção de um significado não transmitido por um termo racional, devido à limitação intrínseca do último (WHITMONT, E. C. 1969, pp. 17-18).

3.6 - Anima e animus

*Por que comigo nunca estás sozinha,
Mulher profunda, muito mais que o
abismo*

Onde viçam as fontes do passado?

*Mais te aproximas mais te afundas
Na ravina das preexistências.*

Yvan Goll.

Como os conceitos de *anima* e *animus* já foram abordados no capítulo anterior, seremos breves, acrescentando mais alguns aspectos que consideramos ter relevância para um maior entendimento desses pares de opositos.

Jung denominou *anima* a contraparte inconsciente feminina do homem e *animus* a contraparte inconsciente masculina da mulher. A *anima* e o *animus* representam um elo entre o pessoal e o coletivo; um complexo funcional que se comporta de forma compensatória em relação à personalidade externa.

Segundo Stein (1998), Jung referiu-se a *anima* e *animus* como figuras arquetípicas da psique, e diante desta posição Jung (1998) diz que não se trata de uma invenção da consciência, mas sim, de uma produção espontânea do inconsciente. O inconsciente representado pela *anima* no homem é o fator determinante das projeções, mostrando, segundo Jung, que o fator subjacente a ela possui todas as qualidades características de um ser feminino. Correlativamente, Jung designa o *animus* como o fator determinante de projeções presente na mulher, ou seja, seu inconsciente masculino. De acordo com Jung, como a *anima* corresponde ao Eros materno, logo o *animus* corresponde ao Logos paterno. Na mulher o Eros é a expressão de sua natureza real e o Logos estaria mais inconsciente, enquanto no homem é o Logos que constitui a expressão de sua natureza, ficando o Eros mais inconsciente.

Esses arquétipos, segundo Jung, além de se expressarem de maneira personificada (em homens e mulheres), agem como psicopompos, ou seja, se comportam como ponte entre consciência e inconsciente.

Assim o *animus* é também um “psychopompos”, isto é, um intermediário entre a consciência e o inconsciente, é uma personificação do inconsciente. Da mesma forma que a *anima* se transforma em um Eros da consciência, mediante a integração, assim também o *animus* se transforma em um Logos; da mesma forma que a *anima* imprime uma relação e uma polaridade na consciência do homem, assim também o *animus* confere um caráter meditativo, uma capacidade de reflexão e conhecimento à consciência feminina (JUNG, C.G. 1998, p. 14).

Para Jung, a autonomia do inconsciente coletivo se expressa nas figuras da *anima* e do *animus*. Eles personificam os seus conteúdos, os quais podem ser integrados à consciência, depois de retirados da projeção. Neste sentido, constata Jung, constituem funções que transmitem conteúdos do inconsciente coletivo para a consciência. Mas, se surge uma tensão, a função até então inofensiva se ergue, personificada, contra a consciência, comportando-se, mais ou menos, como uma cisão sistemática da personalidade ou como uma psique parcial (Jung, 1998). As atuações da *anima* e do *animus* podem tornar-se conscientes, mas, em si, de acordo com Jung, são fatores que transcendem o âmbito da consciência, escapando à observação direta e ao arbítrio do indivíduo, e por isso ficam autônomos, apesar da integração de seus conteúdos.

Esses arquétipos são potências inconscientes, e como diz Jung, precisamente deuses, como a antiguidade corretamente os concebeu (Jung, 1998), e normalmente pode-se conhecer a realidade deles mediante a relação com o sexo oposto, porque nesta relação à projeção se torna bastante eficaz. Completando, Stein (1998) refere que, como pensou Jung, é esse encontro do

ego com a *anima* ou o *animus* que tem um potencial tão rico para o desenvolvimento psicológico. O encontro com a *anima* ou o *animus* representa uma conexão para o inconsciente ainda mais profundo do que a conexão com a sombra.

3.7 - Self e individuação

Eu não desenvolvo; sou.

Pablo Picasso.

A psique é considerada pela Psicologia Analítica como um sistema que se auto-regula. Nesse sistema, Jung formulou a hipótese da existência de um centro que seria o organizador (a semente) do desenvolvimento psicológico de individualidade; o Self.

Jung designa Self como sendo a totalidade da psique, o arquétipo central. O Si-mesmo (*Self*) seria a imagem divina. Tudo o que se diz sobre a imagem de Deus pode ser aplicado sem nenhuma dificuldade aos símbolos da totalidade (Jung, 1998).

O Homem Junguiano não nasce num vazio psíquico; ao nascer traz consigo um germe da totalidade, sendo assim, um todo potencialmente. A psique trabalha em direção a essa totalidade, ou seja, o homem nasce para a individuação, a fim de buscar a realização dos seus potenciais

Segundo o autor (Jung, 1991^a[1921]), o Si-mesmo designa o âmbito total dos fenômenos psíquicos no homem. Expressa a unidade e totalidade da personalidade global. O conceito de Si-mesmo engloba o experimentável e o não experimentável. Como existem fenômenos da consciência e do inconsciente, o Si-mesmo como totalidade psíquica tem aspectos conscientes e inconscientes e aparece empiricamente em sonhos, mitos e contos de fadas, na figura de “personalidades superiores” como reis, heróis, profetas, etc., ou na figura de símbolos da totalidade como o círculo, o quadrilátero, a mandala, a quadratura do círculo, a cruz, etc. Enquanto representa a união dos opostos, pode manifestar-se como dualidade unificada, como, por exemplo, no tao (yin e yang), como o herói e seu rival, como Fausto e Mefistófeles, etc. Para Jung, o Si-mesmo aparece como um jogo de luz e sombra, ainda que seja entendido como totalidade, e, por isso, como unidade em que se unem os opostos. O Si-mesmo demonstra ser

uma representação arquetípica que se distingue por assumir uma posição central correspondente à importância de seu conteúdo e numinosidade (JUNG, 1991a)

Para o autor, embora a “totalidade” a primeira vista não pareça mais que uma noção abstrata, é, contudo, uma noção empírica, antecipada na psique por símbolos espontâneos ou autônomos. A totalidade constitui, portanto, um fator objetivo que se defronta com o sujeito, de modo autônomo, colocando-se hierarquicamente acima da sombra e de anima-animus. A sizígia (anima-animus) parece constituir segundo Jung, uma parte essencial da totalidade; a tensão dos opositos, da qual procede a Criança Divina, como símbolo da unidade (JUNG, 1998).

O conceito de Self (Si-mesmo) está diretamente ligado ao conceito de individuação. A individuação não é um estado, mas um processo que sempre pode ser mais aprofundado. É importante a compreensão de que a individuação e a totalidade são metas, *eidos* (idéias) que não existem para serem atingidos, como idéias não pertencem à realidade. Falamos, então, em processo, em construção, em caminho a ser percorrido.

A individuação é, segundo o autor, o processo de formação e de particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. A individuação está intimamente vinculada à chamada função transcendente, pois ela traça as linhas de desenvolvimento individual que não poderiam ser adquiridas pelos caminhos prescritos nas normas coletivas (Jung, 1991a [1921]).

A meta da individuação, não é ficar só, mas na relação, cada um a seu modo. Toda experiência interior tem que ser medida pela relação com o outro. ”O relacionamento com o *Self* é simultaneamente relacionado com nossos semelhantes, e ninguém pode relacionar-se com estes, até que se relate consigo mesmo” (Jung, 2002 [1976]).

A individuação está sempre em maior ou menor oposição à norma coletiva, pois é separação e diferenciação do geral e formação do peculiar, não uma peculiaridade procurada, mas que já se encontra fundamentada a priori na disposição natural do sujeito.

Hillman (1997) em o *Código do Ser* sustenta a idéia de que cada pessoa tem uma singularidade que pede para ser vivida e que já está presente antes do nascimento. Tal idéia vem de Platão, do seu mito ER, em *A República*, onde diz que cada pessoa entra neste mundo tendo sido chamada. Segundo o autor, atualmente, o principal paradigma para se entender uma vida humana, a inter-relação da genética com o ambiente, omite algo essencial: “a particularidade se que você sente que é você”...A esta “particularidade” ou a priori, é impossível saber exatamente a que se refere, mas, de acordo com Hillman, revela-se principalmente em pistas, intuições, sussurros e nas subidas premências e estranhezas que perturbam a nossa vida e que continuamos a chamar de sintomas.

O chamado para o destino individual não é uma questão entre a ciência sem fé e a fé não científica. A individualidade permanece uma questão para a psicologia – uma psicologia que tem em mente seu prefixo, “psique”, e sua premissa, a alma, para que sua mente possa desposar sua fé sem uma religião institucional e observar cuidadosamente os fenômenos sem uma ciência institucionalizada (HILLMAN, J. 1997[1996] p.21).

A meta da individuação está na realização do *Self*. Transformar-se em si mesmo é um processo no qual o homem torna-se o ser único que de fato é: a realização das qualidades coletivas do ser humano e a devida consideração das particularidades individuais. É um processo de diferenciação. É inconcebível pensar a individuação sem implicações sociais; faz parte do processo de cada um, ocupar-se do seu próximo – amigos, colegas de trabalho, organizações sociais, organizações políticas – como também do intenso encontro dialético do casamento. Jung evidenciou ao longo de sua obra que a individuação não isola o homem do mundo; muito pelo contrário, coloca-o em contato com o mundo e, até mesmo, o atrai para ele.

Jung ressalta que não podemos confundir individuação com individualismo – que é prevalência de peculiaridades, opondo-se ao coletivo – pois individualidade é tudo o que não é coletivo, quer dizer, o que só corresponde a um e não a um grupo considerável de indivíduos. “Dificilmente poderíamos atribuir individualidade aos elementos psicológicos, evidenciando-se pelo contrário, a individualidade em suas combinações e agrupamentos peculiares e únicos” (Jung, 1991a [1921]). Procurando mostrar que o indivíduo psicológico caracteriza-se por sua psicologia peculiar e, em certa medida, única.

A peculiaridade da psique individual revela-se menos em seus elementos que em suas complexas configurações. O indivíduo ou a individualidade psicológica existe inconscientemente *a priori*; só conscientemente, quando existe uma consciência da peculiaridade, isto é, quando há uma diferença consciente a respeito dos outros indivíduos (JUNG, C. G. 1991a [1921], p. 527).

Quando falamos do processo de individuação, pensamos na dinâmica das polaridades consciente-inconsciente, que vai estruturando a personalidade do princípio ao fim da vida. Podemos observar com bastante clareza essa relação, nas palavras de Jung a seguir.

Visto que o ego é apenas o centro do meu campo de consciência, ele não é idêntico à totalidade da minha psique; é apenas um complexo entre outros complexos. Por isso, eu discriminio entre o ego e o *Self*, já que o ego é apenas

sujeito da minha consciência, enquanto o Self é o sujeito da minha totalidade; por isso ele também inclui a psique consciente. Nesse sentido, o Self seria um fator (ideal) que engloba e inclui o ego. Na fantasia inconsciente, o Self freqüentemente aparece como uma personalidade ideal ou superordenadora (JUNG, C.G. 1991a [1921] p.498).

Jung deu ênfase à individuação como um caminho de auto-desenvolvimento “escolhido” pelo indivíduo. Isso não quer dizer que o ego tenha controle para dirigir o processo, mas a partir da *metanóia* (crise da meia-idade) somos impulsionados a buscar vivências mais profundas.

Jung via a individuação como a oportunidade dada ao homem para encontrar significado na vida. Era para ele o caminho da cura e da completude, embora acarretando pesadas responsabilidades. O processo de individuação significa a realização do melhor possível, já que a perfeição não é possível. Embora possamos colocá-la diante de nós como meta, “o significado e a finalidade de um problema parecem estar não na sua solução, mas em trabalharmos nele incessantemente” (Jung, 2000 [1971]).

Após a apresentação dos pressupostos teóricos da Psicologia Analítica para a compreensão da conjugalidade e seus conflitos, abordaremos no capítulo seguinte o tema conflito conjugal.

4. – CONFLITO CONJUGAL – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.

O conflito conjugal nasce com o advento do casamento, ou da relação de intimidade que este favorece. Há tempos se pensa e se escreve a respeito do assunto, o que nos conduz a um questionamento: Será que, em alguma época, essas relações foram tranquilas? Encontramos algumas citações de um passado longínquo, as quais vieram reafirmar nosso questionamento.

Eu gostaria de ser como meu pai e todo o resto de meus antepassados, que nunca se casaram.

Molière.

O casamento é o intercambio de maus humores durante o dia e maus odores durante a noite.

Schopenhauer.

Um casamento pode vir a ser o que se convencionou chamar de feliz se nenhuma das partes envolvidas espera nele encontrar muita felicidade.

Bertrand Russell.

Amor é uma coisa ideal; o casamento, uma coisa real. E confundir o real com o ideal é algo que nunca se fez impunemente.

Goethe.

A palavra “conflito”, na língua portuguesa, refere-se a “profunda falta de entendimento entre duas ou mais partes” (Houaiss, 2004). Esse vocábulo vem do latim “conflictus”: desacordo, choque. O termo tem sido freqüentemente utilizado na Psicologia para definir uma realidade intrapsíquica como também para realidades interpsíquicas.

Conflitos conjugais são processos que apontam para as perturbações ou mudanças nas questões referentes à conjugalidade que podem ser provocadas por transformações ou crises no ciclo da relação entre um casal. O equilíbrio existente no início do relacionamento conjugal é rompido e, geralmente, sentido como angustiante, ameaçador ou como um sinal de algo novo.

Conflitos não podem ser considerados como entidades simples, nem mesmo como conceitos, mas como processos complexos inerentes ao ser humano e ao seu convívio no meio ambiente. Conflitos, como situações de crise, fazem parte da vida do ser em evolução.

Os relacionamentos íntimos têm um grande grau de importância na vida adulta tanto dos homens como das mulheres, apresentando implicações na vida profissional, nos relacionamentos com amigos e em seus estados de saúde. Pesquisadores têm demonstrado crescente interesse em compreender a vida conjugal, seus conflitos, suas fragilidades, enfim, fatores que possam vir a contribuir para a má qualidade dos relacionamentos. A partir das leituras realizadas, verificamos que, até 1960, os estudos visavam predizer a viabilidade das relações conjugais. A partir de então, os relacionamentos começaram a ser avaliados em si mesmos, na busca de uma compreensão mais ampla dos processos envolvidos nas relações satisfatórias. Essa mudança de foco nos remete ao título do livro escrito por Guggenbühl-Craig (1980) "O casamento está morto viva o casamento" e nos leva a compreender que aquele tipo de casamento em que a instituição era vista como prioridade e não os seres-humanos que a compõem, realmente está morto.

Hoje, sem dúvida, há uma busca por satisfação na conjugalidade. Sabemos, porém, que este é um conceito subjetivo; mesmo assim, arriscamos dizer que satisfação implica ter as próprias necessidades e desejos satisfeitos, assim como corresponder, em maior ou menor escala, ao que o outro espera, definindo um dar e receber recíproco e espontâneo. Sentir-se satisfeito no casamento tem relação com sensações e sentimentos de bem-estar, contentamento, companheirismo, afeição e segurança.

Essa satisfação aumenta quando há proximidade / intimidade entre os cônjuges, estratégias adequadas de resolução de problemas, coesão, boa habilidade de comunicação e quando os parceiros estão satisfeitos com seu status econômico.

Não podemos deixar de assinalar que os tipos psicológicos assumem importância considerável nesse contexto, levando em consideração que o casamento é uma relação profunda, na qual os cônjuges em questão partilham toda espécie de acontecimentos, sejam esses conscientes ou inconscientes. É do nosso conhecimento, a partir das leituras realizadas, que a nossa base tipológica é herdada e, portanto imutável em sua essência. Mas, a partir da nossa dinâmica pessoal, podemos ou não desenvolver tais potencialidades contidas na nossa hereditariedade, como também distorcê-las ou invertê-las pelas próprias dificuldades que cada um enfrentou em seu desenvolvimento pessoal. Assim sendo, a vivência da conjugalidade como um relacionamento profundo e duradouro torna-se um local ideal para toda e qualquer projeção vinda do parceiro.

Nossas características básicas, nossas preferências quanto ao modo de funcionar na vida, precisam ser reconhecidas por nós para que possamos compreender e sermos compreendidos por aqueles que conosco vivem, principalmente, em se tratando do nosso cônjuge. Cada um se reconhecendo como é deixa de querer que o funcionamento do outro fique fundamentado nas suas próprias características. Se não nos reconhecemos, nos fechamos para compreender o outro nas suas diferenças, seus desejos, seu modo de olhar a vida, que muitas e muitas vezes, é um olhar muito estranho aos nossos próprios olhos. No casal, as diferenças são muitas, tornando indispensável, no momento citá-las. Basta olharmos para nosso lado que essas saltam aos nossos olhos. Em se tratando de Tipologia, tanto aqueles que possuem tipos psicológicos diferentes do seu cônjuge quanto os que apresentam o mesmo tipo, apresentam modos peculiares de ser. Mesmo que o casal pertença à mesma tipologia, eles nunca são idênticos: podem até ser parecidos ou próximos, mas diferem diante de algumas situações.

4.1 - Casamento como espaço de desenvolvimento pessoal.

*Conquistar uma alma é encontrar sua
própria alma.*

Bachelard.

Colman (1994) desenvolve a idéia de, no casamento, poder existir um processo de

individuação entre os parceiros. Ele parte da noção de que o Self não pode se desenvolver no isolamento e de que o eu é definido pela sua diferenciação com o tu: de modo que o tu dá base para a identidade do indivíduo, desde que se possam distinguir dois processos importantes nas relações conjugais: a intimidade e a fusão.

No estabelecimento da intimidade de um casal, Colman (1994) propõe a existência de um "casamento interno", definido como uma capacidade interna de permitir que os opostos possam conviver dentro do Self. A intimidade seria a nossa capacidade de compartilhar o nosso mais profundo ser com o outro, resguardando o lugar do diferente em cada um, pois, para muitos casais, intimidade supõe os parceiros sentirem a mesma coisa. O casamento real, segundo o autor, tanto deve promover como requerer essa capacidade interna, e as dificuldades maritais poderão ser vistas como uma luta para existir esse "casamento interno".

Colman (1994) mostra que, para o bom funcionamento de um casamento, é preciso existir confiança de modo que o conflito que surge não irá destruir a relação e que exista um continente para as questões do casal. A ausência desse continente seria semelhante a não ter com quem brigar e não ter resposta.

Cleavely (1994) coloca que o conflito em um casal é algo saudável, mas seu potencial para o crescimento depende da capacidade de este casal regular os conflitos relativos a seus mundos internos, o individual e o compartilhado, e de que a tensão que nasce do conflito proporcione igual oportunidade para potenciais criativos e destrutivos.

4.2 - Casamento: do apaixonamento ao conflito.

*A razão do amor é o amor, a razão de amar a amada, é a amada.
E a medida de amá-la, é de amá-la sem medida.*

Michel Cazenave.

O filósofo e escritor francês Albert Camus disse certa vez que, na vida, há três injustiças da qual o homem jamais consegue se libertar: a morte, a opressão e a separação dos amantes.

Hoje em dia, são poucos os casos em que a separação vem imposta do mundo externo: em sua grande maioria, as separações ocorrem no interior do próprio casal.

Como relacionamento psíquico o matrimônio é algo de complicado, sendo constituído por uma série de dados subjetivos e objetivos que em grande parte são de natureza muito heterogênea. Visto que pretendo, nesta contribuição, limitar-me ao problema psicológico do matrimônio, deverei excluir principalmente os aspectos de natureza jurídica e social, embora que estes fatos também influam muito no relacionamento psíquico entre os esposos (JUNG, C.G.2002, p.195)

No início de toda relação amorosa, a palavra de ordem é o encantamento. Os amantes sentem-se preenchidos, em comunhão um com o outro e com a própria vida. Mas, aos poucos, essa fase de união perfeita tende a se desintegrar. Um deles começa a revelar, aqui e ali, pequenos defeitos que o parceiro até então ignorava, não enxergava, ou melhor, não queria e/ou não podia encarar, pois estava totalmente tomado pela “poção do amor”.

A vivência inebriante, simbiótica com o outro não deixa de ser a metáfora do paraíso, onde o estado de consciência inexiste. Sendo assim, nada perturba ou ameaça os amantes. Só que o inevitável acontece: pequenas e grandes contrariedades tramam contra o nosso estado de paixão, de cegueira absoluta em relação ao outro. A partir daí, começa-se a sair deste estado de apaixonamento como quem sai de um sonho. A realidade adentra corpos, mentes e corações sem pedir licença, sem ser convidada. Neste momento da vida em que se está totalmente tomado pela paixão, não há maior inimiga que a realidade, pois é a partir dela que se dá início ao processo doloroso de retirada de projeções. Jung acreditava que tudo em nós que desconhecemos, ou melhor, de que não temos consciência é projetado em outra pessoa. Portanto, vemos nos outros tanto nossas piores características quanto nosso potencial não desenvolvido. Assim sendo, passamos a ver o outro como ele é: diferente daquilo que tínhamos idealizado. Enfim, eu não sou quem o outro gostaria que eu fosse, e nem o outro é quem eu gostaria que ele fosse. É o início do aparecimento das desilusões.

Roland Barther (1977) p.19, na sua obra “Fragmentos de um discurso amoroso”, descreve, com muita propriedade, o sentimento dos amantes: “Sob a figura perfeita que tanto me fascina, percebo de repente um ponto de decomposição. É um ponto mínimo: um gesto, uma palavra, uma roupa, que devolve bruscamente a pessoa amada à realidade. Fico alarmado. Estou provisoriamente des-fascinado, porque o outro se descobre, se rasga, se revela no sentido fotográfico do termo”.

Quando estamos atravessando este estágio no relacionamento amoroso, trava-se uma luta interna de grande dimensão. Ficamos horrorizados, decepcionados, amedrontados. O medo de estragar o relacionamento muitas vezes é maior que a angústia de perder o ser amado. A vivência destes conflitos é o que poderíamos chamar de crise da desilusão. E por que ela ocorre? Porque desejamos amar o amor e, assim sendo, perdemos a oportunidade de conhecer o outro, mergulhar no outro e realmente aprender a amar. Só atravessando a crise da desilusão é que estamos aptos para realmente estabelecer o vínculo amoroso, momento em que eu e o outro deixamos de viver em simbiose, e se dá inicio a outra fase, em que nos diferenciamos, tornando-nos, assim, entidades distintas com condições para um relacionamento.

Sempre que tratamos do relacionamento psíquico, pressupomos a consciência. Não existe nenhum relacionamento psíquico entre dois seres humano, se ambos se encontram em estado inconsciente (JUNG, C.G.2002, p.195).

Mas que desencanto é esse que mina as relações amorosas? Um desencanto, uma desilusão que leva as pessoas a desacreditarem que dois seres humanos, que se dizem apaixonados, possam iniciar e manter uma união cuja denominação é casamento. O fenômeno de desencantamento, modernamente, é tão compartilhado a ponto de se pensar na falência do casamento e da família, instituições antes consideradas tão sólidas.

Esse desencanto, que tanto tem provocado separações, não é decorrente de escolhas erradas, ou provenientes do parceiro, pois, se assim fosse, bastaria que mudássemos de parceiro para que nossos problemas amorosos se resolvessem. O que ocorre é que estamos lidando com os nossos próprios problemas ou com nossas expectativas em relação ao outro, a vida ou a nós mesmos e não temos conhecimento disto, pois são conflitos inconscientes. A inconsciência faz com que depositemos nos outros expectativas que jamais poderão ser atendidas. Desejamos que o outro preenchesse os buracos causados pelas nossas insatisfações, depositamos no parceiro nossas angústias e, através de mecanismos projetivos, todos os conteúdos que para nós ainda estão na sombra. Enquanto esta dinâmica permanecer, pouco poderá ser feito em nome do amor, pois só entrando em contato com aquilo que é nosso, teremos condições de nos libertarmos e, com isto, libertar o outro para uma vivência plena.

Vale lembrar que a sensação de que o ser amado nos completa e nos faz sentir finalmente inteiro advém do fato de que nos apaixonamos por aquilo que não somos por

aquilo que nos falta. Sendo assim, muitos casais, para se manterem no casamento, desistem de viver uma parte de si para vivê-la no outro, acreditando estar fazendo um bem para a união conjugal. E cada um se assume como ser parcial e incompleto que, enfim, encontrou a cara-metade. Logo surgirão os problemas dessa estranha soma em que um mais um é igual a um, quando, na verdade, a única soma em que um mais um é igual a um é quando consideramos que este um como resultado, é igual a um casal. Como cada um vê o outro, mas se vê no outro, ambos passam a viver sozinhos consigo mesmos.

O casal que vive em simbiose acaba se sentindo insatisfeito; ressentimentos vão se empilhando como poeira embaixo do tapete. Com receio de piorar a situação, cada um dos membros do casal evita tocar no assunto e aí perde-lo de vez. Com o acúmulo das mágoas, progressivamente vai se aumentando o afastamento. A insatisfação é tanta que, em vez de olhar para dentro de si e perceber que este estado advém do fato de não se viver a própria vida, a pessoa acaba achando que sua insatisfação é provocada porque seu relacionamento está contaminado pelo outro, culpando-o, então, pelo não preenchimento daquele imenso vazio já instalado por ter se abandonado já há muito tempo. É neste momento que devemos tomar muito cuidado, para não querer achar um grande culpado para as nossas frustrações, pois, se assim agirmos, estaremos perdendo uma grande oportunidade propiciadora do processo de individuação. Sabemos que o processo de individuação pode ser propiciado pelo relacionamento, mas é um trabalho solitário.

Ser capaz de um amor real significa amadurecer, estimulando expectativas realistas em relação às outras pessoas. Significa aceitar a responsabilidade por nossa própria felicidade ou infelicidade, sem esperar que a outra pessoa nos faça felizes e sem censurá-la como se fosse responsável pelas nossas más disposições ou frustrações (SANFORD, J. A, 1987, p.30)

O casamento implica a construção de uma nova identidade para os cônjuges, na definição de Singly (1988) de um "eu conjugal" que vai se construindo através das interações estabelecidas entre eles. Quando duas pessoas decidem viver juntas, cada uma terá de se modificar internamente e se reorganizar. Com o aparecimento do conflito, que é inevitável, a organização anterior começa a ser questionada e, consequentemente, ocorre uma reconstrução da identidade, seja ela conjugal ou pessoal se houver separação. Este é um processo lento e vivenciado com dificuldade pelas pessoas em questão.

Após o período de apaixonamento, quando os conflitos emergem na conjugalidade, faz-se necessário olhar o outro como ele mesmo e não mais como um apêndice do próprio

eu. Por esta razão, urge a reconstrução da identidade porque, como diz a máxima popular, "o amor é cego", isto é, em estado de cegueira não enxergamos o outro como ele é e sim, como gostaríamos que fosse.

Os conflitos conjugais e suas consequências tanto para a dissolução do casal, como para a manutenção de um equilíbrio insatisfatório, ou para a possível resolução dos problemas, foram amplamente estudados na perspectiva psicanalítica. Para Dicks (1967), há três grandes áreas em que os membros do casal se relacionam um com o outro. A primeira diz respeito às expectativas mútuas, conscientes, quanto àquilo que o relacionamento conjugal deve prover; a segunda refere-se à extensão em que tais expectativas permitem a integração do casal ao seu meio cultural; e a terceira está relacionada à atividade inconsciente de relações patogênica passadas, internalizadas por cada cônjuge, levando à complementaridade de papéis que se estabelecem entre eles. Para ele, os casais estabelecem uma formação de compromisso entre suas relações objetais inconscientes, que na maior parte das vezes estão em conflito com seus desejos conscientes e suas expectativas mútuas.

Nicolló (1988) nos diz que certa fusionalidade faz parte da vida "normal" e adulta. O próprio Freud, em *"O mal estar na civilização"* (1930), ressalta que no auge da paixão os limites entre o ego e os objetos ficam ameaçados de dissolução, os apaixonados regridem ao narcisismo ilimitado e vivenciam o sentimento oceânico de ser um só. A vida psíquica deve permitir a presença concomitante da capacidade de viver a fusão e da capacidade de poder se diferenciar do outro.

Enquanto o apaixonamento produz a ilusão da fusionalidade, Ruffiot (1981) refere-se ao desapaixonamento como uma repetição da loucura amorosa no sentido inverso, denominado por ele de "paixão do desamor" que demanda um intenso trabalho psíquico.

Com o objetivo de entender o que acontece com aquela adoração inicial que envolve os recém-casados, Neff, Lisa A., Karney, Benjamin R. (2005) realizaram um estudo com jovens que se casaram em Alachua Country, Flórida. Em primeiro lugar, foram colocados anúncios nos jornais da comunidade e, posteriormente, foram enviadas cartas àqueles que se casaram no condado de Alachua. Os casais que respondiam a qualquer uma das solicitações eram entrevistados por telefone para uma primeira triagem. O critério adotado como perfil para a pesquisa era: tinha que ser o primeiro casamento; o casamento tinha que ter menos de seis meses e nenhum dos dois podia ter filhos.

Foram recrutados 82 casais. As análises não revelaram nenhuma diferença significativa na idade ou educação entre os parceiros. Em média, os maridos tinham 25 anos e 1 mês, estudaram por 16 anos e 3 meses, 40% trabalhavam o dia inteiro e 54% eram estudantes. A

idade média das esposas era de 23 anos e 7 meses e tinham estudado por 16 anos e 3 meses, 39% trabalhavam o dia inteiro e 50% eram estudantes. 70% dos casais eram cristãos, 83% dos maridos e 89% das esposas eram brancas.

Os casais preencheram um requerimento para serem atendidos em sessões de laboratório. Após a sessão, eles recebiam uma caixa com questionários para serem respondidos em casa; estes deveriam ser preenchidos e trazidos na próxima entrevista. Esta caixa continha um relatório pessoal, dados a serem respondidos sobre as percepções específicas do seu parceiro e de sua relação conjugal, bem como uma carta instruindo os cônjuges a responderem os questionários separadamente.

Durante a sessão laboratório, os casais completavam questionários adicionais a respeito de suas percepções pessoais e também do seu parceiro. Os casais então discutiam seus problemas e recebiam suporte quando este era solicitado. Os cônjuges eram instruídos para escolher um assunto / problema pessoal e não conjugal para a discussão.

Freqüentemente era aplicado um teste para medir a satisfação no relacionamento, o Marital Adjustment Test. Este teste inclui itens que dão acesso à avaliação do relacionamento global, bem como aspectos específicos do relacionamento como, por exemplo, habilidade de comunicação entre o casal. Também foi utilizado o SMD (Semantic Differentia) no qual era pedido aos cônjuges que indicassem seus sentimentos atuais a respeito de seu casamento numa escala com 7 pontos entre dois adjetivos opostos como, por exemplo; (satisfação - insatisfação, prazer – desprazer). Os números de pontos foram medidos em uma série de 15 para 105, com número de pontos altos indicando grande satisfação. A medida de consistência interna foi alta. O coeficiente das esposas foi de 95 e a dos maridos, 92.

Posteriormente, os casais completavam o QMI (Quality of Marriage Index), este indicava a freqüência de afirmações dos casais e em quais afirmações eles concordavam. As frases eram basicamente comuns como “Nós temos um bom casamento”, “Nosso casamento é forte”. Os números de pontos foram medidos em uma escala de 6 para 45, com pontuação alta indicando grande satisfação. A média de consistência interna também foi alta; ambos tiveram o coeficiente de 94. A pesquisa foi realizada em um período de quatro anos, sendo que os encontros ocorriam de seis em seis meses, só depois deste período é que os mesmos obtiveram informações a respeito do seu casamento, estando estes casados ou divorciados. Após o período de quatro anos, 17 dos 82 casais, isto é, 21% deles tinham se divorciado.

Segundo os autores, apesar de fortes sentimentos positivos que caracterizam os recém-casados, muitos casamentos terminam em desapontamentos, contradizendo o que os casais

estavam mostrando. Os pesquisadores argumentam que, embora os recém-casados possam ter uma evolução uniformemente positiva no relacionamento global, nem todos os cônjuges baseiam sua adoração em percepções precisas das qualidades específicas do seu companheiro. (Seria a projeção da anima ou do animus, atuando no inicio do relacionamento?). O estudo confirmou que muitos recém-casados enxergam seus parceiros a partir da sua percepção global; cônjuges variaram significativamente em suas percepções e nas qualidades específicas dos seus parceiros. Para as esposas, não para os maridos, os cuidados mais específicos foram associados a comportamentos de apoio e de sentimento de controle no casamento.

Este texto veio confirmar o que Jung (1998) falou a respeito das projeções da anima / animus nos relacionamentos. Quando ocorre o apaixonamento estamos projetando no outro os nossos conteúdos internos, estamos cegos e por isso temos o estado de adoração. Neste estágio, o outro tem pouco de humano para nós, razão pela qual ficamos fascinados e, por conseguinte impedidos de nos relacionarmos em um nível de alteridade, isto é, com uma percepção real do outro, tal como é.

4.3 – Casamento: importância das expressões emocionais do casal e da família para sua manutenção.

*Depois de tudo, somos um, você e eu, juntos
sofremos, juntos existimos, e para sempre
recriaremos um ao outro.*

Teilhard de Chardin.

Durante nossa revisão bibliográfica nos deparamos com algumas pesquisas, que nos levaram a pensar a conjugalidade, baseadas no referencial de Winnicott. Sendo ele um autor que, afirma a necessidade de filhos para que o relacionamento conjugal possa se desenvolver pensamos ser interessante registrá-lo como uma forma de ampliar a visão de conjugalidade. De acordo com Benedito (1996), Winnicott vê a condição de dependência do bebê evoluindo por três etapas, através das quais ele vai convivendo com ansiedades inerentes ao processo do desenvolvimento humano. Primeiramente o bebê experimenta a continuidade do “sentir-se sendo”, desde a mais absoluta dependência do meio, passando pela etapa de uma

dependência relativa, para gradualmente caminhar em direção a independência. Com as ansiedades vividas nesse processo de desenvolvimento humano, deverá resultar na integração de um ego capaz de lidar com as diferentes exigências feitas pela vida. E o casamento é uma delas

Ao longo da obra de Winnicott, percebemos a importância que ele dedica à família, colocando-a como o centro formador da sociedade e da cultura, bem como do desenvolvimento individual, e mais especificamente, do conceito de maturidade emocional como sinônimo de saúde mental. O autor chega a ser bastante enfático quando literalmente afirma que "(...) *não seria possível ao indivíduo atingir a maturidade emocional fora do contexto familiar (...)*" (Winnicott 1997, p.129). Um conceito central na teoria winniciottiana é o de "holding" ou cuidado materno. Nele, o autor enfatiza a importância da mãe (e da família) como modelos de transição da entrada do indivíduo para círculos cada vez mais amplos como política, religião e a própria sociedade. "Holding" ou sustentação passa a ser uma ampliação da idéia da mãe suficientemente boa ou do cuidado materno básico. Segundo esse autor, o casamento é sempre visto dentro do contexto familiar, no qual a necessidade primordial do casal se centraria em "ter filhos", desconsiderando, de certa forma, as questões da própria conjugalidade. "Os casais sem filhos tentam de todos os modos constituir uma família"...) "Os pais precisam das crianças para desenvolver seu relacionamento" (...) (Winnicott,1997, p.64).

Dentro desta ótica, o casamento passa a ser um espaço para o desenvolvimento das potencialidades dos filhos. Mas, e quanto ao casal? Winnicott aprofunda a idéia de que o casamento e a família podem se constituir ou não em um espaço de contínuo crescimento para todos os envolvidos, pois a noção de continuidade no desenvolvimento do ser humano está presente em seu pensamento. Quando isso não ocorre, o casamento fica sujeito a distúrbios que podem gerar desintegração da família e prejuízos a todos os componentes, afetando deste modo as crianças. Segundo ele, um dos sinais de maturidade parental se expressaria na capacidade de sacrifício e luta dos pais pela manutenção do casamento.

Winnicott participou de momentos críticos da política européia, sendo que, grande parte de suas observações teóricas se deve ao trabalho como consultor psiquiátrico do governo, atendendo crianças separadas de suas famílias durante a Segunda Guerra Mundial, devido à evacuação de cidades sob ameaça de bombardeio. Essa experiência foi fundamental para seu trabalho teórico sobre o papel da mãe na constituição do sujeito.

O meu olhar sobre este tema é de que a noção de maturidade a que ele se refere, está associada até certo ponto a uma posição de manutenção e preservação da instituição

casamento. Refletindo a respeito dos papéis desempenhados pelos homens e pelas mulheres, não podemos limitá-los ao de ser pai e mãe. Mas ao mesmo tempo, concordo com a posição por ele adotada quando se refere à maturidade parental. Casar requer uma dose de doação e, quando há opção por ter filhos, o que denominei de doação, necessita de uma ampliação, chegando muitas vezes ao sacrifício pessoal em nome das crianças. Não dá para tomar atitudes drásticas cada vez que houver um desentendimento conjugal, como sair de casa, agredir o outro com palavras ou atos, enfim a responsabilidade dos filhos fica a cargo dos pais. Não podemos esquecer que, em uma família, os adultos são os pais.

Lavee, Yoav, Bem-Ari, Aditar (2004) realizaram um estudo para examinar como comportamentos neuróticos e expressividades emocionais estão ligadas à qualidade do casamento.

Como as pessoas expressam suas emoções e o que essas expressões significam são aspectos importantes e essenciais na interação social. Embora as emoções possam ser apenas sentidas e não expressas, quando ocorre a expressão das mesmas cria-se uma via de acesso a outras pessoas, permitindo assim que as emoções influenciem nos relacionamentos. Influenciando a família como um todo, pai, mãe e filhos.

O termo expressividade emocional é usado de duas maneiras diferentes. Primeiro, para representar aqueles aspectos de comportamento que as pessoas usam intencionalmente para convencer as outras pessoas dos seus sentimentos. Tais aspectos desse comportamento parecem ser altamente flexíveis, facilmente mudados, conscientemente e intencionalmente. Segundo, o termo é usado para descrever aqueles aspectos de comportamento não controlados intencionalmente como, por exemplo, expressões faciais, tremedeira. Portanto, os cônjuges podem tanto usar palavras para dizer um ao outro como eles se sentem ou expressar suas emoções por vias não verbais, através do tom de voz, toque, expressão facial, movimento do corpo e postura. Ao examinar o conceito e medidas da expressividade emocional é melhor conceituá-las como unidimensional ou multifacetada. Mapeando os domínios da expressividade emocional, medida por questionários comuns de expressividade, esses pesquisadores chegaram à conclusão de que os aspectos centrais da expressividade emocional são mais bem definidos de três maneiras: expressividade positiva, expressividade negativa e intensidade de impulso, definida como “a experiência de emoções fortes que empurram para a expressão e são difíceis para o indivíduo conter”.

Neuroticismo é uma característica de personalidade definida por uma emocionalidade negativa e por uma redução de emocionalidade positiva nos contextos positivos da vida. Ela é caracterizada por uma afetividade negativa, uma instabilidade emocional, e uma

predisposição a sentimentos negativos como frustrações, sofrimentos, ansiedades e culpabilidade. Neuroticismo foi fundamentado por ter sido negativamente associado com vários recursos para o ajustamento conjugal. Sob este aspecto, verificou-se que homens casados com mulheres que tenham baixa estabilidade emocional, são insatisfeitos em vários aspectos do matrimônio. Da mesma forma, um nível alto de insatisfação foi encontrado nas esposas quando narravam à instabilidade emocional dos seus maridos. Devido a essas insatisfações no âmbito da conjugalidade, a família como um todo, filhos inclusive, passavam a viver com fortes tendências a sofrimentos e frustrações.

No primeiro estágio do estudo, a amostra foi de 1000 indivíduos, sendo que 303 eram árabes e 697 eram judeus, que foram atraídos por meio de ligações telefônicas feitas de modo aleatório por computador. Foi feita uma entrevista por telefone da qual se originou uma sub-amostra de 200 judeus e 100 árabes que responderam à entrevista. A partir daí, foram então convidados a participar do estágio seguinte do projeto. Os participantes foram informados que o estudo iria lidar com experiências do dia a dia de casais e que só seriam incluídos no segundo estágio, se ambos estivessem dispostos a participar da pesquisa.

Em uma análise preliminar, foram encontradas diferenças significativas entre árabes e judeus quanto ao neuroticismo e expressões emocionais. Considerando que a análise e interpretação de tal diferença cultural estariam além do âmbito do presente artigo, os autores optaram por basear seus estudos em 197 judeus.

As características da população eram as seguintes: os casais tinham vivido juntos por 17 anos e 3 meses em média, o número de crianças por casal variou de 1 a 6, a idade das mulheres variava de 20 a 64 anos e a dos homens de 22 a 73 anos. As mulheres estudaram em média 14 anos e 6 meses e os homens 14 anos e 4 meses.

Entrevistadores treinados visitavam o casal em suas casas e administravam um questionário para cada cônjuge. Os entrevistadores permaneciam na casa até ser completada a entrevista com o outro cônjuge, garantindo assim a independência de cada um nas respostas.

Neuroticismo foi medido na sub-escala do EPQ-R (Eysenck Personality Questionnaire-Revised). Nesta sub-escala, eram incluídos 12 itens com respostas sim ou não como opção. A pontuação foi obtida pela totalidade de respostas afirmativas; os números de pontos estavam em uma ordem de 0 a 12.

Expressividade Emocional foi mensurada pelo Berkeley Expressivity Questionnaire que é um questionário de relatório pessoal com 16 itens; em cada questão vai ser dada uma nota de 1 a 7. (1= discordo totalmente, 7= concordo totalmente). O item medido como

expressividade positiva tem como exemplo a seguinte frase (Quando estou feliz, mostro meus sentimentos), como expressividade negativa (Quando estou me sentindo mal, as pessoas facilmente podem perguntar como estou me sentindo), e nível de impulsos intensos (Eu tenho fortes emoções).

Como resultado da amostra obtida pelos 197 casais israelenses, as esposas obtiveram maior pontuação que os maridos na expressividade emocional e neurótica, mas nenhuma diferença quanto ao gênero (masculino/feminino) foram encontradas na qualidade matrimonial estudada. Modelos de equações estruturais foram estimados para examinar o efeito da neuroticidade e expressividade emocional em ambos, em si próprio e também para uma avaliação da qualidade matrimonial do parceiro. O neuroticismo foi um forte ponto determinante para ambos. A qualidade matrimonial estudada nas esposas foi positivamente associada em ambos os aspectos; delas próprias e na expressividade emocional de seus maridos. Em contraste, a qualidade matrimonial dos maridos não foi associada nem com eles próprios e nem com a expressividade de suas esposas.

Com este texto, verificamos que, mesmo sendo as expressões emocionais positivas, negativas ou impulsivas, há nestas expressões possibilidades de encontro com o outro, facilitando com isto a conjugalidade, fazendo desta um espaço para desenvolvimento de cada cônjuge. Identificando nossas emoções, criamos recursos para transmitir ao outro o que realmente está acontecendo dentro de nós, facilitando o diálogo, criando maior intimidade, tirando máscaras, enfim, dando continuidade ao nosso processo de desenvolvimento pessoal e, consequentemente, ao nosso processo de desenvolvimento conjugal.

4.4 - Cotidiano: a vivência necessária.

*Se, ao te conhecer, dei para sonhar,
fiz tantos desvarios.
Rompi com o mundo, queimei meus navios.
Me diz prá onde é que inda posso ir.*

Chico Buarque/ Tom Jobim.

Como nos mostra Chico Buarque (1971) em sua obra musical intitulada "Cotidiano", a

repetição de ações, fatos, emoções é uma constante na vida de qualquer casal. Inúmeras vezes nos sentimos aborrecidos com a mesmice da vida e com a impossibilidade de mudar algo dentro ou fora de nós. Se não recorrermos a estratégias para a manutenção do casamento, este se desfaz por se tornar depositário das nossas frustrações, desejos ou até mesmo por querer desse relacionamento algo que ele não pode nos dar.

Nada melhor que o poeta, para enfatizar com clareza essa repetição, do dia-a-dia, à qual me refiro.

Cotidiano

Chico Buarque/1971

*Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã*

*Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar
E essas coisas que diz toda mulher
Diz que está me esperando pro jantar
E me beija com a boca de café*

*Todo dia eu só penso em poder parar
Meio-dia eu só penso em dizer não
Depois penso na vida pra levar
E me calo com a boca de feijão*

*Seis da tarde como era de se esperar
Ela pega e me espera no portão
Diz que está muito louca pra beijar
E me beija com a boca de paixão*

*Toda noite ela diz pra eu não me afastar
Meia-noite ela jura eterno amor
E me aperta pra eu quase sufocar
E me morde com a boca de pavor*

*Todo dia ela faz tudo sempre igual
 Me sacode às seis horas da manhã
 Me sorri um sorriso pontual
 E me beija com a boca de hortelã*

Vivemos um período marcado pela certeza de que se existem problemas na conjugalidade, compete, então, ao casal identificá-los e buscar formas para superá-los. Na tentativa de resolver os problemas vividos na vida a dois, isto é, no casamento, os indivíduos lançam mão de estratégias na esperança de amenizá-los ou até mesmo de eliminá-los.

Estratégia é um conceito de múltiplos significados. Rocha-Coutinho (1994, p.127) a define como “*formas de um agente social levar uma pessoa a pensar, sentir ou agir de um modo que nem sempre partiria espontaneamente dela*”, enfatizando que tais estratégias têm caráter relacional e que podem se modificar em função dos atores e/ou do contexto nos quais as ações se desenvolvem. Esta autora, ao analisar as estratégias utilizadas por mulheres cariocas de diferentes faixas etárias, identifica dois grandes tipos: a) Formas diretas: ordens, ameaças e reprimendas, cobrança. Aqui ocorreria a explicitação direta da queixa ou da insatisfação que envolve a relação. A comunicação visa advertir o outro sobre a quebra do projeto desejado com a relação ou a não satisfação de alguma necessidade; b) Formas indiretas; jeitinho, chantagem emocional, fragilização do marido e/ou dos filhos. Nesse caso, a pessoa age como se não estivesse tentando controlar quando, na verdade, está investido esforços para controlar o comportamento do outro. Uma das consequências da adoção dessa forma de estratégia é que, ao atingir o alvo desejado – a mudança no comportamento do outro – os créditos não seriam atribuídos ao provocador de tal fato. O tipo de estratégia escolhida, seja direta ou indireta, é resultante do papel e do status de cada cônjuge, bem como da distribuição de poder desses na dinâmica familiar. Todo esse conjunto de estratégias constitui-se em modos informais de controlar todo um conjunto de eventos do cotidiano do casal.

Para Foucault (1982), a palavra estratégia pode ser empregada de três maneiras distintas, podendo designar: os meios empregados para se alcançar um fim; a maneira pela qual um parceiro, em certo ato do jogo, relaciona o que ele pensa dever ser a ação do outro e o que ele considera que os outros pensam ser a sua; ou ainda, os procedimentos usados em uma situação de confronto para privar o oponente de seus meios de combate e para reduzir seus esforços de resistência. Estes três sentidos estariam associados a situações de confrontação - tais como guerra ou jogos - na qual o objetivo é agir sobre um adversário de

modo a tornar seus esforços impossíveis. Assim, estratégia é definida por escolhas de soluções vitoriosas projetadas para o futuro. Foucault, entretanto, alerta que a palavra estratégia é usada também em outras situações e com sentidos diferentes. Já Ferreira (1993, p.232) a define como "*a arte de aplicar os meios disponíveis ou explorar condições favoráveis com vistas a objetivos específicos*".

Na tentativa de buscar dados e também verificar estratégias de enfrentamento para manutenção do casamento, *Garcia e Tassara (2001)* desenvolveram um trabalho de pesquisa com um grupo de vinte mulheres casadas há mais de quinze anos, pertencentes a estratos econômicos médio e alto, residentes na Grande Vitória (ES). No presente trabalho, estratégia foi definida como uma ação antecipada na qual a intenção é evitar um resultado em princípio indesejado, por um ou por todos os membros da família. Ela é, assim, aquilo que está sendo veiculado com a intenção de transformar o problema. A estratégia, tal como o problema, constitui-se, portanto, em manancial semântico de análise da relação conjugal.

Ao indicar as mulheres para a entrevista, cada indivíduo apresentou para as pesquisadoras, uma avaliação pessoal daquele relacionamento conjugal. Enquadrando nas categorias felizes ou infelizes no casamento, as pessoas faziam inferências sobre o porquê de tal opção. Tal enquadramento foi, posteriormente, comparado às auto-avaliações feitas pelas entrevistadas.

Foram realizadas três a quatro entrevistas semi-estruturadas, todas gravadas e transcritas nas quais se abordou a história do seu casamento (namoro, início de casamento, momento atual e a projeção para o futuro). Todas as entrevistadas receberam cópias das transcrições de suas entrevistas, momento em que verificavam a adequação do texto produzido por elas.

Para a análise dos dados, utilizou-se a análise do discurso. Inicialmente, fez-se uma leitura cuidadosa das entrevistas para a análise temática, a fim de detectar os tópicos gerais apresentados. Todo processo resultou na identificação de categorias por derivação empírica. Posteriormente, realizou-se nova análise segundo os temas emanados da anterior para o estabelecimento da ordem de importância e a seqüência dos temas encontrados. A reaplicação das categorias resultantes da primeira etapa objetivou identificar a adequação dessas ao texto. Finalmente, realizou-se o reagrupamento das respostas, destacando-se o tipo de estratégia utilizada para o enfrentamento das situações de conflito no casamento. Realizou-se, então, o reagrupamento das respostas, destacando-se o tipo de estratégia utilizada para o enfrentamento das situações de conflito no casamento. Foram também utilizados elementos contraditórios presentes no discurso como mudanças de entonação

empregadas na narração.

As entrevistas foram distribuídas em três grupos:

- mulheres felizes e satisfeitas com o casamento.
- mulheres felizes e insatisfeitas.
- mulheres infelizes com a convivência conjugal.

Os tipos de estratégias foram divididos em formas diretas e formas indiretas (Rocha-Coutinho, 1994). Utilizaram-se as letras do alfabeto para identificação das respondentes. . A idade média das mulheres foi de 48 anos (mínima de 35, máxima de 56 anos). Elas casaram na faixa etária entre os 18 e os 33 anos (média de 23anos). O maior tempo já transcorrido de casamento foi de 34 anos e o menor de 16 (média de 24 anos). Cinco mulheres se casaram na década de 60 (entre os anos 64 e 69), 12 mulheres na década de 70 (entre os anos 71 e 80) e 3 mulheres se casaram na década de 80 (entre 81 e 82).

O uso de estratégias diretas foi utilizado por oito mulheres; uso combinado de estratégias diretas e indiretas, oito mulheres; ou indiretas, quatro mulheres. O tipo de estratégia escolhida por cada uma destacou uma relação de ações para superação ou redução do impacto negativo de situações indesejadas para a diáde. Ao indicarem as estratégias utilizadas por seus companheiros, destacaram o uso de estratégias diretas (treze homens) ou uso combinado de estratégias diretas ou indiretas (dois homens). Em cinco casos, enfatizou-se o uso de estratégia indireta, principalmente o silêncio ou o adiamento da busca de solução dos problemas

Ser direta (no caso feminino) foi valorado positivamente, visto ser expressão de esperteza no trato com o parceiro. Em contrapartida, a diretividade adotada pelos seus companheiros evidenciava intolerância, impaciência e objetividade.

Alguns questionamentos ficaram. Se a pesquisa tivesse sido realizada em mulheres com um status econômico baixo, será que o resultado seria o mesmo? E quanto ao grau de escolaridade? Acredito que o resultado poderia ser diferente, pois suponho que as estratégias utilizadas na conjugalidade são diferentes conforme a localização demográfica, costumes, cultura e a maneira de viver de cada um.

Com tudo que foi apresentado, definimos estratégia como um pensamento acompanhado de uma ação antecipada com a intenção de evitar ou transformar algo que está sendo visto como problema. Haja vista, que não existe casamento sem problemas, as estratégias serviriam como ações materiais, reais que, de certa forma, auxiliariam o casal nos riscos vividos na conjugalidade.

Há muitos casais que, com a chegada dos conflitos, algo inevitável busca soluções para

os mesmos de uma forma muito individual não levando em consideração que a dinâmica de um casamento precisa ser mantida a dois. O casamento implica a construção de uma nova identidade para os cônjuges: dá-se início à vivência do “nós” que, de uma certa forma conduz-nos a uma reorganização tanto interna quanto externa. Diríamos que esta reorganização constituiu um dos pré-requisitos para todas aquelas pessoas que decidem viver juntas.

A pesquisa realizada por Carneiro (2003) teve como objetivo investigar como homens e mulheres das camadas médias da população vivenciam o processo de dissolução do casamento e buscam reconstruir suas identidades individuais, após a separação conjugal.

Foi realizada uma pesquisa de campo com trinta e dois sujeitos (dezesseis mulheres e dezesseis homens), com idade variando de 25 a 35 anos (1^a faixa etária) e de 45 a 55 anos (2^a faixa etária), pertencentes à camada média da população carioca, separados legalmente ou não, do primeiro casamento com duração mínima de três anos, com filho(s) deste casamento, e que ainda não estavam recasados. Os dados foram levantados através de entrevistas semi-estruturadas cuja estruturação invisível contemplou os seguintes temas: desejo de separação, decisão de separação, processo de separação e reconstrução da identidade individual. As entrevistas gravadas e transcritas foram analisadas através da metodologia de análise de discurso, tendo sido privilegiados os aspectos qualitativos.

O desejo de separação aparece tanto na fala das mulheres como na fala dos homens, de ambas as faixas etárias, como um desejo predominantemente feminino. Em relação à decisão de separação, a maioria das mulheres de ambos os grupos descreve como sendo delas a tomada de decisão. O processo de separação foi descrito por homens e mulheres, de ambas as faixas etárias, como muito difícil e sofrido. Nas falas femininas, a desilusão foi muito ressaltada. Em relação ao processo de reconstrução da identidade individual não houve também diferença entre as faixas etárias. A maior parte dos homens relatou como difíceis os primeiros tempos após a separação.

O estudo acima mencionado veio a confirmar o que empiricamente tenho observado na minha vivência clínica. Quando o casal ou um dos parceiros não está feliz na relação, o desejo e a decisão de dissolução da conjugalidade, na maioria das vezes parte da mulher, o que não significa que a intensidade da dor vivenciada, neste processo, por homens e mulheres seja diferente. O que difere é a forma como manifestam seus sentimentos em relação à separação e aquilo que pode tê-la provocado. A narrativa para os homens ainda é uma questão difícil, muitas vezes não encontram palavras para traduzir seus sofrimentos, mal-estares ou até mesmo falar sobre o que estão sentindo. Giddens (1992) postula:

“Deveríamos dizer que muitos homens são incapazes de construir uma narrativa do eu, que lhes permita chegar a um acordo com uma esfera da vida pessoal cada vez mais democratizada e reordenada”. Lulu Santos e Nelson Motta traduziram de uma forma clara esse sentimento o qual me refiro:

Certas Coisas.

*“Eu te amo calado
Como quem ouve uma sinfonia
De silencio e de luz
Nós somos medo e desejo
Somos feitos de silêncio e som
Têm certas coisas que eu não sei dizer”.*

Johnson; Cohan; Davil,; Lawrence; Rogge; Karney; Sullivan; Bradbury (2005) realizaram uma pesquisa com 172 casais recém - casados, os quais foram examinados por quatro anos visando a averiguar a trajetória percorrida quanto as suas satisfações matrimoniais. Habilidades específicas e expressões afetivas foram os aspectos avaliados na solução dos problemas enfrentados pelos jovens casais.

Os participantes foram recrutados a partir do cartório do Condado de Los Angeles, entre maio de 1993 e janeiro de 1994. Os casais recebiam uma carta convidando-os a participarem de um estudo longitudinal com recém casados. Foram enviadas 3606 cartas, sendo que 637 casais (17.8%) expressaram interesse em participar, 41 cartas não chegaram ao destinatário (1.1%); e 2928 cartas (81.2%) não foram respondidas. Os casais que mostraram interesse em participar foram entrevistados por telefone. Para preencher os requisitos, os casais tinham que estar em seu primeiro casamento. Eles precisavam ter mais de 18 anos; ter pelo menos o segundo grau; falar, ler e escrever em inglês; não ter filhos; e não ter planos de deixar a área de Los Angeles. Desses, 344 preencheram os requisitos, mas somente 96%, isto é, 331 casais participaram da análise da pesquisa. Cinco casais esperavam que o tempo fosse bem menor; que seriam apenas três encontros; quatro casais se separaram antes da terceira avaliação, e um casal participou apenas da primeira e da ultima avaliação. E, em três casais, um dos parceiros não mais compareceu, e os dados não podiam ser avaliados apenas por um dos membros da diáde.

Os casais respondiam primeiramente a um questionário que incluía: formulário

demográfico, nível de satisfação conjugal e problemas conjugais. Essas respostas eram dadas individualmente e, posteriormente, realizava-se uma sessão de laboratório onde era observado o debate de duas das suas dificuldades conjugais. Nesses debates, o casal também ficava separado, cada um escolhia um tema para discutir, raramente houve escolha do mesmo tópico para debate. Quando isso ocorreu, foram convidados a escolher um segundo tópico, deixando a primeira escolha para uma próxima discussão.

Seis meses após a sessão laboratório, os casais receberam pelo correio uma caixa com questionários. Um deles avaliava a satisfação conjugal, o MAT (Marital Adjustment Test), que media e avaliava a evolução global do casamento, coesão conjugal, grau de conformidade em vários campos e uma retrospecção supondo se o parceiro casaria com seu cônjuge novamente. Outro avaliava os problemas conjugais, o IMP (Inventory of Marital Problems). Este era usado na identificação de tópicos para resolução de problemas nas discussões; os casais eram orientados por telefone e também por carta para responder aos questionários sem consultar o parceiro. Seis meses depois, houve novamente uma sessão laboratório. Assim foi feito, até se completar os demais encontros. Os casais recebiam \$25 por questionário respondido completamente e \$75 pela sessão de laboratório. O tempo de duração da pesquisa foi de quatro anos, sendo que os encontros ocorriam duas vezes ao ano.

O foco do estudo foi à mudança no nível de satisfação conjugal e não a dissolução do casamento. O estudo mostrou que afetos e habilidades para lidar com o parceiro são aspectos diferentes na comunicação conjugal. A interação entre afetos positivos e habilidades negativas foi particularmente expressiva, indicando que: (a) baixos níveis de afetos positivos e altos níveis de habilidades negativas são um sinal de deterioração na relação conjugal e que (b) altos níveis de afetos positivos funcionam como um escudo para os altos níveis de habilidades negativas.

Essa pesquisa me pareceu bastante trabalhosa e, embora os resultados apresentados, em princípio, possam parecer óbvios, verificamos que houve um estudo meticoloso e uma pesquisa em cima daquilo que, de certa forma, acreditamos ser verdade: Quando o nível do afeto é alto na relação conjugal, há uma maior predisposição para que as habilidades na resolução de problemas sejam desenvolvidas. Gostei do texto porque acredito ser difícil trabalhar com premissas que, em princípio, parecem óbvias. No entanto, foi feito um longo e detalhado trabalho de pesquisa para nos fornecer dados científicos a respeito daquilo que achamos ser verdade.

4.5 – Individualidade X Conjugalidade.

Tudo no Universo é formado por união e geração – pela aproximação de elementos que se buscam um no outro, que se fundem dois a dois e que renascem num terceiro.

Pierre Teilhard de Chardin.

O culto ao individualismo na atualidade é um fator de grande influência na constituição e na manutenção do casamento contemporâneo. Os ideais da nossa época enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Por outro lado, constituir um casal demanda uma área comum de interação, enfim, de uma identidade conjugal. Assim sendo, o casal contemporâneo é confrontado, o tempo todo, por duas forças paradoxais: a individualidade e a conjugalidade. Por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal não deve esquecer que o seu crescimento e desenvolvimento pessoal são de suma importância para sua identidade. Por outro lado, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais.

Singly (1993) ao ressaltar as características individualistas da família e do casal contemporâneo, enfatiza a importância da qualidade das relações estabelecidas entre os seus membros. A relação conjugal vai se manter enquanto for prazerosa e "útil" para os cônjuges. Valorizar os espaços individuais significa, muitas vezes, fragilizar os espaços conjugais, assim como fortalecer a conjugalidade demanda, quase sempre, ceder diante das individualidades.

Giddens (1992) ao discutir a transformação da intimidade nas sociedades ocidentais, ressalta que os ideais de amor romântico, relacionados à liberdade individual e à auto-realização, desligam os indivíduos das relações sociais e familiares mais amplas, demarcando com mais clareza a esfera do relacionamento conjugal, que passa, assim, a ser mais valorizada e priorizada. Enfatiza que o amor romântico, desde a sua origem, suscita a

questão da intimidade e supõe uma comunicação psíquica, um encontro que tem um caráter reparador. O outro preenche um vazio que o indivíduo, muitas vezes, sequer reconhece; a relação amorosa se instala, e o indivíduo, fragmentado, sente-se inteiro. Diz também que o amor romântico era um amor tipicamente feminino, pois cabia às mulheres suavizar as naturezas rudes e instáveis do amado, que se mantinha frio e distante até que seu coração fosse conquistado. Ele nos mostra como os homens foram introduzidos nas transformações que afetam o casamento e as relações pessoais, pelas mulheres. Na medida em que, para os homens, o apaixonar-se permaneceu vinculado à idéia de acesso à mulher, cuja virtude era protegida até o momento em que a união fosse santificada pelo casamento, o amor romântico era desvinculado da intimidade e entrava em conflito com as regras da sedução. Os homens ficaram, assim, especialistas nas técnicas de sedução e conquista e não nas questões de intimidade.

No casamento contemporâneo, os ideais de amor romântico tendem a se fragmentar, sobretudo pela pressão da emancipação da mulher e da autonomia feminina. As categorias de "para sempre e único" do amor romântico não prevalecem na conjugalidade contemporânea. Giddens (1992) denomina de "amor confluente" aquele que presume uma igualdade no dar e receber afeto e se desenvolve a partir da intimidade. Ele conceitua o laço conjugal como "relacionamento puro", tendo em vista que este só se mantém se for capaz de proporcionar satisfações a ambos.

Simmel (1971) vai apontar para as sérias consequências que o ideal contemporâneo de casamento -- no qual se deseja o outro por inteiro e se pretende penetrar em sua intimidade por completo - pode trazer. Os indivíduos têm de funcionar como reservatórios inesgotáveis de conteúdos psicológicos latentes e a satisfação da entrega total podem produzir uma sensação de esvaziamento. Há um aumento das expectativas, uma extrema idealização do outro e uma super-exigência consigo mesmo, provocando tensão e conflito na relação conjugal, o que pode levar à separação.

Um estudo muito interessante foi realizado por Kearns e Leonard (2004) no qual foi examinado o relacionamento entre a interdependência da rede de contato social do casal e a qualidade matrimonial dos mesmos em uma amostra de 347 casais que foram recrutados no primeiro ano de casamento.

Apesar do fato de muitos recém-casados se mostrarem relativamente felizes no primeiro ano de casados, mais de 60% dos primeiros casamentos nos Estados Unidos terminam em divórcio ou separação permanente. Pesquisas indicam que a qualidade matrimonial está diminuindo cada vez mais cedo nos casamentos e que um terço de todos os

divórcios anuais ocorre em casais com quatro anos ou menos de casados. Portanto, é importante identificar os fatores que podem causar o fim, ou a instabilidade em relacionamentos inicialmente satisfatórios.

Muitos estudos investigaram a qualidade e a estabilidade matrimonial a partir de qualidades pessoais ou conjugais. Tão importante quanto esses trabalhos, são a visão de como a qualidade conjugal pode estar relacionada a fatores externos, tais como a exigência da família e dos amigos. Como consequência do casamento, os casais sofrem exigências de dois laços sociais: os seus próprios e os de seus cônjuges. Os casais podem determinar em que grau vai manter separada a rede de amigos, equilibrarem sua própria família e a do seu parceiro e o quanto vão se dedicar a atividades juntos, como casal. Embora essas tarefas sejam iniciadas freqüentemente antes do casamento e continuem por todo o período em que estiverem juntos, os primeiros anos são aqueles nos quais os interesses se confrontam e os conflitos, então, se revelam.

Participaram da pesquisa, como vimos, casais que estavam no seu primeiro casamento, tanto os maridos como as esposas, ambos com mais de dezoito anos e que falassem inglês. As análises foram baseadas em dados obtidos pelos próprios casais, na época do casamento, no primeiro e no segundo aniversário de casamento. As amostras do estudo são referentes aos casais que tenham completado as três entrevistas.

A idade média dos maridos era de 29 anos e das esposas 27 anos. A maioria dos maridos (65%) e esposas (67%) eram americanos europeus. 28% dos maridos e 27% das esposas eram americanos africanos. Foi muito pequena a porcentagem de casais hispânicos, asiáticos e americanos nativos. Aproximadamente 8% dos maridos e 5% das esposas não tinham completado o colegial; 25% dos maridos e das esposas pararam de estudar depois do colegial. Cerca de 39% dos maridos e 40% das esposas fizeram faculdade. Até a data do casamento, 33% dos maridos e 38% das esposas tinham pais vivos. Quase 70% dos casais tinham morado juntos antes do casamento.

Entre 1996 e 1999, casais eram recrutados para uma breve entrevista (5 a 10 minutos) logo após o casamento. A entrevista foi conduzida por um assistente do pesquisador e o foco era basicamente o fator sócio demográfico, fatores familiares e de relacionamento.

Depois da entrevista, os casais eram convidados a participar de um estudo, no qual eram abordados vários aspectos de sua vida adulta, incluindo atitudes e personalidade, nível de estresse, relacionamento social, satisfação conjugal e comportamentos relacionados à saúde. Os casais que concordaram em participar receberam individualmente um livreto com um questionário principal, um livreto de rede de relacionamento e um envelope postado para

o encaminhamento das respostas. Foi pedido que completassem os questionários em duas semanas. Os questionários levavam de 2 a 3 horas para serem completados e cada cônjuge recebeu \$40 pela participação.

Na primeira fase, foram coletados dados de 71% dos 886 eleitos. Só foram considerados os casais que completaram a pesquisa, cujos dados tivessem sido mandados por ambos. Maridos e esposas que completaram os questionários eram em sua maioria americanos europeus. Maridos que não completaram o questionário eram em sua maioria aqueles com um grau de escolaridade superior.

Por volta do segundo ano de casados, os casais recebiam pelo correio questionários semelhantes ao anterior. O procedimento continuava o mesmo. Completaram os questionários 85% dos casais, isto é, 532 casais que tinham participado da primeira vez. Existiu pequena diferença sócio-demográfica entre os casais que completaram todas as fases e os que não completaram. Maridos e esposas que completaram as duas da pesquisa também continuavam sendo os americanos europeus e não tinham filhos. Adicionalmente, esposas que completaram as duas fases da pesquisa, em sua maioria, apresentavam um nível educacional maior que aquelas que só completaram a primeira fase.

Os dados obtidos na terceira fase da pesquisa por ambos os cônjuges pertenciam a 88% dos casais, isto é, 472 casais que participaram da segunda fase da pesquisa. Foram codificados dados de 394 dos 472 casais participantes. Mas apenas 88% destes, isto é, 347 casais participaram do resultado final por terem sido obtidos dados de ambos os cônjuges.

Os resultados do estudo indicaram que, depois do casamento, a rede de amigos e familiares da esposa e do marido torna-se altamente interdependente. Além disso, a interdependência da rede de amigos e de familiares no casamento prognosticou a qualidade matrimonial das esposas no primeiro aniversário de casamento, enquanto a qualidade matrimonial das mesmas prognosticou a interdependência da rede de amigos no segundo aniversário. Não foi observada nos maridos nenhuma destas relações. Os resultados obtidos neste estudo nos mostram uma diferença importante quanto à questão de gênero, para as mulheres há uma relação entre a qualidade da sua conjugalidade com suas relações familiares e seus amigos. Já para os homens esse aspecto não chegou a interferir. Ficou também comprovado que as redes sociais dos casais mudam com a passagem do tempo e com a transição sofrida em virtude do casamento. O primeiro ano de casamento os jovens casais, ainda parecem estar ligados aos seus antigos laços familiares, não que ocorra um desligamento total com o passar do tempo, mas um desligamento gradativo, necessário a qualquer casal que se dispõe a viver suas próprias experiências, a formar uma nova unidade

familiar, com características próprias, somando experiência dos dois, que conseqüentemente trouxeram vivências de suas famílias de origem.

Essa fase da vida conjugal é propiciadora ao início de vários conflitos, como também ao autoconhecimento, que sem dúvida nenhuma será um grande aliado ao processo de individuação.

5 – TIPOS PSICOLÓGICOS.

5.1 - Temperamento e Personalidade.

Parece-nos importante situar o que seja Temperamento e a diferença entre esse conceito e o de Personalidade.

Temperamento é um termo que passou a ser utilizado na Idade Média, geralmente se referindo à teoria dos quatro humores, o que modernamente teria a ver com o substrato biológico do qual a personalidade surge, “o solo constitucional” nas palavras de Millon, ou seja “*a bioquímica, endocrinologia e a estrutura neurológica subjacente à tendência para responder à estimulação de modos particulares*” (1981, p.7). Refere-se, portanto, ao tipo de humor prevalecente, sua intensidade e periodicidade.

Temperamento é um conceito psicológico, assim sendo, procura representar no nível psicológico os “*processos fisiológicos relevantes, inferidos das necessidades observadas no comportamento quanto à atividade, persistência, intensidade, variabilidade e especialmente à estimulação emocional*”. Modernamente, o termo Temperamento foi restringido à disposição do indivíduo à atividade e emocionalidade. (Millon, 1981, p.36).

Outros autores como Bates (1987), reportado em Mathews e Deary (1998, p. 60), além de ressaltarem as origens biológicas das diferenças individuais subjacentes às propensões para se comportar de determinadas maneiras, aponta que as características do Temperamento aparecem muito cedo, e que apresentam certa estabilidade ao longo do tempo e em diversas situações. Para estudar-se o Temperamento, a faixa de idade enfocada é a tenra infância e os primeiros anos, quando as influências sociais ainda não conseguiram sobrepujar este substrato biológico.

Já a Personalidade, sabemos que a origem do termo é grega, se refere às máscaras de representação no teatro, o que traz uma conotação de fingimento, simulação. Com o tempo, seu significado evoluiu para abranger as características manifestadas pela pessoa, e as qualidades psicológicas mais reservadas e não reveladas, mais internas. Aí se aproxima do significado contemporâneo de Personalidade.

Vale lembrar que Personalidade é um termo muito abstrato, excessivamente usado, com ampla significância conotativa, mas com significância denotativa negligenciável. (Millon, 1981, p.6).

As premissas básicas do conceito de Personalidade são de que nela existe certa

estabilidade no tempo, é interna, consistente nas várias situações e difere de pessoa para pessoa. Permite que o indivíduo se identifique a si mesmo e que seu comportamento em determinada situação possa até ser previsto por outros que o conhecem bem.

Millon (1981, p.8) destaca o complexo padrão destas “*características que são profundamente enraizadas e muitas vezes inconscientes, não podem ser erradicadas facilmente, e se expressam automaticamente em quase todas as facetas de nosso funcionamento*”, e que provêm da complexa interação entre as disposições biológicas e das aprendizagens, e passam a marcar a forma de perceber, de pensar, de sentir e de lidar com o mundo.

Situar as diferenças entre os dois conceitos - temperamento e personalidade - é bastante difícil, mas Strelau (1983, apud, Mathews e Deary, 1998, p. 63) relaciona 5 pontos:

1. determinantes: o temperamento, como já vimos, é biologicamente determinado, enquanto a personalidade é determinada, desenvolvida a partir de processos de interação social;
2. estágios de desenvolvimento: enquanto o temperamento se revela desde a mais remota infância, a personalidade se desenvolve e se integra gradualmente, desde a infância; e, em verdade, nunca cessa de se desenvolver;
3. restrição ou não à espécie humana: todos os mamíferos têm temperamento, enquanto somente os humanos têm personalidade;
4. características de comportamento: o temperamento se relaciona mais às características como nível de energia, rapidez de resposta, nível de ansiedade, que são características de forma, enquanto a personalidade tem a ver com o conteúdo e o significado das ações;
5. funções reguladoras: a personalidade imprime uma consistência no comportamento do indivíduo, exercendo um papel central de integração das atividades, que se dirigem a objetivos relevantes para o indivíduo; por outro lado, o temperamento afeta e modifica comportamentos específicos.

Há muitas teorias acerca de personalidade, mas aqui gostaríamos de registrar apenas uma grande divisão entre aquelas que concebem a personalidade como sendo uma estrutura de Traços e as teorias que a concebem com sendo de Tipos. As de Traços se preocupam em determinar as partes constituintes da personalidade, quais e quantas são as suas dimensões ou traços. Admitem que os traços se relacionem de forma hierárquica. Cada traço de nível superior se articula com outros de nível inferior e menos gerais. A força do traço é medida quantitativamente, havendo um continuum do normal ao anormal; a diferença seria

quantitativa, e não devida a fenômenos distintos.

As teorias de Tipos assumem que o todo da personalidade tem propriedades distintas daquelas dos seus elementos constituintes. Não se poderia inferir sobre o comportamento do indivíduo a partir de determinadas características. É necessário ter o conhecimento do todo, que adquire características distintas devido à inter-relação entre as características que advêm de disposições. Millon considera que Tipo é uma série organizada de traços que se combinam para formar um perfil único para cada indivíduo (Millon, 1981, p. 15). A origem do termo Tipo “*deriva do grego typos, que significa modelo, exemplo, símbolo, nesse sentido, nos remete a algo ou um modelo a ser seguido originariamente*”. (Ruby, 1998, p. 34).

As tipologias oferecem vantagens (Millon, 1981, p.17): proporcionam melhor compreensão, fornecendo pouca informação, porém muito significado. Mesmo que dêem maior relevância a algumas características, isto não implica desprezar completamente outras características ou dimensões; ao contrário, significa apenas que lhes dão menor importância.

Os Tipos restauram o todo da personalidade por reunir, integrar, coordenar uma diversidade de características numa só categoria.

5.2 – Histórico: Temperamentos e Tipos.

Jung menciona que, na Antiguidade, os Tipos Psicológicos eram chamados de Temperamentos. (1991[1921], p.499). Desde os tempos mais remotos, para efeito de compreender as diferenças individuais, houve um esforço em reduzir a variedade de comportamentos humanos em categorias que tivessem características comuns.

Podemos citar como exemplo, a China, onde na sistematização do calendário lunar feita em 2637 AC pelo imperador Huang Ti, cada ano do ciclo de 12 foi dedicado a um animal entre: Rato, Boi, Tigre, Coelho, Dragão, Serpente, Cavalo, Carneiro, Macaco, Galo, Cão e Javali. O animal que rege o ano em que o indivíduo nasce imprime características de comportamento na pessoa (Zacharias, 1995, p.66).

A Astrologia é o mais antigo e conhecido sistema Tipológico. Não podemos deixar de ressaltar que o estudo dos astros exerce atração nas pessoas até hoje. Na Mesopotâmia, exerceu muita influência entre os Caldeus, chegou à Síria e ao Egito e, ao Ocidente, através da Grécia e de Roma. Para a Astrologia, a partir da Terra, o cinturão de constelações englobadas no circuito que o Sol faz, ou seja, os planetas e a Lua são denominados Zodíaco.

Na Astrologia Ocidental, este Zodíaco matemático (baseado no Sol, com os Solstícios e Equinócios e dividido em 12 signos) ainda continua seguindo Ptolomeu, mas já incluindo os planetas descobertos “*após o telescópio – Urano, Netuno e Platão – além do Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno*” (Rodrigues, 1997, p.7). Dos 12 signos há sempre três que compartilham características de um dos quatro elementos, que compõem a matéria: Terra, Fogo, Água e Ar. Assim, no elemento Terra, têm-se os signos Touro, Virgem e Capricórnio. No elemento Fogo, temos: Áries, Leão e Sagitário. Ligados ao elemento Água, tem-se Câncer, Escorpião e Peixes, e finalmente, ligados ao Ar, estão Gêmeos, Libra e Aquário.

Umas das premissas da Astrologia é a existência de uma correlação entre os acontecimentos cósmicos e os acontecimentos terrestres; uma coincidência temporal e até espacial, se considerarmos a influência física dos planetas. Portanto, o seu princípio de atuação é a analogia, semelhança ou correspondência (Rodrigues, 1997, p.9). Assim, de acordo com a data e hora de nascimento, a pessoa seria influenciada pelas características do signo e também pela natureza do elemento deste signo (Zacharias, 1995, p.66). Desta forma, este conhecimento permitia ordenar a diversidade de tipos de pessoas, e até estabelecer certa previsão sobre o comportamento.

Na Antiguidade, os médicos procuravam encontrar princípios que permitissem classificar e ordenar as semelhanças e dessemelhanças entre os seres humanos. *Empédocles* foi quem aplicou os mesmos princípios que auxiliavam ordenar os princípios naturais aos seres humanos. Também como na Astrologia, utilizou os quatro elementos naturais (Fogo, Ar, Água e Terra) e relacionou-os com os elementos – Seco, Quente, Úmido e Frio – recebidos da filosofia naturalista dos gregos (Jung, 1991[1921], p.499).

Através dos Gregos e dos Romanos, recebemos uma crença antiga, desenvolvida por *Galen*, médico romano (cerca de 190 A.C) que desenvolveu idéias de *Hipócrates* (400 A.C), de que as predominâncias dos fluidos do corpo determinariam o que queremos e o que fazemos. Os quatro fluidos são: Sangue, a Bílis Negra, a Bílis Amarela e Fleugma (que significa inflamação e queimação em grego – phlegma). De acordo com a predominância de um deles, tem-se então o sistema de classificação em quatro temperamentos ou humores: o Sanguíneo (otimista), o Melancólico (triste, sombrio, depressivo), o Colérico (apaixonado) e o Fleumático (calmo) (Keirsey, 1998, p.23; Zacharias, p.67; Jung, p.499). Pela primeira vez no Ocidente acreditava - se que era a Fisiologia, e não os deuses ou corpos celestes, que determinava nossas atitudes e comportamentos. Esta forma de pensar sobre seres humanos, e também sobre suas doenças, influenciou-nos por cerca de 1800 anos.

Platão, na República, escreveu sobre quatro tipos de caráter muito semelhantes aos desenvolvidos por Hipócrates. Platão estava interessado na virtude e na contribuição de cada um destes tipos para a sociedade. Desta forma, para ele, os “*iconic*” (Artesãos) possuíam um senso artístico e contribuíram para a sociedade no papel artístico. O outro temperamento era o “*pistic*” (*Guardião*) cujos possuidores preenchiam papéis de cuidadores, zeladores da sociedade, dotados que são de bom senso. Colérico era o caráter “*noetic*” (Idealista) com indivíduos mais inclinados a desempenhar um papel moral na sociedade devido à sua sensibilidade intuitiva. E, por último, o “*dianoetic*” (Fleumático) – tipo mais inclinado a desempenhar um papel de pesquisa lógica, dado que seria propenso ao raciocínio (Keirsey, 1998, p.22).

Mais tarde, **Aristóteles** definiu os temperamentos em funções de quatro fontes de felicidade: do prazer sensual – *hedone*; do prazer de aquisição ou posse – *proprietari*; do prazer da virtude moral – *ethikos*; e finalmente, do prazer da investigação lógica – *dialogike*. (Keirsey, 1998, p.23).

Ocorreu um abandono acerca da teoria dos quatro Temperamentos por um período, esta foi então retomada durante a Renascença, quando existiam físicos (“*physicians*” – médicos) que sabiam sobre os humores. **Paracelso** – médico vienense – escreveu, em 1540, um livro denominado *Ninfas, Sílfides, Gnomos e Salamandras*. Para ele, as pessoas Ninfas assim foram caracterizadas por serem inspiradas e apaixonadas, enquanto as Sílfides seriam calmas e curiosas, as do tipo Gnomo, cautelosas e laboriosas, e as Salamandras impulsivas e mutáveis (Keirsey, 1998, p.24).

No século XIX, estas teorias perderam força ficando até esquecidas. Podemos citar **Freud** e **Pavlov** como figuras contribuidoras para esse fato: Freud por considerar que o ser humano era movido pelos instintos, e Pavlov por conceituar que o ser humano respondia aos estímulos do ambiente através de condicionamentos, ou seja, respostas automatizadas.

Já na primeira metade do século XX, alguns teóricos começaram a resgatar essas teorias, isto é, a idéia de temperamentos. Entre os autores que retomaram os quatro Temperamentos podemos citar Adickes, Kretschmer e Spranger. Para **Adickes** (em 1905) as quatro configurações de temperamentos eram: *Inovador, Tradicional, Dogmático e Cético* (Keirsey 1998, p.25). Para **Kretschmer**, (em 1920) os tipos eram: *Hipomaníaco, Depressivo, Hiperestésico e Anestesiado* (Keirsey 1998, p.25). Para **Spranger** (em 1928) – o que diferenciava os tipos de personalidade eram as atitudes de valor, que para ele eram: *Artístico, Econômico, Religioso e Teórico* (Kiersey 1998, p.25).

Jung propôs uma tipologia baseando-se apenas nas manifestações da psique e

apresentou sua teoria num livro intitulado *Tipos Psicológicos* em 1921.

Nossa concepção moderna de “temperamento” tornou-se bem mais psicológica, pois a “alma”, nesses 2000 anos de desenvolvimento, libertou-se dessa vinculação com humores quentes e frios, mucosos e biliosos. (JUNG, C.G.1991[1921], p.499).

Vale lembrar que todo sistema tipológico serve para guiar-nos no entendimento das semelhanças e das diferenças entre as pessoas. É muito raro uma pessoa se aproximar de um tipo puro, pois sua personalidade é uma combinação de suas atitudes e funções.

5.3 - A Tipologia de Jung.

Como citamos anteriormente, **Jung** publicou em 1921 sua obra sobre a Teoria da Personalidade e os Tipos Psicológicos, a qual foi escrita sobre o impacto do seu rompimento com **Freud**. O rompimento se deu devido a diferentes pontos de vista quanto à noção de libido. Para Freud, a proibição do incesto nas culturas evidenciava o forte desejo de praticá-lo e também a necessidade de reprimi-lo.

Podemos verificar nas cartas trocadas por eles a discordância de opinião quanto ao tema. Primeiramente, mostraremos um trecho da carta de Jung para Freud, datada em 17 de maio de 1912.

Na minha opinião, a barreira do incesto não pode ser explicada pela redução à possibilidade de verdadeiro incesto, assim como o culto animal não pode ser explicado por redução à verdadeira bestialidade. O culto animal é explicado por um desenvolvimento psicológico infinitamente longo que é de importância primordial, e não por tendências bestiais primitivas – estas nada mais são do que a pedreira que fornece o material para a construção do templo. (O templo é branco, amarelo ou vermelho, de acordo com o material usado). Como as pedras de um templo, o tabu do incesto é o símbolo ou veículo de um significado especial e mais amplo, que pouco tem a ver com o incesto de verdade, assim como a histeria com o trauma sexual, o culto animal com a tendência à bestialidade e o templo com a pedra (ou melhor, ainda, com a primitiva moradia de cuja forma é derivada). Espero haver-me expressado um pouquinho melhor desta vez. (McGUIRE, 1993, p.510).

A resposta de Freud, datada em 23 de maio de 1912, expõe a divergência que já se estabelecia entre eles.

Na questão da libido, finalmente vejo a que ponto a sua concepção difere da minha. (Estou me referindo, é claro, ao incesto, mas pensando nas suas

anunciadas modificações no conceito de libido). O que não consigo ainda compreender é porque razão o senhor abandonou a concepção mais antiga, e que outra origem e motivação a proibição do incesto pode ter. Naturalmente, não espero que o senhor me explique essa difícil matéria mais plenamente por carta; serei paciente até que o senhor publique as suas idéias sobre o tema. (McGUIRE, 1993, p.511).

Nestas cartas, podemos perceber a diferença do ponto de vista de cada um. Para Jung, o incesto fazia parte de um fenômeno mais amplo do que apenas o simbolismo do desejo sexual.

Jung (1978[1957]) admite em sua autobiografia no livro “Memórias, Sonhos e Reflexões” que a crise gerada pelo rompimento com Freud em 1912 também serviu de motivação para a formulação de sua nova teoria tipológica. “Uma pergunta desempenhou um grande papel na gênese desta obra: em que me distinguia de Freud? E de Adler? Que diferenças havia entre as nossas concepções?” (Jung, 1978b[1957], p.182). Ele acreditava que a diferença entre os tipos de atitude também era um obstáculo para um entendimento teórico entre eles. Segundo Jung (1986[1914]), a obra de Freud tem um caráter tipicamente extrovertido e a de Adler, introvertida. A teoria de Freud privilegia a importância do objeto na determinação do comportamento humano e na teoria de Adler o determinante é o sujeito. Ambas as teorias são válidas, porém, irreconciliáveis devido à diferença de suas premissas básicas quanto à atitude psicológica norteadora.

A preocupação básica de Jung era com a energia psíquica, ou seja, como preferencialmente o indivíduo a canaliza ou a orienta (Sharp, 1987). Em sua prática médica, constatou que, além da diferenças individuais na psicologia humana, havia também diferenças de tipos. Em um congresso em Munique, Jung (1991[1913]) apresentou em uma conferência para psicanalistas, o primeiro esboço do que viria a ser a teoria dos tipos baseada na existência de diferenças de atitudes psicológicas entre as pessoas de um modo geral. Nesta palestra, ele explicita publicamente a existência de questões dos tipos na psicanálise representados por Freud e Adler. A teoria de ambos era unilateral e a peculiaridade de cada um fazia com que cada qual só visse seu ponto de vista. Jung (1986[1914]) conclui que a diferença entre estas duas atitudes gera uma problemática que se estende a todos os campos da ciência e da vida em geral em que a psicologia humana desempenha papel decisivo. A personalidade de um indivíduo é de tal forma influenciada pelas características que esses dois mecanismos, introversão e extroversão, imprimem no comportamento humano, que a primeira grande diferenciação tipológica foi a partir das atitudes.

Quando observamos o desenrolar de uma vida humana, vemos que o destino de alguns é mais determinado pelos objetos de seu interesse e o de outros mais pelo seu interior, pelo subjetivo. E, como todos pendemos mais para este ou aquele lado, estamos naturalmente inclinados a entender tudo sob a ótica de nosso próprio tipo. (JUNG, C.G.1991, p.19).

Assim, Jung diferencia os tipos gerais de atitudes em indivíduos, que se distinguem por seu comportamento em relação ao objeto, em Introvertido e Extrovertido. O Introvertido está sempre preocupado em retirar a libido do objeto, como também em prevenir-se contra um superpoder que este (o objeto) possa ter. O Extrovertido comporta-se de modo positivo diante do objeto, orienta-se por ele e a ele se reporta; aparentemente, afirma sua importância na medida em que, constantemente, orienta-se por ele. Mas, no fundo, o objeto nunca apresenta valor suficiente, motivo pelo qual sua importância é aumentada.

Podemos definir atitude como uma disposição da psique de agir e reagir em certa direção, mesmo que essa disposição seja algo inconsciente.

Ter atitude significa: estar pronto para algo determinado ainda que este algo seja inconsciente, pois ter atitude é o mesmo que direção apriorística para o determinado quer seja ele representado ou não. (JUNG, C.G. 1991[1921], p.395).

Nenhum ser humano é puramente introvertido ou extrovertido. Podemos afirmar que todos nós temos as duas atitudes; o diferencial está na maneira como lidamos com a nossa vida, se favorecendo mais uma atitude introvertida ou uma atitude mais extrovertida. A dominância de uma das atitudes é que dará o tipo de atitude predominante na nossa consciência. Em uma mesma família, há tipos de atitudes diferentes; mesmo supondo que os pais sejam introvertidos, estes podem ter filhos tanto introvertidos como extrovertidos. Os tipos de atitudes se distribuem aleatoriamente; “*de acordo com esses fatos, o tipo de atitude, na condição de fenômeno geral e de distribuição aleatória, não pode ser objeto de decisão e intenção conscientes, deve necessariamente agradecer sua existência a um fundamento inconsciente e instintivo. A oposição de tipos, como fenômeno psicológico geral, tem que ter, de qualquer maneira, seus antecedentes biológicos*” (Jung, 1991[1921], p.317).

Dentro de um enfoque biológico, a relação entre sujeito e objeto é considerada uma relação de adaptação, a qual pressupõe modificações a ambos, através de influências recíprocas.

A adaptação consiste nestas freqüentes mudanças. As atitudes típicas de introversão e extroversão são, pois, processos de adaptação. Nós encontramos na natureza dois tipos fundamentais de adaptação que asseguram a existência dos organismos vivos. A primeira consiste em sua alta taxa de fertilidade, com baixo poder de defesa e curta duração de vida para o ser individual. A segunda consiste em equipar o ser individual com numerosos meios de auto-preservação com uma baixa taxa de fertilidade. Jung viu nesta diferença biológica os fundamentos reais para os dois modelos psicológicos de adaptação que encontramos nas pessoas. (VARGAS, N.S. 1981, p.9).

Jung concebe a psique como um sistema auto-regulador, o qual está sempre em busca de equilíbrio e de desenvolvimento. Assim sendo, seu sistema tipológico não é diferente; no extrovertido, o fluxo de energia consciente flui para o mundo externo e uma contracorrente vem do objeto para o inconsciente, e daí para o Ego. Então, o que ocorre é uma corrente consciente de energia do Ego para o objeto, e uma inconsciente, de volta do objeto para o sujeito. O contrário se dá com o introvertido, cujo fluxo de energia consciente flui do objeto para o Ego, o objeto sendo sentido como se impondo ao sujeito. Com isso, não se dá conta do fluxo de energia inconsciente com o qual ele carrega o objeto externo.

O tipo extrovertido habitualmente é governado pela atitude extrovertida. Seu fluxo de energia, seu interesse, sua atenção são dirigidos para fora, para o mundo exterior, para os objetos. Esse tipo se caracteriza por ser mais social, afirmativo, expressivo, vive em constante doação e intromissão em tudo. Já o tipo introvertido tem seu fluxo de energia, interesse e atenção dirigidos para dentro, para o mundo interno, para os estados subjetivos de consciência. Assim sendo, sua tendência é defender-se contra as solicitações externas, prefere a solidão ou a companhia de poucos amigos.

O introvertido é espontaneamente muito preocupado em se relacionar com aquilo que percebe, enquanto o extrovertido busca naturalmente meios de expressão e comunicação com o que por ele é percebido. No primeiro, o sujeito é o centro de todo o interesse e a importância do objeto resume-se na maneira com que ele afeta o sujeito; no extrovertido, é o objeto que determina o foco de seu interesse.

A natureza introvertida é platônica, na medida em que é espiritualizada e percebe em formas simbólicas, enquanto a natureza extrovertida é aristotélica na medida em que é prática e constrói sólidos sistemas a partir do mundo exterior. Não é por coincidência que Platão descreveu o “eidos” e Aristóteles a “physis” com tanta maestria e profundidade. (VARGAS, N.S. 1981, p.11).

Como vimos, as atitudes extrovertida e introvertida são categorias amplas e gerais.

Ao longo do tempo, sempre alerta em suas observações, Jung percebeu que entre os extrovertidos e os introvertidos havia diferenças tipológicas enormes, embora os introvertidos reagissem de maneira análoga frente aos objetos, o mesmo se dando com os extrovertidos. A partir de observações empíricas, Jung chegou à conclusão de que essas diferenças dependiam do uso preferencial que os indivíduos faziam de uma ou outra função psíquica.

Sob o ponto de vista energético, a função é uma forma de manifestação da libido que, sob condições diversas, permanece, em princípio, idêntica a si mesma; seria como a força física que pode ser considerada, de certo modo, a manifestação da energia física. Distingo ao todo quatro funções básicas: duas racionais e duas irracionais, respectivamente, o pensamento e o sentimento, a sensação e a intuição. Não posso indicar um motivo a priori por que considero estas quatro como funções básicas. Só posso dizer que foi fruto de longos anos de experiência. Distingo essas funções entre si porque não podem ser relacionadas umas às outras. (JUNG, C.G. 1991[1921], p. 412).

Como vimos, para Jung há quatro funções: pensamento, sentimento, sensação e intuição, espécie de pontos cardeais de orientação para a consciência.

Da mesma maneira que a disposição inata e circunstâncias externas dão lugar ao predomínio ou da extroversão ou da introversão, elas favorecem também o predomínio de uma das funções básicas da consciência do indivíduo. Quando uma das funções predomina de modo habitual, define-se o tipo correspondente.

Cada função pode existir em uma das duas atitudes, por exemplo, sentimento extrovertido e sentimento introvertido e assim por diante. Diante dessas combinações, podemos dizer que há oito tipos potenciais, cada um deles sendo o modelo tipológico de funcionamento do consciente de cada indivíduo.

A SENSAÇÃO constata, essencialmente, que algo existe, ela registra conscientemente fatos exteriores e interiores de modo perceptivo e irracional constituindo-se como a “função do real”. O PENSAMENTO diz o que esse algo significa, pois é o meio pelo qual nosso ego estabelece uma ordem lógica racional (em conformidade com a razão em geral) entre objetos. O SENTIMENTO dá valor a esse algo e estabelece uma hierarquia de valor. Quando bem desenvolvida, é uma função racional que nos posiciona naquilo que é mais importante mais agradável e que vale a pena. A INTUIÇÃO supõe e pressente sobre o “de onde” o objeto se constitui. É uma forma inconsciente de perceber em essência as futuras possibilidades do seu objeto imediato. (RUBY, P.1998, p.39).

A função que predomina, e que é também a mais desenvolvida e consciente, é chamada de “*função superior*” e a menos desenvolvida, mais inconsciente, é chamada de “*função inferior*”. Jung nos alerta para o fato de chamá-la de inferior apenas no sentido psicológico, e não no sentido psicopatológico, pois estas funções que ficaram para trás não são doenças, apenas retardadas em vista da função principal. (Jung, 1991[1921], p.413).

Vale lembrar que as quatro funções foram definidas por Jung a partir da observação empírica e forneciam os dados necessários para a orientação e posicionamento da nossa consciência, tanto em relação ao mundo externo como ao mundo interno.

Jung, ao finalizar a descrição das quatro funções, constatou que o padrão quaternário está presente no simbolismo religioso e mitológico associado à idéia de totalidade e é, portanto, uma estrutura básica da psique, ou seja, um padrão arquetípico.

A imagem primordial que também chamei de “arquétipo” é sempre coletiva, ou seja, é, no mínimo, comum a todos os povos e tempos. Provavelmente são comuns também a todas as raças e épocas os principais motivos mitológicos. Pude constatar a existência de uma série de motivos da mitologia grega nos sonhos e fantasias de negros de raça pura que sofriam de doenças psíquicas. (JUNG, C.G. 1991[1921], p.419).

Há maneiras diferentes de apreender situações, se assim não fosse como poderíamos entender as reações de outras pessoas que nada tem a ver com as nossas reações diante do mesmo fato?

Existem maneiras de apreensão consideradas irracionais e outras consideradas racionais. Pode ser considerada irracional, quando a situação é apreendida diretamente sem a mediação que envolveria uma reflexão. Já a categoria racional, implicaria num passo além da realidade da experiência, pertence à “função pensamento” e à “função sentimento”, pois estas julgam e avaliam. A categoria irracional pertence à “função sensação” e à “função intuição”, que são percepções.

A “sensação” constata a presença das coisas, seu enfoque é na experiência direta dos sentidos. E a partir dos nossos sentidos, é que entramos em contato com os detalhes e características de tudo que está a nossa volta. Ela compreende todas as experiências produzidas por estímulos dos órgãos do sentido: visão, audição, paladar, olfato e tato, assim como as que se originam dentro do corpo. A sensação não deve incluir nenhum juízo, nem ser influenciada ou dirigida. As pessoas com a função sensação superior tendem a responder à situação imediatamente, lidando de modo efetivo e eficiente com todos os tipos de crise e

emergência. Em geral, trabalham melhor com instrumentos e utensílios do que os outros tipos.

Já a “intuição” difere da sensação no seguinte sentido: na sua experiência de perceber algo, a pessoa não sabe dizer por que percebe determinadas coisas, sua visão é mais geral, enxerga as coisas como elas são, mas sem estar ciente de que está percebendo detalhes específicos.

Os dados de nossa percepção não somente são uma coisa, mas também já foram e serão”. Portanto, estes dados representam, num determinado momento, uma fase de um processo de transformação, pois em última análise nada é permanente, pois tudo se transforma. Assim, aquilo que percebemos contém características que lembram o passado e fazem pressentir o futuro. Estas características podem estar mais ou menos presentes na forma atual e são captadas pela intuição. Esta seria então uma capacidade para apreender a origem ou o destino das coisas. (VARGAS, N.S.1981, p.12).

A intuição vai aparecer na consciência como se fosse uma percepção pura, mas na verdade não é. Ela chega à experiência imediata por processar, de maneira rápida e automática, os dados relevantes das experiências relacionadas ao passado ou ao futuro. É uma função pouco usada em nosso cotidiano. Mas, em situações desconhecidas, quando nos encontramos em terrenos nunca antes percorridos, surgem, como por encanto, soluções que a princípio nos parecem mágicas; ficamos “inspirados” e, imediatamente, utilizamos nossa função intuitiva como algo natural.

Sensação e intuição são funções irracionais, um par de opostos e, na medida em que uma é superior, a outra será inferior.

O pensamento é a função esclarecedora do significado das coisas, portanto esta função julga e exclui, para definirmos o que as coisas são. Apreende as coisas na sua especificidade, as diferencia do que elas não são. Relaciona-se com julgamentos derivados de critérios impessoais, lógicos e objetivos.

O sentimento como função é um processo subjetivo que se realiza entre o ego e um dado conteúdo, atribuindo a este um valor definido no sentido da aceitação ou rejeição deste conteúdo. O sentimento é uma apercepção de valor, podendo ser ativo ou passivo. O ato de sentir ativo atribui valores a partir do sujeito. O sentimento ativo é um processo dirigido, um ato de vontade. O sentir passivo se caracteriza pelo fato de um conteúdo estimular ou atrair o sentimento, forçando a participação sentimental do sujeito. Estes não são apenas percebidos,

mas também julgados. Chega-se a uma avaliação sobre os objetos em questão, se são aceitáveis ou não; agradáveis ou não e assim por diante. Há, portanto, uma razão para o julgamento. Não podemos confundir um tipo sentimento com uma pessoa cheia de sentimentos. Um tipo sentimento pode dispor de seus sentimentos de uma maneira diferenciada, aparentando muitas vezes ser uma pessoa distante e desinteressada.

Como o sentimento é uma função de julgamento, a valorização através do sentimento é feita a cada conteúdo da consciência, seja ela da espécie que for. Se a função predominante na consciência for o pensamento, quando surge o sentimento este só não é reprimido para fora da consciência na medida em que se adaptar às relações intelectuais.

Jung (1991[1921]) admite que o sentimento é um conceito muito impreciso e que apresenta enorme variação e ambigüidade. E também que expressa algo característico e apreensível em sua existência e, quando a intensidade aumenta, surge um afeto. Para Jung, afeto é o mesmo que emoção, um estado de sentimento que ao atingir certo grau de intensidade, liberta inervações corporais, causando alterações no comportamento. Segundo ele, há sentimentos de fatos mentais que não se fazem acompanhar de mudanças fisiológicas; são sentimentos de fatos mentais que não apresentam natureza emocional e não mudam a condição fisiológica e assim, se diferenciam das emoções que estão acompanhadas de enervações fisiológicas. Entre afeto e sentimento existe uma questão de grau. Se houver um valor excessivamente forte, a tendência é que o sentimento se intensifique, causando enervações e se torne afeto num dado momento. (Jung, 2003a [1935]).

O fato de que as atitudes e as funções possam ser exercidas de modo consciente e inconsciente, confere-lhes características diferentes, próprias destas duas dimensões. Na dimensão consciente, são mais diferenciadas, discriminadas e disponíveis para o uso que a pessoa necessita fazer delas, estando assim a serviço do Ego. Quanto mais inconscientes, mais primitivas e toscas serão, sendo arcaicas e tendo um grau de autonomia grande em relação ao Ego, e não estando assim a serviço do Ego. A função superior torna-se, então, a função dominante de adaptação, conferindo à atitude consciente, sua direção e qualidade. Toda função superior, então, terá uma tendência a comportar-se de certa maneira, do mesmo modo que a inferior, não importando qual seja, tem também um padrão geral de comportamento

5.3.1 – A Função Inferior.

Para uma investigação mais apurada da tipologia dos casais pesquisados, consideramos de suma importância para este trabalho um detalhamento da função inferior assim como Jung e colaboradores a conceberam.

Para Jung (1991[1921]) a função inferior é aquela que ficou para trás em termos de diferenciação. Ela é constituída pelos elementos rejeitados e reprimidos que são incompatíveis com a consciência.

Podemos dizer que a função inferior faz a ponte para o inconsciente e para o mundo simbólico; de modo geral, ela é lenta e imatura, ao contrário da superior que trabalha de modo adaptado e rapidamente. Outro aspecto importante do funcionamento da função inferior é a sua sensibilidade e tirania. Quando a função inferior é tocada, a pessoa pode tornar-se terrivelmente infantil e ameaçado e não aceitar nenhuma crítica. Isto nos leva a acreditar que as feridas de uma personalidade estão correlacionadas com esta função.

A função inferior tem uma grande carga emocional. As pessoas facilmente se emocionam, quando entram no campo da sua função inferior. O lado negativo disto é que esta intensa emotionalidade faz com que a pessoa não consiga receber críticas ou ajuda; já o lado positivo, é que temos aí o campo mais aberto para entrar em contato com as feridas e aspectos negligenciados da personalidade. Ela está contaminada por conteúdos afetivos, os complexos, que podem dominá-la, repercutindo de forma negativa no comportamento e perturbando o equilíbrio psíquico. Ela é inacessível à vontade e à intenção consciente. Como a sombra é composta também por esses elementos, ela está associada à função inferior e se expressa através dela. Assim, os complexos podem se manifestar através da função inferior de forma negativa. Se excluída da dinâmica da personalidade, a função inferior passa a ser uma via de expressão de elementos inconscientes. Sua ação influencia de modo secreto a função superior e evidencia uma parcela pouco desenvolvida da personalidade. Von Franz (1990) reitera que a função inferior pode servir ao inconsciente, permitindo a expressão deste e também como forma de expansão da consciência. Por estar mais próxima do inconsciente, ela tem a vantagem de estar contaminada pelo inconsciente coletivo e assim, pode restaurar a conexão com o inconsciente pessoal. Desta forma, ela pode ser o recurso do inconsciente na luta pela constituição do ser individual, pois os elementos rejeitados, reprimidos ou projetados das funções precisam ser integrados para o desenvolvimento da personalidade como um todo. A função inferior insiste em ser reconhecida e admitida em

sua devida importância a fim de se coordenar com o ego e assim estabelecer uma ponte entre os dois sistemas.

A função inferior está relacionada ao inconsciente, às fantasias, à sombra e aos complexos. Funciona como via de expressão de conteúdos incompatíveis com a consciência e de conteúdos mais primitivos que estão na base da psique, de símbolos do si-mesmo. Nos estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo, Jung (1988[1951]) verificou que nos sonhos o si-mesmo se expressa empiricamente como personalidade superior ou como símbolo de totalidade. Por um lado, a função inferior se comporta de forma autônoma, indisponível à consciência.

“Ela não depende do eu, mas do si-mesmo”. (JUNG, C. G. 2001[1933], p.541).

Por outro lado, mantém sua atividade e, assim, abre espaço para a totalidade do ser humano, que é constituída pela consciência e pelo inconsciente. A manifestação da função inferior é tanto mais evidente quanto maior for à unilateralidade da atitude da consciência. A situação de equilíbrio psíquico pode ser interrompida caso o uso de uma função e atitude seja excessivamente privilegiado pelo sujeito ou pelo ambiente.

Jung (1991[1921]) adverte para a questão da unilateralidade:

“A função compensatória do inconsciente se manifesta com tanto maior clareza quanto mais unilateral for à atitude consciente; e disso dão muitos exemplos a patologia”. (JUNG, C. G. 1991[1921], p.426).

Jung (1991[1921]) adverte que, se nos identificarmos somente com a função, seremos seres coletivos, mas estranhos a nós mesmos. Se durante o desenvolvimento o indivíduo diferencia apenas uma função, as demais ficarão sombreadas e mescladas a elementos inconscientes. O autor observou essa questão também em obras posteriores:

“É sensível a perda no domínio da consciência, por faltar ao menos uma das quatro funções de orientação, e justamente a função oposta à função superior ou principal”. (JUNG, C.G. 1980[1940], p.245).

Para Jung (1991[1921]) o que regula a dinâmica das funções é a função compensatória do inconsciente. Quando uma função se constela na consciência, a oposta se constela no inconsciente a fim de equilibrar os processos psíquicos, atendendo ao mecanismo de auto-regulação da psique. Normalmente, a relação do inconsciente com a consciência ocorre sem atritos, complementando a situação da consciência. A colaboração do inconsciente tem a finalidade de manter o fluxo entre os sistemas. Até mesmo quando se comporta em oposição à consciência, sua expressão é compensatória na tentativa de retornar o equilíbrio (JUNG, C. G. 2001[1939]).

5.4 - Descrição das Tipologias segundo Jung.

A seguir, faremos uma descrição resumida dos tipos caracterizados por Jung (1991[1921]), dentro da sua tipologia psicológica. Realçaremos as principais características de cada tipo, descrevendo seus padrões de adaptação mais comuns e específicos, assim como suas dificuldades.

5.4.1 - Tipo Pensamento Extrovertido – Sentimento Introvertido Inferior.

O tipo pensamento extrovertido lida com dados e fatos externos incríveis, com grande facilidade, devido ao seu interesse por princípios lógicos e sistemas.

As pessoas deste tipo conseguem colocar ordem nas situações externas, mesmo quando caóticas. Revelam ainda uma grande habilidade para discernir o que é essencial, colocando a ênfase nos objetos e não nas idéias. Quanto mais unilateral for sua tipologia, mais tendencioso serão em fazer as suas atividades dependerem de conclusões intelectuais, que nada mais são do que dados objetivos.

Sua intelectualidade é objetivamente orientada e, por ela determinam o que é certo e o que é errado. Esta submissão ao que é intelectual não fica restrita a elas, mas ao meio ambiente que as cerca.

Seu principal interesse de trabalho é em pesquisas, coleta de dados como também na aplicação tecnológica. Devido a esses interesses, estes tipos são freqüentemente encontrados em administradores, advogados, cientistas, organizadores e em pessoas com postos de comando dentro de uma organização ou mesmo em cargos governamentais.

Jung, (1991[1921]) cita Darwin como um exemplo característico do tipo pensamento extrovertido. Sua mente está direcionada para o que é externo; em geral, não tem muito a dizer sobre sua pessoalidade, tampouco a respeito de suas idéias subjetivas. Está mais ocupado em refletir objetivamente, do que meditar a respeito dos significados subjetivos que um determinado assunto possa ter.

Leva sua vida resolvendo problemas, organizando tarefas relacionadas aos seus negócios. Com isso, suas ligações afetivas, idéias, pessoas em geral nunca aparecem claramente em sua vida diária. Mas quando cai na sua função inferior, começa a se perguntar o porquê de estar vivendo. Quando sozinho, pergunta-se se seu trabalho é realmente importante para ele.

Já as pessoas com o tipo sentimento introvertido muitas vezes são mal entendidas, por este sentimento não aparecer, sendo assim taxadas de frias. Como aqui o sentimento introvertido é a função inferior este se revelará então, mais absoluto e escondido.

Os pensamentos introvertidos estabelecem relações de lealdade muito fortes, porém invisíveis. Quanto aos seus sentimentos, estes com freqüência não se manifestam. Como o sentimento é inconsciente e não desenvolvido, e como vimos absoluto e primitivo, pode irromper nestas personalidades através de um fanatismo destrutivo ou com súbitas conversões religiosas.

O sentimento introvertido inconsciente é freqüentemente pueril, não raro ligado ao mundo da infância e da mãe.

Nos tipos que têm como função auxiliar a sensação, vamos encontrar os melhores organizadores e brilhantes pesquisadores que, devido ao acúmulo de dados, chegam às leis gerais.

Já nos que possuem intuição como função auxiliar, encontraremos aqueles com uma boa capacidade de intuir o futuro, além de serem pessoas muito ocupadas.

5.4.2 - Tipo Pensamento Introvertido – Sentimento Extrovertido Inferior.

O tipo pensamento introvertido lida mais com as idéias do que com fatos. Sua principal atividade não é tentar colocar ordem nos objetos externos, pois sua necessidade de ordem está voltada para o mundo interno, para dentro de si mesmo, para o seu interior. Seu lema é: sempre ter as idéias claras, para se chegar a algum lugar. Clareia suas confusões, pesquisando a fundo seus próprios pensamentos.

Classicamente é o pensador teórico ou o cientista; é do tipo que está sempre examinando suposições básicas ou formulando novas abstrações a partir de observações. Os fatos são deste modo, intrinsecamente menos interessantes para ele.

Além disso, lida extremamente bem com as idéias, mas costuma ficar ansioso e ter dificuldades na hora de externá-las. Nos mais variados campos do conhecimento humano, o tipo pensamento introvertido é o que tenta clarear as teorias básicas do que está sendo pesquisado; o que prefere analisar o mundo a percorrê-lo. Encontramos este tipo entre matemáticos, pois, estes lidam com puras abstrações. Jung (1991[1921]) cita como exemplo deste tipo Kant.

Seu sentimento extrovertido, normalmente é forte, leal e flui para objetos definidos.

Mas, por ter a característica de inferior, costuma ser muito radical. Faz julgamentos afetivos intensos e calorosos, ou é amor ou ódio, bom ou ruim, preto ou branco, além de ser facilmente influenciável por outras pessoas e também pela situação coletiva do momento. Seu sentimento costuma ser de uma fidelidade indescritível, muitas vezes exagerado.

Como não há discriminação nenhuma neste sentimento, apenas expressão do mesmo, às vezes acaba destruindo tudo por onde passa. Quando se tem um sentimento diferenciado há ponderações nestes sentimentos, o que não acontece com o sentimento inferior de um tipo pensamento extrovertido - e aqui está a grande diferença entre o sentimento inferior e o diferenciado. As pessoas que têm um sentimento diferenciado não apresentam reações sentimentais fortes: elas sabem que, em tudo ou em qualquer situação, haverá um lado positivo e outro negativo.

Os portadores do tipo sentimento extrovertido inferior podem escolher como companheiros pessoas ótimas, adequadas, ou as mais inadequadas possíveis. A função inferior apresenta estes aspectos: ou se tem um funcionamento extremamente profundo e adequado, ou totalmente inadequado. Lembrando que este tipo dispõe de uma grande fidelidade, com isso, pode vir a arruinar sua vida por permanecer preso afetivamente àqueles que atuam inadequadamente diante da vida.

Quando este tipo tem como função auxiliar a sensação, estamos diante de pessoas muito organizadas, com grande clareza de pensamento.

Quando a função auxiliar é a intuição, vamos ter aqueles que vivem mentalmente ausentes, pensam em profundas teorias, mas ao mesmo tempo, revelam grande dificuldade de voltar para o aqui e agora.

5.4.3 - Tipo Sentimento Extrovertido – Pensamento Introvertido Inferior.

O tipo sentimento extrovertido caracteriza-se por fazer uma adequada avaliação dos objetos externos pelo sentimento e também por uma apropriada relação com estes objetos. São capazes de avaliar o lado negativo e positivo das pessoas e fazem amigos com facilidade.

Geralmente são pessoas bem adaptadas, conseguem facilmente o que desejam inclusive que as pessoas queiram lhe dar aquilo que estão desejando. Lidam bem com o meio ambiente: com isso, a vida se desenvolve favoravelmente a elas. Sabem ser agradáveis, comunicando coisas que criam uma atmosfera de aceitação do outro em relação a si próprio.

Jung enfatiza a diferença entre a função Sentimento e Emoção.

...Sentimento não tem manifestações físicas ou fisiológicas tangíveis, enquanto a emoção é caracterizada pela condição fisiológica alterada. ... Mas quando você tem um Sentimento você tem controle. Você está a cavaleiro da situação e pode dizer. 'Eu tenho um sentimento muito bom ou muito mal sobre isto'. Tudo está quieto, e nada acontece" (JUNG, C. G. 1970, p. 26).

São freqüentemente capazes de se sacrificar pelos outros, pois possui grande habilidade de sentir objetivamente a situação dos demais. Isto é, são extremamente capazes de captar o que deve e/ou precisa ser feito para o outro e fazê-lo, mais rápido do que qualquer outro tipo.

Como já mencionamos acima, esse tipo faz amigos com facilidade e possuem também uma grande capacidade para escolher aqueles com quem quer se relacionar. Porém, suas escolhas ficam dentro dos padrões aceitos socialmente, permanecendo fiel às convenções em relação as suas escolhas. Relacionam-se com os sentimentos dos outros, não com suas idéias e sempre em função de valores e ideais afetivos. Como são orientados pela extroversão, estes ideais e valores são aqueles passados pelas suas famílias ou por tradições sociais.

O tipo sentimento extrovertido, como tem seu pensamento introvertido inferior, era de se esperar que não gostasse de pensar, como de fato acontece principalmente o pensar introvertido, que se interessa pelas questões básicas da vida, por princípios filosóficos e abstrações.

No tipo sentimento extrovertido os pensamentos ficam como que voando em volta de suas cabeças. Marie – Louise von Franz em seu livro: A tipologia de Jung – A função inferior (1995[1971] p.71) ilustra muito bem esta afirmativa. "Num tipo sentimental, é assim que os pensamentos operam: são pensamentos pássaros que pousam em sua mente e voam para longe. Antes de ele poder dizer: O que eu estou pensando? o pensamento já se foi".

Quando os pensamentos negativos são deixados de lado, jogados, como não pertencentes ao próprio indivíduo, esses vão ficando cada vez mais inconscientes, e mais fortes, a ponto de fazerem com que o indivíduo sejam possuídos por eles. Como no sentimento extrovertido os pensamentos são introvertidos, freqüentemente se voltam contra o próprio sujeito. Por essa razão, é importante ele se confrontar com esses pensamentos primitivos que surgem e desaparecem rapidamente em sua mente. Se não há confronto, há negação e, havendo negação, esses pensamentos podem trazer uma visão cínica da vida. Pensam, por exemplo, que não são ninguém, que suas vidas são desprovidas de mérito.

Esses pensamentos na maioria das vezes são compulsivos, primitivos e indiferenciados e costumam surgir quando o sujeito está em depressão ou quando se introvertem. Normalmente esse tipo não lida bem com solidão, e o pensamento inferior pode levá-lo à introversão e a pensamentos que podem ser assustadores. Podem também adotar algum sistema já estabelecido e definido, de maneira quase fanática, como uma maneira de escapar desses pensamentos.

Quando este tipo possui como função auxiliar a sensação, são pessoas que, além da adequação no seu relacionamento, têm uma visão clara do outro, como também do que o outro despertou nele.

Quando a função auxiliar é a intuição, apresentam uma visão do futuro com muita clareza. Estão sempre dispostas a fazerem o que as demais pessoas estão precisando no momento, mas também o que lhes vai ser útil no futuro.

5.4.4 - Tipo Sentimento Introvertido – Pensamento Extrovertido Inferior.

Pessoas do tipo sentimento introvertido são freqüentemente melancólicas, geralmente inacessíveis, silenciosas. Em razão disso, difíceis de serem entendidas.

Seu jeito de lidar com vida, sua forma de mostrar-se ao mundo exterior é harmoniosa, dando a impressão de ter sempre uma resposta afável e simpática para dar ao mundo, sem ter o mínimo desejo de querer impressionar ou mudar os outros. Algumas vezes podem aparecer indiferentes aos outros, negligentes, no mundo da lua. Suas relações afetivas são mantidas no seguro caminho do meio, com expressões sentimentais muito pobres. Diante disso, seus companheiros muitas vezes se sentem desvalorizados, chegando a apresentar sintomas destinados a chamar sua atenção.

Sua adaptação à vida é principalmente pelo sentimento; possuem emoções intensas, mas, quase nunca são expressas, só em situações muito íntimas. Como sua aparência externa é reservada, muitas vezes são acusadas de não terem sentimentos.

São freqüentemente incompreendidas, pois seu sentimento subjetivo as faz ocultar os motivos reais de sua conduta; agravando-se a isso, seu pensamento extrovertido inferior que as deixa com maior dificuldade de dar explicações convincentes do seu modo de agir.

Jung (1991[1921]) usava o seguinte ditado para caracterizar este tipo: “as águas mansas são as mais paradas”.

Costumam transmitir pela sua conduta um padrão bem discriminado de valores; devido

a isso, exercem certa influência ética em seu ambiente, mesmo tendo dificuldade para se expressar. Com seu desenvolvido sentimento introvertido discriminam muito bem os fatores realmente importantes. Conseqüentemente, este tipo costuma exercer certa superioridade sobre as pessoas, pelo fascínio dos seus secretos sentimentos.

As pessoas que têm o pensamento extrovertido como inferior, apresentam tendências a ser tirânico ou rígido o que leva estas pessoas, às vezes a quererem impor seus pensamentos sobre fatos e não a ter um processo vivo de contraste entre o pensamento e o fato.

Nos casos em que a função auxiliar é a intuição, costumam serem indivíduos com grande capacidade de apreender o sentido do futuro das coisas.

Já nos casos em que a função auxiliar é a sensação, serão indivíduos com grande capacidade de organização, capazes de se relacionar bem com os objetos e, principalmente, com as sensações subjetivas.

5.4.5 – Tipo Intuição Extrovertida – Sensação Introvertida Inferior.

O tipo intuição extrovertida inclui os grandes iniciadores de projetos, levando outras pessoas a compartilhar com eles ou a segui-los nestes caminhos. Como aqui a intuição é preferencialmente voltada para o mundo externo, vai ser exercida no sentido de perceber o que ainda não é visível, potencialidades ou futuras possibilidades que estão por vir.

Como a intuição é a função pela qual concebemos as possibilidades, esse tipo corresponde aos inovadores, aqueles que percebem ou abrem novos caminhos. Normalmente são pessoas que se dão bem no mundo dos negócios, empresários com a coragem de investir em algo novo, naquilo que a maioria das pessoas nem pensariam em apostar, especuladores, apostadores da bolsa de valores, olheiros, aqueles que pelo faro são capazes de reconhecer hoje o artista desconhecido e que, no futuro, será reconhecido.

Os intuitivos são freqüentemente vagos, imprecisos e impontuais. Aborrecem-se com a rotina ou com a espera para que as coisas produzam resultados mais significativos. Para que possam colher frutos da intuição, é necessário manter distância das coisas; não podem olhar com os olhos muito abertos e nem muito precisos, para que a inspiração vinda do inconsciente tenha condições de desabrochar. A inspiração aparece quando não se tem um olhar focado nos fatos reais.

Como já dissemos os intuitivos não gostam de rotinas, por isso mesmo acabam por não colher frutos de sua criatividade. São capazes de implantar um novos projetos, vencer as

dificuldades dos primeiros tempos e deixar tudo para trás. Com isso, os que estão ao seu lado acabam por colher os frutos plantados por sua criatividade. Isso só não ocorrerá quando o sentimento e o pensamento bem desenvolvidos ajudarem a sua permanência.

Como o intuitivo introvertido, freqüentemente, este tipo não dá atenção ao seu próprio corpo e as suas necessidades físicas, não sendo capaz de perceber se está cansado ou se está trabalhando excessivamente, e só uma crise de esgotamento, uma doença qualquer que o jogue na cama será capaz de conscientizá-lo disso.

Como sua sensação é inferior, voltada para o indivíduo, e, como todas as funções inferiores, também é lenta, primitiva e carregada de emoções. Seu entusiasmo por novas idéias e possibilidades pode reprimir suas sensações, a ponto de não se aperceber de duras realidades, em especial as objetivas.

Quando a função auxiliar desse tipo é o pensamento, são os raciocínios lógicos que vão ajudar esse tipo a não ficarem preso as suas intuições, desligando-se da realidade da vida.

Já quando a função auxiliar for o sentimento, será a lógica dos sentimentos que fará esse papel.

5.4.6 – Tipo Intuição Introvertida – Sensação Extrovertida Inferior.

Indivíduos do tipo intuição introvertida são altamente sensíveis aos estímulos subliminares e a impressões sutis de outros planos de consciência, tendo deste modo, grandes habilidade précognitiva. Eles revelam a mesma capacidade inovadora, as mesmas inspirações e a capacidade de realizar certas adivinhações a respeito do futuro como os intuitivos extrovertidos. Só que aqui a intuição se dirige para o mundo interno. É a este tipo que geralmente pertencem os sonhadores, místicos, artistas, videntes e profetas religiosos.

No caso dos profetas, suas percepções estão conectadas com a consciência coletiva, apreendendo grandes panoramas sociais e culturais de transformações. E em um nível mais primitivo, ele – o intuitivo introvertido é o feiticeiro que transmite aos homens o que Deus e os espíritos estão planejando ou desejando dos homens. Às vezes, são artistas que produzem uma arte visionária, que só vai ser entendida por gerações posteriores como representações do que se passava no inconsciente coletivo daquela época.

Como sua sensação extrovertida é inferior, e por isso inconsciente, arcaica e primitiva, a instintividade e a intemperança são características desse tipo.

Jung (1991[1921]) dizia que estas características da função inferior davam certo peso a

estas personalidades para compensar o excessivo ar rarefeito das alturas em que vive sua consciência, evitando assim uma completa sublimação.

As pessoas deste tipo demonstram grande dificuldade de controlar seus apetites, pois essa função tem dificuldade de informar a si mesmo as necessidades do próprio corpo. São vagas no que diz respeito a fatos, e seus relatos devem ser tratados com cuidado. Pela sua falta de concentração na situação externa e em observar fatos, são capazes de relatar absurdos e jurar que são verdadeiros. Apresentam também grande dificuldade em se aproximar do sexo, pois este envolve muito sua função inferior.

O aspecto positivo da função inferior fica claro quando chegam a vivências de êxtase, quase sempre via percepção de um objeto externo (descobrem Deus no reflexo da luz que se reflete em um lago). Quando sua função inferior os toma a ponto de ficarem a mercê de bens ou de necessidades materiais, sua criatividade passa a não ser usada, com isso não criam mais.

Quando a função auxiliar é o pensamento, este é que refletirá sobre as imagens internas, o significado e o sentido que elas terão.

Já nos casos em que a função auxiliar é o sentimento, teremos a reflexão, isto é, saberemos se essas imagens são agradáveis ou não, que sentimentos despertam e como são entendidas a partir dessas emoções.

5.4.7 – Tipo Sensação Extrovertida – Intuição Introvertida Inferior.

O tipo sensação extrovertida é o que tudo observa e tudo registra. Mostra grande talento para perceber os objetos do mundo externo e se relacionar com eles de uma maneira prática e concreta. É o tipo que, após um evento social, por exemplo, é capaz de relatar com detalhes tudo que lá se encontrava tais como pessoas, objetos de decoração, vestimentas etc. Relaciona-se de maneira rápida e objetiva com os objetos externos.

Costuma ser eficiente e prático: o que importa para ele é a descrição minuciosa e exata dos objetos, repelindo as questões teóricas de caráter geral. Possui um agudo senso para valores práticos, para fatores políticos e econômicos. Não dá a menor importância para a vida subjetiva que para ele parece coisa inútil e, ao mesmo tempo, mórbida. Costuma ser uma companhia agradável por sua capacidade de gozar a vida. Mas se não tomar cuidado, deixando a sensação predominar poderá tornar-se um indivíduo que só procura o prazer ou o senso estético.

Jung, (1991[1921] p.346) dizia: “*este tipo só respira à vontade diante da realidade palpável e é, neste aspecto, de uma credulidade indescritível. Sem refletir, atribuirá sem hesitação a causa de um sintoma psicogênico às oscilações barométricas*”.

Indivíduos deste tipo costumam estar sempre bem vestidos, com acessórios selecionados; gostam também de uma boa comida e se preocupam com a apresentação desta. Não basta a comida ser gostosa, tem que ter uma boa aparência.

Quando a sensação está muito exagerada, podem vir a desprezar tanto o pensamento como o sentimento, considerando o pensamento como algo muito abstrato, e o sentimento como algo muito subjetivo.

Sua intuição pouco desenvolvida não somente é falha ou segue pistas erradas como apreende possibilidades negativas das representações internas. Qualquer tipo de intuição para este tipo é desagradável.

A intuição introvertida inferior deixa o indivíduo freqüentemente com pressentimentos negativos, premonições desastrosas de caráter negativo como de doenças ou de alguma desgraça que possa lhe acontecer. Algumas pessoas desse tipo, mesmo sendo muito realistas, costumam apresentar uma grande atração por seitas estranhas, podendo até se perder dentro desses movimentos pela total falta de crítica.

Quando o tipo sensação extrovertida apresenta como função secundária o pensamento, essas pessoas obedeceriam mais a critérios lógicos de reflexão.

Já quando a função secundária ou auxiliar é o sentimento, o critério obedecido seria o de reflexões sentimentais.

5.4.8 – Tipo Sensação Introvertida - Intuição Extrovertida Inferior.

O tipo sensação introvertida tem a notável e quase fotográfica capacidade para absorver e reter impressões detalhadas. Seu maior foco de interesse se dá pelos acontecimentos internos, percebendo-os e gravando-os. Os atos externos também são percebidos com exatidão, mas a ênfase e riqueza de percepção estão nos acontecimentos subjetivos. Ao olharmos para uma pessoa com sensação introvertida, podemos ter a impressão de serem parados, lentos e, às vezes meio bobos, pois nada sabemos do que se passa com eles. As percepções internas são rápidas e vão fundo, porém isso não aparece, pois a reação externa surge de modo mais lento.

A intuição inferior é semelhante à do tipo sensação extrovertida, pois também tem uma

qualidade fantástica e sobrenatural, mas comumente se refere ao mundo externo, impessoal. O movimento vem do objeto para o sujeito.

Para esse tipo as possibilidades futuras não existem; vivem como se as coisas não fossem mudar, são presos ao aqui e agora da realidade concreta. Só com a lenta perda do domínio da função superior é que a função inferior pode ir sendo assimilada. No caso de se sentirem forçados a utilizar a função intuição inferior mais rapidamente, costumam ter sintomas de vertigens, pois se sentem como que retirados do seguro mundo da realidade, onde estão presos.

Quando nesse tipo a função auxiliar é o pensamento, suas ações levam muito em conta critérios e valores lógicos, sendo muitas vezes um realista rude.

Já quando a função auxiliar é o sentimento, seu pensamento será mais irracional, inconsciente e pueril, sendo assim guiado em suas relações pelos sentimentos.

5.5 - Tipologias segundo o Questionário de Avaliação Tipológica – QUATI.

Como utilizamos o Questionário de Avaliação Tipológica – Quati, na primeira fase da pesquisa, faremos um breve resumo do que Zacharias (1995) denominou de Foco de Atenção, Funções Perceptivas e Funções Avaliativas. Logo em seguida descreveremos apenas as Tipologias: Sentimento Extrovertido com Função Auxiliar Intuição e Sentimento Extrovertido com Função Auxiliar Sensação, devido ser essas as usadas na segunda parte da pesquisa. A descrição das demais Tipologias segundo o Quati estará em anexo.

5.5.1 - O Foco de Atenção – Atitude.

5.5.1.1 - Introversão – I

O Introvertido orienta-se por fatores subjetivos, dirige a sua atenção para o seu mundo interior de impressões acerca do mundo. É introspectivo e aprecia mais a companhia de livros do que de pessoas. Caracteriza-se por certa hesitação diante da ação necessária, isto é, tende à reflexão, e a refletir antes de agir. Normalmente, mostra-se controlado e retraído, exceto quando em companhia de pessoas íntimas. Está mais voltado para atividades solitárias e que se processam em seu interior; prefere compreender a realidade antes de posicionar-se nela.

5.5.1.2 – Extroversão – E

O extrovertido orienta-se pelo que é objetivamente dado, ou seja, dirige a sua atenção para o mundo externo de fatos, coisas e pessoas. Aprecia a ação e se expressa melhor falando do que escrevendo; gosta mais de ouvir do que ler. Caracteriza-se por certa impulsividade diante do mundo, precisando experimentar as coisas e situações. Gosta de movimento e mudanças constantes, pode ser agressivo e agir impensadamente. Gosta de arriscar e sempre tem uma resposta imediata para qualquer situação.

5.5.2 – Recebendo Informações - Funções Perceptivas.

5.5.2.1 - Intuição – In.

O tipo intuitivo parte do que está percebendo no momento, mas esta não é sua preocupação. Está mais interessado nos significados, nas relações e nas possibilidades futuras inerentes ao que está percebendo. Observa o todo e não as particularidades de uma situação, as linhas de direção ou idéias gerais subjacentes aos detalhes aparentes e ordenados. Buscam novas soluções, novas estratégias para os problemas, e tende a farejar possibilidades e a ter atitudes imprevisíveis. Prefere planejar a executar e torna-se muito útil quando é necessário avaliar uma situação sem dados suficientes.

5.5.2.2 - Sensação – Ss

O sensitivo confia em seus órgãos dos sentidos para compreender objetivamente uma situação. Está mais interessado no aqui e agora, no dado imediato e real. Prefere trabalhar com dados reais e objetivos, sendo assim prático e realista. Sua impressão do mundo não é influenciada pela imaginação. Observa os detalhes e não se prende à visão geral do todo. Tem facilidade para lidar com objetivos e máquinas que exijam precisão e cuidados. Gosta de manter as coisas funcionando; prefere executar a planejar e necessita de dados concretos para avaliar uma situação.

5.5.3 - Tomando Decisões - Funções Avaliativas.

5.5.3.1-Pensamento – Ps

O reflexivo está atento à causalidade lógica de seus atos e dos eventos. Incluem na sua avaliação os prós e os contras de uma mesma situação e busca um padrão objetivo da verdade. Gosta da organização e da lógica, baseando sempre seu julgamento em padrões universais e coerentes, ao invés de valores pessoais. Voltado para a razão, muitas vezes mostra-se frio em seus julgamentos, porém consegue uma análise isenta de julgamentos pessoais e de significado geral.

5.5.3.2- Sentimento – St

O sentimento, para Jung, não deve ser confundido com a emoção, mas está ligado à dimensão valorativa das pessoas e coisas; um valor pessoal e não geral como o pensamento.

O sentimental toma decisões com base em seus próprios valores pessoais (ou de outras pessoas), mesmo que estas decisões não tenham lógicas e objetividade alguma. Sempre vai levar em conta o que sente (valor) em relação a algo, como também os sentimentos dos outros; assim, as idiossincrasias humanas são respeitadas. Voltado para as relações pessoais, mostra-se receptivo e bom para lidar com pessoas. Tem forte atração pela história e pelas tradições.

5.5.4 - Descrições Básicas dos Tipos Psicológicos descritos no QUATI, que foram utilizados na pesquisa.

5.5.4.1 - Extrovertido, função principal sentimento, função auxiliar intuição, função menos preferida pensamento.

E St In

As pessoas deste estilo cognitivo irradiam calor humano e simpatia. Sua atenção está voltada para os que as rodeiam, pois valorizam muito o contato humano. Geralmente são amistosas, cheias de tato e capazes de entrar em sintonia com os outros. Mostram-se também perseverantes, conscientes e ordeiras, mesmo em assuntos de menor importância, e

esperam que os outros também se comportem assim. São geralmente muito sensíveis a manifestações de aprovação e sofrem com manifestações de indiferença por parte dos que lhes estão próximos, já que muito do prazer a da satisfação que auferem em suas vidas provêm do calor humano dos que lhes estão próximos. Mostram a tendência a idealizar excessivamente as pessoas, causas ou instituições que admiram, pois concentram sua atenção nos aspectos mais positivos delas.

Uma de suas maiores qualidades é a sua capacidade de valorizar a opinião alheia. Mesmo quando confrontados com opiniões conflitantes, elas conseguem manter a fé de que, de algum modo, é possível chegar a uma conclusão harmoniosa; e muitas vezes conseguem que isto aconteça. Para que reine a harmonia, estão sempre prontas a concordar com opiniões alheias, dentro dos limites do razoável. Cabe aqui uma advertência: é importante que elas se precavenham, pois há perigo de se concentrarem tanto naquilo que os outros pensam que perdem de vista suas próprias opiniões.

Seu interesse maior é enxergar as possibilidades além daquilo que está presente, que é óbvio ou conhecido. A intuição aguça sua curiosidade por idéias novas, sua visão do futuro e sua capacidade de penetrar além do conhecido. São geralmente pessoas que se interessam pela leitura e pela teoria. É provável que expressem bem suas idéias, mas que usem esta facilidade, principalmente, quando têm de falar em público e não tanto quando escrevem. Aliás, pensam melhor quando estão falando com outras pessoas do que sozinhas.

Profissionalmente, desempenham-se melhor em suas carreiras e profissões quando se dedicam a criar um clima de cooperação entre as pessoas. Assim sendo, encontramos muitas pessoas deste estilo cognitivo em funções como o ensino, o trabalho pastoral, o aconselhamento e o trabalho de vendas em geral. Provavelmente não se sentirão muito felizes em funções que exijam uma aderência muito grande aos fatos - de contador, por exemplo, a menos que consigam encontrar uma forte razão pessoal para fazer este trabalho. Precisa, normalmente, fazer um esforço todo especial para serem breves e objetivas e não deixar que suas inclinações à sociabilidade interfiram em suas atividades profissionais. Estas pessoas tendem a basear suas decisões em seus valores pessoais. Embora apreciem bastante as coisas decididas e encaminhadas, não querem necessariamente que todas as decisões sejam tomadas por elas próprias. Um dos perigos que ameaçam as pessoas deste estilo cognitivo é o chegar à conclusão um tanto apressadamente, sem antes ter procurado abranger a situação como um todo. Elas precisam levar em conta que, se não gastarem o tempo e a energia suficientes para adquirir um conhecimento seguro sobre pessoa ou situação, é possível que suas ações não tragam os resultados esperados. Por exemplo, geralmente quando iniciam um novo projeto ou

tarefa, começam por executar aquilo que elas acham que deveria ser feito em lugar de se dar um tempo para refletir e descobrir o que é exigido pela situação e o que é necessário fazer. Aliás, elas correm o risco de estar sempre repletas de “dever-se-ia e não se deveria” bastante contundentes, além de tender a expressar estas suas opiniões sem muita censura.

Além disso, parece que é difícil para as pessoas com este estilo cognitivo admitir a verdade nua e crua a respeito dos problemas e das pessoas com as quais se sentem emocionalmente envolvidas. Portanto, é importante que elas reconheçam que, se recusarem a encarar certos fatos desagradáveis simplesmente irão ignorar seus problemas em vez de procurar uma solução para eles.

5.5.4.2 - Extrovertido, função principal sentimento, função auxiliar sensação, função menos utilizada pensamento.

E St Ss

As pessoas que relatam estas preferências irradiam calor humano e simpatia. Sua atenção está voltada principalmente para o ser humano, pois valorizam muito o contato interpessoal. Mostram-se amistosas, cheias de tato e capazes de entrar em sintonia com as outras pessoas. São perseverantes, conscientes e ordeiras, mesmo em assuntos de pouca importância, e esperam que os demais também se comportem como elas. São muito sensíveis a manifestações, tanto de interesse quanto de desinteresse, pois em grande parte o prazer e a satisfação que auferem em suas vidas provêm do calor humano que percebem nas pessoas que estão à sua volta. Este tipo psicológico tem tendência a idealizar bastante as pessoas, instituições ou causas que admira, pois concentra sua atenção nos aspectos mais positivos delas. São também extremamente leais.

Uma de suas maiores qualidades é a capacidade de valorizar as opiniões alheias. Mesmo quando confrontadas com pontos de vista de vista conflitantes, conseguem manter a fé de que, de algum modo, será possível chegar a uma conclusão que harmonize os diversos pontos de vista em questão, algo que freqüentemente conseguem. Sendo a harmonia tão importante para elas, estão sempre prontas para concordar com as opiniões alheias, dentro dos limites do razoável. Cabe aqui uma advertência: é importante tomar cuidado com esta tendência, pois existe o perigo de que se concentrem tanto nas opiniões que percam de vista as próprias.

Estas pessoas estão primordialmente interessadas na realidade que é percebida através dos órgãos dos sentidos, mostrando-se, portanto, práticas, realistas e com os pés firmemente plantados no chão. Concentram-se bastante nas características únicas de cada experiência, sendo também capazes de apreciar e aproveitar aquilo que possuem. Gostam de novidades e variedade, mas também são capazes de se adaptar à rotina.

As qualidades deste tipo psicológico manifestam-se mais plenamente em atividades nas quais é necessário lidar com os demais, demonstrando boa-vontade e habilidade em conseguir a cooperação de outras pessoas. Portanto, encontramos muitas pessoas deste tipo psicológico em ocupações tais como: ensino, trabalho pastoral, a área de vendas. Sua capacidade de compaixão, acompanhada de uma aguda preocupação com as condições físicas, faz com que sejam atraídas para as profissões da área de saúde. Nesse campo, podem propiciar aos que estiver sob seus cuidados, uma grande dose de conforto e calor humano. Por outro lado, não é provável que se sintam felizes em profissões e ocupações que exijam o domínio de idéias abstratas e análise impessoal. É interessante notar que estas pessoas pensam melhor quando estão falando com outras e gostam muito de conversar e de bater papo sem compromisso. Portanto, quando necessário, têm de fazer um esforço todo especial para serem breves, objetivas, e para que sua grande sociabilidade não lhes atrasse o cumprimento de outras tarefas profissionais (em outras palavras, gostam de jogar conversa fora nas horas de trabalho). Este tipo psicológico prefere basear seus planos e decisões em fatos comprovados e valores pessoais. Apreciam situações decididas e acomodadas, mas não necessariamente, ter de tomar todas as decisões. Aliás, um dos perigos que rondam as pessoas deste estilo cognitivo, é o de chegar freqüentemente a conclusões precipitadas, antes de ter compreendido a situação como um todo. É importante também que percebam que, se não gastarem suficiente tempo e energia para adquirir um conhecimento seguro a respeito de uma pessoa ou situação, é provável que suas ações não alcancem os resultados esperados. Quando começam um novo projeto ou tarefa, mostram a tendência de começar a fazer aquilo que elas acham que deveria ser feito, em lugar de parar para pensar e descobrir o que resultaria mais útil ou necessário. Estas pessoas têm sempre regras definidas sobre tudo e todos, expressando sua opinião com franqueza às vezes excessiva.

Por ser extremamente difícil para elas admitir a verdade sobre os problemas e as pessoas com as quais estão envolvidas emocionalmente, correm o risco de se recusar a reconhecer fatos desagradáveis e enfrentar críticas que podem ser dolorosas; como consequência, o que lhes irá acontecer, será tentar ignorar seus problemas em lugar de procurar encontrar soluções.

6 – OBJETIVOS.

6.1 - Objetivo Geral.

A presente pesquisa tem como objetivo identificar os conflitos vividos na vida conjugal de casais que possuem a mesma tipologia. A tipologia escolhida para esse trabalho foi a Sentimento Extrovertido, segundo Jung (1991[1913]).

A partir deste objetivo levantaremos hipóteses sobre as possíveis relações entre a tipologia específica e os conflitos.

6.2 - Objetivos Específicos.

Realizar um levantamento da literatura especializada sobre conflitos conjugais e tipos psicológicos, descritos pela psicologia analítica.

Avaliar a potencialidade da entrevista de profundidade como recurso para o estudo da relação entre a tipologia e os conflitos conjugais.

7 - MÉTODO.

Neste estudo, adotamos uma metodologia qualitativa. Esta propõe uma abordagem compreensiva e interpretativa dos fenômenos psicológicos; por esta razão, esta metodologia revela-se adequada a uma pesquisa em psicologia analítica. É importante ressaltar que, ao colocarmo-nos como pesquisadores estaremos imersos em um processo de produção de conhecimento. Este processo de conhecimento é uma construção, não uma realidade pronta. O ato de construir algo, como o conhecimento, é um processo vivo, e como tal, encontra sua legitimidade na capacidade de produzir, permanentemente, novas construções em seu desenvolvimento, mediante ao confronto do pensamento do pesquisador com os múltiplos eventos empíricos que poderão ocorrer no processo investigativo.

A pesquisa qualitativa também envolve a imersão do pesquisador no campo da pesquisa, considerando este como o cenário social em que tem lugar o fenômeno estudado em todo o conjunto de elementos que o constitui, e que, por sua vez, está constituído por ele. O pesquisador vai construindo, de forma progressiva e sem seguir nenhum outro critério que não seja o de sua própria reflexão teórica, os distintos elementos relevantes que irão configurar no modelo do problema estudado. (REY, F. G. 2005, p.81)

Rey (2005) também nos diz que fazer ciência é manter o desafio de desenvolver nossos pensamentos em relação ao modelo teórico em construção, que nos permite significar aspectos diferentes do problema estudado, fato que ocorre em um processo permanentemente desafiador à criatividade do pesquisador.

Penna (2003) aponta que, em psicologia analítica, o mundo externo e o inconsciente são vivenciados pelo ego como “outro”. Isso acarreta diversos tipos de conexões entre o eu e o outro. (sendo esse outro tanto o de fora como o de dentro) tais como: diferença e similaridade; união e separação; oposição e complementaridade. Ela nos diz também que, do ponto de vista metodológico, é importante analisar as particularidades dessa relação para assegurar que um conhecimento científico seja produzido. No contexto da pesquisa, o pesquisador e o pesquisado formam um par de opostos complementares, sendo que a distinção entre as duas entidades é sempre indispensável.

Faria (2003) faz uma síntese do método qualitativo aliando o mesmo ao pensamento de Jacoby (1995) que nos pareceu bastante esclarecedor. Postula que o papel do investigador é colocar-se num movimento de afastamento e envolvimento em relação ao investigado,

sentindo e percebendo o outro, assim como ocorre no processo analítico. Olhando por esse prisma, exigem-se do pesquisador algumas condições, tais como, capacidade de observação tanto de si próprio como do outro, colocar-se no lugar do outro, ter abertura para fazer uso das funções da consciência: o pensamento, o sentimento, a intuição e a sensação. Faria (2003) enfatiza que é preciso ter abertura para aquilo que vem de si e do outro.

Para consecução desta pesquisa, inicialmente procedeu-se ao levantamento bibliográfico. Para realizar a revisão utilizou-se, como critério, a seleção de artigos de pesquisas publicados em periódicos e/ou dissertações e teses. O estudo foi realizado através do levantamento bibliográfico de artigos científicos publicados em revistas indexadas, utilizando como estratégia de busca a pesquisa digital de artigos originais entre 1999 e 2006 sobre o tema conflito conjugais e tipos psicológicos. Os termos utilizados para a busca foram: casamento, conjugalidade, conflitos conjugais, tipos psicológicos. Os artigos foram selecionados de acordo com a presença dos termos em questão nos artigos encontrados.

7.1- Procedimentos

A presente pesquisa constou de duas fases. O objetivo da primeira fase era, inicialmente, o de selecionar casais com tipologias opostas, (ex: pensamento extrovertido x sentimento introvertido), porque imaginávamos que em casais com tipologias opostas ficariam mais evidentes os conflitos advindos das diferenças tipológicas.

Com esta finalidade foi aplicado nos casais participantes o Questionário de Avaliação Tipológica (QUATI) versão II. O presente questionário foi desenvolvido no Brasil no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, dirigido à população brasileira e à sua cultura. Este questionário é resultante de estudos realizados por José Jorge de Moraes Zacharias, que buscou um aprofundamento necessário para desenvolver sua dissertação de mestrado sobre tipologia e relações de aprendizagem em 1989, dando continuidade aos seus estudos para o doutorado no qual desenvolveu uma tese que analisa perfil de personalidade com base na abordagem tipológica. Foram realizados estudos de validação em 1999 com 311 estudantes universitários e 877 estudantes do segundo grau que mostraram um alto grau de aceitação das descrições obtidas – 96,5% e 92,24% respectivamente, indicando que os resultados do QUATI poderiam ser usados com uma boa margem de validade. Estudo posterior de Moraes (2001) apontou que a escala Sensação-Intuição deveria ser aperfeiçoada por não ter sido representada adequadamente no QUATI.

Novos estudos psicométricos foram realizados em 2003, a fim de obter através do método de teste-reteste a precisão do QUATI. Com uma amostra de 52 sujeitos, sendo 34 do sexo feminino (65,4%) e 18 do sexo masculino (34,6%), com escolaridade variando entre o Ensino Médio e Superior. As idades dos sujeitos variaram entre 18 e 34 anos com uma média de 21,9 anos e um desvio padrão de 3,88. Os coeficientes de correlação obtidos entre o teste e o reteste para as diferenças considerando o sinal algébrico foram de 0,85 para R1 (Introversão-Extroversão), 0,65 para o R2 (Intuição e Sensação) e 0,83 para o R3 (Pensamento e Sentimento), estatisticamente significantes ao nível de 0,01. Comparando o resultado das duas pesquisas podemos dizer que são semelhantes em relação às dimensões Introversão e Extroversão e Pensamento e Sentimento. Já para a dimensão Intuição e Sensação os coeficientes encontrados são bastante distintos.

Vale lembrar, que no manual de aplicação do QUATI, qualquer diferença inferior a cinco pontos deve ser vista com cautela, pois, não é estatisticamente significativa. Gostaríamos então de deixar registrado esse dado, para entrarmos também em conformidade com a pesquisa e adaptação do mesmo.

O QUATI é reconhecido pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP). Sua utilização se destina à identificação tipológica em organização, educação e clínica. O mesmo foi baseado em uma pesquisa realizada por Wheelwright (1973), realizada em parceria com Gray no início dos anos 40, na qual desenvolveram perguntas para que fosse possível identificar aspectos tipológicos dos indivíduos, “type surveys”.

Antes da aplicação do QUATI foram explicados os objetivos da pesquisa; posteriormente foi entregue aos casais um termo de consentimento livre e esclarecido contendo o nome da pesquisa, assim como, o nome, endereço, telefone e documento (RG) da pesquisadora.

O questionário foi respondido por cada casal em sessões separadas, segundo possibilidade de horário da pesquisadora e dos casais participantes.

Demos início, então, à aplicação do questionário, que demorou em média para cada casal, trinta minutos, aproximadamente. Após a aplicação foi feita a correção do questionário de cada um da diáde que formava o casal, mas para a surpresa da pesquisadora nenhum dos casais apresentou tipologias opostas. Por outro lado, dos vinte e quatro casais, quatro apresentaram a mesma atitude e a mesma função, isto é, a mesma tipologia (Sentimento Extrovertido). Por esta razão pensamos, em realizar o trabalho a partir das tipologias semelhantes.

Após a obtenção dos resultados do QUATI, cada casal participante foi convocado pela pesquisadora, para uma entrevista devolutiva, na qual foi dada a explicação do tipo psicológico que foi verificado no resultado do Questionário e também as razões pelas quais alguns não foram selecionados para dar continuidade à pesquisa.

Os casais selecionados foram então convidados a participar da segunda fase da pesquisa, cujo procedimento utilizado foi o da entrevista de profundidade. A entrevista de profundidade permite que os conteúdos investigados emirjam, de modo a atingirmos dinâmicas mais profundas da psique.

Esta fase consistiu de quatro encontros com cada casal selecionado. Ressaltamos para os participantes que o objetivo desses encontros não era o fornecimento de soluções para os conflitos conjugais ali levantados, mas sim uma investigação dos mesmos, para então relacioná-los, ou não, com a tipologia descrita por Jung.

Os objetivos dos encontros foram:

- 1º. Encontro- identificar os conflitos conjugais que cada componente do casal estava vivendo.
- 2º. Encontro- levantar as diferenças e semelhanças entre eles quanto à percepção dos conflitos apresentados.
- 3º. Encontro- verificar como cada um avaliava essa vivência.
- 4º. Encontro- avaliar com os casais os conflitos vividos que emergiram nos encontros anteriores e a possível influência da tipologia nesses conflitos, assim como apontar possibilidades de superação.

Os Encontros.

Primeiro Encontro.

Neste primeiro encontro apresentamos ao casal o Termo de Compromisso do Pesquisador para que fosse lido por eles, com a intenção de reafirmar o caráter científico do trabalho como também apresentamos outro termo de Consentimento Livre e Esclarecido para ser assinado em duas vias, a fim de que os dados colhidos nos encontros futuros pudessem ser utilizados pela pesquisadora quando da realização do seu trabalho. Ambas as vias foram assinadas pelo casal e pela pesquisadora. Também foi salientado o compromisso da pesquisadora em manter sigilosa a identidade do casal, este primeiro encontro não utilizamos o gravador, apenas explicamos o objetivo da pesquisa e como ela seria realizada.

Após todos os esclarecimentos foi solicitado pela pesquisadora que cada membro do casal preenchesse uma ficha de identificação (Anexo) e que respondesse a duas perguntas: Quais os motivos que os levaram a participar da pesquisa? E também: quais os conflitos enfrentados no casamento?

Os casais preencheram a ficha de identificação, responderam às duas perguntas realizadas pela pesquisadora e foram dispensados. Vale lembrar, que nenhum membro da diáde comentou com o outro membro, neste momento, os conflitos que estavam relacionando na folha de papel oferecida pela pesquisadora.

Segundo e Terceiro Encontros.

No segundo e terceiro encontros foram levantados os conflitos conjugais apresentados pelo casal, como os mesmos são vividos e que influências exercem no cotidiano de cada um.

Quarto Encontro.

No quarto encontro, relacionamos os conflitos conjugais apresentados por cada membro da diáde do casal, com o objetivo de levantar possibilidades de percepção para com os conflitos apresentados. Oferecer condições para que cada membro do casal possa fazer uma avaliação da vivência conflituosa apresentada por eles, relembrando aspectos pontuais que cada tipologia apresenta e, se esta pode influenciar no dia-a-dia dos mesmos. Também procuramos mostrar que a tomada de consciência a respeito do seu tipo psicológico poderá ser um recurso importante para o entendimento e a possível resolução desses conflitos e dos possíveis desencontros causadores de tanta dor.

7.2 – Participantes.

Nossa pesquisa empírica constou de dois momentos: num primeiro momento entrevistamos casais que estavam se dispondo a participar do trabalho de pesquisa. Desses, foram recrutados vinte casais e, posteriormente mais quatro casais que apresentaram os seguintes requisitos determinados pela pesquisadora.

- a) Estar casados entre 5 anos e 25 anos.
- b) Co-habitar no mesmo local, isto é, morar juntos.
- c) Idade superior a 20 anos e inferior a 55 anos.
- d) Ser um casal heterossexual.

- e) Mostrar interesse em participar da pesquisa, caso fosse selecionado.

Os casais tomaram conhecimento da pesquisa através de contatos pessoais, diretos ou indiretos. Alguns casais foram convidados a participar da pesquisa pela pesquisadora, outros foram sugeridos por amigos da pesquisadora como também, pelos próprios casais escolhidos anteriormente.

Nos vinte e quatro casais, foi aplicado o QUATI (Questionário de Avaliação Tipológica – versão II), sendo este, o procedimento que auxiliou e determinou junto aos requisitos acima citados, a escolha de casais que vieram a participar da segunda parte da pesquisa. O QUATI foi escolhido em função de ser um teste aprovado pelo CRP de São Paulo.

Desses 24 casais, quatorze tinha entre 5 e 8 anos de casados, quatro casais estavam entre 12 e 18 anos e seis casais entre 21 e 25 de casados. Apenas um casal já estava aposentado, os demais continuavam em atividade profissional, em relação aos homens, todos trabalhavam, em empresas ou autonomamente, em relação às mulheres apenas uma se denominava dona de casa, as demais tinham atividades profissionais além das domésticas. A idade mínima dos homens era de 29 anos e a máxima 53 anos em relação às mulheres a idade mínima era também 28anos e a máxima também 53 anos.(Anexo F).

Para a segunda parte da pesquisa, foram selecionados os casais que apresentaram a seguinte tipologia: como atitude dominante a extrovertida e, como função principal o sentimento. Isto é, foram escolhidos os casais com a tipologia Sentimento Extrovertido.

Em princípio, pensamos em trabalhar com casais que apresentassem tipologias opostas. A escolha consciente tinha recaído na oposição (pensamento x sentimento). Mas, após a aplicação e a obtenção do resultado do QUATI, qual não foi a nossa surpresa, quando nenhum dos casais apresentou a tipologia esperada, isto é, a oposição (pensamento x sentimento). Quatro casais apresentaram a mesma tipologia, os demais apresentaram as mais diversas tipologias. A tipologia apresentada por esses quatro casais foi Sentimento Extrovertido. Reconhecemos e aceitamos, então, que essa seria a amostra com que iríamos trabalhar. Durante o percurso um dos casais veio a se separar. Por esta razão, os participantes não puderam mais participar da pesquisa, já que não estavam obedecendo a um dos requisitos de escolha, que é co-habitar no mesmo local.

Os que participaram da segunda fase da pesquisa, o primeiro casal o marido tem 49 anos e é advogado, a esposa 42 anos, trabalha em uma multinacional, sua profissão é administradora de empresas, o segundo casal o marido é engenheiro, tem 43 anos e sua

esposa tem 37 anos e também é administradora de empresas, este casal tem uma filha, o terceiro casal, o marido tem 34 anos é representante comercial e sua esposa tem 32 anos e apesar de ter como curso de formação administração de empresas, atualmente, trabalha com o marido. Este último casal tem dois filhos uma menina e um menino.

7.3 - Local.

A pesquisa foi realizada em clínica privada. Tanto no primeiro momento, quando foi aplicado o questionário QUATI (Questionário de Avaliação Tipológica – versão II) nos vinte e quatro casais, como posteriormente, com os casais que foram selecionados para dar continuidade ao trabalho de pesquisa, por apresentaram o tipo psicológico Sentimento Extrovertido,

7.4 – Cuidados éticos.

Alteramos os nomes dos participantes, para evitar qualquer possibilidade de identificação. Para fins de análise, mantivemos as profissões dos mesmos, a fim de que essa ficasse mais fidedigna possível.

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), nosso projeto foi aprovado por atender aos critérios da relevância social e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados. (Protocolo de Pesquisa nº 026/2008)

Para atender ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, fizemos-nos valer dos seguintes recursos: *Termo de consentimento livre e esclarecido. (em anexo)*

Termo de compromisso do pesquisador. (em anexo)

Termo de compromisso do pesquisador responsável (em anexo)

7.5 – Procedimento de análise dos dados.

Utilizamos, para a análise dos dados desta pesquisa, princípios do método junguiano. (Penna, 2003). Consideramos que o conteúdo do discurso dos participantes, assim como suas posturas corporais são considerados materiais simbólicos com os quais temos que lidar, trazendo aspectos conscientes e inconscientes do problema investigado. Assim, a leitura que se fez possibilitou uma aproximação tanto intuitiva como conceitual do material colhido.

Em primeiro lugar, ouvimos as gravações e procedemos à leitura delas de uma forma intuitiva, deixando-nos levar pelas primeiras impressões, imagens e símbolos emergentes.

Em seguida localizamos os temas presentes nas entrevistas de cada casal, temas estes relacionados aos conflitos dos casais. Estes temas foram:

Primeiro Casal

Necessidade de diálogo e intimidade

Dificuldade de entendimento

Oscilação de humor e diferença de interesses

Relações familiares

Maternidade e paternidade

Segundo Casal

Dificuldade de comunicação

Cobrança velada

Desânimo e insatisfação

Necessidade de diálogo

Família

Terceiro Casal

A paixão

Família de origem

Conflitos e brigas

Diálogo como recurso para o entendimento

Fizemos a seguir a análise dos conflitos de cada casal presentes nas quatro sessões, tendo como base o material teórico da pesquisa.

Finalmente, na discussão, apontamos os temas e conflitos comuns a todos os casais, que foram: a necessidade de diálogo, a dificuldade de comunicação e entendimento (brigas, desânimo, insatisfação, oscilação de humor e cobrança velada) e as interferências das relações familiares no relacionamento conjugal.

O material colhido foi apresentado em amostras de falas dos participantes e da pesquisadora, às vezes com diálogos pequenos que levassem a uma conclusão ou ilustrassem uma hipótese.

Os conteúdos apresentados em cada encontro foram analisados separadamente, isto é, por casal e a cada vez que os mesmos foram entrevistados. As informações obtidas em cada entrevista foram organizadas e analisadas. Procuramos fazer uma análise que nos possibilitasse uma aproximação intuitiva, simbólica, como conceitual, no modo de se ver e tratar o material colhido.

8 – RESULTADOS

Como havíamos descrito anteriormente, o Quati foi aplicado em 24 casais com o objetivo de pré - selecionar aqueles casais que apresentassem a mesma atitude e função tipológica.

Destes, quatro foram selecionados por apresentarem a mesma tipologia “Sentimento Extrovertido”. Um dos casais selecionados se separou no período que antecedeu ao início da segunda fase da pesquisa, em virtude da separação foi eliminado por não mais atender aos critérios pré-estabelecidos.

8.1 – 1º Casal Selecionado.

Daremos a este casal o nome fictício de João e Maria.

Como resultado do Quati, João apresentou: Atitude: extrovertida.

Função: sentimento.

Função auxiliar: intuição.

A pontuação quantitativa foi: Extroversão – 1

Sentimento – 13

Intuição - 2

Maria apresentou o seguinte resultado: Atitude: extrovertida.

Função: sentimento.

Função auxiliar: sensação.

A pontuação quantitativa foi: Extroversão – 6

Sentimento – 12

Sensação- 9

8.1.1 - Primeiro Encontro.

Os primeiros momentos do primeiro encontro foram utilizados para apresentar a proposta da pesquisa ao casal João e Maria, descrever os objetivos do presente trabalho, como também, foi dada uma abertura para que o casal pudesse levantar questões se assim o desejassem.

O casal mostrou-se disposto a colaborar, apesar de demonstrarem certo incômodo no primeiro encontro, o que foi visto com naturalidade pela pesquisadora. O novo estava se instalando em suas vidas naquele momento. Expor seus conflitos conjugais para uma terceira pessoa estava sendo um ato de coragem.

8.1.1.1 – Dados sobre João.

João apresenta a tipologia Sentimento Extrovertido. Sentimento é uma função de atribuição de valores, sendo assim uma função racional. Assim, no tipo Sentimento a tomada de decisão é baseada em valores pessoais: o que é importante para si mesmo e para os outros. Uma pessoa deste tipo tende a ser empática e ter compaixão. É freqüentemente capaz de se sacrificar pelos outros, pois possui grande habilidade de sentir objetivamente a situação dos demais, isto é, são extremamente capazes de captar o que deve e/ou precisa ser feito para o outro e fazê-lo, mais rápido do que qualquer outro tipo. Como se envolve pessoalmente pode chegar ao ponto de ser super-emocional.

Sendo orientado pela extroversão, os ideais e valores são aqueles passados pelas suas famílias ou por tradições sociais.

O tipo sentimento extrovertido tem seu pensamento introvertido como função inferior, sendo que, tais pensamentos geralmente se baseiam numa perspectiva muito depressiva da vida. Quando os pensamentos negativos são deixados de lado, jogados, como não pertencentes ao próprio indivíduo, esses vão ficando cada vez mais inconscientes, e mais fortes, a ponto de fazerem com que o indivíduo seja possuído por eles. Como no sentimento extrovertido os pensamentos são introvertidos, freqüentemente se voltam contra o próprio sujeito.

Quando a função auxiliar é a intuição, apresentam uma visão do futuro com muita clareza. Estão sempre dispostas a fazerem o que as demais pessoas estão precisando no

momento, mas também o que lhes vai ser útil no futuro.

Convidado o casal a falar um pouco sobre eles, embora um pouco ansioso João mostrou-se mais aberto, inicialmente, dirigindo a conversa. Ele tem 49 anos, é advogado e trabalha atualmente em seu próprio escritório de advocacia como também presta assessoria à empresas. Essa é sua segunda união conjugal, e o tempo da mesma é de 21 anos, não possuindo filhos nessa relação.

Casou-se pela primeira vez ainda muito jovem, o motivo que o levou a casar foi a gravidez de sua namorada. Durante o período de preparação para o casamento a namorada veio a perder o bebê. Mesmo assim, continuaram dando prosseguimento aos preparativos do matrimônio. João nos confessou que no dia marcado para a união conjugal, teve muitas dúvidas se compareceria à cerimônia religiosa, até o último instante ficou relutante, mas, pessoas íntimas o aconselharam a comparecer, visto que a noiva já estava na igreja.

No parágrafo acima podemos perceber uma característica do tipo sentimento extrovertido, que é, quando a pessoa é tomada por sua função inferior, isto é, pensamento introvertido, tendo atitudes que denotam frieza, muitas vezes essas atitudes não são exteriorizadas ficando apenas ao nível do desejo. Franz (1995[1971]) faz uma citação em que lembra o que Jung concluiu a respeito deste tipo: o tipo sentimental extrovertido pode às vezes ser a pessoa mais fria da Terra. Como João nos revelou, não teria comparecido a cerimônia do seu casamento, se pessoas próximas a ele não o tivessem demovido dessa idéia, esta intenção corrobora a atitude do tipo sentimento extrovertido quando tomado por sua função inferior, como esse tipo odeia ficar sozinho sempre vai à busca de outras pessoas para poder afastar-se da solidão, o que faz algumas vezes os mesmos mudarem de opinião, visto que a opinião do outro sempre é muito importante. Foi também o que percebemos no evento acima descrito, João ao procurar os amigos no dia do seu casamento, estes o convenceram a cumprir o que havia prometido; que era casar-se.

O casamento se realizou, mas foram períodos difíceis, após um ano e meio de união conjugal a esposa veio a engravidar novamente, esta gestação foi a termo. Nasceram duas meninas (gêmeas), quando os bebês estavam com seis meses o casal veio a se separar. Atualmente suas filhas estão com 25 anos.

João disse-nos que nunca teve o desejo de ser pai.

O tipo sentimento extrovertido tem uma grande capacidade de sentir objetivamente a situação, assim como, o desejo das outras pessoas, o que nos levou a pensar, quando João nos disse que nunca desejou ser pai, se não houve nesse momento algum tipo de concessão à sua ex-esposa, quando a mesma voltou a engravidar, mesmo que esta concessão não tenha

chegado ao nível da consciência. O tipo sentimental extrovertido não gosta de pensar, porque essa é sua função inferior, e do que ele menos gosta é do pensamento introvertido, as questões mais profundas são evitadas, pois, para eles pensar sobre determinados assuntos seria o mesmo que entregar-se à melancolia. Franz (1995[1971]).

O motivo que o levou a participar da pesquisa foi a curiosidade pelo estudo aplicado e também colaboração com a pesquisadora. Colocou como conflitos vividos na conjugalidade o tópico a seguir:

“Determinados entendimentos dificultam nosso relacionamento, como formas de ser, agir e até a expressão de sentimentos”.

8.1.1.2 – Dados sobre Maria.

Como vimos anteriormente Maria também apresenta a tipologia Sentimento Extrovertido e como tal suas decisões também são baseadas em valores pessoais, naquilo que é importante para ela e pelos que a cercam. As pessoas que apresentam a função Sentimento são mais preparadas para lidar com relacionamentos humanos. Assim sendo, as características do tipo Sentimento são: maior envolvimento pessoal, mais interesse e inclinação pelo social, maior proteção, tato, são mais compassivos, e menos analíticos e lógicos. Maria apresenta como função auxiliar a Sensação, o que difere de João, visto que sua função auxiliar é a Intuição. Nas pessoas que possuem a tipologia Sentimento Extrovertido e Sensação como função auxiliar, assim como Maria, além de apresentarem uma adequação em seus relacionamentos, tem uma visão clara do outro, como também do que o outro despertou nelas.

Inicialmente, Maria demonstrou uma postura mais fechada, passava a impressão de não estar à vontade, nada muito claro, em momento algum verbalizou algo que denunciasse estar ali por obrigação. Prestava atenção em tudo o que o marido relatava e em alguns momentos fazia um sinal afirmativo com a cabeça. Ela tem 43 anos, é administradora de empresas. Seu tempo de união conjugal é de 21 anos. Não tem filhos, quando conheceu seu atual marido o mesmo disse-lhe que não tinha a intenção de ter mais filhos, haja vista, que nunca tinha tido o desejo de ser pai e mesmo assim tinha duas filhas. Maria nos revelou que nunca tinha pensado no assunto, mas que, com certeza, não tiveram filhos porque o marido assim desejou. Disse-nos também, ‘nunca morri de vontade de ser mãe, mas teria filhos se

João também os quisesse'.

Aqui se repete novamente uma característica do sentimento extrovertido que é reprimir seu pensamento principalmente porque este é o mais apto a perturbar o sentimento. “Enquanto função autônoma, o pensar do tipo sentimento extrovertido é reprimido, [...] não é totalmente reprimido, mas só enquanto sua lógica inexorável leve a conclusões que não agradam ao sentimento”. (JUNG, 1991, [1921] p.341). Diante dessa colocação de Jung, podemos levantar a possibilidade de que Maria ao casar-se com João possa ter reprimido seu pensamento, por este não estar de acordo com o seu sentimento. Com isso deixou de questionar-se: O que é que eu quero? Tenho desejo de ter filhos? Mas não, Maria entregou-se completamente ao desejo do futuro marido, sem sequer imaginar que um dia poderia optar pela maternidade.

O motivo que a levou a participar da pesquisa foi o convite da pesquisadora. Quanto aos conflitos vividos na relação conjugal assim os descreveu:

“*Falta de confiança do cônjuge*”.

“*Gênio difícil do parceiro*”.

“*Oscilação de humor*”.

“*Dificuldade de entendimento*”.

“*Diferenças de interesses no aspecto social/lazer*”.

“*Relacionamento com a minha família*”.

8.1.2 - Segundo Encontro.

Este segundo encontro foi iniciado com a Pesquisadora propondo um aprofundamento das questões apontadas pelo casal no encontro anterior, às quais foram assinaladas por eles mesmos como conflito.

Pesquisadora: Em princípio, gostaria de saber o que vocês entendem por conflito conjugal e como esses conflitos relatados são sentidos por cada um, haja vista, que os mesmos foram apontados individualmente.

Maria: São coisas que aborrecem. Não que não sejam contornáveis, porque vai se contornando e levando, mas, chateiam podendo chegar a momentos críticos. Depois se consegue resolver aqui e ali, e acabam se resolvendo sem

que percebamos, mas que aborrecem e incomodam o relacionamento. Incomoda-me muito.

João: Está mais ou menos dentro do que eu tentei colocar no papel no nosso primeiro encontro. O que eu quis foi tentar definir, sobre minha ótica, a definição do é que é conflito. Na verdade, são situações que dentro do todo da vida, do dia a dia, não conseguimos solucionar, não estão ao nosso alcance resolver. Então, isso para mim acaba sendo um conflito, e não que, um conflito seja alguma briga uma discussão, não estou levando para o lado do embate, de ficar chateado. Conflito para mim é se sentir impotente perante uma situação, na qual muitas vezes não conseguimos viver harmonicamente, mas ao mesmo tempo é difícil e não conseguimos conviver com aquilo, e isto acaba trazendo alguma consequência. Então, dentro do nosso relacionamento tem coisas que não conseguimos resolver entre nós. Não conseguimos chamar um ao outro para conversar para tentar resolver o que possa estar incomodando.

Nesse ponto da entrevista, observamos o quanto o casal estava ansioso, chegando devagarzinho, a postura corporal dos dois ainda denunciava uma tensão, principalmente em Maria. A conduta escolhida pela pesquisadora foi de criar condições, através de interferências, para que o casal se expressasse de forma mais tranquila.

Pesquisadora: Mas, você discorda de Maria quando ela coloca que conflitos são coisas que podem chatear e aborrecer.

João: Não, mas, pra mim um conflito não precisa chegar a um embate, o conflito em si já é uma predisposição, entende? Para mim o conflito não chega a ser uma discussão, um confronto, alguma coisa assim. Pra mim ele começa um pouco antes.

Pesquisadora: Pra você também Maria, começa um pouco antes? Não precisa ocorrer à briga propriamente dita para haver um conflito?

Maria: Não, não, briga não. Não gosto de discussão.

O que observamos até aqui é que, apesar do casal apresentar a mesma tipologia, os mesmos têm visões diferentes no que se refere à definição de conflito conjugal. Mesmo demonstrando querer ajustar, cada um, sua definição a definição do outro.

Conflito para Maria seria o resultado de algo que não apresentou condições para ser resolvido e por isso traz aborrecimento como também chateação. Quando Maria nos diz: “*Conflito são coisas que aborrecem*”, verificamos uma definição típica do tipo sentimento. Já para João, conflito é algo que o deixa impotente diante da situação, apresentando muitas vezes uma demanda para a resolução do conflito, uma vez que a harmonia conjugal inexiste nesses momentos, como também há o impulso para a acomodação com a justificativa de não saberem conversar. A definição de João nos pareceu um pouco mais elaborada, revelando um

pensamento mais desenvolvido. O que nos mostra a existência das diferenças individuais dentro da mesma tipologia, as quais no momento não podem afirmar se é devido à tipologia ou não. Duas pessoas nunca terão experiências anteriores análogas, portanto nunca poderão perceber de modo semelhante, nem o seu mundo, nem a sua relação, nem eles mesmos. Não podemos deixar de salientar que o significado de cada vivência também é diferente, visto que, são indivíduos diferentes.

Pesquisadora: Como vocês lidam com os conflitos? Por exemplo, você sabe quais são os conflitos da Maria em relação ao casamento? Você sabe quais são os conflitos de João em relação ao casamento? Como é que vocês vivem com os conflitos?

Neste momento o casal fez uma troca de olhares, mas nenhum dos dois respondeu a uma das perguntas realizada pela pesquisadora, se eles sabiam quais eram os conflitos conjugais do outro. A impressão deixada foi a de que era difícil para eles falar do que o outro sentia ou pensava a respeito de si próprio. Seria um desconhecimento a respeito da opinião do outro? Seria medo da exposição?

Maria: Eu acho que é pontual. Quando acontecem algumas coisas que tipo não da prá... Eu acho assim, em qualquer relacionamento, enfim, principalmente num relacionamento de casamento tem coisas que acontecem que você até não acha que é o ideal ou não gosta, mas também não é motivo pra ficar falando, ficar apontando, e assim a coisa vai passando. Por isso, eu acho que conflito é algo que chegou à superfície e não tem jeito, tem que falar, tem que abordar, sabe lá, é preciso tentar chegar num consenso. Nem tudo é assim, tem coisa que faz parte do jeito de ser dele, então eu não tenho a pretensão de mudar, embora eu não ache que seja o ideal.

Pesquisadora: Você consegue dizer a ele? Isso que você que descreveu?

Maria: Não

Pesquisadora: Mas você não consegue porque é ele quem te impede? Ou você não consegue...

Maria: Não, porque eu não falo mesmo é uma dificuldade minha.

Pesquisadora: E como você fica?

Maria: Ah!... Eu (risos) engolindo, com dores de estômago, com enxaqueca.

Pesquisadora: E você divide com alguém esses aborrecimentos? Uma amiga, por exemplo?

Maria: Não

Observamos aqui uma vivência solitária que existe dentro e fora da conjugalidade. Muitas vezes, um pequeno conflito poderia ser resolvido, se o indivíduo em questão, pudesse ouvir suas próprias palavras, ao relatar para outra pessoa sua dor ou aquilo que o está incomodando. Mas, o que em princípio poderia ser um pequeno conflito pode vir a se tornar um grande problema em sua vida. Mas como dividir aborrecimentos sem o sentimento de desvalorização perante o outro? Esta é uma questão difícil de ser superada, pois envolve uma busca e um desejo de conexão, de relacionamento, de Eros.

Sabemos que quando um conflito surge, se o indivíduo não se abrir para aquilo que está o perturbando, não entrar em contato com a sua dor, este comportamento vai se repetindo, até o ponto da pessoa correr o risco de ficar endurecida, fechada e até insensível diante do outro. Imbuídos de bons e belos motivos, o ser humano continua se protegendo, através da dificuldade em se expor. Contudo, perde a oportunidade de se conhecer e conhecer o outro, de assumir responsabilidades pelos seus sentimentos e as possíveis consequências que este conhecimento, esta abertura para o novo poderá acarretar.

Quando Maria nos revela que tem dificuldade em falar o que pensa, e em consequência disso, fica com dores de estômago e enxaqueca, relacionamos com que Jung (1991[1921] p.321) afirma: “O perigo do extrovertido está em ser atraído para dentro do objeto e lá perder-se completamente. As perturbações corporais que daí se origina, sejam funcionais (nervosas) ou reais, têm um significado de compensação, pois forçam o sujeito a um autofechamento involuntário”.

Pesquisadora: E você João consegue dizer para Maria quando você está conflitado com alguma coisa?

João: Consigo, eu acho que eu consigo dizer. Eu evito ficar falando no dia a dia, para não me tornar, com isso, uma pessoa chata. Toda hora ficar falando para o outro as coisas que você não gosta, não é legal. Quando ela faz alguma coisa que eu considero ruim, ou não goste mesmo, imediatamente, eu poderia dizer “não isso aqui eu não gosto que seja assim”, “não está me agradando isso”. Para que o dia a dia não fique dessa forma, eu evito. Mas chega num determinado ponto que não dá. Então eu a chamo para conversar, e falo para ela um monte de coisa. Aí é que eu consigo ter algum acesso para uma conversa, quando ela recebe tudo isso, começa a demonstrar algum quadro de mudança. Penso que esse é um dos grandes pontos que a gente tem dificuldade.

Pesquisadora: Como assim, demonstrar um quadro?

João: Eu chego e digo pra ela, olha!... Está me vindo agora um dos conflitos que tivemos. Um dia, antes de ela sair pra trabalhar eu não agüentei mais e resolvi falar. E disse que ela estava muito distante em relação a casa, as

minhas coisas, as coisas que ela gosta dentro da casa, quer dizer, estava deixando tudo isso em função de uma nova atividade que ela estava desempenhando na empresa, atividade do novo setor. Quero deixar claro que essa é a minha visão, que eu me lembro do histórico. Então, falei tudo isso, eu acho que você está muito distante de tudo, vamos começar a ver o que está acontecendo e tentar resolver isso. Ela me mostrou outro quadro. Não é isso, ela me disse. Talvez o que você não esteja vendo é que eu estou indo para uma área nova, na qual tenho um monte de coisas para fazer, uma série de atividades do dia a dia e, cada uma delas se tornou um desafio. Então, tenho que me desdobrar, fazer um monte de coisa, e isso, talvez esteja me fazendo parecer desse jeito, mas não é bem isso.

Maria: É, na verdade ele colocou da seguinte forma, eu me lembro bem o termo, "você está meio deslumbrada com tudo isso", eu disse, "não, e não estou deslumbrada, na verdade estou em "pânico" eu estava extremamente insegura e em pânico, a ponto de não saber o que fazer". Sabe aquela coisa de não dar conta mesmo. Nas primeiras semanas quanto chegava em casa ficava pensando "Meu, o que eu fui fazer? Onde eu fui amarrar meu burro?", devia ter ficado quieta onde estava. Depois, dizia a mim mesma: "Agora eu fui, e aí vou encarar isso"? Eu fiquei apavorada com o novo desafio e ele estava vendo de outra forma.

Como é difícil para os casais quando a vida do outro muda, apresenta novidades, e em consequência dessas mudanças, aquilo que estava estabelecido, conhecido e sob controle também sofre transformações. Em geral, diante de qualquer ameaça, real ou imaginária, de dor emocional, nos protegemos. Estamos aqui considerando que, mudanças podem estar relacionadas com possíveis dores emocionais no outro. Lembrando a teoria psicanalítica, que nos fala de mecanismos de defesa, podemos inferir que, no relato acima, João usou, ou tentou usar de algum tipo reprovação ou desaprovação para que Maria cedesse, mas não foi isso que aconteceu. Maria apresentou indiferença, ignorou o problema, o conflito. Esta atitude de Maria fez-nos pensar que existe um medo de confronto e que dele (do confronto) possa resultar algum tipo de rejeição ou até mesmo um possível abandono.

Não seria difícil perceber que Maria estava diferente devido a sua mudança de atividade no ambiente profissional. Mas, para o tipo sentimento extrovertido só se é possível sentir "corretamente" quando nada perturba o sentimento. Jung (1991[1921]) nos alerta que nada perturba tanto o sentimento como o pensamento, e neste tipo o pensamento é reprimido ao máximo, mas só enquanto sua lógica inexorável leve a conclusões que não agradam ao sentimento.

A partir deste ponto fomos encaminhados, pelo próprio discurso do casal, em dividir em temas o que estava sendo apontado como conflito.

1º Tema: Necessidade de Diálogo e de Intimidade.

Com a mudança de setor, com a nova atividade que Maria estava desempenhando na empresa, a necessidade de diálogo, de atenção que João há algum tempo estava sentindo, ficou mais evidente para ele, visto que, agora o tempo para estar juntos estava cada vez menor.

Ele relata que a via se afastando das atividades do lar, do convívio mais próximo com ele, para poder desempenhar sua atividade profissional. E, que nos relacionamentos entre os amigos de dentro ou de fora da empresa, ela se mostrava sempre muito segura e alegre para falar das coisas do dia-a-dia. Ele revela que passou dias e dias, semanas e semanas ruminando esta estória, o porquê ela estava se afastando de casa, mas quando estava com os amigos estava alegre, diferente, até que a chamou para conversar, a fim de colocar isso pra fora. Acredita que essa atitude foi extremamente positiva, por que ela pôde dar a versão dela, e a seus olhos uma *"versão límpida, cristalina, verdadeira, honesta"*. João coloca que, no dia a dia, Maria tem dificuldade de discutir determinadas coisas, e afirma que constantemente diz a ela: *"olha só, as coisas tem que ser conversadas, tem que ser faladas para gente poder entender"*. João faz pausa, reflete e diz: *"ter uma pessoa que coloque travas em tudo que eu quero fazer, ficaria difícil"*. Aqui, ele estava se referindo à postura da esposa em aceitar com facilidade as necessidades pessoais dele. Reafirma sua questão dizendo: *"Não sei se ela realmente é uma pessoa que permite e aceita o que eu quero e gosto de fazer, ou ela não quer interferir em nada"*.

Até este ponto da entrevista, podemos ponderar o quanto João deseja ter uma proximidade maior com a sua esposa, mesmo não sabendo como colocar para fora esse desejo. Ele olha para ela, dá voltas para falar o que quer. Insiste na falta de diálogo e mediante a essa colocação questiona a postura permissiva de Maria.

O que verificamos é um desejo de intimidade, uma necessidade de ganhar um lugar seguro no coração de Maria. Mas como? Ele ainda não sabe. Como assinala Vargas (2004), a relação conjugal é altamente denunciadora, pois o que é revelado no consciente de um dos parceiros, está no inconsciente do outro. Assim sendo, não seria só Maria que teria dificuldades quanto ao início e a manutenção de um diálogo, João deseja dialogar, mas fica a mercê da permissão, da iniciativa de Maria. Mediante o que foi exposto podemos citar Jung (1991[1921]), o tipo extrovertido certamente tem opiniões subjetivas, mas sua força determinante é menor do que a das condições objetivas externas. Por isso nunca espera tropeçar, no seu íntimo, com fatores incondicionados porque só os conhece externamente.

Com a intenção de avaliar a percepção de Maria a respeito da colocação feita por João quando ele diz: “*Não sei se ela realmente é uma pessoa que permite e aceita o que eu quero e gosto de fazer, ou ela não quer interferir em nada*”, levantamos a seguinte questão:

Pesquisadora: Você concorda com isso que ele colocou? Existe essa possibilidade de você não estar falando nada para que ele se sinta mais confortável?

Diante desta pergunta, Maria demonstrou não entender muito bem a colocação feita pela pesquisadora. Ele, João, então tomou à dianteira e resolveu explicar exemplificando o fato dizendo que quando sai de moto nos finais de semana, ou quando está a fim de fazer um passeio, mesmo durante a semana, sobe na moto e vai sozinho, e quando pára, liga para ela, para conversar, contar como é o local, como está o dia, o lugar, se o dia está ensolarado. Mas, que colegas dela da empresa dizem: “*não enche saco do cara, deixa o cara passear*”. Mas, na verdade ele gosta de ficar conversando com ela. Diz que se tivesse uma mulher que o obrigasse a ligar cada vez que parasse pra abastecer, ficaria muito bravo.

Maria se pronunciou dizendo que não tinha entendido a colocação, pois para ela estava claro que ele sabia o quanto os telefonemas dele eram agradáveis a ela, pois como ela não gosta e nem pode andar de moto por ter um problema no ciático, não acha legal ficar cortando, impedindo que ele faça aquilo que gosta.

João então se pronuncia reiterando sua posição de que com a mudança de setor ela ficou mais distante.

João: Eu acho legal isso que a gente tem. Inclusive esse negócio da empresa que falei anteriormente, que eu fiquei chateado, era também por isso. Tínhamos o hábito de falar ao telefone, várias vezes ao dia, eu ligava e a gente conversava. Falávamos mais ao telefone do que em casa. Subitamente ela cortou.

Maria: Puxa vida. Tem dias que não tenho tempo nem de ir ao banheiro.

João: Eu já entendi. Mas, estou puxando isso para reafirmar que um grande problema que a gente tem é a falta de conversa. Mas quero deixar claro que, não é porque estou colocando que tudo esteja sediado em você, pode ser também que eu não tenha um terreno fértil para isso. Pode ser que eu não facilite o início de um diálogo.

Maria: Eu sei que tenho uma grande dificuldade para iniciar e manter uma conversa. Mas isso que ele colocou se não sabe se facilita ou não, eu digo que não. Ele tem uma instabilidade de humor muito grande. Ele é uma pessoa que se eu faço algum comentário eu não sei qual vai ser a reação dele. Dependendo do dia ele pode aceitar o comentário como pode estourar. E, como eu sou uma pessoa que não sou de falar muito, então prefiro ficar quieta.

Eu sou uma pessoa avessa a conflito, eu tento evitar ao máximo, se eu não como ele vai reagir eu prefiro deixar pra lá, eu abro mão.

Pesquisadora: O que você está me dizendo é que muitas vezes você até tem vontade de colocar coisas para fora, que não é só uma dificuldade sua, algumas coisas dariam até para serem colocadas, mas devido a antecedentes de oscilação de humor dele, hoje você acaba se segurando. É isso?

Maria: É.

Pesquisadora: Você percebe isso? (Pergunta feita a João).

João: Não. Agora que eu estou percebendo.

Maria: É tem coisas que a gente não percebe mesmo. E se estamos sozinhos, falamos de outra forma. Não é mesmo?

João: É.

Nestes últimos relatos observamos que o casal estava se desarmando, mas continuavam manifestando dificuldades em perceber e demonstrar seus sentimentos. O diálogo, como conceito, ainda não tinha sido assimilado. Os telefonemas os quais eles estavam se referindo, entendemos como uma maneira de se comunicar, mas não de dialogar, pois pensamos no diálogo como uma troca, uma escuta que leve a uma intimidade mais profunda. Sabemos que, para ocorrer verdadeiramente um diálogo é necessário que os dois compreendam aquilo que se passa com eles mesmos e com o outro. Poderíamos salientar a necessidade de uma vivência de alteridade, na qual duas pessoas se encontram e como resultado desse encontro ocorre uma transformação, através do que uma simbolizou para a outra.

Tendo em vista os conflitos citados pelo casal no primeiro encontro, abordamos a questão de falta de confiança.

Maria: A primeira coisa que eu disse aí é a falta de confiança dele (o marido) em todos os sentidos. O João de vez em quando encana com algumas coisas. Então eu penso: Não é possível depois de vinte anos de casamento, de convivência ele não me conhece ainda para colocar a falta de confiança em questão. Isso é uma coisa que me deixa profundamente indignada, mas é frequente.

Pesquisadora: Essa desconfiança é em relação a que? A outra pessoa? Dinheiro?

Maria: Com relação a outras pessoas do meu relacionamento profissional. Com relação a dinheiro também. Mas, não no sentido de eu gastar ou comprar alguma coisa para mim. Quando saímos tudo que eu vejo e acho bonito ele quer que eu compre. É quando ele vai olhar a conta e não tem aquilo que ele achava que teria logo, diz: O que você fez com o dinheiro? Ele não fica controlando o que eu compro isto não é estilo dele, muito pelo contrário, ele gasta mais do que eu. Em conversa com amigas, muitas vezes, elas dizem,

odeio quando meu marido vai comigo ao shopping, porque não posso comprar nada, e eu falo que comigo é ao contrário. Quando vamos ao shopping, quero ir embora ele não, se olho alguma coisa nas vitrines ele já quer que eu experimente e, eu odeio experimentar roupas.

Sentimos certo desconforto em João, a impressão deixada era de que ele gostaria que a conversa se encaminhasse para o lado financeiro e, assim o fez. Admitiu ter explosões quando eles precisam conversar sobre o tema. Sua argumentação foi que não conseguiria ter outro tipo de reação que não fosse esse comentário: (“*O que você fez com o dinheiro*”?), por desconhecer o que poderia estar acontecendo, pois tudo está e continua na mão dela. (Maria).

A Pesquisadora questionou o fato de que toda parte financeiro-econômica estar sob a responsabilidade da Maria, se era por que ela assim desejava, se havia algum tipo de imposição ou se era algo combinado, estabelecido. Eles então responderam:

João: Não, porque eu deixo. Então, não dá para ela fazer este tipo de comentário.

Maria: Porque é mais cômodo.

João: É porque é mais cômodo mesmo. Imagina só um profissional liberal tendo que controlar seu dinheiro. Eu ganho por cada minuto que eu trabalho, ela como trabalha em uma empresa é diferente, sempre tem tempo para olhar essas coisas. Quanto a mim posso direcionar este tempo em esforços para ganhar dinheiro. Essa é uma das razões que deixo o dinheiro com ela, agora achar que ela desvia o dinheiro, isso não. Acredito que seja pouco provável que tal situação venha a acontecer. Agora, eu me lembro perfeitamente de que esses tipos de explosões aconteceram, mas insisto que são sazonais. Como no início do ano, contas como IPTU, IPVA, seguro e mais um monte de coisas...

Maria: Seguros das motos, IPVA das motos. Tudo das motos é super caro.

João: (Risos). Aí dá uma desequilibrada e é uma reação que tenho muitas vezes em relação à falta de dinheiro. Nós temos uma quantia de dinheiro guardado, eu vou monitorando por ali, que é o nosso pulmão, aí quando a capacidade deste pulmão abaixa fico preocupado. Sei que muitas coisas fogem ao controle dela, e também ela não vem monitorando as contas como fazia no passado, mas, essa diferença ocorreu antes da mudança de área no trabalho. Então, com relação a dinheiro é isso, se deixo tudo com ela, minhas atitudes quando são explosivas não podem ser entendidas como desconfiança. Mudando um pouco, nessa questão de relacionamento não há desconfiança, mas, há certas coisas que a meu ver parecem abuso. Por três vezes combinamos de ir almoçar no shopping durante a semana, e quando chego ao restaurante um amigo está sentado ao lado dela e mesmo eu chegando para almoçar com ela, ele não se levanta para trocar de lugar. Com isso eu fico louco da vida. Logo depois teve uma festa de aniversário, quando todos que estavam na mesa saíram para dançar, resolvi levantar também, fui perto dela e disse que, se ele estivesse ao lado dela, poderia até ter dado um soco na cara dele. Não entendo isso como infidelidade, Maria não tem esse perfil, mas com

determinadas situações fico de saco cheio. Na minha visão ela acaba tendo uma relação muito forte com os amigos, e isso acaba me incomodando.

Aqui observamos que o casal começa a mostrar algumas situações conflituosas que incomodam a relação conjugal. Quando Maria coloca, o dinheiro e amigos, como um ponto de conflito entre o casal, pelos mesmos suscitarem algum tipo de desconfiança de João em relação a ela, percebemos que João reagiu com naturalidade, isto é, não recriminando em nenhum momento o que Maria revelou quanto ao seu comportamento em relação a dinheiro. O que nos fez refletir sobre este grande símbolo que é o dinheiro em nossa cultura. Em nossas aulas de História Geral no segundo grau aprendemos que na Antigüidade, o rei dava moeda aos seus súditos para demonstrar sua estima. A maior honra era receber uma moeda de ouro, depois uma de prata e uma de bronze – um costume até hoje em eventos como as Olimpíadas. Historicamente, portanto, o dinheiro primeiro foi um símbolo de status para depois se tornar um meio de troca. Diante disto verificamos que desde as eras mais remotas o dinheiro foi associado a poderes mágicos, como foi verificado no relato que João fez acima. A segurança emocional dele depende até certo ponto do que ele denominou como “*a capacidade do nosso pulmão*”, o que nos fez refletir se ele tem um sentimento de desproteção, certa incapacidade de enfrentar a vida quando seu saldo bancário está baixo. Para algumas pessoas, quando o saldo do banco cai, o nível de ansiedade sobe; quando o saldo se eleva, a ansiedade desaparece. Logo, para alguns a segurança emocional está intimamente relacionada à segurança financeira.

2º Tema: Dificuldade de Entendimento.

Já em relação aos amigos de Maria a postura de João não foi à mesma, ele se mostrou incomodado, mas de uma forma diferente, como veremos a seguir.

Pesquisadora: O que você sente? Como é esse incomodo?

João: Ah!... Não sei.

Maria: Em minha opinião, não vejo razão para ele estar falando isso, porque o meu comportamento não propiciou aquela situação. Então, qual é a minha responsabilidade em relação à outra pessoa se eu estou na minha, sou comportada, tenho meus limites, imponho respeito, e ele me diz, vou dar um soco no cara para você passar vergonha. Esse tipo de atitude me faz pensar que a desconfiança é comigo, lamento.

João: Não, não. Há uma distância muito grande entre você permitir e você...

Maria: Ah! Então você acha que eu permito?

João: Existe uma diferença muito grande entre você ser aquilo que você está imaginando que eu penso que você seja e daquilo que você efetivamente faz. Este tipo de permissão me incomoda.

Podemos pensar que o comportamento irritado de Maria poderia ser uma atitude para não admitir o que o marido estava dizendo, pois quando estava no restaurante com o amigo, e o seu marido chegou, ela poderia ter levantado e dirigir-se em direção a ele e sentar-se ao seu lado, já que não houve nenhuma mobilização do amigo para essa atitude. O diálogo entre eles (o casal) nos pareceu defensivo, sentimos que havia duas conversas, duas posições paralelas, percebemos a dificuldade do casal em discutir o assunto de uma maneira madura, os dois estavam presos em suas próprias versões.

Pesquisadora: (para João). Qual foi o seu sentimento no restaurante e no aniversário?

João: Não sei.

Pesquisadora: Como não sabe?

João: Não sei.

Pesquisadora: Você chegou, olhou, viu e sentiu alguma coisa. O que foi que você sentiu?

João: Acho que foi desrespeito.

Pesquisadora: Em relação à Maria ou a você?

João: Não sei.

Pesquisadora: O que foi que você sentiu quando chegou ao restaurante e viu o colega dela sentado na cadeira ao lado?

João: Ah!...(risos). Eu não sei.

Pesquisadora: Você sabe sim. Foi você quem sentiu.

João: Senti um desconforto. Ciúmes talvez.

Pesquisadora: Talvez.

João: É talvez. Pode ser. Mas, me deixa falar uma coisa, existem muitas coisas que ela faz como dividir uma série de confidências, coisas dela mesma com esses amigos, que ela não divide comigo, então não é só a questão do ciúme, eu fico louco da vida dela dividir um monte de coisas com um monte de amigos que não divide comigo.

Maria: Isso é o que você acha.

João: É o que eu acho mesmo. Nós temos uma amiga em comum que ela adora, quando estamos em uma mesa de bar, soltar alguma coisa que Maria comentou com ela e não comentou comigo. Aquilo vem para mim como uma bala. Não me lembro de um fato concreto agora, mas vou me lembrar, isso vem de uma mulher, e é a mesma sensação, que ela divide determinadas coisas com certas pessoas que não divide comigo, coisas que eu não estou sabendo. E esta moça vem e mete o dedo na ferida porque ela é folgada. E ela gosta disso. Eu estou sabendo e você não está e assim vai.

Ah! Já me lembrei de uma situação. Essa aqui vem com uma idéia que tem que fazer uma operação no pé. Uma operação enorme, um negócio incrementado, joanete. E, eu fico sabendo por quem que ela vai tirar férias para fazer cirurgia? Pela amiga, é claro.

Maria: Como assim? Eu te falei que fui ao médico.

João: Que foi ao médico, você falou. Que ia operar e que ia marcar férias para operar, foi ela quem me contou.

Observamos que o casal tem dificuldade de se fazer entender, e como consequência aparece em João uma oscilação de humor que se manifesta em atitudes que podem denotar traços de ciúmes. Percebemos que com a dificuldade de elaborar os conflitos os parceiros recorrem a funcionamentos defensivos. Pensamos que Maria ao reprimir sua hostilidade acaba por manifestar atos provocativos os quais não assume como sendo de sua responsabilidade.

O ciúme é uma emoção, muitas vezes adequada e necessária. Ele é consciência de uma distância ou interferência em um relacionamento de compromisso. Ele se desenvolve quando um dos parceiros sente que o outro não está tão estreitamente conectado com ele como gostaria.

Segundo Byington (2005) o ciúme é uma função estruturante que guia o amor e delimita o seu território. O ciúme é o guardião ético do amor. O ciúme esclarece para a consciência até onde o amor tem direito e deveres e mostra quando ele transgride suas fronteiras e torna-se defensivo, ou seja, inadequado, possessivo e destrutivo. O ciúme é um *daimon*, uma força da vida, uma função estruturante que acompanha, vigia e cuida do amor, alertando a consciência sobre os diferentes estados do amor, inclusive sobre seus limites

Como estamos observando a dinâmica instalada pelo casal de não elaboração dos conflitos provoca reações insatisfatórias criando assim algumas decepções e frustrações em ambos. Maria nomeia e aponta essas dificuldades a partir das oscilações de humores de João enquanto ele sente-se excluído e desvalorizado por ela.

Será que a oscilação de humor de João se deve também a dificuldade de desvelar-se a Maria, revelando seu ciúme, por exemplo? É uma hipótese, pois sabemos que quanto mais velada e indiretamente as pessoas comunicam-se, maior será sua tendência em invalidar sua própria comunicação. A alma do relacionamento de um casal é cada um dos cônjuges primeiro

entrar em contato com o que sente, posteriormente dizer o que precisa dizer e sentir que foi compreendido. A dificuldade em se fazer compreender ou em ser compreendido leva os casais a desenvolverem defesas para não sofrerem e, assim, vão diminuindo a conversa, especializando-se em queixas e explicações sobre o motivo pelo qual não falam; desta forma, a comunicação vai piorando ou deixando de acontecer.

Quanto à tipologia podemos citar Hillmann (1995[1971]), nos relacionamentos os “sentidores” precisam entrar em contato com os sentimentos da outra pessoa, eles têm de ter essa relação para não perderem o “contato” e se “desligarem”. Outros tipos podem passar horas sem perceberem que a pessoa com quem falam não está presente do ponto de vista dos sentimentos, ou até se mostrando hostil.

Maria: Mas, a minha fisioterapeuta me aconselhou a operar no final do ano.

João: Você sabe que no final do ano eu vou mergulhar e vou passar sete dias fora.

Maria: Tudo bem, daí eu aproveito e faço a cirurgia.

João: Fica bom assim, vou contratar um interlocutor para essa história.

O clima neste momento continha elementos provocativos, que iam desde gestos corporais, que em nossa leitura pareciam querer dizer “*não estou nem aí*” como olhares que denotavam críticas de um para com o outro.

Vamos nos valer de Hillmann (1995[1971]) mais uma vez, nas relações íntimas, o tipo sentimento parece perceber com facilidade o ponto fraco do outro, no qual pode enfiar a agulha. Às vezes, numa discussão, eles introduzem a agulha, não em termos pessoais, mas tornando banal o objeto da discussão ou acabando com ele a partir de uma dúvida antiga e coletiva vinda do seu pensamento inferior.

Pesquisadora: E o que mais é conflito?

Maria: Por que só eu que falo?

João: Eu penso que o maior problema que a gente tem de relacionamento é a conversa, mas daí você pode falar, mas, é só isso? Não, não é, mas daí vem os outros detalhes, como ela citou os amigos, esse ciúme que eu tenho dos amigos dela. E ela se abre como uma flor para os caras que não se definiram muito bem, ela é amiga desses caras que você não faz idéia. Os dois que eu não suporto são meio... mas tudo bem. Há um tempo eu ouvi ou li, e não sei se é verdade ou não, que certas pessoas precisam ouvir determinadas coisas e outras pessoas não precisam ouvir e tampouco dizer determinadas coisas.

Outras pessoas precisam dar e outras pessoas não precisam de absolutamente nada. E há determinadas pessoas que precisam ouvir todos os dias, eu te amo, eu gosto muito de você, outras pessoas precisam do tato, contato, carinho, outras pessoas já não precisam disso. Essa é uma grande diferença que a gente tem. Eu sou daquelas pessoas que precisam de tudo isso e, Maria não precisa de nada disso. Por que eu penso isso? Pela forma de agir, já houve uma situação em que ela fez um jantar com uma comida super gostosa, teve o maior trabalho na cozinha, jantamos juntos. Para ela isso foi uma demonstração, de amor, de afeto, de carinho. É claro que eu vi todo o trabalho e senti a boa vontade que ela teve, mas para ela não passou desta esfera. E para ela isso transbordou como se fosse uma atitude fraternal, amorosa, carinhosa.

Pesquisadora: Ela disse isso a você?

João: Disse. Como eu posso não gostar de você se eu fui lá e fiz tudo isso para você. Então, em virtude disso eu vejo que existe uma distância entre nós. Eu sou aquela pessoa que precisa deitar no colo, não só deitar no colo, que precisa receber carinho, do contato e ela não faz. Isso não tem perigo de acontecer, mas não tem perigo mesmo. E tem mais, se eu vou perto dela, aperto, agrado e demoro muito ela já dá um esporo. Diz que o aperto está doendo, que está a fim de dormir, já começa por aí. (Risos) Se não for você pode falar, é a minha visão. (falou olhando para Maria).

Novamente aparece o desejo de intimidade, de carinho, de aconchego. Sabemos que a intimidade não surge pelo fato de os parceiros passarem muito tempo juntos, ter os mesmos gostos e interesses ou por não brigar. A intimidade origina-se de algo diferente. Ela é gerada por uma série de momentos e movimentos de parceria, mas o principal desencadeante da intimidade é a possibilidade de expressarem os seus sentimentos e opiniões e de ser compreendidos.

Jung (1991[1921]) entende a relação do inconsciente com a consciência como compensatória. A atitude inconsciente, para uma efetiva complementação da atitude extrovertida consciente, apresenta uma espécie de caráter introvertido. Concentra energia sobre todas as necessidades e pretensões que são oprimidas ou reprimidas por uma atitude consciente demasiadamente extrovertida.

Jung (1991[1921]) assinala que se Freud diz do inconsciente que ele “só sabe desejar”, isto vale em grau elevado para o inconsciente do tipo extrovertido. O ajustamento e a assimilação ao dado objetivo impedem a conscientização de manifestações insuficientes subjetivas. Estas tendências assumem caráter regressivo, de acordo com o grau de sua repressão, isto é, quanto menos reconhecidas forem, tanto mais infantis e arcaicas se tornarão.

Maria admite ser assim mesmo, que tem dificuldade para expressar afeto, para dar e receber carinho.

João: (Risos). Ela tem uma cadela que é um inferno. A cadela é folgada, se ela não dá carinho, ela deita em cima dela, rosna, parece um pombo chorando no chão. Então, ela briga, manda embora, mas não demora muito a cadela volta, ela xinga, a cadela chora, fica olhando para ela até (Maria) colocá-la no colo e ficar fazendo carinho. Acho que é isso que eu tenho que fazer.

Maria: Coitado do cachorro. Ele implica, fica de mal com ela dois dias. Vê se pode isso? Não acredito. Cachorro? Como você fica de mal com o cachorro dois dias? Ela fica lá abanando o rabo, com as orelhas murchas e ele ignora a coitada. Para você ver como ele é rancoroso.

Pesquisadora: Ele é rancoroso?

Maria: É um pouco. Ele demora muito para digerir. Dá uma remoída.

Pesquisadora: (Para Maria). Você percebe quando ele está nesse processo de digestão de algo?

Maria: Percebo. Muitas vezes eu nem sei por quê. Passa uns dois dias rosmando um bom dia e uma boa noite, mas eu percebo, só não sei o motivo.

Pesquisadora: Mas não pergunta?

Maria: Não. Porque não estou a fim.

Uma das tarefas mais difíceis no relacionamento conjugal é assumir a iniciativa das mudanças, ao invés de esperar que as coisas mudem. Além do que, expressar seus problemas e pontos de vista é um movimento interessante, pois coloca em risco a harmonia conjugal que imaginamos existir.

3º Tema: Oscilação de Humor e Diferenças de Interesses.

A partir do diálogo anterior, no qual Maria enunciou o lado rancoroso de João, foi instalado um clima propiciador para que João colocasse um dado significativo a seu respeito que foi uma depressão vivida há alguns anos atrás. A forma encontrada foi à tentativa de explicar sua atitude fechada e muitas vezes até agressiva, quando não está gostando de alguma coisa.

João: Mas, eu acho que é uma característica minha. Acho que eu sou meio assim mesmo. Isso tem uma ligação com um quadro depressivo que eu tive.

Maria: Essa fase foi uma prova de amor. Ele passou um período, antes desse problema todo que ele viveu, antes da depressão típica, de estar triste, antes disso ele só não me bateu porque não é o perfil dele, pois eram agressões todos os dias, eu virei saco de pancada. Qualquer motivo ele agredia, foi um horror, mas eu fui levando.

Percebemos que, no momento que se abriu espaço para se falar da depressão de João, Maria sentiu-se a vontade para fazer colocações a respeito de situações que ocorreram em um passado recente, no qual havia pouca descriminação dentro da conjugalidade. O casal não estava conseguindo descriminar os próprios conflitos intra-psíquicos, vivendo os mesmos de uma forma inter-psíquica. Com isso podemos entender o porquê ela se tornou como ela mesma revelou um saco de pancadas. Podemos pensar que com o advento da depressão de João a energia que estava disponível ao casal ficou investida nos conflitos decorrentes da depressão e tomou conta do casamento paralisando qualquer possibilidade de transformação.

João: Nossa relacionamento tem um grande valor, por vários momentos que vivemos. Hoje, ele vale por uma série de coisas que passamos juntos. Naquela fase em que pessoalmente estive mal, você também reagiu, eu podia gritar, mas você também reagia. Por isso que digo que é um relacionamento que tem um grande valor. Mas, tem coisas que precisam ser resolvidas, trabalhadas. Um grande valor que temos é de abrir mão de determinadas coisas, como por exemplo, andar de moto, ela acaba me acompanhando nos maiores passeios, em contra partida agora adquirimos um apartamento que para mim não era importante, sinto-me bem instalado onde estou, mas para ela é importante mudarmos. Por outro lado, gasto muito dinheiro com as minhas motos e ela não desfruta, mas não fala nada porque sabe que eu me sinto bem quando subo na moto e vou dar um passeio. Percebo que ela pensa, valeu ele está bem. E pelo bem comum também foi bom, como o apartamento também foi.

Maria: Nós temos interesses diferentes, no inicio ele achava que eu queria comprar o apartamento porque alguma amiga tinha comprado. Sendo que nosso apartamento está ficando velho, valorizou o que tinha que valorizar, tem um conceito antigo e podemos ter uma vida melhor. Então, por que não? E foi algo que custou para ele aceitar. Temos as nossas divergências, com relação à viagem, a férias. Ele nunca queria mudar.

João: Mas, eu mudei.

Maria: No ano passado fomos assistir corrida de moto. Mas pelo menos foi na Europa, que eu cansei de sugerir e ele nunca quis. Aí teve um motivo, um apelo que foi a corrida, mas que bom, foi dois dias, o resto da viagem foi super bom e ele parecia uma criança todo o resto da viagem.

João: Verdade.

Maria: Ele tem dificuldade em sair da zona de conforto dele. Eu tenho que ficar insistindo muito até mudar de idéia. Mas vai...

João: Foi uma viagem que atendemos aos dois.

Maria: Então. É isso que estou dizendo.

Ficou claro de que o processo depressivo vivido por João acarretou mudanças no casal. Com o aparecimento do problema, o casal se viu obrigado a entrar em contato com aspectos diferentes da dinâmica conjugal, pois cada um dos cônjuges estava vivendo de uma forma não conhecida. Um aos olhos do outro era um desconhecido. E como lidar com desconhecidos? Foi uma tarefa árdua, que exigiu dos dois uma força de vontade, uma disposição, interna e externa, para procurar entender o que estava acontecendo.

Relacionar-se é um aprendizado, uma adequação às mudanças do ambiente, interno e externo. É uma adaptação às reações do outro, às suas próprias reações, às do ambiente e às alterações que estas provocam.

Observamos na prática clínica que, simbolicamente, o processo depressivo configura-se em um chamado, chamado este, não só ao deprimido, mas também aos membros daquela família em questão. Ficamos nos perguntando se este chamado foi atendido ou até mesmo percebido por eles. Mas, como não era o propósito do encontro, levantar essa questão, ficou apenas como um questionamento para a pesquisadora.

Ao final desse encontro João levantou a possibilidade de fazer uma terapia de casal, justificando seu desejo dizendo que, esses encontros foram profícuos e neles verificou que a possibilidade de diálogo não é inexistente entre o casal. Disse: “*nada mudou, mas ao mesmo tempo, muita coisa mudou*”. Maria dirigiu um olhar perplexo em direção a ele, como se não estivesse entendendo nada. Logo em seguida verbalizou: “*não sei, preciso pensar, não sei se quero*”.

8.1.3 - Terceiro Encontro.

Pesquisadora: Como vocês passaram desde o nosso último encontro? Pensaram em alguma coisa? Conversaram a respeito?

João: Tem acontecido algo interessante. Quando vamos embora, depois do encontro, tudo o que foi conversado sobre nós, fica aqui. Foi o que aconteceu nas duas vezes anteriores. No caminho não se falou nada a respeito do que foi falado, não sei se foi positivo ou negativo, mas foi isso que aconteceu.

Pesquisadora: Não teve nenhum mal estar por causa disso?

Maria: Não.

João: Pelo menos da minha parte não. E, algumas coisas se tornaram claras pra mim, foram esclarecidas. Coisas que nunca havíamos conversado. Coisas

que ela levantou e que eu não tinha conhecimento, não saberia dizer para você agora, mas daqui a pouco eu vou lembrar o que foi, qual foi o ponto.

João retorna para este encontro, reafirmando a necessidade de se abrir um campo novo para o diálogo, o faz timidamente, mas a impressão deixada é de que precisa tomar fôlego para poder dar início as suas colocações. Demonstra empolgação pelo fato de ter percebido a possibilidade de diálogo entre eles. Utilizou-se das citações realizadas pela esposa, dizendo o quanto foi importante para ele entrar em contato com o que ela pensava em relação a assuntos referentes ao casal. João não o fez diretamente, mas deixou transparecer o seu desejo de fazer uma terapia de casal, assunto este, que já tinha ventilado no último encontro. Segundo Zacharias (1999), o tipo sentimento extrovertido que tem como função auxiliar a sensação, se interessa pela realidade que é percebida através dos órgãos dos sentidos, são pessoas práticas e realistas. Estas características foram observadas em João, ele olhou para sua esposa, valorizou o diálogo do encontro anterior, denunciou de certa forma a falta de diálogo entre eles, mostrou seu interesse em abrir um espaço para que isso possa acontecer, mas não voltou a falar da terapia de casal.

Maria demorou mais para se ambientar, sua soltura foi acontecendo à medida que o tempo foi passando. Não podemos deixar de salientar que houve mudanças em relação aos dois encontros anteriores, mas comparada à postura de João, seu incômodo e sua tensão ainda eram maiores.

Pesquisadora: Dos conflitos que vimos no último encontro, alguns mais foram citados, vocês gostariam de falar a respeito? Lembram do que escreveram?

Maria: É eu acho que é tudo. Não citei por itens, mas acabei falando da oscilação de humor dele. Ele tem um humor muito inconstante. O que acaba dificultando nossa comunicação. Eu que já não tenho muita facilidade para falar, mesmo que alguma coisa esteja me incomodando, quando ele fica mal humorado, fico mais quieta ainda. Além daquela divergência de interesses voltados para lazer e para o social, que falei da última vez, a estória da viagem, que ele nunca tinha pensado em fazer, e que fez e gostou, tem também a questão do relacionamento com a minha família, e eu não tinha falado disso. Não sei se é um conflito, não é alguma coisa que interfira no nosso relacionamento, não é isso, mas é algo que me incomoda na medida em que ele prefere evitar; se consegue arrumar uma desculpa para não ir à casa da minha mãe (risos) ele não vai, e muitas vezes, se vai contrariado então é pior, porque fica quieto não fala com ninguém, eu acho isso meio chato, então...

4º Tema: Relações Familiares.

Maria levanta uma questão importante que é a oscilação de humor de João, (essa mudança de humor seria um sintoma do seu processo depressivo?) com isso, justifica sua incomunicabilidade, sua dificuldade em se aproximar dele quando o mesmo está tomado por humores. Ao colocar esta temática, Maria criou condições para se aproximar de um ponto conflituoso entre eles que é o relacionamento com a sua família, mais especificamente com a irmã caçula.

Percebemos que a decisão de entrar neste assunto familiar não ocorreu de maneira tranquila para Maria, haja vista, sua justificativa em não considerar isso um conflito, pois em sua visão, o relacionamento com sua família de origem, não interferem em seu relacionamento conjugal, sendo esse um assunto que incomoda a ela. Entretanto, não podemos esquecer que quando foi pedido que definisse conflito, ela o definiu como sendo algo que chateia que incomoda.

Como os tipos sentimento extrovertido relacionam-se com os sentimentos e não com as idéias dos outros, verificamos que Maria entra em simetria com o marido, se relacionando com os humores de João, demonstrando assim particularidades de sua tipologia.

João: Com relação a isso, ela me deu liberdade para não ir, porque, eu chego lá e me deparo com uma série de coisas que não me agradam, procedimentos que a minha sogra tem, que eu não concordo, acredito que ela poderia viver bem melhor, poderia ter uma situação ótima, mas ao contrário disso ela prefere carregar o neto, carregar a outra filha, cuidar da outra filha. Quer dizer está tudo nas costas dela. Sei que isto perturba Maria, pois acaba sobrando para ela também.

Quando vou a casa dela me deparo com um quadro que eu não me conformo. O que eu penso é o seguinte, vou pegar o meu domingo, vou para lá e fazer o que? Eu não consigo ser neutro em relação a tudo isso, não consigo achar que o problema não é meu, que não tenho nada que ver com isso. Não me conformo em ver a minha sogra assumindo o neto, é ela que está criando aquele menino, vivendo em função dele e da mãe dele, a mãe dele mesmo... (faz gesto de bater uma mão na outra).

Maria: Concordo que existe essa situação, tem um monte de coisas que me incomoda, é verdade tudo isso que ele está falando, mas é minha mãe. Eu tenho saudades dela e eu quero ir, e se ele vai e fica de cara fechada, eu sei ela percebe e fica chateada, e se ele fica muito tempo sem ir da mesma forma ela também fica chateada, entendeu?

João: Mas na casa da minha mãe também era assim, lembra? Eu chegava lá e só escutava problema. Até que um dia disse para ela: olha dá licença, preciso de mim para resolver alguma coisa? Então vamos sentar e vamos resolver. Agora, se precisar de mim para fazer do meu domingo um dia só com problemas, eu fico em casa.

João revelou nestas colocações, que esta vivência na casa da sua sogra é uma reedição do que ele viveu dentro do seu núcleo familiar. Algumas feridas ainda não se fecharam, assim sendo, corre o risco das mesmas serem tocadas e abertas novamente, o que pode causar muito sofrimento a João. Feridas que carrega em virtude do seu relacionamento com as figuras parentais. Sente que não é o filho preferido, mas é com ele que as dificuldades familiares são divididas.

As mães não aparecem como cuidadoras, pelo menos em relação ao casal. Nos relatos observamos um sentimento amoroso, de cuidado dos filhos em relação a elas, como uma forma de estar presente em suas vidas.

Como o próprio Jung (1991[1921]) salienta, o tipo sentimento extrovertido apresenta dificuldade em reconhecer e admitir verdades sobre os problemas e as pessoas com as quais estão envolvidas emocionalmente. O casal demonstra ter um sentimento amoroso pelas respectivas mães, como também um desejo de que o mesmo seja retribuído, mas não é isso que acontece, pelo menos do jeito que eles gostariam. Sentem que não são solicitados como filhos, mas como aqueles que estarão ali para resolver problemas.

Pesquisadora: Sua sogra fala dos problemas ou você que os percebe?

João: Na verdade, lá acontece mais ou menos como na casa da minha mãe. Existe uma semelhança em relação a nós, quer dizer, nós não fomos os filhos preferidos e hoje carregamos as nossas respectivas mães, no meu caso, tenho uma grande vantagem, o meu irmão, que é um cara bem sucedido financeiramente, ajuda nas finanças quando é preciso. Já, para ela é um pouco diferente, o ônus é maior porque ela dá atenção, ajuda financeira e ainda tem que ajudar sem ser ouvida. Resumindo, o teu dinheiro é muito bem vindo, mas a tua opinião não. A tua opinião nós dispensamos.

Maria: Não, não é assim, mesmo porque eu não fico interferindo.

João: Eu acho que você deveria interferir porque a situação lá é brava. Acredito que eles estão tentando se acertar, sua irmã e o seu cunhado, mas, tudo é muito devagar. Sua irmã está com quantos anos?

Maria: 27 anos.

João: 27 anos, foi feito tudo errado, inclusive o curso superior que Maria se propôs a ajudar a pagar.

Nesse diálogo evidencia-se uma cobrança velada. Nossa leitura recaiu sob um aspecto comum entre os casais: a concessão. Esta é um instrumento relacional que garante aos parceiros um jeito ameno de lidar com aspectos, possivelmente, desagradáveis ao vínculo amoroso. É

uma forma de demonstrar afeto, compreensão, compaixão, desprendimento. Sabemos que, sem concessões, uma relação está fadada ao fracasso.

Ao fazerem concessões, as pessoas forçam-se a fazer coisas que, de outra forma, não desejaram fazer. Se a condescendência ou o sacrifício acabarem se revelando mais difíceis ou desagradáveis do que a pessoa imaginava que poderia ser, ela pode começar a colocar resistência naquele acordo previamente tratado. Por isso, as concessões precisam ser feitas de forma consciente, não só para agradar o parceiro ou para livrar-se daquele problema momentaneamente.

Quando as concessões que são feitas carregam uma expectativa de que o outro perceba e dê algo em troca, podem gerar mágoas, desentendimentos, cobranças. Maria esperava que João a acompanha-se à casa de sua mãe, ao mesmo tempo, João esperava que Maria interferisse naquele núcleo familiar, o qual pertenceu, como defensora da mãe dela. Mas nada disso aconteceu, pois quando os acordos não são explícitos, não podem ser negociados e acabam caindo em uma zona de perigo, na qual foram feitas concessões ocultas. Com isso, cada um faz o que acha que foi previamente combinado, mas na realidade acabam fazendo aquilo que para eles é correto fazer ou, na realidade, o que sabem e querem fazer.

Outro aspecto de grande importância, da vida do casal, tornou-se evidente, o filho da irmã. Sentimos que outro tema estava se aproximando ou seria um conflito velado? Mas, o que podemos afirmar foi à percepção de uma forte carga emocional envolvendo o casal. Observamos uma não resolução na questão da maternidade e da paternidade, pois as falas e as atitudes em relação ao sobrinho foram denunciadoras.

5º Tema: Maternidade e Paternidade.

Surgiu à questão da maternidade a partir do momento em que Maria expressou o desejo de ficar mais próxima ao sobrinho de 12 anos, filho da sua irmã adotiva, com a intenção de cuidá-lo, visto que percebe no menino grande potencial. Podemos entender isso como reflexo da questão da maternidade mal elaborada no casal. O casal ficou preso na condição de filhos (não preferidos), nesse contexto cada um acabou buscando no outro uma mãe acolhedora. Entendemos que essa dinâmica impediu o desenvolvimento de uma relação de “alteridade”, a qual traduz a dinâmica do padrão de consciência que expressa o seu centro pela relação eu - outro. Percebemos que, o casal apresentou dificuldade em fazer a passagem da condição de filhos para companheiros e posteriormente à eventual possibilidade de se tornarem pais. Esse fato ficou evidenciado com dificuldade de João em assumir sua paternidade em relação as suas

filhas do primeiro casamento e com o desejo de Maria cuidar do seu sobrinho como fosse seu próprio filho.

O diálogo a seguir ilustra essa situação.

João: Eu já conversei com Maria a respeito do menino, se ela quiser tirar o menino de lá e trazer para dentro da nossa casa, pode trazer. Mas, teria que ser do nosso jeito, e isso a mãe dele não iria querer. Ele seria nosso dependente.

Pesquisadora: Mas isso é uma possibilidade?

Maria: Não. Isso seria um desejo meu, mas é inviável com a irmã que eu tenho. Ela é totalmente desequilibrada, engravidou com 15 anos. Ele é um menino fora do padrão, de tão bom que ele é, está com uma idade chata e mesmo assim ele é super atencioso, super preocupado com a minha mãe, com a mãe dele. Ele é uma beleza mesmo, não é porque é meu sobrinho. João até estranha de ver o jeito dele.

João: A mãe é tão desequilibrada que eu procuro manter distância do moleque. O menino parece que promete, mas o problema é ele estar no meio de tudo aquilo. Parece exatamente à relação que eu tinha com a minha ex-mulher, somos um cheque em branco que os caras mantêm. Eu tenho certeza de que a Maria não vai deixar a coisa ir para o buraco. Mas o prejudicado é o menino, a evolução dele.

O desejo de ter um filho e de se tornar mãe e pai é o resultado do desenvolvimento individual de cada um, que não existe desde o nascimento, mas evolui com o tempo e com as circunstâncias da vida. O desejo de um casal pela parentalidade reflete em parte as necessidades psicológicas mais íntimas de cada cônjuge, e a concretização desse desejo depende de vários fatores psicossociais, incluindo os processos interpessoais entre os cônjuges e as dinâmicas familiares.

Para a maioria dos casais a concepção de filhos é o resultado esperado dos seus relacionamentos. A não-experiência de maternidade, num sentido geral, pode provocar questionamentos no contexto da conjugalidade que, em razão da complexidade do assunto, permanecem não verbalizados e não elaborados dentro da relação.

Percebemos que o casal não chega a discutir o assunto, maternidade e paternidade, mas o mesmo acaba aparecendo nas entrelinhas dos diálogos.

João: A gente assistiu a um filme em que o sujeito era meio maquiavélico em relação a uma criança, acho que era o pai, alguma coisa assim. E o sujeito aprontava, ele trazia a criança para junto dele, tentando comprá-la, fazia de tudo para desvincular a criança da família. Depois que a gente assistiu ao filme, não sei a iniciativa foi minha ou foi dela, mas pensamos em trazer o moleque para mais perto de nós. Tudo pode estar à disposição dele na nossa casa, mas levar para casa dele, não.

Maria: Então, falei com a minha mãe. Se eles continuarem assim entro na justiça e peço a guarda do meu sobrinho. Falei também para minha mãe abrir o olho e colocar aquele povo esperto, ainda mais que um dia conversando com João a esse respeito ele disse: "Se quiser fazer já, pode fazer." (risos). Eu sei que ele toparia uma situação dessas, até falei com o meu sobrinho, se ele quiser, pode morar na nossa casa. Além disto, ainda tem o pai biológico, que é um zero a esquerda.

João: Tudo que cai na mão dele vira pó.

Maria: Minha irmã nunca se envolveu com drogas, mas sabia de todo o histórico dele com drogas. Ele registrou a criança e sumiu nunca deu a menor assistência. Já falei algumas vezes em fazer uma ação de destituição de paternidade, tem mil razões pra alegar isso, não é tirar o nome dele da certidão de nascimento do menino, mas a destituição de paternidade. Estava conversando com a minha mãe, se um dia quiser levar o meu sobrinho pra Disneylândia, não posso, porque preciso do consentimento do pai que sumiu e ninguém sabe nem onde está. Na verdade ela (minha irmã) nunca cobrou judicialmente nada, 12 anos que ele nunca existiu na vida do meu sobrinho. Se alguém for atrás do pai biológico para pedir uma autorização para viajar ao exterior com o menino, não duvido nada que ele vai querer de alguma forma tirar proveito da situação. E essa situação me incomoda muito, meu sobrinho não merece, já sofreu tanto coitadinho, desde pequeno aquela situação de dia dos pais na escola, ele perguntava pelo pai, era um horror.

Como qualquer crise conjugal, a crise da não maternidade e paternidade pode resultar na aproximação do casal ou pode evidenciar os problemas já existentes, tomando proporções maiores e assim podendo abalar a estrutura da relação.

8.1.4 – Quarto Encontro.

A proposta desse encontro era fazer uma avaliação, juntamente com os casais, sobre os dados obtidos nos encontros anteriores. Como já havíamos identificado os conflitos, o casal então fez uma breve avaliação a respeito da vivência pela qual passou e estava ansioso para ouvir e saber como a pesquisadora trabalhou com os dados que foram passados. O casal colocou o quanto foi relevante terem se permitido a fazer parte da pesquisa, pois esta abriu possibilidades para novas reflexões, tanto no nível individual como no conjugal. Foi realizada uma breve descrição a respeito dos temas conflituosos apontados pela pesquisadora. Foram destacados: conflitos na comunicação, nas relações familiares apontando a questão da maternidade e da paternidade, como também hipóteses foram levantadas a respeito da relação existente entre o tipo psicológico que eles apresentam com os conflitos vividos na

conjugalidade. Apontamos características tipológicas de cada um, mostrando as possibilidades dessas características estarem ou não influenciando nos conflitos por eles apontados.

Dentre os temas apontados como conflituosos o 5º Tema: Maternidade e Paternidade foram o que mais causou mobilização, o casal se reservou ao direito de não fazer nenhum comentário sobre o assunto.

Percebemos uma evolução no diálogo do casal. Quando o tempo do nosso encontro estava se esgotando, foi perguntado se haveria mais algum ponto que eles gostariam de destacar, as respostas vieram de uma forma diferente, nos pareceu que ambos estavam mais abertos, com menos defesas.

João: A questão de carinho, de toque, de se expressar. Há pessoas que precisam escutar determinadas coisas, há outras pessoas que não precisam. Posso até entender, mas não consigo compreender, que alguém não precise ouvir ou sentir alguma demonstração de carinho. Tem uma expressão muito boa: "O que não é dito não pode ser entendido". Essa é uma dificuldade muito grande que a gente tem que solucionar. E indo mais adiante existe em Maria algumas coisas que eu não consigo perceber, então, para mim tem que ser dito.

Maria: Nossa forma de pensar é totalmente diferente. Tenho preocupações em relação a ele, deixar o quarto escurinho, a cama arrumada é a minha forma de tentar melhorar a vida dele.

João: Eu gostaria de fazer uma apreciação sobre os nossos encontros. Confesso que jamais imaginei que uma terapia de casal seria tão produtiva, eu não conseguia aceitar que um terceiro viesse e começasse a interferir, eu achei que fosse interferir na nessa relação, e isso é uma coisa muito perigosa, difícil. Continuo achando que é muito difícil, mas através de você estamos conseguindo estabelecer uma conversa, coisa que a gente até hoje nunca conseguiu fazer. Algumas vezes até conseguimos conversar sobre algumas coisas. Mas aqui é diferente, estamos parando, vindo até aqui e sentando para fazer isso, coisa que no dia a dia a gente não faz. Eu gostaria que nós continuássemos a pensar sobre isso, é estranho e ao mesmo tempo muito bom, poder falar e poder ouvir também determinadas coisas, com isso poderíamos nos entender um pouco melhor.

Eu achei muito bom, o que me chamou mais atenção, e foi no começo, quando você perguntou: "Vocês conversaram alguma coisa?". Parece que quando a gente saiu daqui, cada um respeitou a condição do outro. Então, percebi que ficou um lugar reservado para se fazer isso, e isso é importante.

Percebemos que, a cada encontro o casal foi desenvolvendo um diálogo mais íntimo e honesto, como também foi aparecendo um apoio emocional mútuo o qual acreditamos ser necessário, para que se possa encontrar um possível caminho que fizesse sentido para os dois cônjuges.

8.1.5 - Observações sobre o primeiro casal.

João parece funcionar como sentimento extrovertido: é expansivo, comunicativo e sempre está atento ao que acontece no ambiente. Ele sente falta de conversar e dialogar com Maria. Embora ele saiba pensar razoavelmente bem, o pensamento inferior às vezes o trai, com idéias sobre ciúmes, que ela dá atenção mais atenção para os amigos do que para ele, que com essa nova função na empresa a estava deixando deslumbrada. Tem uma questão de carência grande que talvez se relacione com a questão materna. O complexo materno é básico para os nossos sentimentos mais permanentes e intratáveis. A função sentimento, forma padrões a partir das reações e valores que passam a existir no relacionamento mãe-filho.

Maria não parece funcionar com João como sentimento extrovertido – é reservada e fechada, não coloca o que pensa e o que sente para ele. No entanto ela tem contato com seu sentimento, mas tem muita dificuldade de pensar sobre aquilo que sente – sente os conflitos, mas o evita fechando-se alegando não gostar de discussões, mas em compensação fica com dores de cabeça, dores de estômago, tendo estes sintomas um significado de compensação, pois a forçam a um autofechamento involuntário.

Percebemos que este primeiro casal apresenta conflitos relacionados à comunicação, ao diálogo como uma escuta, uma troca, uma conversa, sem receio de mostrar um ao outro suas opiniões desconsiderando que só assim poderiam compreender o que se passa com eles mesmos e com o outro. O diálogo, entre eles, quando se estabelece, muitas vezes, tem um caráter defensivo.

Outro ponto conflitivo entre eles é o que Maria denomina de “alterações de humor do João”. Como em muitas situações eles não conseguem descrever os próprios conflitos intrapsíquicos, estes passam a ser vividos de uma forma inter-psíquica. Maria se protege fechando-se e João com oscilações humorais. A partir do processo depressivo pelo qual João passou configurou-se uma nova forma de viver a relação. Reconheceram-se desconhecidos um ao outro.

Ao entrarem nas questões familiares, algo foi denunciado sob forma de um conflito familiar, mas que na verdade é um conflito que o casal vive sem admiti-lo ou percebê-lo, que é a questão da maternidade e da paternidade.

Percebemos que este primeiro casal tem dificuldade em estabelecer uma intimidade entre eles, apresentam dificuldades em perceber e demonstrar afeto. Em alguns momentos passaram a impressão de terem assinado um contrato com divisões de responsabilidades, dessa forma evitavam conversas, pela dificuldade de se fazerem entender e de serem entendidos. Um

componente que pensamos ser de relevância, em relação a esse casal, é o fato de que ambos necessitarem de carinho e afeto, mas a forma como expressaram esta necessidade, ao se referirem ao assunto nos pareceu que havia duas conversas, e cada um ficava preso as suas próprias versões. O casamento ainda não representa para eles um “vaso” forte o suficiente para poder acolhê-los, se imprevistos conjugais ocorrerem.

Quanto ao aspecto tipológico, percebemos que alguns conflitos conjugais, poderiam ter como raiz o fato de pertencerem à mesma tipologia, como sabemos o extrovertido tem a tendência em ser atraído para dentro do objeto e lá permanecer. Olhando para a dinâmica do casal, na qual existe dificuldade no estabelecimento de intimidade poderíamos pensar que, enquanto cada um estiver focado no que poderá acontecer, se manifestarem algo de pessoal, estarão com seus sentimentos voltados para o objeto, esquecendo-se de que a introversão também se faz necessária em momentos como esses. O objeto não poderia trágá-lo ao ponto de prendê-lo, deixando-o cego para as suas necessidades. Em se tratando de Sentimento Extrovertido, isso é plausível visto que para pessoas dessa tipologia só se é possível sentir “corretamente” quando nada perturba o sentimento, e nada perturba tanto o sentimento como o pensamento, da mesma forma de que precisam entrar em contato com os sentimentos das outras pessoas para não perderem o contato com o próprio sentimento. Como nas relações de intimidade, pessoas desse tipo percebem com facilidade o ponto fraco do outro, pode ocorrer que em uma discussão, eles podem ferir o outro, não em termos pessoais, mas banalizando o objeto da discussão.

8.2 - Segundo Casal Selecionado.

Daremos a este casal o nome fictício de Jorge e Ana.

Como resultado do Quati, Jorge apresentou: Atitude: extrovertida.

Função: sentimento.

Função auxiliar: intuição.

A pontuação quantitativa foi: Extroversão – 11

Sentimento – 19

Intuição - 4

Ana apresentou o seguinte resultado: Atitude: extrovertida;
 Função: sentimento.
 Função auxiliar: sensação.

A pontuação quantitativa foi: Extroversão – 13

Sentimento – 21

Sensação - 13

8.2.1 – Primeiro Encontro.

Os primeiros momentos do primeiro encontro foram utilizados para apresentar a proposta da pesquisa, ao casal Jorge e Ana, descrever os objetivos do presente trabalho, como também, foi dada uma abertura para que o casal pudesse levantar questões se assim o desejassem.

O casal mostrou-se disposto a colaborar, logo no início percebemos que era um casal alegre, comunicativo, como também interessado em saber como se encaminharia o processo de pesquisa, demonstrando interesse pelo tema. Fizeram perguntas a respeito da pesquisa, da Instituição de Ensino onde está sendo realizado o trabalho, enfim foram se colocando de uma forma tranquila. Salientaram que o fato de estarem se propondo a serem participantes de uma pesquisa, no início causou certo incômodo, não sabiam definir muito bem qual era o sentimento. Mas, a partir do momento que iniciamos o diálogo aquela sensação inicial foi desaparecendo.

8.2.1.1 – Dados sobre Jorge.

Jorge apresenta a tipologia Sentimento Extrovertido, tendo como função auxiliar a Intuição. Sentimento é uma função racional, é aquela função de atribuição de valores. No tipo Sentimento a tomada de decisão é baseada em valores pessoais: o que é importante para si mesmo e para os outros. Uma pessoa deste tipo tende a ser empático, o que foi observado logo no início do contato com Jorge.

As pessoas desta tipologia irradiam calor humano e simpatia. Sua atenção está voltada para os que as rodeiam, pois valorizam muito o contato humano. Geralmente são amistosas, cheias de tato e capazes de entrar em sintonia com os outros. Mostram-se também

perseverantes, conscientes e ordeiras, mesmo em assuntos de menor importância, e esperam que os outros também se comportem assim. São geralmente muito sensíveis a manifestações de aprovação e sofrem com manifestações de indiferença por parte dos que lhes estão próximos, já que muito do prazer a da satisfação que auferem em suas vidas provêm do calor humano dos que lhes estão próximos. Como veremos logo abaixo, Jorge apresentou essas características colocando como um dos seus conflitos, o seguinte tópico: “*Falta de carinho no dia-a-dia*”. As pessoas dessa tipologia têm a tendência a idealizar excessivamente as pessoas, causas ou instituições que admiram, pois concentram sua atenção nos aspectos mais positivos delas.

Uma de suas maiores qualidades é a sua capacidade de valorizar a opinião alheia. Mesmo quando confrontados com opiniões conflitantes, estas pessoas conseguem manter a fé de que, de algum modo, é possível chegar a uma conclusão harmoniosa. Entretanto, muitas vezes conseguem que isto aconteça. Para que reine a harmonia, estão sempre prontas a concordar com opiniões alheias, dentro dos limites do razoável. Cabe aqui uma advertência: é importante que elas tenham precaução, pois há perigo de se concentrarem tanto naquilo que os outros pensam que perdem de vista suas próprias opiniões.

Seu interesse maior é enxergar as possibilidades além daquilo que está presente, que é óbvio ou conhecido. A intuição aguça sua curiosidade por idéias novas, sua visão do futuro e sua capacidade de penetrar além do conhecido.

Profissionalmente, desempenham-se melhor em suas carreiras e profissões quando se dedicam a criar um clima de cooperação entre as pessoas. Percebemos que esse processo está acontecendo com Jorge, como o clima em seu trabalho não está muito bom, ele tem apresentado desânimo; ao procurar um homeopata este o alertou que a quebra de equilíbrio entre o trabalho e a vida social o deixaram com a imunidade baixa. Diante disso, Jorge nos colocou que não está existindo um clima de cooperação entre os engenheiros e a empresa, diante dessa situação tem estado bastante chateado.

As pessoas sentimento extrovertido com função auxiliar intuição, normalmente, precisam fazer um esforço todo especial para serem breves e objetivas e não deixar que suas inclinações à sociabilidade interfiram em suas atividades profissionais. Estas pessoas tendem a basear suas decisões em seus valores pessoais. Embora apreciem bastante as coisas decididas e encaminhadas, não querem necessariamente que todas as decisões sejam tomadas por elas próprias. Um dos perigos que ameaçam as pessoas desta tipologia é o chegar à conclusão um tanto apressadamente, sem antes ter procurado abranger a situação como um todo. Elas precisam levar em conta que, se não gastarem o tempo e a energia suficientes para

adquirir um conhecimento seguro sobre pessoa ou situação, é possível que suas ações não tragam os resultados esperados. Por exemplo, geralmente quando iniciam um novo projeto ou tarefa, começam por executar aquilo que elas acham que deveria ser feito em lugar de se dar um tempo para refletir e descobrir o que é exigido pela situação e o que é necessário fazer. Aliás, elas correm o risco de estarem sempre repletas de “dever-se-ia e não se deveria” bastante contundentes, além de tender a expressar estas suas opiniões sem muita censura.

Além disso, parece que é difícil para as pessoas com este estilo cognitivo admitir a verdade nua e crua a respeito dos problemas e das pessoas com as quais se sentem emocionalmente envolvidas. Portanto, é importante que elas reconheçam que, se recusarem a encarar certos fatos desagradáveis simplesmente irão ignorar seus problemas em vez de procurar uma solução para eles.

Jorge tem 43 anos, é engenheiro civil com doutorado em engenharia. Seus pais são separados, sendo que, o pai refez a união conjugal, mas sua mãe optou por permanecer sozinha, isto é, não deseja casar-se novamente. É o segundo filho de uma prole de cinco. Sendo que três são homens e duas são mulheres. Seu tempo de união conjugal é de cinco anos, é pai de uma menina de um ano e nove meses fruto dessa união. O motivo que o levou a participar dessa pesquisa foi o convite da pesquisadora. Quanto aos conflitos vividos em seu casamento, enumerou três que, citaremos a seguir:

“Organização e limpeza excessiva”.

“Falta de carinho no dia-a-dia”.

“Importância excessiva ao trabalho”.

8.2.1.2 – Dados sobre Ana.

Como vimos anteriormente Ana também apresenta a tipologia Sentimento Extrovertido e como tal, tem como características, simpatia, calor humano e a sua atenção voltada para aqueles que a rodeiam, pois, valorizam muito o contato humano. Pessoas com essa tipologia geralmente são amistosas, cheias de tato e capazes de entrar em sintonia com os outros. Mostram-se também perseverantes, conscientes e ordeiras, mesmo em assuntos de menor importância, e esperam que os outros também se comportem assim.

O que a difere de Jorge é que sua função auxiliar é a Sensação.

As pessoas desta tipologia são muito sensíveis a manifestações, tanto de interesse

quanto de desinteresse, pois em grande parte o prazer e a satisfação que auferem em suas vidas provêm do calor humano que percebem nas pessoas que estão à sua volta. Este tipo psicológico tem tendência a idealizar bastante as pessoas, instituições ou causas que admira, pois concentra sua atenção nos aspectos mais positivos delas. São também extremamente leais.

Possuem grande capacidade de valorizar as opiniões alheias, mesmo quando confrontadas com pontos de vista de vista conflitantes. Acreditam ser possível chegar a uma conclusão que harmonize os diversos pontos de vista em questão, algo que freqüentemente conseguem. Sendo a harmonia tão importante para elas, estão sempre prontas para concordar com as opiniões alheias, dentro dos limites do razoável. Percebemos em Ana essas características, busca a harmonia conjugal, mas quando o assunto é o cachorro seu limite é quase inexistente. Diante disso, reafirmamos a importância desse tipo em tomar cuidado com esta tendência à harmonização, pois existe o perigo de que se concentrem tanto nas opiniões alheias que podem perder de vista suas próprias opiniões.

Estas pessoas estão primordialmente interessadas na realidade que é percebida através dos órgãos dos sentidos, mostrando-se, portanto, práticas, realistas e com os pés firmemente plantados no chão. Como veremos a seguir, Ana apresenta essas características, quando se diz preocupada com os gastos, sendo que, neste momento, estão construindo uma casa. Concentram-se bastante nas características únicas de cada experiência, sendo também capazes de apreciar e aproveitar aquilo que possuem. Gostam de novidades e variedade, mas também são capazes de se adaptar à rotina.

As qualidades deste tipo psicológico manifestam-se mais plenamente em atividades nas quais é necessário lidar com os demais, demonstrando boa-vontade e habilidade em conseguir a cooperação de outras pessoas. É interessante notar que estas pessoas pensam melhor quando estão falando com outras e gostam muito de conversar e de bater papo sem compromisso. Portanto, quando necessário, têm de fazer um esforço todo especial para serem breves, objetivas, e para que sua grande sociabilidade não lhes atrasse o cumprimento de outras tarefas profissionais.

Este tipo psicológico prefere basear seus planos e decisões em fatos comprovados e valores pessoais. Apreciam situações decididas e acomodadas, mas não necessariamente, ter de tomar todas as decisões. Aliás, um dos perigos que rondam as pessoas deste tipo, é o de chegar freqüentemente a conclusões precipitadas, antes de ter compreendido a situação como um todo. É importante também que percebam que, se não gastarem suficiente tempo e energia para adquirir um conhecimento seguro a respeito de uma pessoa ou situação, é

provável que suas ações não alcancem os resultados esperados. Quando começam um novo projeto ou tarefa, mostram a tendência de começar a fazer aquilo que elas acham que deveria ser feito, em lugar de parar para pensar e descobrir o que resultaria mais útil ou necessário. Estas pessoas têm sempre regras definidas sobre tudo e todos, expressando sua opinião com franqueza às vezes excessiva.

Por ser extremamente difícil para elas admitirem a verdade sobre os problemas e as pessoas com as quais estão envolvidas emocionalmente, correm o risco de se recusar a reconhecer fatos desagradáveis e enfrentar críticas que podem ser dolorosas; como consequência, o que lhes irá acontecer, será tentar ignorar seus problemas em lugar de procurar encontrar soluções.

Ana tem 38 anos, é administradora de empresas, pós-graduada. Seus pais moram em uma cidade muito próxima a que ela mora. Tem uma irmã, com quem parece relacionar-se bem. Seu tempo de união conjugal é de cinco anos, é mãe de uma menina de um ano e nove meses fruto dessa união. O motivo que a levou a participar dessa pesquisa foi o convite da pesquisadora. Sob sua ótica os conflitos vividos em seu casamento foram assim descritos:

“O estresse de ser profissional, mãe, esposa e dona de casa”.

“A falta de um pouco mais de cooperação do marido”.

“Falta de fazermos algo mais junto, ultimamente nossas férias são com a família dele”.

“O cachorro”.

8.2.2 – Segundo Encontro.

O casal chegou risonho, alegre, comentando sobre a filhinha que havia ficado aos cuidados da irmã de Jorge.

Ao serem abordados sobre o encontro anterior, ficaram se entreolhando e riram dizendo que não conversaram nada a respeito e que nem um dos dois sabia o que o outro havia assinalado como conflito.

A pesquisadora, então aproveitou a colocação feita por eles e iniciou o encontro perguntando o que eles entediam por conflito. As respostas foram dadas da seguinte forma:

Jorge: Conflito é a diferença de opiniões.

Ana: Acho que é divergência.

Jorge: É, a divergência de opinião.

Pesquisadora: Vocês dois entendem o conflito dessa forma?

Ana: Sim.

Pesquisadora: E os conflitos que vocês enfrentam no casamento? Como que vocês lidam?

Percebemos que falar do e sobre o relacionamento conjugal era um campo novo para eles. Ana tomou à dianteira dizendo que eles não conversam sobre isso, se referindo a possíveis conflitos, comentou que cada um fica na sua, que ela não fala nada, tampouco, ele fala alguma coisa para ela também. Argumenta que embora ache esse comportamento muito errado, ela não consegue falar. Diz acreditar, que o que incomoda deve ser falado, porque senão as coisas podem chegar a um ponto onde não há mais solução. Diz saber que em um casamento é necessário o casal conversar bastante, sem necessariamente deixar o outro chateado, mas admite o receio dos dois em entrar em algum assunto que um possa magoar o outro. Relataram que, observando casamentos de outros amigos, verificaram que a falta de diálogo pode chegar a um limite, no qual o casamento não tem mais como se sustentar e, diante disso a única alternativa seria o rompimento do mesmo. Jorge concordou com sua esposa através de afirmações positivas com a cabeça. Sua única verbalização foi: “É, daí não tem mais volta”.

Pesquisadora: Você tem dificuldade em colocar as suas opiniões?

Ana: Tenho. (risos)

Jorge: Ela tem.

Pesquisadora: E você? (para Jorge)

Jorge: Menos um pouco, mas tenho também. A gente fica guardando para não falar.

Pesquisadora: Qual dos dois tem mais dificuldades?

Ana: Eu acho que sou a mais fechada, mas às vezes eu sou meio explosiva, vou guardando e aí coloco de maneira errada.

Pesquisadora: E desses conflitos que vocês colocaram aqui, o que mais incomoda?

Ana, novamente, tomou à dianteira, lembrando que no encontro anterior havia colocado um item como conflito e que na verdade não a incomoda tanto, pois pensou e constatou que era uma situação que estava vivendo naquele dado momento. Como suas férias estavam se aproximando, ficou pensando, o fato a que estava se referindo era passar as suas férias com a família do marido. Contudo, percebeu que deixou de assinalar algo que é muito conflituoso na vida do casal, e que é uma constante na vida deles; todas as vezes que Jorge quer fazer alguma coisa, sempre pede a opinião dela, mas na verdade, é só para perguntar, porque sempre ele acaba fazendo tudo o que quer.

Jorge argumentou dizendo não ser bem assim. Mas, Ana reafirmou sua colocação dizendo que se sentiria injusta se colocasse como conflito algo que era um problema dela ou do casal, em cima de pessoas que, na verdade, não tinham nada a ver com isso, uma vez que, a família dele não participa das escolhas que eles (o casal) fazem em relação às suas férias.

Sentimos que Ana tinha consciência em relação ao fato de ser consultada e não ser ouvida, mas também observamos que apesar de não ser uma situação nova, ela não apresentava recursos internos para impedir que esse fato voltasse a se repetir.

Sabemos que um casamento pressupõe a existência de diferenças, de dificuldades, de opiniões contrárias, já que duas pessoas não podem natural e espontaneamente se contentarem e se satisfazerem em tudo e sempre, daí a importância da comunicação em um relacionamento conjugal. Para se comunicar é necessário dar e receber informações; é um processo verbal e não-verbal de se fazer solicitações ao outro; é um processo de interação, assim sendo, pensamos ser uma das questões mais difíceis e mais importantes na relação de um casal. Ficou aqui uma questão: Será que os dois cônjuges tinham estabelecido uma *persona* conjugal, já que os dois demonstravam ter uma relação conjugal alegre, comunicativa? A idealização de um relacionamento harmônico estava sendo sustentada pelo fato de terem construído defesas contra possíveis discussões; era mais fácil manter a *persona* de uma relação conjugal alegre do que expressar e elaborar os conflitos e sentimentos negativos.

A abordagem analítica elabora as diferentes realidades expressas pelos cônjuges no campo interativo, e não valoriza uma maneira de expressar a realidade experimentada sobre a outra. As expressões humanas são várias, a expressão racional e narrativa é apenas uma forma de comunicação, mas existe uma variedade de possibilidades para que o indivíduo possa manifestar e expressar seus sentimentos.

A partir do momento que foi revelado que não havia uma comunicação límpida e cristalina entre eles, a entrevista foi se encaminhando para o tema a seguir:

1º Tema: Dificuldade na Comunicação.

Diante da colocação feita por Ana, pedimos que a mesma exemplificasse o que estava querendo dizer, quando dizia que Jorge perguntava a opinião dela, mas ela sentia que era só por perguntar.

Ana: Um conflito nosso é o cachorro, eu falei que eu não queria o cachorro, e ele aceitou assim mesmo. (Foi um amigo que deu). Eu me lembro da frase que ele falou. "Então você nunca vai poder ter filho, porque filho dá trabalho". Ái o cachorro foi ficando até ficar definitivamente.

Pesquisadora: Você não queria um cachorro?

Ana: Não. Não porque eu moro em apartamento, eu acho que cachorro tem que ter espaço, acaba se metendo no espaço da gente, então eu não queria cachorro.

Pesquisadora: E o Jorge queria um cachorro?

Ana: Não

Pesquisadora: Agora não entendi.

Ana: (gargalhada)

Jorge: Foi ocasião mesmo. Eu achei que tudo poderia melhorar em casa. E melhorou não é? (olhou para a esposa) Porque naquela época ela não estava conseguindo engravidar, e acabou engravidando, e um dos motivos foi essa distração com o cachorro, porque o cachorro acabou quebrando aquele clima de cobrança de gravidez, e no que se esqueceu daquela cobrança, ela acabou engravidando, além de outras coisas também.

Jorge relatou que o casal passou época querendo engravidar e não estavam conseguindo, ficaram tentando por uns dois ou três anos, inclusive nessa época fizeram até um tratamento, não pela necessidade de engravidar, mas porque segundo eles era uma época ideal. Jorge justificou: *"como não estávamos conseguindo normalmente e era uma época boa, resolvemos tentar um tratamento para acelerar o processo"*. O tratamento foi feito, mas não deu certo, além de ter sido muito invasivo foi muito incomodo. O que podemos dizer a esse respeito é que *"a experiência não foi boa"*. Ana completou afirmando que a experiência foi ruim tanto física como emocionalmente. O casal resolveu então desistir do tratamento e um ano depois Ana engravidou.

Stammer *et al* (2002), é um autor que trabalha com aconselhamento de casais, como também realiza trabalhos com casais com problemas de infertilidade, este não era o caso do casal em questão, mas como o mesmo passou pelo processo de inseminação intra-uterina *in vitro*, pensamos no que o autor coloca a respeito desses casais. Ele identifica dois tipos de

padrões em um funcionamento conjugal, os casais que passam a impressão de estar “emaranhados harmoniosamente”; e seu oposto, aqueles que aparecem estar “emaranhados antagonicamente”.

Os casais que se posicionam no pólo extremo de estar “emaranhados harmoniosamente” sentem-se ameaçados por aspectos relacionais negativos e preferem não expressar seus sentimentos negativos. Conseqüentemente, eles tendem a evitar qualquer discussão ou enfrentamento de assuntos que possam provocar conflitos ou angústia ao casal, pois existe a crença de que ao colocar esses conflitos dentro da relação conjugal eles possam desestabilizar a harmonia existente. Os cônjuges que desenvolvem essa dinâmica na sua relação têm a tendência de não trazer sentimentos ambíguos ou contraditórios para a conjugalidade e preferem manter a ilusão de uma relação harmônica. No outro extremo, quando os casais estão “emaranhados antagonicamente”, o que é identificado por Stammer *et al* (2002) como sendo bem menos freqüente, a comunicação entre os cônjuges pode chegar a um ponto de estagnação. Os cônjuges que desenvolvem essa dinâmica na sua relação têm muitas dificuldades em criar um ambiente propício para desenvolver um diálogo aberto e honesto, no qual exista apoio emocional mútuo e acolhimento.

Percebemos em Jorge uma tendência para que seja adotado um padrão de funcionamento conjugal, “emaranhados harmoniosamente”, tentando evitar discussão, enfrentamento, amenizando e até desconsiderando os problemas que o cachorro estava causando. Neste momento esta tendência estava muito mais evidenciada em Jorge, uma vez que o cachorro era e é um problema para Ana.

Ana perdeu o primeiro bebê bem no começo da gestação, na 1^a ultra-sonografia foi verificado que não havia batimentos cardíacos no feto.

Ana assim relatou sua experiência:

Ana: Foi chato, porque a partir do momento que ficamos sabendo que estamos grávidas, nosso pensamento vai lá à frente, nossa imaginação vai longe, mas passou. Foi muito difícil porque eu não tive um aborto espontâneo, internei, o médico falou, vamos forçar. Aí eu fiz um ultra-som, e foi verificado que ficaram uns restos ovulares, voltei para o hospital para fazer a curetagem, então foi bem desgastante essa fase, mas depois passou.

Ficaram tentando engravidar, mas não conseguiram, foi nessa época que resolveram fazer o tratamento, gostariam de ter feito inseminação artificial, mas não foi possível porque com a medicação Ana ovulou muito, teve 14 folículos, 7 óvulos, diante do número de óvulos o processo foi *in vitro*. E nada disso deu certo, foi outra etapa muito desgastante, depois ela

mudou de emprego, começou a trabalhar em outra empresa e diante disso não tinha tempo para nada.

Na época que Ana tentou engravidar, através do tratamento, foi no período em que tinha saído de uma empresa na qual gostava muito de trabalhar, mas essa empresa fechou sua filial na cidade e todos os funcionários foram demitidos. O casal resolveu aproveitar esse período para engravidar e ter o nenê, assim ela não precisaria ficar em licença médica, podendo ficar com o nenê o tempo que quisesse e depois voltaria a procurar emprego, mas segundo Ana o trabalho chegou primeiro.

Pesquisadora: Você concorda com o Jorge a respeito do cachorro, que quando o cachorro veio para casa, parece que deu uma aliviada.

Jorge: Distrai a atenção, muda o foco de certos assuntos para outros entendeu? Mesmo que tenha sido por raiva. (risos)

Percebemos uma dificuldade de Jorge em falar dos seus sentimentos como também em tocar nos assuntos mais íntimos. O foco da conversa girava em torno do cachorro, Jorge insistia na importância da vinda do cachorro para que ocorresse uma mudança de foco, mesmo que fosse através da raiva.

Ana: Eu passei muito nervoso com o cachorro. Quando é pequenininho até entendo, poxa o cachorro tem de ser domesticado, adestrado e tal, só que ele é muito teimoso, e o Jorge não é muito bom educador. Nós pagamos um adestrador porque o cachorro começava a latir 4h da manhã, ele latia até a gente levantar, chegava ao ponto de deitarmos na sala para o cachorro nos ver e parar de latir. Aí eu engravidhei, o Jorge viajou logo no inicio da gravidez, precisou ficar uns 15 dias na Europa. A gente no inicio fica com muito sono, e eu tinha de ficar com esse cachorro, e ele latindo, eu levantava da cama, ficava no sofá deitada, morrendo de raiva, eu já dei tanto tapa nele, tanto, eu bati tanto nele. Ele é muito bonitinho, mas às vezes, o meu ódio por ele é muito maior.

Jorge: (risos)

Pesquisadora: E, é um ponto de conflito entre vocês?

Jorge: É

Ana: É, e muito. O Jorge teve de fazer um tratamento de choque, para ele (o cachorro) melhorar um pouco. Parar de latir pelo menos de madrugada. E é chato.

Jorge: Ele é carente, então ele acorda de manhã e quer ver a gente. Ele convive muito com as pessoas, ele gosta de ficar do lado de onde está todo mundo.

Ana: Eu lembro que depois que eu tive a nenê, o Jorge voltou a trabalhar depois de uns 40 dias, foi ótimo porque ele me ajudou muito, super pai. Só

que quando o Jorge voltou a trabalhar, o cachorro ficou. Quando minha filha acordava, eu dava de mamar, ela dormia, aí pensava vou aproveitar e vou dormir também, só que eu não conseguia, porque ele ficava chorando, latindo, e eu levantava. Quando ia amamentar ele ficava lá mordendo o meu pé. Aquele negócio ia me dando um ódio tão grande, que eu chutava ele. Eu dando mama prá menina, e ele me infernizando. Então eu tenho raiva dele.

Ana continua:

Ana: Eu ligava para ele e dizia: "Você tira esse cachorro agora daqui."

Jorge: Eu dizia tenta esquecer e fazer outra coisa.

Ana: Não, ele sempre arruma uma desculpa para proteger o cachorro. Eu falo que na escala lá de casa é o cachorro, depois a nossa filha e depois sou eu.

Jorge: Não. Não é verdade.

O cachorro provocou discussão entre eles, trazendo à tona determinadas qualidades da relação, como queixas, pedidos não atendidos, silêncios reveladores, insatisfações que estavam ocorrendo no núcleo familiar. Eles estavam precisando refletir sobre a natureza da própria relação conjugal como também nas relações que cada um mantinha com os diferentes aspectos da sua própria vida. Sentimos a indignação e a decepção de Ana com essa situação, e sua irritação se manifestava através de um comentário que diz que na casa deles tem uma escala de prioridades, sendo primeiro o cachorro, depois a filha e depois ela. Percebemos uma falta de diálogo entre eles, faziam apenas observações – eles não discutem seus sentimentos e preocupações juntos e acabam disfarçando o conflito.

Pela primeira vez Jorge começa a falar dizendo: "*Lá em casa, pra mim, o cachorro não é conflito na verdade. Conflito é divergência mesmo, só*".

Foi então pedido que ele desse um exemplo, o mesmo ficou sem jeito, olhou para Ana e disse: "*Não sei. Não sei o que pode falar*". Ela respondeu: "*Pode falar tudo*". (risos)

Jorge: Sei lá, talvez essa mania de limpeza que ela tem e fica querendo que tudo lave a mão, lava a mão, lavou a mão? Mexeu no cachorro, lavou a mão? Aí meu Deus do céu! Eu acho exagero, não precisa isso tudo.

Ana: Isso de lavar as mãos, por exemplo, para comer, eu acho que todos têm que lavar as mãos para comer, aí eu falo: "Vai lavar as mãos".

Nesse momento da entrevista surgiu um clima diferente, nos pareceu que estava ocorrendo certa animosidade entre eles, apesar do sorriso de Ana e do olhar quase "cordato" de Jorge, o que deu oportunidade para a pesquisadora abordar o casal sobre como eles lidavam com a raiva, eles nos confessaram que não sabiam lidar muito bem, Ana disse-nos: algumas vezes ela consegue colocar para fora seu sentimento raivoso, mas Jorge dificilmente o faz, fica

quieto, não fala com quase ninguém e fica muito desanimado o que não é seu habitual, pois seus amigos e familiares o consideram uma pessoa animada.

Observamos uma pequena mudança corporal no casal quando o assunto raiva foi abordado, eles se reposicionaram corporalmente, mexeram com as pernas, dando-nos a impressão de que esse poderia ser um terreno perigoso. Deram-nos a impressão de que o contato com a raiva poderia acarretar algum tipo de sentimento, podemos entender a dificuldade existente no casal quanto à expressão desse sentimento considerado negativo, só que esses sentimentos podem se acumular e eclodir a qualquer momento. Ana, algumas vezes, chega a manifestar seu incômodo, mas Jorge toma uma atitude de negação.

Jorge: Eu não sei, eu acho que eu fico com preguiça de falar. Nós temos horror de discutir relacionamento, a gente não gosta. Nós dois não gostamos desse assunto, desse negócio, mas é ruim porque vai acumulando e às vezes acumula demais.

A relação conjugal considerada como um dos caminhos para a individuação suscita atenção aos conflitos e as crises conjugais do cotidiano. O conflito com o parceiro provoca uma ressonância interna que ativa a polaridade: consciente-inconsciente. Na convivência do dia-a-dia, a supervalorização ou a subvalorização do cônjuge começam a incomodar, podendo esse confronto motivar mudanças.

Brigas e desentendimentos acontecem, marcando desencontros e caminhos diversos. É a oportunidade de confrontar o impulso com um “tu”, ou seja, como algo diferente do “eu”. Assim, o estado de identidade pode ser dissolvido e evoluir para a diferenciação. “Somente nesse ponto, diz (Whitmont, (2000[1969])), é que podemos começar o diálogo interior. Até então, o impulso permanece inconsciente, primitivo e destrutivo”. Os desencontros propiciam um aprendizado de lidar com os impulsos como uma entidade autônoma, separado do ego, e assim poder desenvolver o potencial positivo do impulso.

Na verdade, o que chamamos de desenvolvimento do ego é a separação entre um centro consciente e o mundo dos impulsos. “Onde existe identidade há compulsão, não questionamos os motivos” (Whitmont, (2000[1969])). O processo gradativo do desenvolvimento, diz Jung (2002[1972]), “significa ampliações da consciência. [...] consciência em nossa concepção é sempre consciência do ego”.

Pesquisadora: Naquela semana específica, a qual Ana se referiu você estava mais quieto por causa do relacionamento?

Jorge: É

Pesquisadora: (Para Ana) E você sabia disso?

Ana: Eu sentia, mas ele não quis falar, eu também não insisti.

Pesquisadora: E como que é isso pra vocês?

Jorge: Não é bom.

Ana: Eu me sinto super mal.

Pesquisadora: E quem que toma a iniciativa de quebrar essa situação?

Ana: Eu acho que foi indo.

Jorge: Eu acho que foi o tempo, com o próprio tempo vamos esquecendo, colocando de lado, a gente vai pensando e tal, tirando a importância disso, pensando naquilo, mas não dando tanta importância. Aí as coisas voltam ao normal.

Eles continuavam mantendo o mesmo padrão de comportamento, afirmando que o tempo seria o melhor remédio para os possíveis desentendimentos conjugais Segundo Hillman (1995[1971]). Um primeiro passo na educação do sentimento consiste em acabar com a repressão do medo. ... Como a função sentimento é o elemento que sente os sentimentos, devemos permitir-lhe sentir o que ela de fato sente diante das coisas, admitindo e aceitando, sem intervenção das funções superiores.

Ficamos nos indagando o que poderia estar por trás dessa afirmação, o que nos levou fazer a próxima pergunta, e a resposta da mesma nos encaminhou para o próximo tema.

2º Tema: Cobrança Velada.

Pesquisadora: Dentro do relacionamento, vocês poderiam pontuar o que mais incomoda, quanto a conflito, a divergência?

Ana: Posso sim. O cachorro.

Pesquisadora: Qual será o simbolismo desse cachorro na vida de vocês?

Ana disse-nos que o cachorro é um exemplo do que mais acontece na relação entre eles: “*O Jorge sempre pergunta a minha opinião, mas nunca leva em consideração*”.

Ela continuava afirmando que em todos os lugares, ele acaba fazendo sempre o que quer, mas justifica dizendo: “*eu já vi que isto é dele mesmo*”. Contou que em umas férias que passaram com outros casais, em um determinado dia, ele queria fazer uma caminhada, mas

ninguém queria ir, e o Jorge ficou: “*Vamos, vamos*”. E todo mundo teve que ir fazer a caminhada, na verdade uma trilha.

Jorge interfere voltando à questão do cachorro, questionando se o cachorro não poderia estar sendo um problema porque, com a sua vinda a atenção que ele (Jorge) dava a Ana, agora estava sendo dividida com o cachorro. Ana olha para nós e diz: “*Eu já pensei nisso*”. Sentimos que algo novo estava sendo constelado; um complexo talvez?

O poder de um complexo ou de um arquétipo constelado distorce a percepção da realidade, causando tanto atração como repulsa, ou seja, não são apenas negativos. Nas crises conjugais, admiração, fascínio e irritação se amalgamam, apontando para um potencial inconsciente e indiferenciado. Quando desenvolvido conscientemente, poderá tornar a relação construtiva.

Para Jung (1991c. [1930]), a erupção aparentemente subida de conteúdos desconhecidos, na realidade, constitui um processo inconsciente que se desenrola através de muitos anos: às vezes traços desconhecidos desde a infância vêm à tona. É, nas palavras de Jung, “*uma imposição que nos retira do mundo ‘paradisíaco’, e parece ser um fato psíquico de tal peso, que é mostrado na Bíblia como um dos ensinamentos simbólicos mais importantes do cristianismo: o sacrifício do paraíso, quando a maçã é comida*”. Na Bíblia esse despertar da consciência é apresentado como uma maldição, e é assim que vivemos situações conflituosas que nos forçam a confrontos. Esquecemos que as crises implicam a possibilidade de ampliar a consciência.

Diante da resposta de Ana, Jorge argumenta:

Jorge: É, mas você também tem que pensar no que eu já deixei de fazer, pra seguir as suas vontades. Tem que pensar nisso também, porque algumas coisas eu tenho a minha opinião, outras coisas eu deixei, muitas outras coisas eu deixei de fazer, eu já concordei muito com a sua opinião, mas você só vê um lado, com certeza.

Ana: É eu estou colocando o meu lado.

Jorge: Exatamente.

Percebemos que Jorge apesar de levantar a questão, de que ele também deixou de fazer muitas coisas por ela, calou-se muitas vezes com receio de que isso pudesse causar algum desconforto na relação. Parece que existia um receio de expressar sentimentos, que pudessem provocar uma reação indesejada na esposa e depois ter de lidar com essas diferenças e o

possível conflito. O tipo sentimento tem receio de expressar seus sentimentos quando não consegue saber o que o outro está sentindo.

Ele não confia nas próprias forças internas para enfrentar o receio da decepção que poderia ocorrer ao se colocar e prefere evitar entrar em contato com esses elementos para que o casamento mantenha a sua aparência de harmonia. Ele se nega o direito de expressar e validar seus desejos e sentimentos, que poderia passar a impressão de que o casamento não esteja fortalecido o suficiente para agüentar esse possível conflito. Pareceu-nos que não estava havendo lugar para que as diferenças individuais viessem à tona nesse momento do casamento.

Ana: Mas eu não sei o que você deixou de fazer.

Jorge: Todo o resto. O modo de vida, o padrão que a gente leva tudo isso. Não quer dizer que é ruim, só que a gente deixa de fazer umas coisas, pra levar de outra maneira como no padrão que você gosta.

Pesquisadora: E qual é esse padrão, qual é esse modo de vida?

Jorge: É normal, não tem nada de mais. Um exemplo, eu gosto muito de ir ao cinema, diminuí a quantidade para poder ficar mais em casa, a vida muda muito no casamento. A gente tinha o hábito, de fazer mais caminhadas na natureza, à gente fazia muito mais, eu fazia muito mais, e agora depois do casamento diminuiu um pouco, na verdade diminuiu muito, então as coisas vão mudando mesmo.

Jorge continua:

Jorge: Devagarzinho você vai ficando mais caseiro, vai deixando de fazer as coisas, é uma tendência mesmo. Porque você quer dar atenção, você quer ficar em casa mais junto, então você vai deixando as outras coisas pra ficar junto, porque já fica separado o dia inteiro. E não dá tempo.

Ana: Quanto às caminhadas, eu também sempre gostei de fazer, mesmo depois de casados a gente fez algumas, mas isso seus próprios amigos, foram parando também. Mas eu nunca proibi, se eu não quisesse fazer você poderia ir com eles. Às vezes é bom fazer alguma coisa sozinha, assim como fazer juntos também é bom. Mas eu não sabia, nunca senti isso. Quantas vezes meu cunhado o chama para jogar tênis, eu sempre falei para ele ir, mas ele diz que está com preguiça.

Essa última frase, em que Ana diz que Jorge sempre alega preguiça, nos encaminhou para o tema a seguir:

3º Tema: Desânimo e Insatisfação.

Quando um conflito surge, seja este pessoal ou conjugal, sabemos que se o indivíduo não se abrir para aquilo que está o perturbando, não entrar em contato com a sua dor, este vai se

repetindo, até o ponto da pessoa correr o risco de ficar endurecida, fechada, insensível podendo chegar até a adoecer. Muitas vezes para se proteger, o ser humano reluta em entrar em contato com a possível dor causada pela insatisfação.

Jorge: É eu tenho andado muito desanimado com atividade física, eu estava tentando fazer yoga, mas parei pra ficar mais com a Nina, o horário é de 19h30min as 21h quer dizer, é um horário bem ruim, ela fica no colégio o dia inteiro, das 07h às 18h, o único horário que ela fica com a gente e nesse horário, as únicas 3h do dia, eu vou ter que sair metade para fazer yoga, porque eu não consigo outro horário, então desisti temporariamente, assim que der um tempinho, que melhorar isso, aí eu volto. Com relação aos outros exercícios dá muito desânimo mesmo, passei a vida inteira fazendo ginástica, exercício, chega uma hora que você fica cansado.

E não é só com a atividade física, sabe? Ultimamente eu estou mais desanimado com o trabalho, está tendo uma mudança no trabalho que eu não estou gostando muito, uma mudança grande que eles fizeram lá na engenharia, e isso está bem ruim pra todo mundo.

Ana: E o fato também de ele estar sempre doente, desde o começo do ano.

Jung (1991[1921] p.321) afirma: “O perigo do extrovertido está em ser atraído para dentro do objeto e lá perder-se completamente. As perturbações corporais que daí se origina, sejam funcionais (nervosas) ou reais, têm um significado de compensação, pois forçam o sujeito a um autofechamento involuntário”.

Jorge: É, mas já está curando, acabei de tomar um antibiótico, mas do início do ano pra cá, que a Nina entrou no colégio, todas as doencinhas que ela pegou, eu peguei, mas comigo foi mais forte. Foram quatro ou cinco assim juntas, acaba uma e vem outra. É virose, aí veio gripe, aí virose, aí pneumonia, tudo que ela pega, vem pra mim e me derruba.

Após a entrada da filha no berçário, Jorge voltou seu olhar quase que inteiramente para tudo que se relacionasse a ela. Estava atribuindo àquilo que aos nossos olhos, estavam mostrando suas insatisfações, como o desânimo, a preguiça, as doenças sucessivas, ao contato com as doenças que a menina estava pegando na escolinha e passando para ele. Parece difícil para o tipo de sentimento com intuição auxiliar admitir a verdade nua e crua a respeito dos problemas os quais se sente emocionalmente envolvidos. Seria importante que essas pessoas reconhecessem que ao se recusarem a encarar certos fatos desagradáveis, estarão ignorando seus problemas em vez de procurar uma solução para eles.

Ana: Eu sempre tenho dois doentes. (risos) Não pego nem resfriado, só teve um final de semana que o Jorge estava quase morrendo, a Nina estava doente, e apareceu uma dor em mim, era quinta-feira à noite, aqui (mostra o local), passou sexta e eu não podia virar, quando chegou domingo, estava insuportável, eu falei para o Jorge eu sei que você está mal, mas fica com a Nina e eu vou ao médico, daí eu fui no 24h que tem perto de casa, tomei uma injeção e foi relaxando, mas depois fui fazer acupuntura e a agulha não entrava de tão tenso, acho que foi muito desgaste, aí eu vou acumulando aqui no ombro. O meu trabalho é super pesado, é chato, aí chega o final de semana Jorge e a Nina doente, eu tinha que dar conta de tudo isso, então foi um período bem pesado. Mas agora já está tudo bem, já passou Graças a Deus

Jorge: E também são os seis primeiros meses da escolinha, que eles falaram que são os piores.

Ana: É muito contato, e com todo mundo.

O casal relata que na ultima semana Jorge começou a tossir e vomitar, parecia ser asma, a garganta começava a prender, e ao tossir tudo que tinha no estômago começava a sair. Ana disse achar tudo isso muito esquisito, mas Jorge brincou dizendo ser pneumonia mesmo.

Ana: Ele já foi ao homeopata. O homeopata acha que a imunidade dele está baixa porque ele no trabalho era super animado e desanimou.

Jorge: O homeopata falou que as mudanças que tiveram lá na empresa quebraram o meu equilíbrio. Eu tinha equilíbrio entre a vida social e o trabalho, como eu gostava, como eu queria que fosse mesmo, e agora quebrou esse equilíbrio porque o trabalho não está bom, está ruim lá, eles reestruturaram tudo e não estamos satisfeitos. Eles não estão valorizando o grupo.

Ana: É um lugar onde você passa maior parte da sua vida. Você acaba levando os problemas para casa, eu também, eu odeio o que eu faço. Então eu acho que é assim se a gente chega em casa esgotado ainda bem que tem a Nina.

Jorge: É depois que eu saio de lá eu esqueço tudo.

Ana: Às vezes dá vontade de largar tudo, porque o mercado exige muito de você hoje em dia, tem que ter o inglês perfeito, o não sei o que perfeito, é um saco.

Ana segue dizendo que agora além de estar pior, estão em uma fase que não dá nem para pensar em largar o emprego, pois começaram a construir uma casa no litoral. Diz ser “*mais mão de vaca*”, e que fica nervosa, porque eles têm um contrato assinado com o construtor e que se comprometeram com parcelas mensais. Jorge tenta aliviar:

Jorge: Não vamos comprar nada, sabe assim, pagamos por mês prá ele e ele compra tudo e constrói. Na praia ainda. Então o cara faz tudo, tudo já está incluído no preço.

Ana: Aí é outro ponto que discordamos, ele gasta e eu fico lá com medo de a gente gastar muito.

Jorge mostra irritação.

Jorge: Gasta, gasta, comprar um pijaminha pra Nina?

Ana: (risos) Eu penso no outro lado.

Jorge mostrou-se bastante entusiasmado em relação à construção da casa no litoral, visto que, sua atitude foi de irritação quando Ana mencionou os seus gastos, como também falava do projeto, como uma criança quando ganha um brinquedo novo. Observamos que, para ele essa obra poderia estar sendo algo novo, que viesse a lhe tirar desse ciclo de desinteresse e desânimo pelo qual está passando.

Jorge: Eu que faço as contas, é lógico que tudo que eu faço de gastos é controlado, nós não somos descontrolados, nenhum dos dois, de comprar, comprar e no final do mês ficar sem dinheiro. Quando ela vai comprar alguma coisa, pede para eu ir junto, daí ela diz: eu gostei dessas duas blusas, mas tem que escolher uma. Eu falo: "Se gostou das duas leva as duas, não tem problema nenhum". Ai ela fala, não sei, não sei. Eu que fico falando prá ela comprar, é o contrário.

Ana: É lá em casa é ao contrário. Fico preocupada, agora fizemos um empréstimo para construir a casa.

Jorge: Mas, para construir tem que fazer empréstimo.

Colman (1994) mostra que, para o bom funcionamento de um casamento, é preciso existir confiança de modo que o conflito que surge não irá destruir a relação e que exista um continente para as questões do casal. A ausência desse continente seria semelhante a não ter com quem brigar e não ter resposta.

Ana: É, mas eu acho que a gente conseguiria guardar mais. Com isso, ele fica falando que é pra trabalhar até a gente acabar de pagar essa construção, depois eu posso sair, e eu fico trabalhando me matando num lugar que eu não gosto, então eu quero pagar essa dívida logo pra cair fora. O salário lá não é uma coisa que me incomoda, o que me incomoda é o profissional, que aí sim é um retrocesso pra mim. Eu trabalhava num lugar que era bem pra frente, tudo muito atualizado e lá não.

Diante da colocação que Ana fez acima, admitindo permanecer na empresa até acabarem de pagar a construção da casa que está sendo feita no litoral, pensamos nas

palavras de Singly (1993), que ao ressaltar as características individualistas da família e do casal contemporâneo, enfatiza a importância da qualidade das relações estabelecidas entre os seus membros. A relação conjugal se manterá enquanto for prazerosa e "útil" para os cônjuges. Valorizar os espaços individuais significa, muitas vezes, fragilizar os espaços conjugais, assim como fortalecer a conjugalidade demanda, quase sempre, ceder diante das individualidades.

8.2.3 - Terceiro Encontro.

Pesquisadora: Lembraram de mais alguma coisa que vocês não colocaram na semana passada?

Ana: Não. Bom da minha parte eu coloquei o que lembrei, ah! Eu acho que a gente devia conversar mais, porque a gente não conversa em casa.

Pesquisadora: Quem tem maior dificuldade você ou o Jorge?

Ana: Eu acho que nós dois temos dificuldade.

A partir das colocações feitas logo no início da entrevista fomos encaminhados para o próximo tema.

4º Tema: Necessidade de Diálogo.

Logo no inicio deste encontro observamos o quanto o casal estava comprometido com a pesquisa, essa observação nos fez pensar em um possível compromisso firmado entre eles e com eles mesmos. O casal mostrava interesse, como também disponibilidade em relação ao processo da pesquisa a qual estavam participando. Entretanto, afirmaram que continuavam tendo dificuldades em relação ao diálogo, estava difícil para eles transpor essa barreira.

O casal assinalou dificuldades quanto ao início e a manutenção de um diálogo, Jorge deseja dialogar, mas fica a mercê da permissão, da iniciativa de Ana. Aqui se apresenta outra característica do sentimento extrovertido que é ficar ligado ao objeto, distanciando-se de suas necessidades. Pensamos no diálogo como uma troca, uma escuta que leve a uma intimidade mais profunda. Sabemos que, para ocorrer verdadeiramente um diálogo é necessário que os dois compreendam aquilo que se passa com eles mesmos e com o outro. Poderíamos salientar a necessidade de uma vivência de alteridade, na qual duas pessoas se encontram e como

resultado desse encontro ocorre uma transformação, através do que uma simbolizou para a outra.

Pesquisadora: E porque essa dificuldade? É medo de alguma coisa?

Jorge: Não, não é medo não, é preguiça mesmo, porque ela fala que esse negócio de discutir relacionamento ela nunca gostou, ela fala isso pra mim, no entanto mulher sempre fala que temos de discutir o relacionamento, aquele negócio de ficar falando horas e o homem só escutando, ela falou que odeia isso.

Pesquisadora: Ela odeia e você?

Jorge: É indiferente, na verdade gostaria de falar mais.

Pesquisadora: Você falaria mais?

Jorge: Falaria.

Mediante o que foi exposto podemos citar Jung (1991[1921]), o tipo extrovertido certamente tem opiniões subjetivas, mas sua força determinante é menor do que a das condições objetivas externas. Jorge parece usar a preguiça como uma forma de não enfrentamento com as forças subjetivas externas.

Ana: É, mas eu acho que eu não sou tão radical assim, se ele tem vontade de falar estou aberta.

Pesquisadora: E você, quando ele coloca assim, que essa coisa de discutir relação eu não gosto, é porque você não gosta tem dificuldade, medo de alguma coisa?

Ana: Eu tenho dificuldade mesmo de falar. Às vezes eu dou umas indiretas, mas mulher tem mania de dar indireta achando que o outro vai entender (risos) e isso eu sei que é errado. Uma vez eu estava lendo sobre a diferença do homem e da mulher, que a mulher tem essa mania mesmo que acha que o homem tem que pescar as coisas, e o homem não, para o homem entender a mulher, ela tem que ser bem clara, senão eles não entendem.

Jorge: Tem que falar assim: aí vai uma indireta.

Sentimos que as colocações verbais dos cônjuges estavam retratando a dinâmica conjugal e as defesas construídas ao longo do relacionamento. O medo de mudanças estava evidente, a energia estava voltada para preservar o conhecido, pois as mudanças estavam significando perder algo sem garantias de ganhos; as mudanças poderiam ameaçar a “harmonia” construída. Mudanças nesse contexto seriam: assumir para si e para o outro suas dificuldades, aceitar como conflito conjugal aquilo que os desagravava. Aos nossos olhos, só o

cachorro conseguiu mobilizar o casal para que ocorresse um grande conflito, mas que está sendo contornado e não resolvido.

Ana nos disse que dificilmente eles brigam e que daria para contar nos dedos da mão, as vezes que isso acontece. Jorge interrompe dizendo que eles brigam quando ela arruma alguma confusão, mesmo assim detesta, porque muitas vezes ela grita, faz escândalo, fica se “esgoelando”. Ele completa: “*Isso não adianta nada*”. O tom de voz de Jorge foi suave, baixo o que fez a pesquisadora interrogar.

Pesquisadora: Mas quando vocês brigam é nesse tom?

Ana: É (risos). Ele tem o gênio muito bom.

Jorge: É, e o jeito dela é muito bom. O meu também, todo mundo fala em todo lugar que eu vou morrer muito velho, (gargalhada) todo mundo fala isso em todos os lugares que eu trabalho. Será que isso é ruim?

Ana: Agora uma coisa que eu vejo que ele fica bravo é quando a gente vai viajar eu já fico pensando na volta.

Jorge: É a gente já sai daqui e ela falando: Jorge que horas nós vamos voltar? No feriado, quinta de manhã entrando no carro, ela pergunta que horas nós vamos voltar domingo? Aí meu Deus, relaxa, a gente vai chegar a hora que a gente chegar.

Ana: A gente é ao contrário, ele tem a maior pressa pra sair, e na hora de voltar ele não tem, e eu sou ao contrário. Eu quero sair tranquila, mas já que eu tenho que voltar, eu quero voltar logo, porque eu já penso em tudo que eu tenho pra fazer quando chegar, aí acaba que vou dormir tarde, por isso tenho que voltar cedo, se eu começo a semana ruim, a semana toda eu fico cansada, então eu já fico naquela neura. (risos)

Jorge: Igual ao meu primo, no primeiro dia de férias ele fala: "Ai só faltam 19 dias". Ao invés de aproveitar porque ainda tem 19 dias, não, ele acha que só faltam 19.

Ana: Eu sei que ele fica bravo comigo.

Jorge: Eu não fico bravo, só que eu não aproveito.

É conhecido o provérbio: “Casal que não briga, separa-se”. Como tudo que é vivo, a relação conjugal sadia deve ter seus momentos de encontros e desencontros, nestes ficaria facilitado o confronto entre o casal, o que facilitaria os processos de transformações dentro da conjugalidade. Quando as diferenças existem e não são vividas, correm o risco de ficar reprimidas, isto pode acabar desgastando e destruindo a relação. As mágoas e os ressentimentos podem levar um casamento a percorrer caminhos difíceis, a findar por falta de vida e transformação.

Em todos os casais encontramos um número significativo de polaridades e diferenças, como também se fazem necessárias as existências de igualdades, pois sem essas igualdades a vida em comum seria composta só de sacrifícios, desafios, renúncias e desencontros. Não só de oposições se faz o vínculo do casal, pois só com dificuldades e sacrifício a vida se tornaria um inferno. Pensamos que Jorge e Ana estão fazendo a opção por uma vida conjugal mais leve, tentando valorizar e gostar de muitas coisas em comum, procurando atividades pelas quais se interessem e que se encontrem como bons companheiros. Por nosso trabalho não estar focado na resolução dos conflitos levantados, não nos sentimos embasados para fazer qualquer tipo de afirmação, mas nos sentimos autorizados, para pensar que alguma coisa não está indo bem, coisas importantes devem estar sendo negadas por cada um dos cônjuges, e eles lutam para que a conjugalidade seja preservada.

É impossível que duas pessoas com essências diferentes, história de vida diferente, objetivos diferentes possam viver por um longo período vivendo um conflito só no nível pessoal por muito tempo. Quando foi citado acima que “o casal que não briga acaba se separando”, queremos deixar claro que essa separação não precisa ser concreta, pode ser abstrata, mas necessariamente simbólica, isto é, o casal deixa de ser um casal, para ser dois seres humanos que convivem na mesma casa, dividem despesas, enfim, continuam cumprindo os papéis que acreditam ser de suas responsabilidades cumprimem.

5º Tema: Família.

O tema família foi introduzido a partir do diálogo que tivemos a respeito da filha do casal. Estavam comentando que naquele dia específico, eles atrasaram um pouco para chegar porque tiveram que deixar a Nina na casa de uma amiga. A irmã de Jorge, com quem a filha iria ficar, teve um compromisso de última hora, que a impediu de cumprir com o combinado de ficar com a sobrinha o tempo todo que eles estivessem na clínica, mas como o compromisso era uma reunião de trabalho e esta não seria demorada, ela iria buscar a Nina na casa da amiga (que era comum) e ficaria com a sobrinha até eles estarem liberados.

Eles comentaram que muitas vezes é difícil sair de casa sem a filha, pois como ela não tem com quem ficar e quando a pessoa que irá cuidá-la não pode ir a própria casa deles, tem que se fazer praticamente uma mudança. Assim eles disseram: “*Com criança tanto faz sair por uma hora ou por um dia*”.

Pesquisadora: Como foi a decisão de colocá-la em um berçário?

Ana: Não tinha opção

Jorge: A gente pensou em uma babá durante o dia, só que ela ia ficar sozinha com a criança o dia todo. O dia inteiro uma babá em casa, não dá.

Ana: Minha mãe adoraria ficar, mas ela mora em Jacareí e não dirige. Eu voltei a trabalhar no final de novembro, então dezembro e a primeira semana de janeiro a Nina ficou com a minha mãe, só que os meus pais iam buscá-la às 7h, eu saía do trabalho e ia para Jacareí buscá-la, estava bem desgastante, por causa da Dutra, pegar estrada nos horários de pico é ruim.

Jorge: Mas foi bom. A Nina adorava, porque lá ela tinha a casa da avó toda para ela, todo mundo dando atenção, o colégio também é muito bom, ela adora o colégio.

Ana: Ela chega rindo e dá tchau pra gente.

Jorge: Quando a gente vai buscá-la também ela já chega rindo, ela deve aproveitar lá, todo mundo adora ela também. Eles têm um diário que descrevem, o que aconteceu durante o dia, eles sempre escrevem com muito carinho, dá pra sentir que eles gostam dela mesmo.

Ana: Ela não estranha ninguém

Jorge: Ela ri o dia inteiro

Ana: Ultimamente ela anda fazendo umas manhinhas (risos)

Jorge: É normal.

Notamos que Jorge sempre arruma um jeito para justificar tudo que possa parecer problema, assim foi com o cachorro, com suas sucessivas doenças e agora com a filha. Seria alguma negação? Seria algum aspecto ligado a sua tipologia? Ou seria uma característica pessoal?

Refletindo a respeito, ficamos nos questionando se para Jorge o surgimento de alguma dinâmica ou situação não conhecida, poderia representar uma ameaça às defesas construídas para manter a harmonia conjugal. Entendemos que Jorge evitava desafiar o casamento com pensamentos e sentimentos diferentes daqueles aos quais estava habituado. Ele havia construído o papel do marido que “não se estressa com nada” e, assim, não precisava lidar com conflitos potencialmente dolorosos.

Ana não apresentava essa característica, parecia discriminá-la melhor as situações.

Ana: Ele é super paizão, eu dei sorte, ele me ajuda pra caramba, e desde o início mesmo quando eu estava amamentando de madrugada, ele levantava ele já pegava a Nina no colo até eu me preparar, lavar as mãos pra amamentar.

Hoje em dia ele troca a fralda, dá mama, o que precisar. Eu não tenho o que reclamar.

Jorge: Lá em casa sempre teve muita criança, porque a minha diferença com a mais nova são 14 anos. Então naquela época eu já cuidava das crianças, já ficava com eles.

Jorge nos relata que sua família é muito unida, apesar dos pais terem se separado, os irmãos os primos sempre mantiveram um relacionamento harmônico. O relacionamento com o pai é um pouco mais complicado, pois pelo que ele relatou o pai é um pouco nervoso. Quando os pais vieram a se separar Jorge achou muito bom porque eles eram completamente diferentes. Quando viajavam a mãe gostava de ir para hotéis legais, lugares agitados. Já o pai preferia ir de moto-home para lugares bem tranqüilos. Hoje em dia quando a mãe fala do casamento, diz que se soubesse que ao se separar, a vida ia ficar tão boa como está agora teria se separado antes. O pai acha que a separação não devia ter ocorrido, entretanto já está casado novamente e com uma moça bem mais jovem, mais nova que dois dos filhos dele. Jorge comentou que os irmãos têm dificuldades de relacionamento com a moça, mas que ele nem liga. Assim ele nos colocou:

Jorge: Ele briga com ela e ela não liga entendeu? E penso ao contrário dos meus irmãos, eu quero dar uma mesada pra ela, porque sem ela nem sei como a gente ia agüentar o meu pai, não sei como que seria ela. Porque ele não ia arrumar ninguém que acompanhasse ele, ele ia ficar rodando sozinho. Ela faz tudo como ele gosta e parece que a pessoa passa a gostar daquele jeito também. A minha irmã estava falando que agora não existe mais eu e ele, agora somos nós. Ai então fala assim, "O que você está lendo pai?" ele fala: "Nós estamos lendo", nós vamos ao restaurante não sei o que, tudo é assim não existe eu e nem ela, só nós. Ele ficou até nervoso comigo, porque eu falei: pai, não pode fazer uma coisa sozinho, tudo somos nós, nós vamos fazer a casa, nós vamos viajar, nós estamos lendo, até lendo eles estão lendo juntos. (risos)

Quanto à mãe assim foi o seu relato:

Jorge: Ela falou que não quer saber de homem (risos)
 Um homem pra ela tem que ser rico, bonito e novo. (risos). Eu falei: mãe aí você está querendo demais também (risos). Não pode roncar, não pode beber, (risos), mas aí é impossível (risos), ela falou eu sei por isso que eu não quero mais não. Ela é muito alegre também, muito alegre, muito bonita.

Ana nos disse que a sua família também é muito alegre e que ela e o marido se consideram privilegiados por pertencerem às famílias que pertencem.

8.2.4 – Quarto Encontro.

A alegria desse casal é algo contagiente, embora saibamos não poder levar em consideração apenas esse dado, mas sentir-nos-íamos desonestos quanto aos nossos sentimentos se por motivos acadêmicos, sonegássemos essa informação àqueles que, por qualquer motivo, um dia entrarem em contato com esse trabalho de pesquisa.

A proposta desse encontro era fazer uma avaliação, juntamente com os casais, sobre os dados obtidos nos encontros anteriores. Como já havíamos identificado os conflitos, o casal então discorreu a respeito da vivência pela qual passaram, revelaram que, o fato de ter aceitado participar da pesquisa, tiveram a oportunidade de abrir os olhos para características pessoais como para características do outro. Afirmaram que essas características não eram desconhecidas, mas que de certa forma tinham caído no esquecimento

Estavam ansiosos para ouvir e saber como foram trabalhados os dados que foram passados. Foi realizada uma breve descrição a respeito dos temas conflituosos apontados pela pesquisadora como também foram levantadas hipóteses a respeito dos conflitos. Destacamos conflitos na comunicação, evidenciando a dificuldade que o casal tem em manter um diálogo, receando que o mesmo possa se encaminhar para um desentendimento. Como também a cobrança velada que existe entre eles, Ana levantando a questão do cachorro, mas que não foi ouvida e Jorge dizendo ter deixado de fazer muitas coisas para seguir as vontades dela. Apontamos características tipológicas de cada um, mostrando as possibilidades dessas características estarem ou não influenciando nos conflitos por eles apontados.

Como esse nosso encontro girou muito em torno do diálogo, de como um casal vai se acomodando e deixando de lado fatos que, em outros momentos, eram cuidados com muito carinho, o casal lembrou-se de quando se conheceram como também foi à decisão de ficarem juntos.

Pesquisadora: Você consegue apontar uma qualidade que enxergou na Ana que o levou ao casamento?

Jorge: Consigo sim, a alegria. Ela está sempre rindo, sempre alegre, isso é o que mais me chamou a atenção no primeiro encontro. A risada dela é muito alegre, mas sem ser forçada, é alegria mesmo, pra tudo ela tem alegria,vê televisão e dá risada, isso que é o mais importante.

Pesquisadora: E você Ana?

Ana: Ele é uma pessoa que além de eu gostar, ele gostava dos meus amigos, ele participava comigo. Porque eu tive um namorado tão enjoado, que por ele era só eu e ele, depois me afastou dos amigos, aí depois que terminou o

namoro eu tive que reconquistar todos os meus amigos, não por causa de mim, os meus amigos acabaram se afastando por causa dele, que ele era muito chato, daí eu comecei a valorizar as amizades mais ainda, e falei que o dia que eu arrumasse uma pessoa mesmo, ia ter que compartilhar isso comigo, meus amigos, a família que eu também acho muito importante.

Jorge: É isso também, os amigos e a família.

Ana: E o Jorge preencheu tudo isso, uma pessoa legal, a gente gostava de fazer bastante coisa junto, o cinema que ele gostava eu também gostava de ir aos domingos, esse lance de sair em grupo, viajar, então foi assim, caiu como uma luva.

Jorge: E a família também, na minha família todo mundo recebeu ela e ela recebeu todo mundo igual sem problema, e eu na casa dela, a gente praticamente trata a família do outro como se fosse sua. Desde o inicio. E lá em casa são cinco irmãos, quer dizer todo mundo gostar dela, é muito importante.

Percebemos que, esse encontro foi muito importante para o casal, destacaram qualidades, um do outro, que tinha caído no esquecimento. O clima foi ficando mais leve podemos destacar até certa amorosidade entre eles.

8.2.5 – Observações sobre o segundo casal.

Jorge e Ana parecem funcionar como sentimento extrovertido são comunicativos, expansivos e conectados ao que acontece no ambiente. Ana assinalou que é constante na vida do casal, Jorge pedir a sua opinião, mas na verdade é só para perguntar, porque sempre acaba fazendo tudo o que quer. Ela sente falta de ser ouvida, como também ouvir o que Jorge tem a dizer. Jorge parece ser uma pessoa mais enigmática, sente falta de carinho, mas tem dificuldade de expressar o seu desejo.

Os desentendimentos do casal não são elaborados são deixados de lado para que o tempo se encarregue de resolvê-los. É típico de o sentimento extrovertido ter receio de expressar os seus sentimentos, desejos, opiniões que possam ser contrárias causando possíveis conflitos.

Percebemos que este casal apresenta conflitos relacionados à comunicação, evidenciando a dificuldade que o casal tem em manter um diálogo, receando que o mesmo possa se encaminhar para um desentendimento. Continua então mantendo o mesmo padrão de comportamento, afirmado que o tempo seria o melhor remédio para os possíveis desentendimentos conjugais. Outro conflito apontado foi à existência de uma cobrança velada que existe entre eles, acreditamos que estas acontecem porque o casal evita brigas e

desentendimentos, perdendo com isso a oportunidade de confrontar o impulso como um “tu”, ou seja, como algo diferente do “eu”. O casal parece não confiar nas próprias forças internas para enfrentar as decepções que poderiam ocorrer ao se colocarem, preferindo evitar entrar em contato com esses elementos para que o casamento mantenha a sua aparência de harmonia. Com isso eles se negam o direito de expressar e validar seus desejos e sentimentos por não acreditarem que o casamento esteja fortalecido o suficiente para agüentar possíveis conflitos.

Quanto ao aspecto tipológico percebemos que alguns conflitos conjugais, poderiam ter como raiz o fato de pertencerem à mesma tipologia, como sabemos o sentimento extrovertido busca a aprovação do outro, percebemos essa característica quando Jorge afirma o desejo de dialogar, mas fica a mercê da permissão de Ana.

A partir do que foi descrito acima podemos fazer uma relação com a tipologia descrita por Jung. Jorge como apresenta a tipologia Sentimento Extrovertido e tem como função auxiliar a Intuição, mostrou que é a partir do sentimento as suas imagens internas são refletidas e que é em torno dele (do sentimento) que faz suas reflexões, ou seja, o que é agradável ou desagradável. Enfim, o importante é o que o sentimento desperta. Ana como apresenta sua função auxiliar Sensação, consegue fazer uma avaliação mais adequada do que o outro despertou nela com mais riqueza e precisão. Entra em contato com minúcias quando na apreensão dos valores sentimentais dos outros e de si mesmo.

8.3 – Terceiro Casal Selecionado.

Daremos a este casal o nome fictício de Diogo e Marina.

Como resultado do Quati, Diogo apresentou: Atitude: extrovertida.

Função: sentimento.

Função auxiliar: intuição.

A pontuação quantitativa foi: Extroversão – 23

Sentimento – 15

Intuição - 11

Marina apresentou o seguinte resultado: Atitude: extrovertida.

Função: sentimento.

Função auxiliar: intuição.

A pontuação quantitativa foi: Extroversão – 3

Sentimento – 11

Sensação- 6

Após o encontro que o casal obteve o resultado do QUATI, no qual também receberam o comunicado que tinham sido selecionados para a pesquisa, ficou difícil para a pesquisadora conseguir agendar um horário com os mesmos. Em princípio pensamos que o casal fosse desistir, mas cada vez que falávamos com eles ao telefone, alegavam imprevistos, compromissos agendados anteriormente, enfim uma série de fatores. Mas, sempre, reafirmavam o desejo de participar da pesquisa, como também, lembravam-nos que haviam assumido um compromisso e que gostariam de cumprí-lo. Durante o período que antecedeu ao primeiro encontro, observamos que a resistência em fazer o agendamento era de Diogo.

8.3.1 - Primeiro Encontro.

O primeiro encontro foi utilizado para apresentar a proposta da pesquisa, ao casal Diogo e Marina, descrever os objetivos do presente trabalho, como também, foi dada uma abertura para que o casal pudesse levantar questões se assim o desejassem.

Nos primeiros momentos desse primeiro encontro, o casal fez questão de se justificar como também se desculpar, por todas as vezes que tentamos marcar nossos encontros e que não havíamos obtido resultado. Pareciam estar tensos, mas não fizeram nenhuma colocação a esse respeito.

8.3.1.1 – Dados sobre Diogo.

Diogo apresenta a tipologia Sentimento Extrovertido, tendo como função auxiliar a Intuição.

As pessoas deste tipo caracterizam-se, pelo fato de sua principal adaptação ser através de uma adequada avaliação, pelo sentimento, dos objetos externos e por uma apropriada relação com estes objetos. Sua atenção está voltada para os que as rodeiam, fazem amigos com facilidade. Geralmente são amistosas, cheias de tato e capazes de entrarem em sintonia

com os outros. Sabem comunicar coisas que criam uma atmosfera de aceitação, o que é agradável.

Uma de suas maiores qualidades é a sua capacidade de valorizar a opinião alheia. Mesmo quando confrontados com opiniões conflitantes, elas conseguem manter a fé de que, de algum modo, é possível chegar a uma conclusão harmoniosa. Durante os nossos encontros observamos o quanto Diogo é preocupado com essa questão. Em nome do que ele acreditava precisar fazer para que reinasse harmonia familiar, muitas vezes chegou a causar situações de grande desarmonia com a sua esposa.

São tipos muito capazes de objetivamente sentir a situação das outras pessoas. São capazes de captar o que deve ou precisa ser feito para o outro, e fazê-lo. São bastante conscientes de seus próprios sentimentos. Relacionam-se com os sentimentos dos outros, não com suas idéias.

Enxergam as possibilidades além daquilo que está presente, do que é óbvio ou conhecido. A intuição aguça sua curiosidade por idéias novas, a visão do futuro e a capacidade de penetrar além do conhecido. São geralmente pessoas que expressam bem suas idéias, principalmente, quando têm de falar em público e não tanto quando escrevem. Aliás, pensam melhor quando estão falando com outras pessoas do que sozinhas.

Profissionalmente, desempenham-se melhor em suas carreiras e profissões quando se dedicam a criar um clima de cooperação entre as pessoas. Assim sendo, encontramos muitas pessoas deste tipo em funções como o ensino, e o trabalho de vendas em geral. Diogo se enquadra nesse perfil profissional, pois é representante comercial, sempre trabalhou com vendas, e segundo ele se adapta perfeitamente nesse estilo de serviço. Normalmente, pessoas dessa tipologia precisam fazer um esforço todo especial para serem breves e objetivas e não deixarem que suas inclinações à sociabilidade interfiram em suas atividades profissionais. Esta característica ajuda e facilita Diogo no desenvolvimento profissional, haja vista, que para desempenhar a função de representante comercial precisa de sociabilidade, portanto esta acaba não atrapalhando.

Estas pessoas tendem a basear suas decisões em seus valores pessoais. Embora apreciem bastante as coisas decididas e encaminhadas, não querem necessariamente que todas as decisões sejam tomadas por elas próprias. Um dos perigos que ameaçam as pessoas deste tipo é o chegar à conclusão um tanto apressadamente, sem antes ter procurado abranger a situação como um todo. Elas precisam levar em conta que, se não gastarem o tempo e a energia suficientes para adquirir um conhecimento seguro sobre pessoa ou situação, é possível que suas ações não tragam os resultados esperados. Por exemplo, geralmente quando iniciam

um novo projeto ou tarefa, começam por executar aquilo que elas acham que deveria ser feito em lugar de se dar um tempo para refletir e descobrir o que é exigido pela situação e o que é necessário fazer. Aliás, elas correm o risco de estarem sempre repletas de “dever-se-ia e não se deveria” bastante contundentes, além de tender a expressar estas suas opiniões sem muita censura.

Além disso, parece que é difícil para as pessoas com este estilo cognitivo admitir a verdade nua e crua a respeito dos problemas e das pessoas com as quais se sentem emocionalmente envolvidas. Diogo reluta em aceitar vários episódios ocorridos na sua vida, e em alguns momentos utiliza-se de justificativas, principalmente quando a sua família de origem estava envolvida, e em outros momentos diz-se vítima dos acontecimentos pelos quais sua família passou. É importante, essas pessoas reconhecerem que, se recusarem a encarar certos fatos desagradáveis simplesmente irão ignorar seus problemas em vez de procurar uma solução para eles.

Diogo tem 34 anos, é representante comercial, quanto a sua vida estudantil completou o segundo grau. Está casado há 8 anos e meio e tem como fruto desta união dois filhos, sendo uma menina de 6 anos e um menino de 3 anos.

Diogo é filho de pais separados e tem um irmão que ainda é solteiro, uma irmã que casou e veio a se separar recentemente e é mãe de 4 filhos e uma irmã por parte de pai.

Seus pais se separaram quando ele ainda era solteiro, seu pai refez sua união conjugal com outra mulher, esta já tinha um filho de um relacionamento anterior e com o pai de Diogo teve um filha. Antes da filha do casal nascer, os três foram morar juntos em outra cidade.

Sua mãe não refez a conjugalidade, permaneceu na cidade onde moravam anteriormente e os filhos continuaram a morar com ela, Diogo e a irmã ficaram com a mãe até se casarem.

O motivo que o levou a participar da pesquisa foi o interesse pelo assunto. Quando foi pedido que relacionassem individualmente, quais eram os conflitos conjugais que percebiam em seu casamento, Diogo demonstrou tensão, incômodo e preocupação com o que a esposa estava escrevendo, visto que ele rapidamente terminou sua tarefa, pois assinalou só um item como conflito:

“*conflito familiar*”.

8.3.1.2 – Dados sobre Marina.

Como vimos acima, Marina apresenta a mesma tipologia de Diogo, isto é, Sentimento Extrovertido sendo a função auxiliar Intuição.

As pessoas deste tipo irradiam calor humano e simpatia. Características estas percebidas em Marina, a mesma mostrou-se receptiva apesar de apresentar certa tensão em sua face. Sua atenção está voltada para os que as rodeiam, pois valorizam muito o contato humano. Esta é outra característica visivelmente forte nela, seus filhos e familiares tem importância primordial em sua vida. Geralmente são amistosas, cheias de tato e capazes de entrar em sintonia com os outros. Mostram-se também perseverantes, conscientes e ordeiras, mesmo em assuntos de menor importância, e esperam que os outros também se comportem assim. São geralmente muito sensíveis a manifestações de aprovação e sofrem com manifestações de indiferença por parte dos que lhes estão próximos, já que muito do prazer a da satisfação que auferem em suas vidas provêm do calor humano dos que lhes estão próximos. Marina se enquadra nessa característica, pois ficou tomada por uma forte emoção ao descrever as situações vividas com a família de Diogo. O que nos alertou para um forte indício de um complexo.

Uma de suas maiores qualidades é a sua capacidade de valorizar a opinião alheia. Mesmo quando confrontados com opiniões conflitantes, elas conseguem manter a fé de que, de algum modo, é possível chegar a uma conclusão harmoniosa; e muitas vezes conseguem que isto aconteça.

Seu interesse maior é enxergar as possibilidades além daquilo que está presente, que é óbvio ou conhecido. A intuição aguça sua curiosidade por idéias novas, sua visão do futuro e sua capacidade de penetrar além do conhecido. São geralmente pessoas que se interessam pela leitura e pela teoria. É provável que expressem bem suas idéias, mas que usem esta facilidade, principalmente, quando têm de falar em público e não tanto, quando escrevem. Aliás, pensam melhor quando estão falando com outras pessoas do que sozinhas.

Precisam, normalmente, fazer um esforço todo especial para serem breves e objetivas e não deixarem que suas inclinações à sociabilidade interfiram em suas atividades profissionais. Marina apresenta uma forte tendência à prolixidade. Estas pessoas tendem a basear suas decisões em seus valores pessoais, diante disso, correm o risco de estar sempre repletas de “dever-se-ia e não se deveria” bastante contundentes, além de tender a expressar estas suas opiniões sem muita censura característica fortemente observada em Marina.

Além disso, parece que é difícil para as pessoas com este estilo cognitivo admitir a verdade nua e crua a respeito dos problemas e das pessoas com as quais se sentem emocionalmente envolvidas.

Marina tem 32 anos, sua formação universitária é em Administração de Empresas, mas atualmente trabalha com o marido. Está casada há 8 anos e meio e tem dois filhos, uma menina de 6 anos e um menino de 3 anos.

Marina tem uma irmã que mora com os seus pais em outra cidade.

O motivo que a levou a participar da pesquisa foi à solicitação do seu marido, quanto aos conflitos vividos na conjugalidade, ela assim os descreveu:

“*divisão de tarefas*”.

“*responsabilidades com os filhos*”.

“*horários*”.

“*interferência da família*”.

“*momentos de lazer a sós*”.

“*trabalho*”.

8.3.2 – Segundo Encontro.

. A primeira vista o casal parecia sério, passava a impressão de serem pouco comunicativos e desconfiados, estavam assumindo uma *persona* mais rígida, mas à medida que foi se estabelecendo o contato entre nós, essa impressão foi sendo deixada de lado. Pensamos em possíveis defesas. Neste segundo encontro o casal parecia estar sentindo-se mais a vontade, característica observada pela atitude corporal que estavam apresentando como também pela forma que estavam sentados na sala de espera.

Este segundo encontro foi iniciado com a Pesquisadora propondo um aprofundamento das questões apontadas pelo casal no encontro anterior, às quais foram assinaladas por eles mesmos, como conflito.

Pesquisadora: No encontro anterior foram coletados alguns dados e eu perguntei quais os conflitos que vocês achavam, ou viam como conflitos conjugais. Agora antes de falarmos exatamente dos conflitos mencionados, gostaria de saber o que vocês entendem por conflito?

Marina: Dá entender que é um desentendimento, alguma coisa que não está legal. Às vezes a gente tem conflito até com uma panela. É uma coisa que você não entende, é uma coisa que não está legal, uma coisa que precisa conversar ou resolver ou arrumar, não precisa ser uma briga, um desentendimento uma discussão que pode gerar uma briga. É uma coisa que não está legal, um desentendimento.

Diogo: Pra mim conflito primeiro ele deve estar dentro da gente mesmo, a gente se conflita com a gente mesmo por algum motivo e aí você desconta, você culpa, você quer achar alguma coisa pra justificar esse conflito, mas eu acho que esse conflito está com a gente mesmo. A partir do momento que se tiver mais equilibrado, que a gente conseguir entender o que está acontecendo naquele momento, parar e refletir eu acho que aí o conflito pode deixar de existir. Então o conflito pra mim é coisa que não tem uma definição assim, porque eu acho que a gente se conflita com a gente e aí externa isso, então culpa uma parede que está ali, uma pessoa, pra mim seria isso.

As definições apresentadas por Marina e Diogo nos apontam para uma complementaridade. São definições diferentes dando a impressão de que Marina entende conflito como um desentendimento, e Diogo afirma que o conflito é algo que a pessoa tem internamente mal resolvido.

Logo no início, observamos a existência de um complexo familiar na vida do casal. De acordo com Silveira (2000), dos complexos depende o mal-estar ou o bem-estar da vida do indivíduo. Eles podem ser comparados, a tumores malignos ou a infecções, que se desenvolvem sem intervenção da consciência. Como demônios soltos infernizam a vida no lar. O complexo interfere na nossa vida consciente, leva-nos a comportamentos inadequados envolvendo-nos em situações muitas vezes contraditórias. Considerando que, a existência de complexos significa que existe algo conflitivo e não assimilado, convém não esquecer de que a tomada de consciência do complexo, apenas no plano intelectual, muito pouco modificará sua influência nociva.

Pesquisadora: E desses conflitos que vocês colocaram aqui no papel o que mais incomoda o casal atualmente?

Diogo iniciou o diálogo dizendo que estão passando por uma fase mais tranquila, pois percebia que às vezes dificultava o relacionamento da Marina com mãe dele. Apesar de considerar natural do ser humano, confessa que sentia ciúmes, da forma como a família da Marina os tratava, do cuidado que eles demonstravam ter com a própria Marina, com ele e com os filhos, coisas que não aconteciam na sua família de origem, afirma que seus pais são diferentes. Essas diferenças de tratamento era um conflito que o incomodava. “*Porque o pessoal da casa da Marina é gostoso, eles vêm aqui, a gente vai lá, eles fazem de tudo, eles*

agradam e tal, então, a gente acabou focando a nossa ida lá, era tudo muito lá e tal, a gente ia muito lá”.

Diogo continua:

Diogo: Com isso, automaticamente, as pessoas sentiram, minha mãe (mais), meus irmãos, meu pai. Contribuí um pouco pra que isso acontecesse e eles também, mas eu precisava de certa forma da ajuda da Marina pra gente modificar isso, pra gente ir modificando de pouquinho, porque a visão que eu tenho e que nós temos filhos e vamos ter genro e vamos ter nora e quero acreditar que vamos ter netos também, e aí é difícil você se imaginar tendo neto e não podendo ver seu neto, ou então o seu filho não trazendo o seu neto pra você ver, saber como está e tal. Por mais que as pessoas tenham defeitos ou qualidades, a gente tem que ponderar algumas coisas e tentar amenizar estes problemas que deixavam a gente mais distante. Era sempre isso que deixava a gente em atrito, meio desarrumado um com o outro, distante.

Pesquisadora: Eu só não entendi um aspecto. Você disse que de certa forma contribuía para o afastamento da Marina com a sua mãe?

Diogo: Eu cheguei a pensar isto pelo seguinte: como na casa de meu sogro ele me agrada muito, é uma coisa espontânea, e a gente se entende bem, desde que eu comecei a namorar a Marina, desde o primeiro momento ele me recebeu muito bem. Ele sempre me cativou muito. Então, eu gosto, eu o ouço. Acho que a diferença desse entendimento é que eu fico dando atenção pra ele, pois ele fala bem devagar, muitas vezes ele me conta um caso que já me contou outras vezes e eu fico lá ouvindo. É diferente, pois quando menino, quando mais moço eu sempre me alinhei com pessoa de mais idade. Eu sempre tive muita facilidade de ir lá pra diante e tive dificuldade de me alinhar com pessoas mais novas ou da minha idade, porque eu tive que amadurecer mais cedo, com treze anos comecei a trabalhar. Logo em seguida meus pais se separaram dali dois anos, eu tive que amadurecer de uma forma que é diferente do homem, porque normalmente moleque demora um pouco mais para amadurecer, mais eu tive que amadurecer. Eu tinha amizade com professor de 40 anos eu tinha 15, 18 anos.

Diogo gostaria de ter mais intimidade com sua família de origem, mas como a família de Marina era muito receptiva, ficava difícil para ele expressar o desejo de conviver com a sua família, sendo assim, calava-se quando Marina não queria ir à casa da mãe dele. Diante dessa situação, Diogo se fechou, afastando-se também da sua mãe. Sabemos que, quando o conflito se instala e o indivíduo não entra em contato com a sua dor, o indivíduo corre o risco de ficar endurecido, fechado e até insensível diante do outro. Percebemos o quanto Diogo continuava se protegendo, através do silêncio e da conivência com Marina quanto às visitas à sua família. Contudo, com sua falta de exposição, estava perdendo a oportunidade de se conhecer e

conhecer aspectos da sua esposa, de assumir responsabilidades pelos seus desejos e as possíveis consequências que estes (desejos) poderiam acarretar.

Diogo encontrava-se em uma armadilha, percebemos uma necessidade de se manter dentro das idealizações do outro, (o outro de fora e o outro de dentro de si) mesmo se deparando com uma realidade diferente de que gostaria de viver. Essa atitude pode levar os parceiros a serem prisioneiros de seus próprios desejos não realizados. Muitas vezes se sentem perdidos, pois a base na qual se estruturou a relação não suporta a realidade que estão vivendo. A fantasia construída pela paixão é derrotada pela realidade.

Há casos em que o sofrimento do casal, ou de um dos cônjuges, assim como as defesas por ele empregadas para lidar com o sofrimento têm suas raízes em situações psíquicas arcaicas que remetem o indivíduo àquelas ansiedades ligadas ao período de dependência com o seu primeiro objeto de amor. A ferida de Diogo poderia ser aliviada pela família de Marina, como ele mesmo revelou, dizendo sentir-se muito bem recebido na casa dos sogros, mas não, se utiliza de vitimizações com alternâncias de maturidade, continuando assim com o conflito a resolver.

Marina fica observando a fala do marido, em alguns momentos parecia um pouco irritada, até que o interrompeu dizendo:

Marina: Só que isso foi uma fase da sua vida, que está fazendo falta, fez falta.

Diogo: Fez falta, mas assim, e uma coisa que não dá prá voltar atrás.

Marina: Eu vejo assim: como ele teve que amadurecer muito cedo, ter muita responsabilidade, na época em que ele podia estar soltando pipa, estar brincando, estar pensando numa escola, ele estava pensando na falta do pai, da mãe, essa coisa de cuidado, ele compensou com pessoas mais velhas. Então ele foi procurando esse amor, assim essa falta em outras partes, até porque ele não entendia, ele dizia “nossa Marina você guarda tanta tralha, você ainda tem papel de carta”? Sabe quando você vê que uma pessoa que não trouxe nada. Porque você tem recordações de quando se é pequeno, você tem um brinquedo, um pijama, sabe?

Marina pondera dizendo que acredita que Diogo tem ciúmes da vida que ela teve, por não ter tido nem infância e nem adolescência. Disse que muito cedo ele começou a curtir coisas de pessoas mais velhas, começou a beber muito cedo, a sair com os colegas para beber, diante disso pulou uma fase importante da vida que é brincar. Ela continua, dizendo que teve uma infância muito boa, que brincou muito. Diz acreditar que, se uma criança é feliz terá melhores condições para ser um adulto de coração leve. “*Que nem eu falo prá ele: o nosso mundo é*

colorido. Quando vejo a Luiza eu penso: nossa ela precisa passar por todas as etapas devagarzinho, porque é importante”.

1º Tema: A Paixão

Marina começa a lembrar a época da sua adolescência, diz sempre ter sido apaixonada por Diogo. Já o conhecia há uns bons anos antes de iniciarem o namoro, e durante esse tempo alimentou uma paixão recolhida. Quando foi a Portugal com os seus avós, ficou por um tempo, uns 4 ou 5 meses, nesse período sua mãe mudou de casa e quando Marina chegou de viagem, já era vizinha de frente de Diogo, ela já o conhecia e quando começaram a se entender, ela viajou novamente para Portugal com os seus avós, nessa época tinha 14 anos. Ela diz emocionada: “até ele me deu uma carta que eu tenho ela guardada até hoje”.

Apixonar-se é uma das experiências mais estimulantes. Coloca o indivíduo em contato com símbolos poderosíssimos, que mobilizam a personalidade e indiscriminam a consciência. Vivenciam-se confusões e atuações importantes para o desenvolvimento da personalidade que, nas palavras de Sanford (1980), “são o coração cumprindo sua função de ampliar a personalidade”.

O processo de apaixonamento é o mesmo para todos nós; acontece com todos porque respondemos ao enredo romântico de forma similar - é universal. Uma das razões de ser tão maravilhoso apaixonar-se é que não escolhemos ter essa experiência. É algo que nos acontece, e nem podemos escolher por quem nos apaixonar – não há fórmulas ou regras. Para explorarmos essa questão, temos de olhar para dentro de nós mesmos.

Nas palavras de Marina a seguir, podemos sentir a força exercida pela paixão como também uma das características da sua tipologia: O Sentimento Extrovertido quando nas suas manifestações de afetuosidade são exuberantes e não raro parecerem excessivas aos olhos de outros tipos.

Marina: Então eu olhava prá ele e era uma loucura, até o meu outro namoradinho sabia por que eu não escondia de ninguém, quando via o Diogo eu falava: Aí meu Deus! Eu ia paquerar ele no shopping e levava a minha irmã junto, inventava cada estória pra ir ver ele, era uma coisa de louco. Nossa aí era legal, o shopping tinha uma escada rolante que dava bem na frente da loja que ele trabalhava, e a loja era toda de vidro, e eu só ia vendo as pernas dele e não acabava mais, eu pensava: Aí meu Deus. Eu dava voltas em volta da loja e falava esse homem não olha pra mim. (risos)

Pesquisadora: E você percebia? (para Diogo)

Marina: Sabia por que ele também ficava atrapalhado com isso.

Diogo: Ficava atrapalhado sim, mas numa boa, essa época foi muito boa pra mim até porque tinha uma meninada que ia muito me paquerar, eu ganhava flor eu ganhava caixa de bombom.

Marina: Ele se achava entendeu?

Diogo: Eu me achava, mas tive muito pé no chão, eu não me perdi em nenhum momento, primeiro porque eu não tinha dinheiro, eu levava marmita e o blazer e a gravata que eu usava era da loja, depois eu devolvia, então era bonito nessa época assim de roupa, de simpatia, de conversar, mas a roupa não era minha, então eu não podia fazer graça porque não era eu, depois sim teve uma fase que a minha avó me deu um fusquinha, mas quase todo dia acabava a gasolina, eu chegava suado e todo atrapalhado entendeu? Levava marmita, mas realmente eu era viçoso porque eu emagreci bem nessa época e foi época de moleque de 18 e 20 anos, eu tive meninada sim.

Diogo está sempre retornando a alguma situação ou a algum momento que considera crítico em sua vida.

Nas suas manifestações individuais, o caráter da *anima* de um homem é, em geral, influenciado pela sua mãe, não queremos dizer com isso que a *anima* é uma figura substituta da mãe, mas figura arquetípica da psique; logo, não se trata de uma invenção da consciência, mas sim, de uma produção espontânea do inconsciente. Se o homem foi influenciado negativamente pela sua mãe, sua *anima* vai expressar-se, muitas vezes de maneira insegura, irritada, depressiva, incerta e susceptível.

Se o nosso olhar recair para a tipologia podemos citar Jung (1991[1971]): No sentimento extrovertido, o pensamento inconsciente chega à superfície na forma de idéias obsessivas, cujo caráter geral é sempre negativo e depreciativo. [...] O pensamento negativo utiliza todos os preconceitos e comparações infantis que se prestam a colocar em dúvida o valor do sentimento e recorre a todos os instintos primitivos para poder explicar os sentimentos com um “nada mais do que”.

Marina: Foi uma fase boa, era tranquila.

Diogo: É foi bom, mas só que eu sofri bem porque eu não tinha condição, eu levava marmita e tinha de comer na marmita mesmo com o povo lá.

Marina: Não, mas isso são fases.

Diogo: Sim é a simplicidade, mas eu sempre tive o pé no chão.

Mariana: Não, e a gente também sempre foi tranquilo, sempre foi uma coisa gostosa, não foi assim que do nada eu encontrei ele e a gente casou.

Diogo: É porque era pra ser. Do gosto da sua mãe não era muito né?

Marina: Se não fosse, porque hoje ela te agrada?

A partir dessas colocações, às vezes contraditórias de Diogo, o diálogo foi se encaminhando para outro tema:

2º - Tema: Família de Origem.

Com o casamento, cada um dos membros do casal leva para o novo lar sua cultura de origem, com enunciados e leis próprias. São diferentes pontos oriundos das leis internas aprendidas e assentadas durante os primeiros anos de vida em sua família natal. A consciência desses valores e regras nem sempre é clara para os envolvidos. Para que um casamento se realize como construção de um novo espaço no qual abrigará novas pessoas, é necessário confronto e balanceamento da cultura familiar, além da reflexão sobre a bagagem de cada um dos cônjuges. Se o casal conseguir fazer o movimento de avaliação dos aspectos que trouxeram de sua família de origem, integrando semelhanças e diferenças, estarão então formando a sua cultura conjugal. Diferente da dos pais, mas com conteúdos que cada membro da diáde trouxe para essa nova relação.

Marina parece não apresentar grandes problemas em relação a sua família de origem, pois os problemas advindos da família de Diogo tomaram um espaço tão grande, em nossos diálogos, que não encontramos no momento condições de focar nosso olhar para a família dela. Diogo levantou a questão da mãe da Marina não gostar muito dele, e que ela o aceitou por que sentiu que Marina gostava muito dele e que não ia ter jeito mesmo. Marina retrucou dizendo que naquela época da moçada na rua nem ela mesma gostaria de ter ficado com ele.

Diogo justifica dizendo que Marina está se referindo a fase que o pai dele tinha partido de casa, mas que antes quando ele estava com 14, 15 anos o pai era muito presente na vida dos filhos.

Sentimos aqui, uma necessidade de Diogo amenizar a figura do pai.

Diogo: Quando meu pai partiu a minha mãe perdeu o controle, o meu irmão tinha 8 ou 9 anos, minha irmã tinha 13 pegou a fase pior para ficar numa situação daquela. Do lado da minha mãe, o meu avô com a minha avó nunca se deram bem na vida, não sei nem porque casaram, mas casaram já não se dando eu acho, então assim é uma vida toda de briga, 50 anos de casamento e de briga, nunca dormiram nem junto na mesma cama, eu estou com 35 e eu nunca vi. Então isso foi uma dificuldade que eu falo pra Marina, infelizmente, aconteceu e aconteceu comigo nessa seqüência de geração, porque a minha mãe não teve essa base, não teve essa estrutura de chegar o meu avô e falar não, não é assim, de chegar a minha avó e tal, ela não teve. Então eu senti que faltou isso porque foi uma fase difícil aí ficamos nós lá, nos três, minha avó

nunca faltou com coisa assim de comer, levava e fazia a feira, mas não é só isso, não era só isso.

Marina: Então, mas isso refletiu no nosso casamento

Esse jovem casal parece estar fixado nos conflitos iniciais do casamento. Diogo pela ausência de uma mãe boa internalizada e Marina pelos episódios vividos desde o dia do seu casamento. Não queremos com isso justificar os conflitos conjugais por eles apresentados de modo redutivo, mas a evidência desses aspectos salta aos olhos. Diogo justifica a diferença entre eles a partir do relacionamento dos pais (dele) enquanto ainda eram casados. Revela: “*na linha familiar, o meu pai sempre foi um pouco mais distante da minha mãe. Ele saía muito com os primos, saía com os amigos. Ele teve moto então saía pra passear de moto, às vezes ele me levava, mas eu não tive essa coisa, que a Marina teve de viajar, a gente até viajava junto, mas eram poucas as vezes, eu me lembro de poucas viagens juntas e gostosas, como você vê o que é normal de famílias normais terem, nós não tivemos. Eu tive passagens boas com o meu pai, mas com minha mãe e meus irmãos pouquíssimas, raras assim tipo uma ou duas. Então, sim existe essa diferença, aí teve a questão da separação, que foi difícil também, então eu pulei fases da minha vida, mas não pulei por uma decisão minha, eu pulei por necessidade*”.

Diogo: Eu encarei de uma forma muito natural, eu tinha que trabalhar e assumir minhas responsabilidades, tanto que sinceramente com a idade que eu tenho aquilo que eu conquistei antes de casar e agora o que já conquistamos casados, vejo que tem pessoas que às vezes passam mais 15 ou 20 anos pra conquistar. Então, corri demais e sou novo ainda, corri demais porque a minha juventude já foi assim, então eu comecei lá atrás, não foi porque eu quis, porque eu sou ganancioso, não, é porque a minha infância me fez assim, então essa é a diferença, eu vejo só o lado bom disso, porque as facilidades que a Marina tem eu não tenho, mas essas facilidades que eu tenho ela não tem. Eu encaro a realidade com muito mais facilidade e isso desde o primeiro momento em que a gente casou. Eu falo com ela, eu já tive várias vezes vontade de comer uma pizza, tomar uma coca-cola e não tinha como, ou tinha vontade de tomar um sorvete e não tinha como.

O ideal masculino, segundo o qual os homens vêm sendo criados, reflete a imagem do herói fisicamente forte, amante romântico, pai-marido provedor, enfim, aquele que está pronto para novas conquistas materiais, para justificar suas frustrações, através de facilidades que julga ter adquirido por ter caminhado por caminhos árduos. Em função desses ideais, muitos homens passam a maior parte da vida tentando controlar seus sentimentos e, quando se vêem vencidos por eles, sentem-se envergonhados e muitas vezes derrotados.

A crença de que as mulheres são mais orientadas para os relacionamentos, muitas vezes faz com que nos esqueçamos, que uma das tarefas a ser realizada pela mulher, é trazer à consciência um novo estilo do feminino que é ao mesmo tempo poderoso e alimentador, ativo e

receptivo, relacionado e autônomo. Marina nos fez lembrar essa tarefa, quando firmemente tomou a palavra e mostrou para Diogo que a situação que ele havia vivido não era uma exclusividade dele. Com isso, redirecionou o diálogo para a influência que o casamento deles tinha sofrido com as atitudes tomadas pela mãe dele.

Marina: Mas eu também passei por isso. Eu estou dizendo daquilo que refletiu do relacionamento com mãe dele. No dia do nosso casamento a mãe dele disse pra mim, “olha o meu casamento não deu certo, o da minha mãe não deu, o da minha filha também não está dando”, então, “porque que o seu vai dar? Porque para você vai ser melhor? você não vai ser melhor do que eu, não sei o que você quer?”. Sabe assim, ela não me deu um abraço, nada. Isso refletiu no nosso casamento.

Diogo: Sim, eu tenho um amigo que também teve muitos problemas familiares, ele falou uma coisa muito séria, disse que eu tinha que blindar que ia doer, mas que eu tinha que blindar senão essa contaminação não teria fim. Atitude essa que eu tomei, e é isso que eu brigo comigo e é isso que a gente chega num conflito, porque eu penso como é difícil eu ter que blindar, mas eu tenho que fazer, mas eu também não posso ser tão radical.

Pelo que percebemos, Diogo gostaria de estar convicto, de que uma blindagem seria a melhor opção, mas para ele está sendo muito difícil se manter dentro desse esquema. Em determinados momentos aparece uma culpa, em outros momentos muita raiva. A vida de um casal pode ser profundamente afetada pelos conteúdos psíquicos dissociados da personalidade consciente de cada cônjuge. O tom emocional que eles tratam determinadas queixas, nos revela o quanto eles podem estar tomados por um determinado complexo. A atitude de Diogo é altamente denunciadora, pois esses elementos psíquicos são ativados, independente da vontade do ego, isto é, de Diogo, agem como se tivessem vida própria. Falar sobre a necessidade da blindagem, como um recurso para se proteger da sua família de origem, nos deu a impressão de que ele teria de alguma forma entrar em contato com conteúdos que gostaria de manter afastados. Marina percebe o desconforto do marido e imediatamente toma a palavra, ficamos na dúvida se era para protegê-lo ou se era para manter o assunto em pauta.

Marina: Começou já na gravidez da Luiza, quando a gente falou que eu estava grávida ela fez: “ai que legal e acabou”. Eu já estava com quase sete meses, o Diogo, eu não me esqueço disso, ele colocou a mão na minha barriga e disse: olha mãe a barriga da Marina está grande, ela fez uma cara que quase vomitou em cima de mim e o Diogo viu a cara que ela fez pra mim aí ele falou entra no carro e vamos embora. Eu fui internada e passou, mas não passou aqui dentro de mim. Porque quando nasceu quis vir ver? Ah! É meu neto, então dentro da minha barriga não era o seu neto agora que esta fora é. Depois a gente ia lá levar a Luiza e ela ia lavar a louça, lavar o banheiro ou saía, não tinha aquela coisa, vem almoçar aqui com a gente.

Diogo: A única coisa que me vem na cabeça disso daí é que, eu sempre falei com a Marina, que às vezes a gente é prisioneiro de umas coisas que a gente

não tem culpa, por exemplo, minha mãe pela infância que ela deve ter tido com o meu avô e a minha avó, não se dando, os dois brigando o tempo inteiro, e meu avô implicando com ela, não deixou nem ela estudar então, infelizmente, ela foi e esta sendo ainda refém de uma coisa que não pediu.

E eu sou filho dela, ela é minha mãe, como é que eu vou mudar de mãe porque essa mãe eu não quero, é o que eu falo vem de lá pra cá aquela coisa entendeu? (O choro que estava contido até esse momento, apareceu)

Nesse momento Diogo não agüentou mais, afirmar que a mãe que ele tem é uma mãe que ele não gostaria de ter, foi penoso e triste, o tom de voz abaixou, mas manifestando inconformidade e desespero, Diogo é um rapaz alto de 1,90m e naquele momento parecia ser um menino, foi se encolhendo no sofá até que de repente levantou e foi beber um copo de água. No tipo Sentimento Extrovertido, tendo como função auxiliar a Intuição, é evidente a expressão de seus afetos, muitas vezes são expressões bombásticas, como também se evidencia o contato com sentimentos profundos e emoções variadas, sejam elas facilitadoras do contato com o outro ou não, considerando, também, o ego como “outro”.

Marina ficou condoída com o sofrimento do marido, fez uma pausa, em seguida olhou para ele como que comunicando que iria continuar a falar, ele olhou para ela com certo carinho. O clima parecia estar mais ameno quando o diálogo foi reiniciado.

Marina: Depois veio o pai dele também, a gente ia lá e era aquela confusão. Ele fazia umas brincadeiras, quer dizer brincadeiras não porque aquilo era maldade comigo e eu não gostava. Pegar e me bater, uma vez me puxou o cabelo e me tacou no chão e ficava dando risada, eu não achava legal, eu não gostava daquilo, piada, umas coisas feias assim, a bebida estragava até porque ele é uma boa pessoa, falei eu não quero isso pra mim.

Eu falei: “Não comigo não vai ser assim, falta de respeito, e a gente sempre brigava e deu uma confusão um dia quando eu estava grávida do Pedro, voltei de ambulância foi uma confusão com a assistente social do hospital porque ela veio atrás de mim porque achou que o Diogo tinha batido em mim, olha, então foi uma coisa.

Quando o Pedro nasceu, o pai dele batia no berço, queria pegar o Pedro pelas pernas, eu não quero isso pros meus filhos, Deus me livre, e o Diogo não entendia. Ele dizia: É normal ele é assim mesmo.

Percebemos que Diogo tentou justificar a atitude do pai:

Diogo: É eu tenho uma irmã por parte de pai, e ele tem um enteado que está preso já vai fazer uns 7 ou 8 anos. Essa situação não me agrada, nunca me agradou, porque a mulher dele era cozinheira da lanchonete que meu pai tinha e eu trabalhava com ele.

E aí minha mãe descobriu, ligaram em casa para avisar a minha mãe. Um cara que meu pai tinha emprestado dinheiro e quando meu pai foi cobrar, o cara pegou mal com o meu pai, aí ele ligou em casa e falou pra minha mãe que o meu pai estava enrolado com a cozinheira. Eu acho que ela foi embora pra Rondônia (a cozinheira), mas minha mãe não se entendeu mais com meu pai, eles não se ajustaram e meu pai cabeçudo ao invés de falar: eu errei, vamos

tentar acertar, não, ele foi turrão, aí diz ele que ligou pra mulher voltar lá de Rondônia para eles ficarem juntos.

3º Tema: Conflitos e Caos: Brigas.

A partir da colocação que Marina fez, a respeito da briga, quando estava indo para a casa do pai de Diogo deu-se início ao tema sugerido inicialmente.

Marina: Quando eu estava grávida do Pedro, estávamos indo pra casa do pai dele. Aí a gente discutiu no caminho e eu falei: “não quero ir mais, eu não quero, não quero, não quero”, e aquilo começou a me afogar e ele dizia: “você tem que ir”, porque ele me obrigava, ele dizia que a gente tinha que ir junto, eu dizia: eu não quero ir eu não estou bem. Eu não conseguia respirar porque a minha barriga ficou muito grande do Pedro e eu sou pequena e ele me entalava, eu não conseguia respirar, começou a me dar contração. Teve de chamar uma ambulância e eles levam para o hospital público, chegando lá, a Luiza teve um piti também, porque ela estava no carro junto com a gente enquanto discutíamos, e não sei por que não quis entrar com o Diogo no carro, esse que foi o problema, ela quis ir comigo na ambulância.

Pesquisadora: Mas vocês estavam onde?

Diogo: Na Anchieta, bem na pontinha da Anchieta

Marina: Nossa aí me intubaram, um monte de coisa, deram uma injeção dentro da ambulância foi um horror, a Luiza chorava, eu não sei o que ela falou, acho que foi: “o meu pai bateu na minha mãe”, nem eu sabia o que tinha acontecido, eu sei que a gente tinha discutido, na sala da médica já entrou a assistente social, deu uma confusão e acabamos sendo sorteados pra uma pesquisa.

Como a ambulância leva direto para o hospital municipal a assistente social marcava comigo, eu falava para o Diogo, a mulher esta atrás de mim porque ela queria saber o que tinha acontecido, e dizia é só você falar que a gente vem mandar pegar ele. Eu dizia não. (risos) Deu uma confusão eu tive que ir ao hospital municipal levar o Pedro. Eu já estava com o Pedro, fui lá e conversei. Eles diziam você retira? Eu dizia não vou retirar nada porque eu não fiz queixa nenhuma deu a maior confusão. Eu falava assim pra que eu vou trazer isso pra dentro de casa? Eram essas coisas que eu não queria pra mim, eu não queria o Pedro e a Luiza vendo esse tipo de coisa da gente discutir.

Diogo: Mas eu também não quero e eu deixo isso claro pra Marina, isso que eu falo que conflito é interno, porque todo mundo tem o pai e a mãe e eu tenho os dois e tenho que dar nó no pai e na mãe, porque é o que tenho feito com a minha mãe, a gente agora se ajustou, mas com o meu pai eu dou nó porque me incomoda vou lá e vejo a situação dele é uma situação difícil, porque ele quis, mas é o meu pai, eu quase não vou à casa dele, então é esse conflito que eu ainda tenho.

Um dos impasses relacionais mais difíceis de resolver surge das diferenças vividas individualmente por cada um dos cônjuges. Cada indivíduo tem sua história pessoal:

experiências, aprendizagens, vivências que suas relações lhe proporcionaram. Quando duas pessoas se unem, essa disparidade de vivências pode ser um fator enriquecedor para a relação e para os dois envolvidos ou pode ser uma pauta de competição para provar que suas experiências são mais importantes do que as do outro. Muitas vezes, existem diferenças enormes entre os dois, mas a forma de usar essa diversidade é que vai definir se eles vão fazer um bom ou um mau uso disso.

Como relembrar essas experiências vividas com a família de Diogo, deixa Marina totalmente tomada por emoções raivosas, seu tom de voz aumenta, sua raiva aparece junto com um descontrole verbal, ela então comenta.

Mariana: Até eu falei que se a gente namorasse um pouco mais eu não ia casar com ele não. (risos nervosos)

Do jeito que eu fiquei de ver as coisas que vi, se eu visse um pouquinho mais esse relacionamento que a família dele tem. Essa conturbação familiar toda, na minha família não tinha nada disso. Ficar sofrendo por amor e saber que vai ser uma porcaria eu não, sabe esse amor dolorido, essa coisa, não, eu estou fora, tanto que eu já falei umas 2 ou 3 vezes pra ele: "não quero mais". Minha mãe e meu pai, quando souberam, vieram aqui desesperados.

Diogo: "Não quero", você falou umas 10 vezes ou mais.

Marina: É eu falava: eu quero ir embora, eu pedia pelo amor de Deus me deixa! Eu falava: pega as suas coisas e vai embora, me deixa. Porque eu não quero viver assim. Não quero esse desentendimento com mãe e com pai, aí começou a se desentender com a minha mãe daí virou aquela confusão.

Diogo: Mas a sua mãe é difícil.

Marina: Ela viu aquilo tudo também e falou não espera ai, porque a gente não podia falar nada.

Diogo: Também não era assim.

Como para Diogo é muito difícil lidar com a dinâmica da sua família de origem e também muito difícil pensar em uma possível separação, ele sempre tenta incluir a mãe de Marina nas dificuldades que os dois viveram ou estão vivendo. Fica parecendo um "jogo sem fim", um círculo vicioso. Uma briga repetitiva e circular.

Marina: Não podia não, a gente não podia falar da mãe dele, eu não podia falar as coisas que eu vi as coisas que ela falou pra mim, eu não podia falar pra ele porque ele não aceitava, minha mãe e meu pai demoraram um tempão para aceitar, para entender, então imagina ele.

Natal, a gente não podia ter, não podia ter aniversário, e eu falei o que é isso? Não pode fazer o aniversário das crianças, eu não podia fazer festa.

O Diogo arrumava confusão antes de convidar, ele dizia: se minha mãe vier o meu pai não pode vir, eu não sei se minha irmã vem, porque se a minha irmã

vier tem que buscar minha avó, e o meu pai como ele vai vir porque o Davi não vai buscar. Davi, é o irmão dele, meu cunhado, aí a minha mãe e o meu pai não vão poder se encontrar aqui porque vai dar confusão.

Mais então quem vai vir? O ideal era fazer uma festa pra família dele e uma festa pra minha família. Ele ficava angustiado se o pessoal ia vir ou se não ia, se ia tirar foto juntos, umas coisas bestas. Aí Natal esse aqui só chorava porque não gostava de Natal, porque Natal não presta. Mesmo não tendo pai e não tendo mãe você tem a gente tem nossos filhos e eu não quero isso pros meus filhos, eu não quero que o Natal seja um horror por causa de pai de avó, não.

Diogo: Você já agüentou até agora, dificuldade a gente vai ter até o fim da vida, as principais eu acredito que já passamos, eu já consegui passar por vários obstáculos. Agora tem situações que não foi eu que falei eu quero estar nessa situação, uma coisa é você beber e cair por aí no chão, foi você quem bebeu ninguém te pôs na sua boca, uma coisa é você tomar uma atitude por você mesmo, agora uma coisa é você trazer herança, e herança é aquela coisa, tem herança boa e herança ruim, não financeira. A herança que eu tenho até uma fase da minha vida foi muito boa, mas aí a outra metade que foi dos 15 até os 25 anos foi mais difícil. Não dá para eu pular dos 15 anos para os 26 anos.

Embora eles estivessem expressando seus medos e raivas mais explicitamente, tiveram dificuldade de perceber onde o outro cônjuge estava nesse processo; cada um estava voltado para suas próprias angústias e dúvidas e não conseguia escutar e participar na fala do outro.

8.3.3 - Terceiro Encontro.

Pesquisadora: Como vocês passaram desde o nosso último encontro? Sentiram algo que valesse a pena ser colocado? Enfim, o que vocês sentiram?

Marina: Alívio, uma coisa tão boa, eu estava descendo aqui as escadas e sabe quando você respira, não sei, foi uma coisa boa, eu fiquei leve esses dias, me senti bem porque é bom você dividir o que você sente. Eu tenho um pensamento e às vezes eu falo pro Diogo: Ai meu Deus será que eu estou certa será que estou errada? É tão bom você dividir, poder falar, é muito bom e eu falo muito, então é bom falar, não posso guardar eu tenho que falar, e o Diogo fala que eu tenho que pensar pra falar, e eu falo que se eu pensar eu já não vou dizer, não sou eu, então eu tenho que falar e é muito bom.

Nesse comentário de Marina, observamos muito bem uma característica do Sentimento Extrovertido, que é o seu modo de pensar e de sentir. Jung (1991[1921]) faz a seguinte observação: “Só se é possível sentir ‘corretamente’ quando nada perturba o sentimento. E nada perturba tanto o sentimento como o sentimento. [...] O que não consegue sentir, também não consegue pensar conscientemente”.

Pesquisadora: E você Diogo com se sentiu?

Diogo: Eu senti uma coisa boa também, normalmente a gente nunca tem uma conversa assim, porque eu acho que trocando idéia e conversando assim abertamente com a Marina, tudo pode ficar mais fácil.

Marina: Porque tem coisa que a gente também não fala.

4º Tema: O Diálogo como Recurso para o Entendimento.

O casal disse ter observado que com a introdução do diálogo poderiam ficar mais leves e tudo ficar mais fácil para eles. Pensamos no diálogo como uma troca, uma escuta que leve a uma intimidade mais profunda. Sabemos que, para ocorrer verdadeiramente um diálogo é necessário que os dois compreendam aquilo que se passa com eles mesmos e com o outro. Diogo e Marina ainda estão a caminho dessa compreensão pessoal. Parecem necessitar de períodos de recolhimento para poderem fazer uma avaliação mais consistente de cada um e da conjugalidade.

Diogo parecia querer trazer questões que o estavam perturbando, pois parecia um pouco ansioso para começar a falar. Isto ficou evidenciado porque a pesquisadora pediu um tempo, pois teve a impressão de que o gravador não estava ligado. Assim que o problema foi solucionado ele iniciou o diálogo.

Diogo: É tem coisa que a gente não fala, apesar de que a gente conversou aqui são os assuntos que vem mais incomodando, e também me senti aliviado. Ajudou-me a refletir bastante, no meu dia-a-dia, eu penso muito, quando eu estou viajando principalmente no carro a minha cabeça funciona bastante nesse sentido, eu vou pensando e vou avaliando, eu olho as pessoas, uma família, eu observo muito, então isso me ajuda até para o meu autoconhecimento pra eu conseguir me encaixar, me engajar nessa dificuldade que eu tenho. Que nem agora a próxima comemoração é o dia dos pais, difícil, eu estou avaliando se eu vou lá no meu pai ou não. Tenho que ir lá numa boa, tranquilo e passar o dia dos pais com a minha família, não dá pra ser aquela coisa normal que seria estar com o meu pai e eu com a minha família, todo mundo junto, isso não existe, não só no dia dos pais como no ano novo, não dá. Já é uma coisa que é distante então eu tenho que aprender a conviver com isso sem deixar que isso contagie de forma negativa a minha família.

Percebemos que, o que Diogo queria era introduzir o assunto do “Dia dos Pais”, as comemorações em família ainda são para ele uma grande dificuldade. Ele começa a sofrer

muito antes, suas idéias parecem ficar obsessivas com um caráter quase sempre negativo e depreciativo. Esta característica faz parte da sua tipologia.

Volta a apresentar conteúdos vitimizados, salienta que, com certeza, a família da Marina irá se reunir, pois ou os pais dela vêm para casa deles, ou eles vão ao encontro dos pais de Marina. Confessa que essa é uma grande dificuldade para ele e lamenta não poder viver isso com os seus familiares. Acrescenta que precisa colocar isso na sua cabeça, pois sua família nunca virá passar um dia desses em sua casa. Finaliza dizendo: "Toda a família da Marina vem e a minha não vem e isso é difícil".

Pesquisadora: O que você sente quando colocou: "Toda família da Marina vem e a minha não vem e isso é difícil". O que é difícil?

Diogo: É difícil porque eu sei que é uma coisa que nunca vai acontecer, nunca a minha família vai vir em casa num clima gostoso, isso não vai acontecer e não adianta querer construir ou imaginar isso. É uma coisa que não vai existir, esse é conflito que eu acabo tendo. É uma coisa que eu até gostaria, mas não depende de mim.

Pesquisadora: Depende de quem?

Diogo: Eu acho que depende do meu pai, da minha mãe, a gente foi se distanciando e essa distância do meu pai com a Marina e vice versa, a minha mãe até vem, mas enfim é tudo mais complicado, aí não tem carro, é longe, depende de um que depende de outro.

Marina reconhece a necessidade de tentar entender o ponto de vista de Diogo e se colocar no lugar do outro, essa dinâmica se ocorrer pode ser criativa e produzir mudanças. No entanto, eles não conseguem manter um diálogo reflexivo, ela começa a lembrar de tudo que passou quando em contato com a família de Diogo. A reflexão não encontra lugar para poder se instalar como meio de transformação, o que ocorre são repetições de queixas dos encontros anteriores, dando-nos a impressão de que ainda existe muita coisa a ser elaborada.

Percebemos que os complexos parentais estão sendo constelados. A 'Mãe Terrível' se constela e Diogo a experimenta, na figura de Marina, como alguém que o distanciou do pai, que não o ajuda a descomplicar o que está ou é complicado, e reage como um menino (puer) não querendo assumir responsabilidades. De acordo com Cleavely (1993), nas projeções:

O receptor sente-se quase seqüestrado ou coagido a desempenhar a fantasia inconsciente daquele que projeta. Somente mediante um esforço para ficar consciente e diferenciado, o receptor pode resistir à influência e simbolizar a experiência, essencialmente deixando a projeção disponível para ser reconhecida por aquele que a projeta. (CLEAVELY, In: RUSZCZNIK, 1993, p.65).

Marina parece estar tomada pelo seu *animus*, apresenta os fatos, as decisões por ela tomadas como certas. A mulher conduzida pelo *animus* é governada por preconceitos, noções e expectativas preconcebidas e é dogmática, argumentadora e hipergeneralizadora. Não discute para descobrir a verdade, mas para mostrar que está certa, vencer e ter a última palavra. Essas convicções, julgamentos e opiniões surgem diretamente do inconsciente, visto que são formuladas e aceitas sem avaliação individual consciente dos fatos e circunstâncias.

Marina: O Diogo sempre falava tenho que ir no meu pai, ele usava essa obrigação, sabe aquela coisa pesada. Eu penso assim: eu gostaria de ir, eu quero ir. Eu já falo assim: Eu quero ir pra Santo André. Eu tenho vontade de ir, eu sinto muito falta da minha mãe, da minha irmã, sabe aquela coisa de dividir o quarto, a gente ia à padaria de braço dado, essa coisa de ficar agarrada. Todo mundo fala, você vivia grudada na saia da mãe. É eu vivia, eu queria assim, eu fui criada assim. E o Diogo eu sinto que é uma coisa dolorida, uma coisa que vira uma gastura, nunca foi uma coisa gostosa, era uma obrigação. Ele falava: olha você tem que ir comigo, e eu era obrigada a ir com ele, e no começo do nosso casamento eu não podia falar que não, ou que eu não quero ou eu estou vendo isso, porque ele também não deixava, chegava lá era muita bebida aí ficava ali, e eu falava comigo mesma: o que eu estou fazendo? Assim que a gente chegava, eles começavam a beber, na hora do almoço já estava todo mundo alto, aí ia todo mundo dormir e eu ficava lá sem saber o que fazer, porque todo mundo enchia a cara, e era uma coisa que o Diogo não percebia. Eu falava Diogo você tem que um dia ficar sóbrio pra você ver o lado que eu vejo, porque a gente não consegue conversar é só piadinha não era o que eu estava acostumada, às vezes eu pensava nossa será que eu sou tão enjoada, tão fresca, será? Porque eram umas coisas que não era legal, era só a gente chegar aí começava a faltar a respeito de umas coisas feias, eu não gostava daquilo, aí o Diogo começou a ver, ele começou a parar de beber e ver o outro lado. Super chato você estar num lugar o pessoal enchendo a lata.

Diogo: Mas com o tempo as coisas ficaram de outra forma.

Marina: Porque você mudou.

8.3.4 – Quarto Encontro.

A proposta desse encontro era fazer uma avaliação, juntamente com os casais, sobre os dados obtidos nos encontros anteriores. Como já havíamos identificado os conflitos, o casal então discorreu a respeito da vivência pela qual passaram, revelaram que, a partir desses encontros perceberam mudanças no diálogo e na forma como estavam vivendo.

Foi realizada uma breve descrição a respeito dos temas conflituosos apontados pela pesquisadora como também foram levantadas hipóteses a respeito dos conflitos. Destacamos

como principal conflito as famílias de origem. Diogo pertencia a uma família completamente diferente dos valores apresentados pela família de Marina. Apesar de sentir necessidade de envolvimento familiar, Diogo se ressentia pelo fato de sentir apoio por parte da família de Marina devido ao fato da sua família ser totalmente ausente. Os conflitos subjacentes estavam vinculados a existência de um complexo familiar na vida do casal, como sabemos, dos complexos depende o mal-estar ou o bem-estar.

O casal Diogo e Marina apresentou algumas dificuldades no âmbito pessoal, mas nossa prioridade era a pesquisa e essa exigia que o casal fosse ouvido como casal e não como uma entidade individual. Foi uma tarefa árdua, pois inúmeras vezes o diálogo tendia para aspectos pessoais da relação como também muitas vezes pedia intervenção terapêutica. Sabemos que o conflito com o outro de fora provoca uma ressonância interna que ativa a polaridade: consciente-inconsciente. Toda a resistência apresentada pelo casal no início do processo de pesquisa foi compensada com a abertura das comportas de uma enorme represa. Os diálogos foram longos e com muitos conteúdos a serem trabalhados.

Como a proposta desse encontro era fazer uma avaliação, juntamente com os casais, sobre os dados obtidos nos encontros anteriores, assim o fizemos. O casal fez uma breve avaliação a respeito da vivência pela qual passaram e se mostraram receptivos ao que foi apresentado como sugestões como uma forma de aliviar as tensões por eles vividas. Foi realizada uma breve descrição a respeito dos temas conflituosos apontados pela pesquisadora, também foram levantadas hipóteses a respeito dos conflitos. Apontamos características tipológicas de cada um, mostrando as possibilidades dessas características estarem ou não influenciando nos conflitos por eles apontados e por nós identificados.

Observamos e passamos essa observação ao casal, que os conflitos conjugais pelo que passam estão vinculados a dinâmica familiar.

O casal revelou que, esse fato não era desconhecido, mas que mesmo assim não conseguiam impedir que uma discussão ocorresse, Marina principalmente.

Marina: Eu falava pro Diogo, vamos pensar na gente, aí chegou um ponto que eu também não quis mais, pensei eu vou cuidar da minha vida eu ainda sou jovem eu vou construir a minha vida, eu larguei meu emprego vim embora pra cá, a gente teve os nossos filhos, eu vou embora pra Santo André, vou arrumar meu emprego de novo e vou arrumar a minha vida e você fica aí se remoendo com as suas coisas, porque desse jeito não dá. Isso foi várias vezes. É triste porque eu já o magoei muito, já falei coisas horrorosas, porque eu não quero isso prá mim, não foi isso que a gente idealizou pra gente, tanto que ele pensa em família e tem um cuidado incrível com a gente.

Pesquisadora: E quando você falou essas coisas horrorosas pra ele como que ele ficou?

Marina: Ah! Ele ficava magoado, parado, quieto, ficava um tempo pensando. Só que eu sentia que ele não estava entendendo o porquê eu falava isso pra ele, ele não entendia. E a gente sempre foi levando assim, a gente deixava a coisa parada. O Diogo sempre foi mais de chegar e conversar comigo, ele sempre vinha me procurar, ele falava Má é assim, ele vinha e dava bom dia, me beijava, eu já não, eu já levantava e dane-se, eu ia cuidar do Pedro ou da Luiza. Até estava lembrando uma coisa engraçada, aquela folha, eu coloquei tanta coisa e nada disso tem importância em relação a esse problema que a gente passa. De manhã eu me acordo arrumo o Pedro a Luiza, o lanche, eu arrumo tudo, e eu ficava irritada com ele porque ele toma banho, faz barba, toma café e nós dois vamos trabalhar, então isso era uma coisa que me deixava chateada, já acordava nervosa, já não estava nem ai, já descontava essa raiva que eu estava dele nas crianças. Eu sinto que foi muito bom ter feito essa lista de coisa porque aquilo não tem nada a ver, é a nossa rotina, mas o que realmente causa conflito entre a gente, é o desentendimento familiar, mas o Diogo sempre vem e conversa, ele quer a paz, e o meu negócio é levantar a bandeira da guerra. Eu fico revoltada porque o pai ou mãe dele não fazem isso com ele, porque ele é uma pessoa boa, ele quer todo mundo bem, todo mundo contente, só que aquilo não depende só da boa vontade dele. É triste isso, você está do lado e não saber o que fazer para ajudar.

Diante das colocações de Marina, Diogo chorando muito falou: “Essa mudança que você fez já melhorou bem, você amoleceu um pouco o coração, porque você é muito ruim, não é fácil não”. Marina argumentou dizendo não ser ruim e que tomou algumas atitudes para não ser contagiada pelos pensamentos dele. E se isso ocorresse? Hoje eles não teriam mais Natal, Dia dos Pais, almoço em família e mais uma série de coisas que provavelmente prejudicariam seus filhos.

Diogo: Não é da questão familiar, você é muito gelada, bem difícil de lidar, você não tem um meio termo, ou é 8 ou 80 e acabou e se fecha, entendeu? Quando você perguntou para Marina o que eu falava para ela quando ela falava que queria ir embora, uma coisa que eu sempre falei para ela era eu não quero porque quando eu fui marcar o casamento eu casei muito certo, eu não tenho dúvida.

Marina: Eu também não tinha. Eu só não queria essa vida pra mim.

8.3.5 – Observações sobre o terceiro casal.

Marina e Diogo apresentam a tipologia sentimento extrovertido tendo como função auxiliar intuição, as pessoas desse tipo caracterizam-se pelo fato de sua principal adaptação ser através de uma adequada avaliação pelo sentimento. Valorizam a opinião alheia, pois são capazes de objetivamente sentir a situação de outras pessoas. Normalmente as pessoas dessa

tipologia precisam fazer um esforço para serem breves e objetivas e não deixarem suas inclinações à sociabilidade interferirem em suas atividades profissionais.

Diogo relata que sempre teve uma vida difícil, justifica muita das suas atitudes pelo seu passado, ele está sempre retornando a alguma situação ou algum momento que considera crítico em sua vida. No sentimento extrovertido o pensamento inconsciente aparece na forma de idéias obsessivas, cujo caráter geral é sempre negativo e depreciativo.

Marina é ligada a sua família de origem e um dos conflitos conjugais apresentados diz respeito a essa questão. Ela sentia-se impedida de realizar eventos em sua residência, porque a família de Diogo nunca estava presente. Atualmente, não abre mão de certas comemorações só porque Diogo fica enciumado e chateado por só a família dela estar presente, antigamente, era uma questão apenas da ausência dos pais dele, atualmente, o problema se estendeu, quem não quer a família de Diogo na casa do casal é a Marina.

Nas relações de intimidade, o tipo sentimento parece perceber com facilidade o ponto fraco do outro. Às vezes, numa discussão, fere o outro, não em termos pessoais, banalizando a discussão.

Quanto ao aspecto tipológico, percebemos que alguns conflitos conjugais, poderiam derivar da mesma tipologia, como sabemos o extrovertido tem a tendência em ser atraído para dentro do objeto e lá permanecer. Olhando para a dinâmica do casal, na qual existe dificuldade no estabelecimento de uma comunicação mais íntima poderíamos pensar que, enquanto o casal estiver focado nos problemas das suas famílias de origem estarão com seus sentimentos voltados para o objeto, esquecendo-se de que, atualmente, se faz necessário um olhar para o seu pequeno núcleo familiar. Se assim não fizerem, o objeto poderá tragá-los ao ponto de prendê-los, deixando-os cegos para as suas necessidades. Em se tratando de Sentimento Extrovertido, isso é plausível visto que para pessoas dessa tipologia só se é possível sentir “corretamente” quando nada perturba o sentimento, e nada perturba tanto o sentimento como o pensamento, da mesma forma de que precisam entrar em contato com os sentimentos das outras pessoas para não perderem o contato com o próprio sentimento.

9 – DISCUSSÃO

O objetivo da discussão é o de comparar os resultados das análises dos casais, tentando identificar os conflitos que apareceram e qual a possível influência tipológica nos conflitos.

A partir dos temas levantados localizamos temas comuns aos três casais e que são áreas conflitivas:

- necessidade de dialogo.
- dificuldade de comunicação. (de entendimento, conflitos e brigas, desânimo e insatisfação, oscilação de humor, cobrança velada)
- relações familiares. (que interfere no relacionamento do casal)

9.1- Questões Familiares.

Considerando os dados coletados nas entrevistas verificamos que os casais viviam relações de proximidade com seus familiares. O primeiro casal apresentava uma maior independência das figuras parentais, mesmo assim com necessidade de contato, aspecto mais demonstrado por Maria. O segundo casal não demonstrou zonas de conflito em relação aos pais, irmãos e familiares próximos. Já o terceiro casal apresentou grandes conflitos referentes a essa área.

No caso do primeiro casal, Maria dizia ter necessidade de estar com a mãe pelo menos uma vez por semana, demonstrava além de carinho, preocupação com a saúde da mesma. João afirmou que muitas feridas advindas do seu núcleo familiar ainda não tinham cicatrizado, e receava que um contato mais íntimo pudesse ser facilitador para que elas (as feridas) voltassem a abrir, evitando assim uma maior proximidade com a família de Maria. Apesar de adotar esta conduta, continuava sendo o grande “salvador”, da sua mãe, tudo que ela precisa recorre a ele. O mesmo ocorre com a família da Maria, quando ocorre algum problema é a ela que recorrem.

No segundo casal a questão familiar nos pareceu mais leve, a mãe de Ana mora em uma cidade próxima e Jorge mantém diálogo constante com seus familiares, apesar da distância entre as duas cidades. Jorge parece ter a mãe como uma figura idealizada.

O terceiro casal sofria com as diferenças apresentadas entre as famílias. Marina demonstrou ter uma relação de dependência emocional com a mãe, e Diogo não tinha intimidade com nenhum membro da sua família. Diferente dos pais de Marina, seus pais não

ofereciam nenhuma estrutura acolhedora para as suas dificuldades, tampouco para as dificuldades do casal. Ao contrário, os dois, o pai e a mãe de Diogo, com seus comportamentos, muitas vezes inadequados, ofertavam ao jovem casal problemas e questões não resolvidas por eles próprios. Os cônjuges não sentiam que pudessem contar com os pais de Diogo, para qualquer tipo de apoio caso necessitassem ou desejassem.

Como o próprio Jung (1991[1921]) salienta, o tipo sentimento extrovertido apresenta dificuldade em reconhecer e admitir verdades sobre os problemas e as pessoas com as quais estão envolvidas emocionalmente. O primeiro casal demonstra ter um sentimento amoroso pelas respectivas mães, como também um desejo que o mesmo sentimento seja retribuído. Sentem que não são solicitados como filhos, mas como aqueles que sempre estarão ali para resolver problemas. O segundo casal vê nas figuras das sogras só os aspectos positivos, pensamos que esta postura pode vir a dificultar uma visão de totalidade, tanto externa (das sogras) como interna (deles mesmos). O terceiro casal como já vimos, apresenta uma problemática enorme em relação à família de origem de Diogo, ocorreram sucessivos desentendimentos e brigas que até hoje são lembradas com muito pesar. De acordo com Hillman (1995[1971]), os “sentidores” não costumam acompanhar o fluxo do pensamento numa discussão, embora possa estar avaliando atentamente o pensamento. O tipo Sentimento, se perder o contato com a sua primeira função se sentirão rejeitados, podendo chegar a conclusões errôneas acerca se si mesmo e das situações as quais está envolvido, porque os complexos assumem o controle sobre eles; ou então se tornam vítimas do pensamento inferior, das ilusões e das idéias negativas

Independente da tipologia, as questões familiares quase sempre aparecem em forma de conflito para os casais, mas como aqui estamos tentando relacionar conflitos conjugais à tipologia, não poderíamos deixar de ressaltar o aparecimento das famílias de origem nos três casais que passaram pelo processo de pesquisa.

A família de origem nos pareceu ser um conflito para o Sentimento Extrovertido. Nesta circunstância, é importante para os casais que apresentam esta tipologia, descobrirem valores de sentimentos em suas próprias ações, sem restringir-se a valorizar a ação pela ação. Como a função sentimento se desenvolve principalmente por meio da expressão de sentimentos, torna-se urgente a descoberta dos valores em suas ações dirigidas aos seus familiares. Hillman (1995[1971]), afirma: “É importante entrar em situações nas quais haja um conflito de interesses para cuja solução a função sentimento contribua”.

9.2 – Diálogo como necessidade e como recurso.

Percebemos que os três casais tinham dificuldades em confiar no casamento como “vaso” que poderia sustentar seus conflitos. Sentimos que, no início do processo, os conflitos representavam ameaças de destruição e abandono, o diálogo estava sendo evitado, principalmente quando estavam sozinhos, como que, se viessem a dialogar teriam que tocar em assuntos que provocariam dor. Contudo, ao longo dos nossos encontros, o primeiro e o terceiro casal conseguiram perceber que o diálogo não necessariamente é sinônimo de conflito, e se o conflito aparecer este pode representar um meio de crescimento e contribuir para a individuação conjugal. Já o segundo casal continuava mantendo o mesmo padrão de comportamento, afirmando que o tempo seria o melhor remédio para os possíveis desentendimentos conjugais. Segundo eles, é péssimo discutir a relação.

Inicialmente, observamos no primeiro casal, que a vivência solitária que estava existindo na conjugalidade poderia ter sido resolvida, se João tivesse entrado em contato com a sua dor, se abrindo para aquilo que o estava perturbando, mas continuou se protegendo ao não dialogar com a sua esposa, perdendo com esta atitude a oportunidade de se conhecer a partir de si próprio como também a partir do outro, de fora e de dentro dele mesmo. O mesmo podemos dizer em relação à Maria, poderia evitar uma série de contratemplos físicos se não apresentasse tanta dificuldade em falar o que pensa, dando preferência a sintomas como, dores de estômago, enxaqueca. Segundo Jung (1991[1921]), as perturbações corporais, seja funcionais (nervosas) ou reais, têm um significado de compensação, pois forçam o sujeito a um autofechamento involuntário.

O segundo casal, Ana e Jorge, assinalaram dificuldades quanto ao início e a manutenção de um diálogo, Jorge deseja dialogar, mas fica a mercê da permissão, da iniciativa de Ana. Como já dissemos, pensamos no diálogo como uma troca, uma escuta que leve a uma intimidade mais profunda. Sabemos que, para ocorrer verdadeiramente um diálogo é necessário que os dois compreendam aquilo que se passa com eles mesmos e com o outro. Poderíamos salientar a necessidade de uma vivência de alteridade, na qual duas pessoas se encontram e como resultado desse encontro ocorre uma transformação, através do que uma simbolizou para a outra. Mas, Ana e Jorge continuavam afirmando que o tempo é o melhor remédio para os possíveis desentendimentos conjugais. Ficamos nos indagando o que poderia estar por trás dessa afirmação, percebemos que existia uma ambivalência a respeito do diálogo. Existia uma disposição potencial de criar situações facilitadoras para que o diálogo começasse a fazer parte

de suas vidas, co-existindo com o seu oposto, ou seja, uma profunda disposição potencial de evitar situações que os levasse a dialogar.

O terceiro casal disse-nos ter observado que a introdução do diálogo ofereceu condições para existência de mais leveza na conjugalidade, facilitando suas vidas em vários setores. No diálogo há uma troca, uma escuta, uma compreensão do que se passa consigo e com o outro, Diogo e Marina ainda estão a caminho dessa compreensão pessoal. Parecem necessitar de períodos de recolhimento, de reflexão, de diálogos interiores. Marina reconhece a necessidade de se colocar no lugar do outro, Diogo vislumbra essa possibilidade bem de longe, pois algo maior faz com que suas vitimizações ocupem o lugar dos seus desejos. Eles não conseguem manter um diálogo reflexivo, Marina começa a lembrar de tudo que passou quando em contato com a família de Diogo. A reflexão não encontra lugar para poder se instalar como meio de transformação, e o que ocorre são repetições de queixas dos encontros anteriores, dando-nos a impressão de que ainda existe muita coisa a ser elaborada.

Percebemos que ao longo dos nossos encontros, o primeiro casal foi desenvolvendo um diálogo mais íntimo e mais claro, com isso melhorando o apoio emocional mútuo necessário para a compreensão dos seus conflitos, de suas tipologias. Assim sendo, apresentam condições para encontrar possíveis caminhos que fizesse sentido para a conjugalidade. O segundo casal apresentou mais dificuldade em desenvolver um diálogo mais consciente, que levasse em consideração os desejos, as dificuldades, os conflitos e receios de ambos os cônjuges. Jorge apresentava a tendência de evitar expressões de descontentamento, como também uma tendência a idealização de uma conjugalidade harmônica, com isso estava inibindo a possibilidade de maior elaboração das diferenças, das semelhanças e dos conflitos. Percebemos que, como consequências tinham maiores dificuldades em desenvolver discussões mais profundas sobre seus próprios conflitos. Apesar de o terceiro casal apresentar dificuldade para dialogar, como uma experiência de troca, de escuta de si e do outro, não podemos deixar de salientar que a introdução do diálogo como recurso para um possível entendimento trouxe a Marina e a Diogo maior confiança na relação e mais intimidade. Eles ainda operam muito na inconsciência, a *anima* de Diogo produzindo caprichos e o *animus* de Marina produzindo opiniões.

Até certo ponto, foi criada uma base para que os casais, se assim o desejarem, partirem para um trabalho de elaboração de suas projeções, podendo assim converter seus conflitos interpessoais em conflitos intrapsíquicos, isto acontecendo poderão aceitar as diferenças no outro, contribuindo para o fortalecimento da conjugalidade.

9.3 – Conflitos conjugais e as possibilidades de transformações.

Os conflitos conjugais podem ser pensados como eventos que ocorrem em períodos de grande vulnerabilidade, ou seja, em fases decisivas em que mudanças de atitudes são necessárias, já que instrumentos usados anteriormente deixaram de surtir efeitos. É um período em que o casal vai precisar lidar com transformações.

Para que ocorra transformação é necessário que o novo se instale e para o novo se instalar o velho precisa morrer. Após a morte vem o luto. Entendemos o luto como um processo de dor, de perda, de mudanças, e só com a elaboração desses sentimentos que poderemos, eventualmente, resgatar a energia investida e redirecioná-la para outro caminho.

Compreendemos que, embora os casais tenham apresentado questões e conflitos diferentes, e que os encontros tenham produzido resultados diferentes para cada casal, esse processo proporcionou a oportunidade de transformação tanto individualmente como dentro da conjugalidade, configurando assim uma nova fonte de energia para que novas possibilidades pudessem ser consideradas.

Inicialmente o primeiro casal, João e Maria, assim descreveram os seus conflitos:

“Determinados entendimentos dificultam nosso relacionamento, como formas de ser, agir e até a expressão de sentimentos”.

“Falta de confiança do cônjuge”.

“Gênio difícil do parceiro”.

“Oscilação de humor”.

“Dificuldade de entendimento”.

“Diferenças de interesses no aspecto social/lazer”.

“Relacionamento com a minha família”.

Ao finalizarmos nossos encontros, percebemos grandes transformações quanto a forma de dialogar do casal, foram ocorrendo situações nas quais se evidenciava uma abertura para um diálogo com mais intimidade, em decorrência desta atitude observamos estar sendo criado um apoio emocional mútuo, o qual acreditamos ser necessário, para que o casal possa encontrar caminhos possíveis que fizessem sentido aos dois.

Quanto à questão tipológica a criação de uma atmosfera propiciadora ao diálogo corrobora com características da função sentimento; que são avaliações, julgamentos e

reconhecimento dos valores inerentes a determinadas situações, levando os envolvidos a funcionarem de acordo com esses valores.

O segundo casal, Ana e Jorge, assim descreveram os seus conflitos:

“Organização e limpeza excessiva”.

“Falta de carinho no dia-a-dia”.

“Importância excessiva ao trabalho”.

“O estresse de ser profissional, mãe, esposa e dona de casa”.

“A falta de um pouco mais de cooperação do marido”.

“Falta de fazermos algo mais junto, ultimamente nossas férias são com a família dele”.

“O cachorro”.

Como já havíamos relatado Jorge e Ana, apresentam uma característica conjugal de evitar entrar em contato com problemas, diante disso, apresentavam dificuldades quanto ao início e a manutenção de um diálogo. Sentimos que as colocações verbais dos cônjuges estavam retratando a dinâmica conjugal e as defesas construídas ao longo do relacionamento. O medo de mudanças estava evidente, estas poderiam ameaçar a “harmonia” construída, à custa de muitas negações de desejos pessoais. O casal apresentava dificuldade em assumir para si e para o outro suas dificuldades, como também aceitar como conflito conjugal aquilo que os desagradava. Aos nossos olhos, só o cachorro conseguiu mobilizar o casal para que ocorresse um grande conflito, mas que está sendo contornado e não resolvido.

Colman (1994) mostra que, para o bom funcionamento de um casamento, é preciso existir confiança de modo que o conflito que surge não irá destruir a relação e que exista um continente para as questões do casal. A ausência desse continente seria semelhante a não ter com quem brigar e não ter resposta.

Em se querer manter a “harmonia” o tipo Sentimento se faz valer de sentimentos polidos e se curva diante do outro, rendendo-se antes que as tensões alcancem seu pico. As pessoas desta tipologia tendem a querer estar ajustadamente certos.

Observamos que ao participar da pesquisa, se permitiram olhar para características e conflitos pessoais como conjugais. Reconheceram que essas características não eram

desconhecidas, mas que contribuíam, com suas atitudes, para que as mesmas caíssem no esquecimento.

O terceiro casal, Marina e Diogo assim descreveram os seus conflitos:

“*conflito familiar*”.

“*divisão de tarefas*”.

“*responsabilidades com os filhos*”.

“*horários*”.

“*interferência da família*”.

“*momentos de lazer a sós*”.

“*trabalho*”.

Como já havíamos relatado Diogo e Marina, apresentam uma conflitiva familiar que leva o casal a sofrer conflitos na ordem da conjugalidade. Percebermos que o jovem casal ainda não encontra estruturas necessárias para conviver com esses conflitos advindos de suas famílias de origem. Sentimos que as colocações verbais dos cônjuges estavam retratando a dinâmica conjugal e as defesas construídas ao longo do relacionamento. As acusações verbais tornaram-se uma constante na vida do casal. O casal apresentava dificuldade em assumir para si e para o outro seus desejos, como também aceitar aquilo que os desagradava.

Em se querer manter a “harmonia” o tipo Sentimento se faz valer de sentimentos polidos e se curva diante do outro, rendendo-se antes que as tensões alcancem seu pico. As pessoas desta tipologia tendem a querer estar ajustadamente certos.

Hillman (1995 [1971]) “Ressalta que o casamento oferece um vaso para toda sorte de sentimentos negativos, mesmo o que se referem a ele mesmo. ... de fato, o casamento não pode ser “sucesso”, no sentido arcaico de algo belo e agradável que cresce como uma árvore, justamente por causa desses sentimentos negativos que afetam a relação”.

Observamos que ao participar da pesquisa, o casal se permitiu olhar para características pessoais e conjugais.

O casamento pode ser um sucesso quando podemos viver a partir das negatividades e oferecer à função sentimento a oportunidade de exercício diário. Diogo e Marina estão se

mostrando dispostos a percorrer o caminho que possa conduzi-los a mudanças significativas dentro da conjugalidade.

10 - Considerações Finais.

O foco desse estudo foi identificar os conflitos vividos dentro da conjugalidade nos casais que apresentaram a tipologia Sentimento Extrovertido, identificar as semelhanças e diferenças entre eles quanto à percepção dos conflitos; como cada um dos membros do casal avaliava essa vivência conflituosa; e se havia influência da tipologia nos conflitos apresentados. Diante disso, poder rever o discurso com cada casal para então levantar possibilidades de superação dos conflitos apresentados. As relações conjugais vêm se transformando; o casamento exige dos cônjuges constantes ajustamentos, a partir dessas constatações os conflitos conjugais não podem mais ser pensados como falâncias, mas como uma fase decisiva em que mudanças de atitudes são necessárias. A relação conjugal suscita atenção aos confrontos e as crises conjugais do cotidiano; no amor, na rejeição, no mal e no bem. O conflito com o outro fora provoca uma ressonância interna ativando a polaridade: consciente-inconsciente.

Para esta pesquisa foi utilizado como instrumento o QUATI (Questionário de Avaliação Tipológica – versão II). O QUATI foi utilizado como instrumento na primeira fase da pesquisa, como recurso para selecionar e determinar os casais que vieram a participar da segunda fase da pesquisa. A partir do resultado do QUATI foram selecionados três casais que apresentaram a mesma tipologia - Sentimento Extrovertido.

Analizando e comparando os encontros de cada casal, podemos concluir que o procedimento de entrevista de profundidade, foi eficaz para que cada casal pudesse entrar em contato com seus conflitos, com características advindas de sua tipologia, com as possíveis influências que as mesmas podem ter na dinâmica conjugal. Uma das belezas da existência humana é que somos ao mesmo tempo seres individuais e coletivos, diante disso não há possibilidade de compreendermos a nós mesmos sem percebermos que temos diferenças como também semelhanças. O mesmo ocorre com a conjugalidade, só que somos levados a pensar a conjugalidade com o foco voltado para a complementaridade; já diz o dito popular que “os opostos se atraem”, sabemos que um vínculo conjugal não se estabelece só por polaridades e diferenças, mas também por igualdades e que tanto nas oposições como nas semelhanças tipológica a compreensão das características, tanto das oposições como das semelhanças, pode colaborar para uma melhor relação dialética e criativa entre os cônjuges.

Seguindo os pressupostos da Psicologia Analítica, em que o indivíduo nasce para a individuação, compreendemos o casamento como uma das vias para alcançá-la. Como os relacionamentos humanos sempre nos fascinaram principalmente aqueles entre homens e

mulheres, o chamado relacionamento conjugal, surgiu então, o interesse de abordá-lo a partir de seus conflitos. A conjugalidade refere-se às experiências compartilhadas no casamento, a convivência no dia-a-dia, admiração, intimidade, conflitos, desentendimentos. Um espaço em que as diferenças e igualdades podem conviver.

O casamento, esse fenômeno complexo, tem sido estudado por diversas abordagens teóricas, a partir de diversas perspectivas. E como envolve dois seres humano, seria difícil para esta instituição uma vivência sem conflitos. Diante disto, começamos a nos perguntar, quais fatores poderiam interferir nos conflitos conjugais, além da retirada das projeções quando à fase da paixão termina, abrindo a porta para outras vivências mais criativas ou também abrindo a porta de saída, levando os amantes a procurarem novos caminhos. Questionamo-nos então, se os tipos psicológicos descritos por Jung teriam algum papel nesses conflitos.

Surgiu então, o interesse pela junção desses temas: Conflitos Conjugais e Tipos Psicológicos, como um desejo de obter informações que nos levassem a uma melhor compreensão dos desgastes tão comuns no cotidiano dos casais, como também pelo desejo de obter uma melhor compreensão dos sofrimentos psicológicos decorrentes desses estados tão desgastantes e sofridos para o casal.

Pensamos em trabalhar com casais que apresentassem oposições tipológicas, mas trilhamos outro caminho diante dos resultados obtidos na primeira fase da pesquisa. Como nos disse Jung (1986[1973]), ao postular a tensão entre os contrários para o desenvolvimento da personalidade. “É nos opositos que se acende a chama da vida”. Considerando os tipos opositos, o introvertido e o extrovertido, ele diz que “os casamentos se fazem entre dois tipos, inconscientemente, para uma complementação recíproca. ...Ambos os tipos são como que criados para uma simbiose”. Um encarrega-se da reflexão; o outro, da iniciativa e da ação prática. Nos primeiros anos de casamento podem-se tornar o casal ideal, absorvidos com a adaptação às necessidades da vida, combinam muito bem. Quando as necessidades externas começam a cessar os cônjuges passam a ter tempo de se preocupar um com o outro; e assim percebem que, na luta pela sobrevivência, a intimidade inúmeras vezes fica comprometida. Os cônjuges, procurando entendimento, descobrem então as diferenças, o que propicia a briga entre os dois tipos – acusações depreciativas e recíprocas, pois o valor de um é desvalor do outro. ”Seria razoável pensar que a consciência do próprio valor poderia bastar para reconhecer tranquilamente o valor do outro, tornando supérflua qualquer disputa”. Jung (1986[1973]).

Entretanto, nosso trabalho de pesquisa nos mostrou que independentemente das questões tipológicas, tanto nas diferenças como também nas igualdades, os conflitos quando não elaborados, levam a conjugalidade a percorrer caminhos muitas vezes árduos, mas necessários.

Jung (2002[1986]) ressalta que: “Raras vezes, ou até mesmo nunca, um matrimônio se desenvolve tranquilo e sem crises, até atingir um relacionamento individual. Não é possível tornar-se consciente sem passar por sofrimentos”.

O conflito conjugal, embora possa parecer um assunto, de tão corriqueiro, fácil de ser abordado nos mostrou que, os casais sentem-se desconfortáveis ao abordá-lo. Todos sabem que, brigas e desentendimentos acontecem marcando desencontros e caminhos diversos. Esse aspecto nos pareceu ficar um pouco mais complicado para os casais que participaram da pesquisa, não podemos afirmar se era pela situação de estar sendo focado o assunto ou porque, todos eram da tipologia Sentimento Extrovertido. Pois segundo Hillman (1995[1971]). “O casamento oferece um vaso para toda sorte de sentimentos negativos, mesmo os que se referem a ele mesmo. ...a elaboração do casamento implica mau humor, sarcasmo, adulação, mesquinharias, tédio e tantas complexidades em termos de sentimentos negativos que o casamento fornece um veículo extraordinário para a função sentimento”.

Percebemos que, durante nossos encontros, os casais conseguiram nomear assim como apropriar-se dos próprios sentimentos, fazendo uma melhor elaboração do impacto sofrido quanto à revelação dos conflitos por eles apresentados. Adicionalmente, eles tentaram elaborar juntos, num diálogo mais aprofundado, as alternativas existentes quanto à resolução dos conflitos, não que, necessariamente, essa atitude tenha resultado numa compreensão quanto à natureza dos conflitos conjugais. Mas, os encontros foram propícios para a exploração e a melhora da comunicação que existia entre os cônjuges, diante disso, cada um apresentou melhores condições de se expressar e escutar o outro.

Os resultados da pesquisa sugerem que a entrevista de profundidade pode ser eficaz para pesquisas nas quais serão focadas as questões conjugais, em particular aquelas relacionadas a conflitos conjugais, pois a aproximação do pesquisador com os casais e a proximidade dos mesmos favorece a construção de um “vaso” apropriado para o acolhimento dessas questões tão embaraçosas. O instrumento utilizado, o QUATI, atingiu o objetivo proposto, que era selecionar casais tomando como base a tipologia psicológica, já que a pesquisadora optou por trabalhar com casais que não estivessem em terapia de casal com a mesma, assim sendo não os conhecia e teria que partir de um ponto para essa seleção.

Entendemos que os casais participantes dessa pesquisa tiveram a oportunidade de entrar em contato com os seus conflitos conjugais, elaborando a dinâmica eu - outro, como também a

oportunidade de entrar em contato com suas características tipológicas o que facilitou, muitas vezes, o entendimento de determinadas situações conflitantes.

Dos três casos analisados neste estudo, o primeiro casal apresenta um casamento de longa duração, sendo o único casal cujo marido já tinha tido um casamento anterior. Os outros dois casais suas uniões são inferiores há dez anos. Todos apresentaram relativa estabilidade, tanto financeira como emocional. Apresentaram um bom nível cultural e todos trabalhavam.

Observamos que os três casais estavam investindo muita energia para construir uma relação conjugal, na qual prevalecesse harmonia e bem-estar.

A atitude do primeiro casal nos pareceu uma atitude mais experiente, apesar de abordarem os seus conflitos e dos mesmos aparecerem independente da vontade deles, a forma ou a tentativa de resolução denunciava a existência de conteúdos e situações pelas quais já tinham passado.

O segundo casal demonstrou grande interesse pela pesquisa, como pelo assunto que a mesma tratava, mas ao mesmo tempo, qualquer fragilidade ou dificuldade representava uma ameaça para o casamento, principalmente por parte de Jorge, e como consequência, os cônjuges não expressavam seus sentimentos negativos por receio de que o “vaso” do casamento não tivesse condições de sustentar um possível conflito e diferenças de opiniões.

No terceiro casal entendemos que as questões psíquicas dos dois cônjuges, dos complexos parentais apresentados por Diogo, apontam necessidades de ir à busca de apoio para resoluções de conflitos individuais e conjugais. Apesar de colocarem muita energia na relação necessitam de uma melhor estruturação emocional. Percebemos que as bases estão enfraquecidas apesar da vontade de ir em frente.

Durante os nossos encontros percebemos que os casais desenvolveram uma visão mais crítica do seu relacionamento e entenderam que a necessidade de evitar conflitos e de expressar sentimentos negativos e dolorosos poderia contribuir para que a relação não se desenvolvesse além de um nível superficial. Ao longo do processo verificamos que eles estavam mais confiantes para começar a se testar mais e testar mais o casamento, colocando-se um no lugar do outro, desenvolvendo um diálogo mais profundo sobre as questões da própria conjugalidade.

Verificamos que averiguar, assim como afirmar que casais que apresentam a mesma tipologia: Sentimento Extrovertido apresente tendências que possam influenciar nos conflitos conjugais, nos parece precipitado, valendo-se de que trabalhamos apenas com três casais.

Acreditamos ser necessária a continuidade de estudos para a ampliação de procedimentos que possam vir a atender a questão da conjugalidade, afim de que, conclusões mais abrangentes possam ser alcançadas.

Tendo estado em contato com a função Sentimento, percebemos que ela tem um sinal positivo e um sinal negativo, aceitá-los significa acolher os sentimentos em sua totalidade, pois aceitar os sentimentos negativos e suas expressões pertence igualmente a essa função. Segundo Hillman (1995[1971]), "... o casamento parece ter sido modelado de maneira ideal para a expressão de toda a espécie de sentimento negativo e, portanto, para a diferenciação da função sentimento. O fato de o casamento parecer o único lugar em que esses sentimentos são permitidos, e até esperados, levanta a questão sobre se ele não poderia hoje estar sendo forçado a comportar uma quantidade indevida de sentimentos negativos (que não têm nenhum outro lugar santificado) e de funcionamento inferior (que pode não se manifestar exteriormente)".

"A relação conjugal dá uma chance ao desenvolvimento da função sentimento porque, na qualidade de vaso arquetípico, mantém-se impessoalmente fora e implacavelmente acima de tudo aquilo que ocorra na relação". Hillman (1995[1971]).

O desenvolvimento da individualidade pode ser simultâneo ao desenvolvimento do casamento, independente da qualidade e da duração do mesmo. Percebemos como o processo de individuação consiste em constantes tentativas de combinar imagens interiores com as experiências exteriores. A interação e a abertura para o mundo consistem em acompanharmos o movimento da vida, não ocorrendo nunca uma realização total: apenas o melhor possível.

Assim é o movimento da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALVARENGA, M. Z. – A dinâmica do coração. Do herói-dever, heroína - acolhimento para o herói-heroína-amante-amado. **Junguiana**, nº 18, pp. 133-150, SBPA, São Paulo, 2000.

ALVARENGA, M. Z. ; SOUZA, A.C.R e RIBEIRO, A.L.S. e BARBOSA A.M.T.S.M. e CORDEIRO A.M. e LIMA D.A.S. e LOPES E.M. e SILVEIRA E.D. e RÍMOLI F. e LIMA G. e AMARAL M.T.M.B. e ALVARENGA M.Z. e SPESSOTO R. e LINDENBERG S.R.C. e BAPTISTA S.M.S. e PALOMO V. – **Mitologia Simbólica**. Casa do Psicólogo, São Paulo, 2007.

_____. **NBR 6024: informação e documentação:** numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6027: informação e documentação:** sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6028: informação e documentação:** resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6034: informação e documentação:** índice: apresentação. Rio de Janeiro, 2004.

_____. **NBR 10520: informação e documentação:** citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 14724: informação e documentação:** trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 12225: informação e documentação:** lombada: apresentação. Rio de Janeiro, 2004.

_____. **NBR 14724: informação e documentação:** trabalhos acadêmicos: apresentação. Emenda 1. Rio de Janeiro, 2005.

BENEDITO, V. L. D. I. – **Amor Conjugal e Terapia de Casal:** Uma abordagem arquetípica. Ed. Summus, São Paulo, 1995.

_____. - Vínculos Familiares: estudo de dinâmicas familiares com base nas relações conjugais. **Junguiana**, nº11, SBPA, São Paulo, 1993.

_____. - Violência Conjugal: um paradoxo a ser investigado. **Junguiana**, nº 13, SBPA, São Paulo, 1995.

_____. - Abordagem Simbólica do Conflito Conjugal: o corpo em cena. **Junguiana**, nº20, SBPA, São Paulo, 2002

BUARQUE, C.; Cotidiano. Em <http://www.chicobuarque.com.br/>. 1971.

BYINGTON, C. - A Identidade Pós Patriarcal do Homem e da Mulher e a Estruturação Quaternária do Padrão de Alteridade da Consciência pelos Arquétipos da Anima e do Animus. **Junguiana**, 1986, n° 4, pp. 5 – 67.

_____. - Polaridades, Redutivismo e as Cinco Posições Arquetípicas. Um estudo epistemológico pela Psicologia Simbólica. **Junguiana**, 1990, n° 8, pp. 7-40.

_____. **A Construção Amorosa do Saber**, São Paulo, Religare, 2003.

CAROTENO, A. – **Eros e Pathos. Amor e Sofrimento**. Trad. de Isabel F. L. Ferreira. São Paulo, Paulus, 1994.

_____. **Amar, Trair, quase uma apologia da traição**. São Paulo, Paulus, 1997.

CLEAVELY, E. – **Relationship: interaction, defences and transformation**. Em S.Ruszcynski, Psychotherapy with couples: theory and practice at Tavistock Institute of Marital Studies. (2^a ed.) (pp.55-69), London, Kamaç Books, 1994.

COLMAN, W. – **The individual and the couple**. Em S.Ruszcynski, Psychotherapy with couples: theory and practice at Tavistock Institute of Marital Studies. (2^a ed.) (pp.136-141), London, Kamaç Books, 1994.

CAVALCANTI, R. – **O casamento do Sol com a Lua: Uma Visão simbólica do masculino e do feminino**. São Paulo, Cultrix, 1993. p..151.

DICKS, H. V. – **Marital tension**. New York, Basic Books, 1967.

EISLER, R. – Transformação social e o feminino: da dominação à parceria. In: ZWEIG, C. **Mulher – em busca da feminilidade perdida**. São Paulo, Gente, 1994.

FARIA D.L. – **O Pai Possível**: conflitos da paternidade contemporânea. São Paulo, Educ: FAPESP, 2003.

FERES-CARNEIRO, T. - Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. **Estudos de Psicologia**. 2003, 8(3) pp. 367-374.

FIGUEIREDO, F.– **O trem que traz a noite.** São Paulo, Lacerda Editores, 2000.

FERREIRA, A. B. H. – **Minidicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1993.

FOUCAULT, M, - **The subject and power.** Em H.I. Dreyfus & R. Rabinow (Orgs.), Michel Foucault: Beyond structuralism and hermeneutics (pp. 208-226) Chicago, The University of Chicago Press, 1982.

GARCIA, M. L. T. - Estratégias e Enfretamento do Cotidiano Conjugal. **Psicologia Reflexão e Crítica.** 2001, 14(3) pp. 635-642.

GIDDESNS, A. - **A transformação da intimidade, sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo, Editora da Universidade Paulista, 1992.

GOMES, I. C.; PAIVA, M. L. S. C. - Casamento e Família no Século XXI: Possibilidade de Holding? **Psicologia em Estudo**, Maringá. 2003, v.8, num, esp., p.3-9.

GONZÁLES REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade. Os processos de construção da informação.** 1.ed., São Paulo: Thomson, 2005, 205 p.

GUERRA, M. H. R. M. – **Encontro: Um Estudo sobre o Relacionamento Interpessoal Dialético_enquanto Símbolo de Totalidade.** São Paulo, 1988. 132p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo.

GUGGENBUHL – CRAIG, ADOLF – **O Casamento está Morto – Viva o Casamento.** Trad. de Pedro Ratis e Silva. São Paulo, Símbolo, 1980.

HADDON, G. P. – A emergência pessoal e cultural da feminilidade yang. In: ZWEIG, C. – **Mulher em busca da feminilidade perdida**, São Paulo, gente, 1994.

HARDING, M. E. – **Os mistérios da mulher**, São Paulo, Paulinas, 1971.

HEWISON, D. ‘Oh Rose, thou art sick!’ Anti-individuation forces in the film American Beauty. **Journal of Analytical Psychology**, vol. 48, p. 683-704, 2003.

HILLMAN, J. – **Uma Busca Interior em Psicologia e Religião.** Trad. de Aracéli Martins Elman. São Paulo, Paulus, 1984.

_____. **Estudos de Psicologia Analítica**, Rio de Janeiro, Achiamé, 1991.

_____. **Anima** – Anatomia de uma noção personificada, São Paulo, Cultrix, 1995.

HOLLIS, J. – **A Passagem do Meio da miséria ao significado da meia-idade.** Trad. de Cláudia Gerpe Duarte. São Paulo, Paulus, 1995.

HOUAISS - **Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2004.

JABLONSKI, B. – **Até que a morte nos separe:** A crise do casamento contemporâneo, Rio de Janeiro, Agir, 1998.

JOHNSON, MATTHEW D. ; COHAN, CATHERINE L. ; DAVILA, JOANE.; LAWRENCE, ERIKA; ROGGE, RONALD D.; KARNEY, BENJAMIN R. ; SULLIVAN, KIERAN T.; BRADBURY, THOMAS N. Problem-Solving Skills and Affective Expression as Predictors of Chance in Marital Satisfaction. **Journal of Consulting and Clinical Psychology.** 2005 February, 73(1), p.p. 15-27.

JOHNSON, W.; MCGUE, M.; KRUEGER, R. F.; BOUCHARD, T. J. JR. - Marriage and Personality: A Genetic Analysis. **Journal of Personality and Social Psychology.** 2004 February, 86(2), p.p 285-294.

JOHNSON, ROBERT A. – **We : A Chave da Psicologia do Amor Romântico**, Trad. de Maria Helena de Oliveira Tricca. São Paulo, Mercuryo, 1987.

_____- **She : A Chave do Entendimento da Psicologia Feminina**, Trad. de Maria Helena de Oliveira Tricca. São Paulo, Mercuryo, 1987.

JUNG, CARL GUSTAV - **O Desenvolvimento da Personalidade. OC 18.** 8ºed.; Petrópolis: Editora Vozes. 2002

JUNG, C.G. **Ab reação, análise dos sonhos, transferência. OC 16/2.** 2ºed., Petrópolis: Vozes, 1990.

- _____. **Tipos psicológicos.** OC 6. 8ºed., 1991 a.
- _____. **A natureza da psique.** OC 8/2. 3ºed., Petrópolis: Vozes, 1991b.
- _____. **Etapas da vida humana.** OC 8. Petrópolis: Vozes, 1991c.
- _____. **O eu e o inconsciente.** OC 7/2. 10ºed., Petrópolis: Vozes, 1994a.
- _____. **A energia psíquica.** OC 8/1. 5ºed., Petrópolis: Vozes, 1994b.
- _____. **Aion. Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo.** OC 9/2. 5ºed., Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. **Símbolos da transformação.** OC 5. 4ºed., Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. **Psicologia do inconsciente.** OC 7/1. 15ºed., Petrópolis: Vozes, 2004 a.
- _____. **Fundamentos de psicologia Analítica.** OC 18/1. 12ºed., Petrópolis: Vozes, 2004b.
- _____. **Memórias, Sonhos, Reflexões.** 9.ª ed.; Trad. de Dora Ferreira da Silva, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.
- _____. **O Homem e seus Símbolos.** Trad. de Maria Lúcia Pinto, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.
- _____. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo.** - Trad. de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2000.
- _____. **Tipos Psicológicos.** - Trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1991.
- _____. **Aion. Estudo sobre o simbolismo do Si-mesmo.** - Trad. de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1986.
- _____. **A Energia Psíquica.** - Trad. de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2002.
- _____. **Símbolos da Transformação.** - Trad. de Eva Stern, Rio de Janeiro, Editora Vozes. 1986.

_____. **Psicologia do Inconsciente** – Trad. de Maria Luiza Appy, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2005.

KAST, V. – **Pais e filhas, MÃes e filhos**. São Paulo, Loyola, 1997.

KEARNS, JILL N; LEONARD, KENNETH E. - Social Networks, Stuctural Interdependence, and Marital Quality Over the Transition to Marriage: Prospective Analysis. *Journal of Family Psychology*. 2004 June; 18(2), p.p.383-395.

KEIRSEY, D. - **Please Understand Me II**. Del Mar, CA: Prometheus Nemesis Book Company, 1998.

KRAMER, H.; SPRENGER, J. **O Martelo das feiticeiras**, São Paulo, Editora Rosa dos Tempos, 1993.

LAVEE, YOAV, BEN-ARI, ADITAL. **Emotional Expressiveness and Neuroticism: Do They Predict Marital Quality?** *Journal of Family Psychology*. 2004 December; 18(4), p.p. 620-627.

LAURENCEAU, JEAN-PHILIPPE; BOLGER, NIALL. - **Using Diary Methods to Study Marital and Family Processes**. *Journal of Family Psychology*. 2005 March; 19(1), p.p. 86-97.

LEONARD, L. S. – **No Caminho para as Núpcias**. Trad. de João Rezende Costa, São Paulo, Paulus, 2000.

McGUIRE, W. – **A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung**. Rio de Janeiro, Imago, 1993.

MACFARLANE, A. – **História do Amor e do Casamento**. Trad. de Paulo Neves, São Paulo, Companhia das Artes, 1990.

MATHEWS, G. & DEARY, I. J. - **Personality Traits**. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1998.

MILLON, T. – **Disorders of Personality**. New York. John Wiley & Sons, 1981.

MORAES, N. M. – **Fica comigo para o café da manhã** – O mito amoroso e a mulher contemporânea, São Paulo, Olho dágua, 2000.

_____. **É possível Amar Duas Pessoas ao mesmo tempo?** São Paulo, Musa Editora, 2002

MYERS, I. B. & MEYERS, P.B. – **Gifts Differing: Understanding Personality Type**. Palo Alto, CA: Davies-Black Publishing, 1995.

NEFF, L. A.; KARNEY, B. R. - **To Know You to Love You: The Implications of Global Adoration and Specific Accuracy for Marital Relationship.** Journal of Personality and Social Psychology. 2005 March; 88(3), p.p.480-497.

NICOLLÓ, A.; - **O modelo psicanalítico de funcionamento de casal**. Em: M. Andolfi, C. Ângelo & C. Saccu, O casal em crise. São Paulo, Summus, 1995.

OLIVEIRA, M. N.; ESPINOLA, C. R. – Trabalhos Acadêmicos - recomendações práticas. Copidart Editora Ltda. São Paulo, 2002.

O’NEILL, NENA E GEORGE – **Casamento Aberto**, São Paulo, Artenova, 1973.

OSHERSOM, S. – **Os homens e o amor**, São Paulo, Best Seller, 1994

PALMER, H. – The Enneagram. Understanding Yourself and the Others in Your Life. Harper San Francisco, São Francisco, 1991.

PEREIRA, M. R. G. – Apostila do Curso de Especialização de Abordagem Junguiana: Leitura da Realidade e Metodologia de Trabalho. Módulo I. PUC, COGEAE. São Paulo, 1999.

_____. Apostila do Curso de Especialização de Abordagem Junguiana: Leitura da Realidade e Metodologia de Trabalho. Módulo III. PUC, COGEAE. São Paulo, 2000.

_____. **O Significado Psicológico da Polaridade Afetiva: O Mito de Eros.** São Paulo. 1982. 132p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo.

PESSANHA, J.A. M.- Platão as várias faces do amor. In: CARDOZO, S. (org.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

PESSOA, F. – Obra Poética, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986. APUD –Jung – **O homem criativo** – Luiz Paulo Grinberg, Editora F.T. D. 1997, p.166.

PEVALIN, D. J.; EEMISSCH, J. - **Cohabiting unions, repartnering and mental health**. Psychological Medicine. 2004 November, 34(8), p.p. 1553-1559.

PORTELA, P. DE O. – Apresentação de trabalhos acadêmicos de acordo com as Normas de Documentação da ABNT: informações básicas. Publicação de circulação interna – Universidade de Uberaba, Uberaba, MG, 2005.

PRADO, A. – **Terra de Santa Cruz**, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1981.

QUALLS-CORBETT, M. – **A prostituta sagrada** – A face eterna do feminino, São Paulo, Paulinas, 1990.

ROCHA-COUTINHO, M.L. – **Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares**. Rocco, 1994.

RODRIGUES, P. R.G. – **Astrologia, Meio-Ambiente e Personalidade: Um Estudo Empírico**. Dissertação de Mestrado. São Paulo. Universidade de São Paulo, 1997.

RUFFIOT, A. – **La thérapie familiale psychanalitique**. Paris: Dunod, 1981.

SANFORD, J. A. **Os parceiros Invisíveis**. Trad. de I. F. Leal Ferreira. São Paulo, Paulus, 1986.

SHEELY , G. **Passagens – Crises Previsíveis da Vida Adulta**. Trad. de Donaldson M. Garschagen. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1984.

SILVEIRA, N. – **Jung - Vida e Obra**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

SIMMEL, G. – **On individuality and social forms**. Selected Writting. Em D. N. Levine, (Org), Chicago. The University of Chicago Press, 1971.

SINGLY, F. - **Un drôle de je: le moi conjugal**. Dialogue, 102(4), 3-6, 1988.

STEIN, M. - **Jung o mapa da alma**. São Paulo, Cultrix, 1998.

THOMSON, L. – **Personality Type – An Owner's Manual**. Shambhala Publications. Boston, 1998.

VON FRANZ, M. L. – **Reflexos da alma** – Projeção e reconhecimento interior na psicologia de C.G.Jung. São Paulo, Pensamento, 1988.

_____. **A tipologia de Jung**, São Paulo, Cultrix, 1995.

WHITMONT, E. C. – **A busca do símbolo**. Trad. de Eliane Fittipaldi Pereira e Kátia Maria Orberg. São Paulo, Cultrix, (2000 [1969]).

WINNICOTT, D. – **A família e o desenvolvimento individual** (2^a edição). Trad. de Cipolla, M. B. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

YOUNG-EISENDRATH, P.; DAWSON,T. – **Manual de Cambridge Para Estudos Jungianos**. Trad. de Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

ZACHARIAS, J. J. DE M. – **QUATI. Questionário de Avaliação Tipológica (Versão II). Manual**. 4^a Edição. São Paulo: Vetor, Editora Psico-Pedagógica.

_____. **Tipos: a diversidade humana**, São Paulo, Vetor, 2006.

Anexos

Anexo A – CARTA A COMISSÃO DE ÉTICA

Prezados senhores.

Venho solicitar autorização para a realização da pesquisa intitulada:

“Conflitos Conjugais: Uma leitura a partir da Psicologia Analítica, tomando como base os tipos psicológicos”. Para tal pesquisa será utilizado o questionário QUATI (Questionário de Avaliação Tipológica-versão II), posteriormente, um questionário elaborado pela pesquisadora para identificação dos conflitos conjugais. Os casais selecionados continuarão os processos realizando quatro encontros com a pesquisadora.

Para isso, será utilizado um Termo de Compromisso de Utilização de Dados, que serão preenchidos pela pesquisadora e pelo orientador, envolvidos na manipulação destes dados.

Todos, pesquisadores ou colaboradores, envolvidos na pesquisa comprometem-se com a manutenção da privacidade e com a confidencialidade dos dados utilizados, preservando integralmente o anonimato dos participantes.

Os dados obtidos somente serão utilizados para o projeto ao qual se vinculam. Temos ciência de que todo e qualquer outro uso que venha a ser planejado deverá ser objeto de novo projeto de pesquisa, que deverá ser submetido à apreciação da Comissão de Ética.

Pesquisadora responsável:

Elizabeth do Rocio Dipp Azevedo Gimael.

Orientador:

Durval Luiz de Faria.

Anexo B



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÉ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP
SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE

Protocolo de Pesquisa nº 026/2008

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP

Orientador(a): Prof. Dr. Durval Luiz de Faria

Autor(a): Elizabeth do Rocio Dipp Azevedo Gimael

PARECER sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Dissertação de Mestrado, intitulado
Conflitos conjugais: Uma leitura a partir da Psicologia Analítica, tomando como base os tipos psicológicos

CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que os critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas.

No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

CONCLUSÃO

Face ao parecer consubstanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, em Reunião Ordinária de 31/03/2008, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº 026/2008.

Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea "c", do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

São Paulo, 31 de março de 2008.

Prof. Dr. Paulo Edgar Almeida Resende
 Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

Rua Ministro de Godoy, 969 – Sala 63-C (Andar Térreo do E.R.B.M.) – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001
 Tel.: (0xx11) 36708466 – Fax: (0xx11) 36708466 – e-mail: cometica@pucsp.br

Anexo C

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Pesquisa: – “*Conflitos Conjugais: Uma leitura a partir da Psicologia Analítica, tomando como base os Tipos Psicológicos*”.

Os pesquisadores, abaixo assinados, se comprometem a:

- Atender aos deveres institucionais básicos de honestidade, sinceridade, competência e discrição;
- Pesquisar de forma adequada e independente, além de buscar aprimorar e promover o respeito à sua profissão;
- Não fazer pesquisas que possam causar riscos não justificados às pessoas envolvidas;
- Não violar as normas do consentimento informado;
- Não converter recursos públicos em benefícios pessoais;
- Não prejudicar seriamente o meio ambiente ou conter erros previsíveis ou evitáveis;
- Comunicar ao possível sujeito todas as informações necessárias para um adequado consentimento informado;
- Propiciar ao possível sujeito plena oportunidade e encorajamento para fazer perguntas;
- Excluir a possibilidade de engano injustificado, influência indevida e intimidação;
- Solicitar o consentimento apenas quando o possível sujeito tenha conhecimento adequado dos fatos relevantes e das consequências de sua participação e tenha tido oportunidade suficiente para considerar se quer participar;
- Obter de cada possível sujeito um documento assinado como evidência do consentimento informado; e
- Renovar o consentimento informado de cada sujeito se houver alterações nas condições ou procedimentos da pesquisa.

São Paulo, ____ de ____ de ____.

Pesquisador responsável
Elizabeth do Rocio Dipp Azevedo Gimael.

Orientador
Durval Luiz de Faria.

Anexo D

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, concordo em participar da pesquisa realizada pela psicóloga ***Elizabeth do Rocio Dipp Azevedo Gimael*** CRP 06/15302. A presente pesquisa é parte da elaboração de dissertação de mestrado junto ao programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUCSP.

Fui informado que as sessões poderão ser agravadas em áudio, para fins de pesquisa. Estou ciente de que as gravações só poderão ser ouvidas pela equipe da pesquisa, devendo ser mantido sigilo do seu conteúdo.

Declaro que estou ciente de que minha identidade não será revelada, havendo garantia total do anonimato em quaisquer circunstâncias. Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados em publicações e/ou em eventos científicos, mas deverá ser organizado de modo a não revelar minha identidade. Fui informado que terei acesso aos resultados da pesquisa.

Nome do pesquisado:

Nome:

Data, __/__/2008

RG:

Assinatura:

Testemunha:

Nome:

Data, __/__/2008

RG:

Assinatura:

Pesquisador:

Nome:

Data, __/__/2008

RG:

Assinatura:

Anexo E

Ficha de identificação:

- Nome
- Endereço
- Telefone
- Idade
- Tempo de união conjugal
- Grau de escolaridade
- Profissão
- Número e sexo dos filhos

Anexo F

Resultados do Quati.

Resultados obtidos na aplicação do QUATI - Questionário de Avaliação Tipológica (Versão II) dos vinte e quatro casais que participaram da primeira fase da pesquisa.

Vamos chamar o marido de H, e a esposa de M.

<i>Casal (1). – 5 anos de casados.</i>
H - Idade - 43 anos.
Profissão - Engenheiro.
Atitude – Extrovertida.
Função principal – Sentimento.
Função auxiliar – Intuição.
M- Idade – 37 anos.
Profissão – Administradora de Empresa.
Atitude – Extrovertida.
Função principal – Sentimento.
Função auxiliar – Sensação.

<i>Casal (2). - 5 anos de casados.</i>
H - Idade - 29 anos.
Profissão – Comerciante.
Atitude – Extrovertida.
Função principal – Pensamento.
Função auxiliar – Sensação.
M - Idade - 29 anos.
Profissão – Psicóloga.
Atitude – Extrovertida.
Função principal – Sentimento.
Função auxiliar – Intuição.

<i>Casal (3). – 5 anos de casados.</i>
H - Idade - 32 anos.
Profissão – Administrador de Empresas
Atitude – Extrovertida.
Função principal – Sensação.
Função auxiliar – Pensamento.
M - Idade – 29 anos.
Profissão – Psicóloga.
Atitude – Introvertida.
Função principal – Sentimento.
Função auxiliar – Intuição.

<i>Casal (4). - 6 anos de casados.</i>
H - Idade - 46 anos.
Profissão – Repcionista.
Atitude – Introvertida.
Função principal – Sensação.
Função auxiliar – Pensamento.
M - Idade - 30 anos.
Profissão – Dona de casa.
Atitude – Introvertida.
Função principal – Sensação.
Função auxiliar – Sentimento.

<i>Casal (5). – 6 anos de casados.</i>	
H - Idade - 46 anos.	
Profissão – Piloto.	
Atitude – Extrovertida.	
Função principal – Sensação.	
Função auxiliar – Pensamento.	
M - Idade - 36 anos.	
Profissão - Psicóloga.	
Atitude – Introvertida.	
Função principal – Sentimento.	
Função auxiliar – Intuição.	

<i>Casal (6). - 6 anos de casados.</i>	
H - Idade -28 anos.	
Profissão - Web Designer.	
Atitude - Introvertida.	
Função principal - Sentimento.	
Função auxiliar – Sensação.	
M - Idade - 29 anos.	
Profissão – Agente Cultural.	
Atitude – Extrovertida.	
Função principal – Sentimento.	
Função auxiliar – Sensação.	

<i>Casal (7). – 6 anos de casados.</i>	
H - Idade -40 anos.	
Profissão – Engenheiro.	
Atitude – Introvertida.	
Função principal – Intuição.	
Função auxiliar – Sentimento.	
M - Idade - 35 anos.	
Profissão – Cirurgiã Dentista.	
Atitude – Extrovertida.	
Função principal – Pensamento.	
Função auxiliar – Sensação.	

<i>Casal (8). – 6 anos de casados.</i>	
H - Idade -40 anos.	
Profissão – Fiscal Federal	
Atitude – Introvertida.	
Função principal – Intuição.	
Função auxiliar – Pensamento.	
M - Idade - 34 anos.	
Profissão – Médica.	
Atitude – Introvertida.	
Função principal – Pensamento.	
Função auxiliar – Sensação.	

<i>Casal (9). – 6 anos de casados.</i>	
H - Idade - 34 anos.	
Profissão – Engenheiro Mecânico.	
Atitude – Extrovertida.	
Função principal – Intuição	
Função auxiliar – Pensamento.	
M - Idade - 34 anos.	
Profissão – Médica.	
Atitude – Extrovertida.	
Função principal – Sensação.	
Função auxiliar – Sentimento.	

<i>Casal (10). – 7 anos de casados.</i>	
H - Idade -48 anos.	
Profissão – Médico.	
Atitude – Introvertida.	
Função principal – Sensação.	
Função auxiliar – Sentimento.	
M - Idade - 50 anos.	
Profissão – Bancária.	
Atitude – Extrovertida.	
Função principal – Sentimento.	
Função auxiliar – Sensação.	

<i>Casal (11). – 7 anos de casados.</i>	
H - Idade - 34anos.	
Profissão – Professor.	
Atitude – Introvertida.	
Função principal - Pensamento.	
Função auxiliar – Sensação.	
M - Idade –30 anos.	
Profissão – Médica.	
Atitude – Extrovertida.	
Função principal - Intuição.	
. Função auxiliar – Sentimento.	

<i>Casal (12). – 7 anos de casados.</i>	
H - Idade - 34 anos.	
Profissão – Representante Comercial	
Atitude – Extrovertida.	
Função principal – Sentimento.	
Função auxiliar – Intuição.	
M - Idade - 32 anos.	
Profissão – Administradora de Empresa.	
Atitude – Extrovertida.	
Função principal – Sentimento.	
Função auxiliar – Sensação	

<i>Casal (13). – 8 anos de casados.</i>	
H - Idade - 37 anos.	
Profissão – Médico Ortopedista.	
Atitude – Introvertida.	
Função principal – Sensação.	
Função auxiliar – Sentimento.	
M - Idade - 33 anos.	
Profissão – Nutricionista.	
Atitude – Introvertida.	
Função principal – Sentimento.	
Função auxiliar – Sensação.	

<i>Casal (14). – 12 anos de casados.</i>	
H - Idade -36 anos.	
Profissão – Agente Administrativo.	
Atitude - Introvertida.	
Função principal – Pensamento.	
Função auxiliar – Intuição.	
M - Idade - 39 anos.	
Profissão – Oficial Administrativo.	
Atitude – Extrovertida.	
Função principal – Sentimento.	
. Função auxiliar – Intuição.	

<i>Casal (15). – 14 anos de casados.</i>	
H - Idade - 41 anos.	
Profissão – Administrador de Empresas.	
Atitude – Introvertida	
Função principal – Intuição	
Função auxiliar – Pensamento.	
M - Idade - 39 anos.	
Profissão – Secretária.	
Atitude – Extrovertida.	
Função principal – Sensação.	
Função auxiliar – Sentimento.	

<i>Casal (16). – 14 anos de casados.</i>	
H - Idade - 40 anos.	
Profissão – Jornalista.	
Atitude – Extrovertida.	
Função principal – Sentimento.	
Função auxiliar – Intuição.	
M - Idade - 39 anos.	
Profissão – Cirurgiã – Dentista.	
Atitude – Introvertida.	
Função principal – Sentimento.	
Função auxiliar – Sensação.	

<i>Casal (17). – 18 anos de casados.</i>
H - Idade - 29 anos.
Profissão – Fotógrafo.
Atitude – Introvertida.
Função principal – Intuição.
Função auxiliar – Sentimento.
M - Idade - 49 anos.
Profissão – Secretária Executiva.
Atitude – Introvertida.
Função principal – Sentimento.
Função auxiliar – Intuição.

<i>Casal (18). – 18 anos de casados.</i>
H - Idade -34 anos.
Profissão – Engenheiro.
Atitude – Extrovertida.
Função principal – Intuição.
Função auxiliar – Sentimento.
M - Idade - 49 anos.
Profissão – Secretária Executiva.
Atitude – Extrovertida.
Função principal – Sentimento.
Função auxiliar – Sensação.

<i>Casal (19). – 21 anos de casados.</i>
H - Idade - 51 anos.
Profissão – Aposentado.
Atitude – Extrovertida.
Função principal - Sentimento.
Função auxiliar – Sensação.
M - Idade - 49 anos.
Profissão – Bancária Aposentada.
Atitude - Introvertida.
Função principal – Sensação.
Função auxiliar – Sentimento

<i>Casal (20). – 21 anos de casados.</i>
H - Idade - 49 anos.
Profissão - Advogado.
Atitude – Extrovertida.
Função principal – Sentimento.
Função auxiliar – Intuição.
M- Idade - 42 anos.
Profissão – Administradora de Empresa.
Atitude – Extrovertida.
Função principal – Sentimento.
Função auxiliar – Sensação.

<i>Casal (21). – 23 anos de casados.</i>
H - Idade - 47 anos.
Profissão – Engenheiro.
Atitude – Introvertida.
Função principal – Sentimento.
Função auxiliar – Sensação.
M - Idade - 49 anos.
Profissão – Dentista.
Atitude – Introvertida.
Função principal – Sentimento
Função auxiliar - Sensação.

<i>Casal (22). – 24 anos de casados.</i>
H - Idade - 45 anos.
Profissão – Engenheiro
Atitude – Extrovertida.
Função principal – Sentimento.
Função auxiliar – Intuição.
M - Idade - 42 anos.
Profissão – Professora.
Atitude – Introvertida.
Função principal – Sentimento.
Função auxiliar – Sensação.

<i>Casal (23). – 25 anos de casados.</i>
H - Idade -53 anos.
Profissão – Engenheiro.
Atitude – Introvertida.
Função principal - Pensamento.
Função auxiliar – Intuição.
M - Idade - 49 anos.
Profissão – Técnica de Nutrição.
Atitude – Extrovertida.
Função principal – Sensação.
Função auxiliar – Pensamento.

<i>Casal (24). – 25 anos de casados.</i>
H - Idade - 51 anos.
Profissão – Empresário.
Atitude – Extrovertida.
Função principal - Sentimento.
Função auxiliar – Intuição.
M - Idade - 53 anos.
Profissão – Assistente Social.
Atitude – Extrovertida.
Função principal – Sentimento.
Função auxiliar – Sensação

Anexo G Descrição das demais tipologias descritas segundo o QUATI

Extrovertido, função principal intuição, função auxiliar sentimento, função menos utilizada sensação.

E In St

As pessoas com este perfil de preferência são em geral inovadoras, entusiastas, vislumbrando constantemente novas possibilidades e maneiras novas de fazer as coisas. Possuem grande imaginação e capacidade de tomar a iniciativa e começar novos projetos, assim como a energia impulsiva necessária para levá-los adiante. As dificuldades não fazem mais do que estimulá-las, e geralmente mostram boa habilidade para contorná-las ou resolvê-las. Ocasiões ocorrem em que estão tão absorvidas em seu mais recente projeto, que não encontram tempo para fazer mais nada. A energia psicológica de que dispõem provém de uma sucessiva coleção de novos entusiasmos, e, portanto, seu mundo está repleto de possíveis projetos. O entusiasmo que demonstram por seus projetos, faz com que outras pessoas também se entusiasmem.

Vislumbram tantas possibilidades novas que têm, muitas vezes, dificuldades para escolher, dentre elas, aquelas que apresentam o maior potencial. Seria útil que entrassem em contato com sua função sentimento, para que esta as ajudasse a escolher, pesando cuidadosamente o valor de cada alternativa. O julgamento pelo sentimento pode também ajudar estas pessoas a tornar seus lampejos intuitivos mais profundos.

O componente sentimento destas pessoas revela-se através de um genuíno envolvimento com outros. Isto lhes dá uma grande habilidade em manejá-los em seus contatos interpessoais, fazendo com que muitas vezes possam vislumbrar bastante bem (e de maneira intuitiva e global) as potencialidades alheias e em que direções estas poderão se desenvolver. Aliás, as pessoas deste tipo podem perceber de maneira quase mágica o que as outras estão pensando. Seu maior interesse está em compreender e não em julgar os outros. Do ponto de vista profissional, as pessoas deste tipo sentem-se muito atraídas pelas carreiras nas quais poderão aconselhar pessoas, utilizar sua boa capacidade didática, especialmente quando têm a liberdade para introduzir novidades. Se tiverem os talentos necessários, poderão ser bem-sucedidas em qualquer área que atraia seus interesses: o campo das artes em geral, o jornalismo, a ciência, a publicidade e propaganda, a área de vendas, ou até mesmo a literatura.

Um de seus problemas é que geralmente odeiam a rotina, não diretamente relacionadas com aquilo que lhes interessa. Para complicar ainda mais, freqüentemente, perdem o interesse num projeto à medida que os problemas principais e os desafios mais instigantes forem sendo resolvidos. Portanto, deve-se alertá-las de que precisam aprender a levar adiante seus projetos, mesmo depois que o entusiasmo tiver passado. É verdade, também, que estas pessoas têm maiores possibilidades de realização e eficiência quando ocupam postos que lhes permitam inovar e empreender de forma ininterrupta (de preferência acompanhadas de perto por um colaborador competente, capaz de dar continuidade à empreitada).

Desta forma, estão constantemente sendo atraídos para excitantes desafios das novas possibilidades. É muito importante desenvolverem sua capacidade de julgamento através do sentimento, pois se não o fizerem, é provável que sua escolha de novos projetos não seja sempre das mais felizes, que não consigam finalizar satisfatoriamente nada do que começaram, e que desperdigem suas inspirações, não conseguindo dar seqüência a seus empreendimentos.

Extrovertido, função principal pensamento, função auxiliar intuição, função menos utilizada sentimento.

E Ps In

As pessoas deste tipo usam o pensamento para controlar o mundo que as rodeia. Gostam de executar e de fazer planos a longo prazo. Confiando no pensamento, mostram-se lógicas, capazes de crítica objetiva, Analíticas e incapazes de serem convencidas por argumentos que não sejam lógicos e racionais. Tendem a focalizar a atenção nas idéias e não nas pessoas que estão por trás das idéias. Gostam de pensar em longo prazo, fazer planos e programar as etapas e operações relacionadas com um projeto qualquer, fazendo esforços sistemáticos para que seus objetivos sejam alcançados nos prazos que se fixarem para si mesmos. Não têm muita paciência com confusão e ineficiência, e podem se mostrar bastante duras e inflexíveis quando a situação assim exigir. Acreditam que o comportamento das pessoas deveria estar baseado em regras lógicas, e tendem, elas mesmas, a se comportar seguindo regras lógicas. Geralmente baseiam suas vidas em um conjunto de normas bem definidas, conjunto esse que contém seus postulados básicos sobre o mundo e a vida. Qualquer mudança em seu comportamento tem de ser precedida por uma mudança deliberada neste conjunto de regras. A principal motivação dessas pessoas está em enxergar as

possibilidades existentes além do presente, óbvio e conhecido. Sua função auxiliar, a intuição, tende a aumentar seus interesses intelectuais, sua curiosidade pelas idéias novas, sua tolerância pelos aspectos técnicos, e seu gosto por problemas complexos.

Estas pessoas raramente se sentem satisfeitas em um tipo de trabalho que não utilize a intuição. Os problemas tendem a estimulá-las, portanto encontramos freqüentemente pessoas deste tipo em funções executivas, nas quais podem encontrar e implementar soluções inovadoras. Já que sua atenção está focalizada no quadro mais amplo e mais geral, tendem a negligenciar a importância de certos pormenores. Preferem trabalhar juntas, com outros que, como elas, confiam na intuição. Tendem a subestimar certas realidades e geralmente precisam ter junto de si pessoas dotadas de sólido bom-senso que lhes mostrem facetas negligenciadas e que se responsabilizem por detalhes importantes que devem ser levados em conta.

Da mesma maneira que os outros tipos psicológicos que enfatizam a tomada de decisão, correm o risco de descobrir um tanto rapidamente, seus erros ou seus enganos, por não terem antes examinado cuidadosamente o problema. Por isso é importante que elas aprendam a fazer uma pausa e ouvir a opinião de outras pessoas, especialmente daquelas que não estão em posição muito favorável para dizer francamente o que estão pensando. Isto provavelmente não será fácil para elas. Se não o fizerem, porém, correm o risco de chegar a decisões precipitadas, sem que todos os fatos relevantes sejam levados em consideração e sem levar em conta o que os outros estão pensando ou sentindo.

As pessoas deste tipo psicológico precisam fazer esforços para aprender a levar em consideração a importância dos sentimentos. Acostumadas como estão a confiar em sua maneira lógica e racional de encarar problemas, não costumam valorizar os sentimentos – o que tem valor para si próprio, mas também para as outras pessoas. Se esta tendência for levada a extremos, os sentimentos ignorados vão provavelmente acumular uma pressão cada vez maior, podendo irromper de modo não muito apropriado. Embora sejam muito boas, para ver o que é ilógico e inconsciente, provavelmente precisam aprender a arte da apreciação de outras pessoas, já que uma maneira positiva de exercitar os sentimentos é saber apreciar e dar valor aos méritos e as idéias alheias. As pessoas deste tipo que aprendem a tomar como regra dizer às outras pessoas aquilo de que estão gostando, e não simplesmente aquilo que deve ser corrigido, logo irá verificar que os resultados serão muito gratificantes, tanto em sua vida profissional quanto em sua vida particular.

Extrovertido, função principal intuição, função auxiliar pensamento, função menos utilizada sensação.

E In Ps

As pessoas com este perfil de preferência são inovadoras, engenhosas, sempre enxergando novas possibilidades e maneiras diferentes de agir. Possuem imaginação muito rica e estão sempre dispostas a iniciar novos projetos, tendo também a disposição e a energia necessárias para levá-los adiante. Confiam bastante em sua inspiração e se mostram incansáveis ao tentar resolver dificuldades relacionadas com realizações que pretendem levar adiante. Pode-se dizer que as dificuldades as estimulam e que elas mostram bastante habilidade para destrinchá-las. São pessoas que gostam de demonstrar competência em várias áreas, e esta é uma característica que valorizam sobremaneira no outro.

Geralmente percebem, quase como que através da mágica, o que as outras pessoas estão pensando ou sentindo sobre alguém ou alguma coisa, podendo utilizar este conhecimento para obter apoio a seus projetos. Quase sempre estão mais interessadas em atender do que em julgar o próximo. A energia psicológica que estas pessoas têm a seu dispor é proveniente de uma contínua sucessão de novos projetos: seu universo está sempre repleto de possíveis realizações. O problema é que elas podem estar interessadas por tal quantidade de coisas diferentes, que terão dificuldades em focalizar sua atenção em qualquer uma delas em particular. Nesse caso, o pensamento, sua função auxiliar, pode vir em seu socorro, dando-lhes a possibilidade de Analisar e criticar suas inspirações de forma construtiva, ajudando assim no aprofundamento de seus lampejos intuitivos. O fato de que estejam acostumadas a confiar no pensamento as torna bastante objetivas tanto no que diz respeito aos projetos em que estão interessadas, quanto às pessoas que ocupam um lugar em suas vidas.

Não é nada provável que permaneçam muito tempo em uma profissão e carreira que não apresentem novos desafios. Se tiverem o talento necessário, poderão ser inventoras, jornalistas, cientistas, homens de marketing, promotoras de novos empreendimentos ou qualquer outra nova área que possa atrair seu interesse.

Uma das possíveis dificuldades deste tipo psicológico é que ele odeia o trabalho rotineiro e tem uma enorme dificuldade em fazer o esforço necessário para realizar as pequenas tarefas relacionadas com seus interesses principais. Pior do que isso são pessoas que podem perder o interesse em seus próprios projetos na medida em que os problemas mais importantes forem sendo resolvidos e os desafios principais enfrentados com sucesso.

Portanto, algo que elas precisam aprender é saber levar adiante seus projetos. É mais reconhecidamente eficiente e se realizam a contento em postos que lhes permitam criar um projeto atrás do outro; é aconselhável que contem com um colaborador competente, capaz de tomar as rédeas, assim que a situação estiver definida. Estão sendo constantemente atraídos para os desafios excitantes das possibilidades novas e é importante que desenvolvam sua função-julgamento, pois se não o fizerem, é muito possível que dediquem esforços a projetos que não valham a pena e não consigam levá-los a cabo, e assim, desperdicem sua grande capacidade para enxergar novas possibilidades em tarefas inacabadas.

Extrovertido, função principal sentimento, função auxiliar sensação, função menos utilizada pensamento.

E St Ss

As pessoas que relatam estas preferências irradiam calor humano e simpatia. Sua atenção está voltada principalmente para o se humano, pois valorizam muito o contato interpessoal. Mostram-se amistosas, cheias de tato e capazes de entrar em sintonia com as outras pessoas. São perseverantes, conscienciosas e ordeiras, mesmo em assuntos de pouca importância, e esperam que os demais também se comportem como elas. São muito sensíveis a manifestações, tanto de interesse quanto de desinteresse, pois em grande parte o prazer e a satisfação que auferem em suas vidas provêm do calor humano que percebem nas que estão à sua volta. Este tipo psicológico tem tendência a idealizar bastante as pessoas, instituições ou causas que admira, pois concentra sua atenção nos aspectos mais positivos delas. São também extremamente leais.

Uma de suas maiores qualidades é a capacidade de valorizar as opiniões alheias. Mesmo quando confrontadas com pontos de vista de vista conflitantes, conseguem manter a fé de que, de algum modo, será possível chegar a uma conclusão que harmonize os diversos pontos de vista em questão, algo que freqüentemente conseguem. Sendo a harmonia tão importante para elas, estão sempre prontas para concordar com as opiniões alheias, dentro dos limites do razoável. Cabe aqui uma advertência: é importante tomar cuidado com esta tendência, pois existe o perigo de que se concentrem tanto nas opiniões que percam de vista as próprias.

Estas pessoas estão primordialmente interessadas na realidade que é percebida através dos órgãos dos sentidos, mostrando-se, portanto, práticas, realistas e com os pés firmemente plantados no chão. Concentram-se bastante nas características únicas de cada experiência, sendo também capazes de apreciar e aproveitar aquilo que possuem. Gostam de novidades e variedade, mas também são capazes de se adaptar à rotina.

As qualidades deste tipo psicológico manifestam-se mais plenamente em atividades nas quais é necessário lidar com os demais, demonstrando boa-vontade e habilidade em conseguir a cooperação de outras pessoas. Portanto, encontramos muitas pessoas deste tipo psicológico em ocupações tais como: ensino, trabalho pastoral, a área de vendas. Sua capacidade de compaixão, acompanhada de uma aguda preocupação com as condições físicas, faz com que sejam atraídas para as profissões da área de saúde. Nesse campo, podem propiciar aos que estiverem sob seus cuidados, uma grande dose de conforto e calor humano. Por outro lado, não é provável que se sintam felizes em profissões e ocupações que exijam o domínio de idéias abstratas e análise impessoal. É interessante notar que estas pessoas pensam melhor quando estão falando com outras e gostam muito de conversar e de bater papo sem compromisso. Portanto, quando necessário, têm de fazer um esforço todo especial para serem breves, objetivas, e para que sua grande sociabilidade não lhes atrase o cumprimento de outras tarefas profissionais (em outras palavras, gostam de jogar conversa fora nas horas de trabalho). Este tipo psicológico prefere basear seus planos e decisões em fatos comprovados e valores pessoais. Apreciam bastante situações decididas e acomodadas, mas não necessariamente, ter de tomar todas as decisões. Aliás, um dos perigos que rondam as pessoas deste estilo cognitivo, é o de chegar freqüentemente a conclusões precipitadas, antes de ter compreendido a situação como um todo. É importante também que percebam que, se não gastarem suficiente tempo e energia para adquirir um conhecimento seguro a respeito de uma pessoa ou situação, é provável que suas ações não alcancem os resultados esperados. Quando começam um novo projeto ou tarefa, mostram a tendência de começar a fazer aquilo que elas acham que deveria ser feito, em lugar de parar para pensar e descobrir o que resultaria mais útil ou necessário. Estas pessoas têm sempre regras definidas sobre tudo e todos, expressando sua opinião com franqueza às vezes excessiva.

Por ser extremamente difícil para elas admitir a verdade sobre os problemas e as pessoas com as quais estão envolvidas emocionalmente, correm o risco de se recusar a reconhecer fatos desagradáveis e enfrentar críticas que podem ser dolorosas; como consequência, o que lhes irá acontecer, será tentar ignorar seus problemas em lugar de procurar encontrar soluções.

Extrovertido, função principal sensação, função auxiliar sentimento, função menos utilizada intuição.

E Ss St

As pessoas com este perfil de preferência são amistosas, adaptáveis e realistas. Confiam naquilo que podem comprovar através de seus próprios órgãos dos sentidos. Aceitam e usam os fatos da melhor forma possível, quaisquer que sejam estes. Buscam sempre uma solução satisfatória, em vez de tentar impor seus parâmetros pessoais ao mundo que as cerca. Essas pessoas têm quase certeza de que, mais cedo ou mais tarde, quando forem capazes de compreender todos os fatos envolvidos no processo, uma solução satisfatória para seus problemas se materializará.

Resolvem seus problemas através da adoção de uma atitude de adaptação, e muitas vezes conseguem que também outras pessoas se adaptem. Em geral são suficientemente populares para que os demais levem em conta suas sugestões no sentido de se chegar a um acordo qualquer. Usualmente não são preconceituosas, têm o espírito bastante aberto e são muito tolerantes - principalmente com elas mesmas. Podem mostrar muita habilidade para aliviar situações tensas e conseguir que as partes em conflito cheguem a um acordo.

Devido à sua habilidade em focalizar a atenção no momento presente, e sua aceitação realista do que existe, podem revelar-se bons resolvidores de problemas. Já que não se sentem necessariamente presos à necessidade de seguir procedimentos padronizados ou métodos prediletos, freqüentemente, são capazes de vislumbrar maneiras de se chegar a resultados, usando as regras e circunstâncias de maneira original, ao invés de deixar que estas se constituam em obstáculo.

Mostram uma curiosidade ativa a respeito de novos objetos, novas paisagens, novas atitudes, tipos de comida exóticas e diferentes, pessoas novas - em resumo, de qualquer item novo apresentado a seus cinco sentidos. Esta grande habilidade para explorar e utilizar o sensório pode se manifestar por: a) estarem sempre prontos e serem capazes de saber que tipo de ação um determinado momento exige e executá-la com precisão e elegância; b) manejarem de modo habilidoso pessoas e conflitos; c) manifestarem capacidade de absorver e aplicar conteúdos e de se recordar de um grande número de fatos; d) revelarem um gosto artístico apurado.

Suas decisões são tomadas a partir de valores pessoais (características do sentimento) em lugar da análise lógica do pensamento. Sua função auxiliar, o sentimento, os torna simpáticos cuidadosos no trato com as pessoas, interessados em contatos humanos e cheios de habilidades nessa área. No entanto, correm o risco de ser demasiado negligentes em questão de disciplina. Aprendem muito mais pela experiência concreta que pelos livros e alcançam melhor desempenho em provas práticas do que em exames escritos. São também pessoas que só irão confiar em idéias e teorias quando as virem testadas na prática. Provavelmente tiveram, têm ou terão de fazer maiores esforços do que outros tipos psicológicos para apresentarem um bom desempenho acadêmico, mas podem consegui-lo se compreenderem sua eventual importância.

Na vida profissional, mostram um bom desempenho em carreiras que exijam uma boa dose de realismo, que ofereçam oportunidades de ação e que exijam boa capacidade de adaptação. Como exemplo, poderíamos citar a área de vendas, de uma maneira geral, serviços na área da saúde, moda, arquitetura, ou alguns cargos no setor de transporte, relações públicas, trabalhos ligados à área de turismo, supervisão de grupos de trabalho, além de outras carreiras que demandem coragem e habilidade física por um lado, e capacidade de resolver problemas com rapidez e eficiência por outro.

Geralmente são mestres na arte de viver, aproveitando ao máximo as coisas boas da vida - o que torna sua convivência muito agradável. Apreciam o conforto material e se esforçam para consegui-lo. Encontram muita satisfação em: boa comida, roupas bonitas, confortáveis e bem assentadas, belos objetos, quadros, boa música. Apreciam também a atividade física e os esportes e neles costumam apresentar bom desempenho.

A eficiência destas pessoas irá depender de sua capacidade de adquirir julgamento. Precisam também trabalhar com sua função sentimento, para que possam usar seus valores pessoais como um padrão de referências para seu comportamento, bem como para fornecer-lhes um sentido de propósito e direção na vida. Se não forem capazes de desenvolver a capacidade de tolerar frustrações e de levar adiante objetivos de longo prazo, é perfeitamente possível que o único valor o qual se adaptem perfeitamente seja amor por uma vida confortável e divertida.

Extrovertido, função principal pensamento, função auxiliar sensação, função menos utilizada sentimento.

E Ps Ss

As pessoas que indicam estas preferências usam o pensamento para controlar o mundo que as rodeia. Gostam de Analisar projetos e logo partir para a ação, fazendo com que as coisas aconteçam. Sendo o pensamento sua função principal, são geralmente lógicas, Analíticas, críticas e não muito suscetíveis de serem convencidas por argumentos que não os estritamente racionais. Sua atenção se volta geralmente para o trabalho ou tarefas a serem executadas e não para as pessoas que irão executá-los.

Essas pessoas apreciam não só organizar os fatos, as situações e as opções ligadas a um projeto, como também fazer esforços sistemáticos para que os objetivos estabelecidos sejam alcançados dentro dos prazos fixados. Geralmente não têm muita paciência quando precisam enfrentar confusão e ineficiência, podendo mostrar-se bastante duras e inflexíveis quando a situação assim o exigir.

Acreditam que o comportamento dos indivíduos deveria estar baseado na lógica, e isso aplicam em seu próprio comportamento: possuem um conjunto de regras bem definidas, que irão regular seus postulados básicos sobre a vida e sobre o mundo, e qualquer mudança em seu comportamento tem de ser precedida por uma mudança deliberada neste conjunto de regras.

As pessoas que relatam este perfil de preferências estão geralmente mais interessadas em perceber e apreciar a realidade presente no aqui e no agora do que em possibilidades futuras. Isso as torna sensatas, com os pés firmemente plantados no chão, práticas e realistas. Usam sua experiência passada para ajudar na resolução de problemas e gostam de ter a certeza de que as decisões tomadas por elas estejam baseadas em fatos firmemente comprovados. Estas pessoas mostram a tendência de preferir um tipo de trabalho ou carreira nos quais os resultados de seus esforços sejam imediatos, visíveis e tangíveis. Portanto, sentem-se geralmente atraídas para carreiras no mundo dos negócios, da indústria, da produção, da construção, apreciando sobremaneira o tipo de trabalho administrativo, no qual podem colocar os objetivos a serem alcançado, tomar decisões e dar as ordens necessárias para sua consecução. Como os outros tipos psicológicos que privilegiam a tomada de decisões definitivas mais rapidamente do que seria desejável, agem via de regra, sem ter antes examinado a situação como um todo e sem levar em conta o que outras pessoas pensam

ou sentem sobre o assunto. Assim sendo, é importante que elas aprendam a parar para ouvir o que os demais pensam sobre o assunto em pauta, principalmente aqueles que talvez não estejam na posição mais favorável para dizer francamente o que estão pensando. Aliás, isto é algo que não é nada fácil para as pessoas desse tipo, já que, ao mesmo tempo, em que não se permitem o tempo suficiente para fazer uma idéia da situação como um todo, tendem a chegar muito rapidamente a decisões que poderão estar baseadas em evidências insuficientes.

Este tipo psicológico geralmente precisa fazer um esforço para valorizar o sentimento. Como tende a confiar cegamente em sua maneira lógica e racional de encarar os problemas, corre o risco de passar habitualmente por cima de valores, sentimentos, não levando em consideração aquilo que é pessoalmente importante para ele e para as outras pessoas. Portanto, é importante que pessoas com este perfil de preferência se dêem conta de que, caso se acostumem a ignorar e passar por cima deste tipo de motivação, as emoções reprimidas podem começar a criar grandes pressões interiores, que, uma vez rompidas, farão com que as primeiras se manifestem de maneira pouco apropriada. Embora estejam naturalmente inclinadas a perceber claramente os aspectos lógicos e inconscientes de uma situação qualquer, é preciso que aprendam a arte do reconhecimento. Uma das maneiras mais proveitosas de entrar em contato com sua função sentimento seria a de aprender a valorizar os pontos positivos e as idéias de outras pessoas. As que adotarem como linha de conduta dizer aos outros o que apreciam neles, e não simplesmente aquilo que deveria ser corrigido nos mesmos verão, ficarão surpresos com os resultados positivos que isso lhes ocasionará, tanto na sua vida profissional quanto pessoal.

Extrovertido, função principal sensação, função auxiliar pensamento,
função menos utilizada intuição.

E Ss Ps

As pessoas com estas preferências são realistas, amistosas e adaptáveis. Confiam principalmente no que podem ver ouvir e conhecer através dos sentidos. Aceitam com bom humor (e sabem usá-lo, se necessário) os fatos da vida, quaisquer que sejam estes. Costumam procurar uma solução que as satisfaça ao invés de tentar impor suas próprias regras à realidade. Aliás, elas têm certeza de que, mais cedo ou mais tarde, tudo tem uma solução satisfatória, quando forem capazes de compreender todos os fatos envolvidos em uma situação.

Estas pessoas resolvem problemas mostrando-se extremamente adaptáveis. Muitas vezes conseguem que os outros também se adaptem, pois, em geral, são suficientemente populares para que suas sugestões no sentido de se chegar a um acordo sejam ouvidas. Normalmente revelam uma mente aberta, poucos preconceitos e muita tolerância – sobretudo com elas mesmas. São pessoas capazes de encarar a realidade como é e não como gostariam que fosse, portanto ótimas para avaliar situações tensas e conseguir que as partes em conflito cheguem a um acordo qualquer.

Demonstra uma curiosidade ativa em relação a objetos, paisagens, pessoas, comida, ou a qualquer novidade apresentada a seus sentidos. A grande habilidade em usar a percepção sensorial pode manifestar-se através de: a) capacidade sempre presente de avaliar o que precisa ser feito num momento qualquer e que se expressa em movimentos fáceis e graciosos; b) a capacidade de absorver, utilizar e lembrar um grande número de fatos; c) gosto artístico apurado; d) manejo habilidoso de ferramentas e matérias-primas.

Estas pessoas geralmente são boas na resolução de problemas graças ao fato de que focaliza sua atenção no momento presente e aceita realisticamente as coisas como elas são. Como não estão presas à necessidade de seguir regras previamente estabelecidas ou métodos que funcionaram bem no passado, às vezes conseguem resolver problemas usando regras, sistemas e circunstâncias de maneira original, ao invés de deixar que elas se constituam em obstáculos.

Tomam, assim, suas decisões baseadas na análise lógica do pensamento e não nos seus valores pessoais. Por confiarem no pensamento (lógica), mostram-se capazes de grande firmeza quando isso for necessário, e, de um modo geral, aprendem mais pela experiência direta do que pela leitura e estudo, e são mais eficientes em situações reais do que em exames escritos. Não confiam muito em teorias e idéias que não foram testadas na prática. As pessoas deste tipo talvez tenham tido (ou terão) que fazer mais esforços para serem bem sucedidas na escola do que outros tipos psicológicos. Farão estes esforços apenas se perceberem sua relevância.

Na vida profissional, mostram um bom desempenho em carreiras e profissões que exijam uma boa dose de realismo, gosto pela ação e boa capacidade de adaptação. Como exemplo, poderíamos citar alguns campos: engenharia, carreira policial, marketing, investigação de crédito, tecnologias no campo da saúde, lazer, construção, serviços ligados à alimentação de forma geral, além de carreiras em que a coragem física e a habilidade para resolver problemas com rapidez sejam valorizadas.

O quanto eficiente estas pessoas irão se mostrar vai depender de sua capacidade de adquirir julgamento. Será útil que trabalhem para desenvolver sua função sentimento, para que possam usar seus valores pessoais como um padrão de referência para seu comportamento. Devem buscar propósitos e direção na vida, pois, se não forem capazes de desenvolver a capacidade de tolerar frustrações e levarem adiante objetivos a longo prazo, correm o risco de se adaptarem principalmente ao próprio amor por uma vida confortável e divertida.

Introvertido, função principal intuição, função auxiliar sentimento, função menos utilizada sensação.

I In St

As pessoas deste tipo psicológico são geralmente inovadoras no campo das idéias. Confiam na intuição para lhes fornecer informações sobre as revelações verdadeiras e o real significado dos objetos, não dando importância ao que as outras pessoas comuns possam pensar sobre o assunto. São estimuladas pelos problemas, pois para conseguir o impossível pode demorar, mas não muito.

São independentes e individuais, já que pautam sua vida a partir da inspiração que lhes chega através da intuição. Os dados assim obtidos são válidos e importantes para elas que, às vezes, custam a entender porque as outras pessoas não os aceitam com muita facilidade. Esta característica de independência nem sempre é evidente à primeira vista, já que elas dão muita importância à harmonia e à concórdia, o que faz com que se esforcem muito para convencer os demais a aprovar e a colaborar em seus projetos. Podem demonstrar grande capacidade de liderança, especialmente quando estão se dedicando a dar forma a uma visão intuitiva consciente, e sua fé e entusiasmo muitas vezes convencem outras pessoas a segui-las. O modo de liderança deste tipo psicológico passa pela conquista (e não pela imposição) de outras pessoas para suas idéias.

As pessoas deste tipo psicológico sentem-se mais realizadas em um tipo de trabalho que satisfaça tanto sua necessidade de usar a intuição quanto seus sentimentos. E dentre as milhares de possibilidades que vislumbram aquelas que mais as interessam são as referentes ao ser humano. Assim, sentem-se muito atraídas para o magistério, seja no ensino formal, seja no campo das artes. Como estão acostumadas a confiar na intuição, têm

facilidade de chegar até os significados mais profundos de uma área do conhecimento e encontram muita satisfação ao ajudar seus alunos em seu desenvolvimento.

Se seus interesses se encaminharem para uma área mais técnica, poderão obter resultados profissionais interessantes em áreas ligadas à ciência e à pesquisa. Sua intuição poderá lhes sugerir novas abordagens para os problemas e seu sentimento vai lhes fornecer o entusiasmo necessário para pôr em movimento suas energias interiores. A intuição, alimentada pelo sentimento, se não for abafada por um trabalho repetitivo e rotineiro, pode ser de imenso valor em qualquer campo de atuação.

Contudo, é preciso que se diga que esta capacidade de intensa devoção para com seus projetos pode causar alguns problemas. Por exemplo, a meta final de um projeto pode estar tão clara para eles, que não se preocupam em procurar outros fatores inerentes à situação que poderiam entrar em conflito com esta. É preciso também que trabalhem sua função sentimento já que será esta que lhes irá fornecer padrões para que possam julgar. Se a função julgamento não estiver bem desenvolvida, não serão capazes de avaliar suas visões interiores e não irão dar ouvidos às opiniões alheias. Nesse caso, ao invés de serem capazes de dar forma às suas inspirações através de uma ação eficiente, poderão tentar impor suas regras a tudo e a todos (tanto em assuntos importantes quanto nos de menor importância) e, consequentemente, realizarem muito pouco.

Introvertido, função principal sentimento, função auxiliar intuição, função
menos utilizada pensamento.

I St In

As pessoas deste tipo são dotadas de uma grande dose de calor humano, mas a mantêm escondida até que se conheçam bem as pessoas. Este lado mais vulnerável é mantido do lado de dentro como o forro do pêlo de um casaco. Geralmente cumprem com grande lealdade os deveres e obrigações para com suas idéias e com aqueles que lhes são caros. Sua visão sobre o mundo e a vida é extremamente pessoal, pensando e medindo tudo a partir dos padrões fornecidos por seus ideais e valores pessoais. Aliás, defendem estes ideais com convicção apaixonada. Embora suas vidas sejam governadas por ideais e lealdades internas, dificilmente falam sobre estes, expressam muito raramente seus sentimentos mais profundos e

mascaram a grande dose de ternura que geralmente possuem, atrás de uma máscara de tranqüila reserva.

Nos assuntos do dia-a-dia, mostram-se geralmente tolerantes, abertas, compreensivas, flexíveis e adaptáveis. Contudo, se sentem que algo possa ameaçar suas lealdades internas, não cedem um centímetro sequer. Via de regra não estão interessadas em impressionar ou dominar outras pessoas, a não ser que isso seja absolutamente necessário por razões profissionais. As pessoas que mais valorizam são aquelas que se dão ao trabalho de tentar compreender seus valores e as metas que se propõem a alcançar.

Seu interesse principal está em vislumbrar além do que está presente, do óbvio e do conhecido. São muito mais eficientes quando trabalham em algo em que acreditam, já que o sentimento lhes fornece combustível para seus esforços. Desejam que o trabalho que realizam contribua de alguma forma para os demais: uma maior compreensão entre as pessoas, um pouco mais de felicidade para alguns, uma melhoria nas condições de saúde. Querem também que seu trabalho lhes ofereça algo mais do que um salário no fim do mês, não importando quão bom seja este. São muito perfeccionistas, quando alguma coisa lhes é cara e importante.

Mostram considerável curiosidade por idéias novas. Costumam ter lampejos intuitivos e boa capacidade para enxergar a longo prazo. Muitas delas têm interesses literários e provavelmente, boa capacidade de expressão; com um pouco de talento, podem se tornar escritores competentes. Mostram grande habilidade e capacidade de convencer as outras pessoas quando querem comunicar algo que as entusiasme; não são muito barulhentas, mas sentem-se atraídas para carreiras e profissões relacionadas ao aconselhamento de maneira geral, ao ensino, à literatura, à arte, à ciência ou à psicologia.

Um eventual problema resultante do contraste entre aquilo que almejam realizar e aquilo que conseguem realizar reside em um certo complexo de culpa e sentimentos de inferioridade. Isto acontece mesmo quando objetivamente se mostram tão competentes quantas outras pessoas em seu lugar. Por isso, é importante que usem sua intuição para encontrar modos de expressar seus ideais, pois se não o fizerem, continuarão a sonhar com o impossível e a realizar muito pouco. No caso de não conseguirem encontrar um canal para expressar seus ideais, as pessoas deste tipo acabarão por se tornar extremamente sensíveis e vulneráveis, com sua autoconfiança e confiança na vida sendo corroídas lentamente.

Introvertido, função principal intuição, função auxiliar pensamento, função menos utilizada sensação.

I In Ps

Estas pessoas são inovadoras incansáveis, tanto em pensamento quanto em ação. Confiam na intuição para lhes fornecer dados sobre os significados reais e as relações verdadeiras dos objetos, não ligando muito para o que as autoridades reconhecidas ou a opinião pública possam pensar a respeito. A fé que depositam em sua visão interior pode mover montanhas e os problemas nada mais fazem do que estimulá-las: para elas, conseguir o impossível vai demorar um pouco mais de tempo - não muito, porém, são os mais independentes dos tipos psicológicos sendo, às vezes, até extremamente teimosos. Valorizam muito a eficiência, tanto a própria quanto a dos outros.

Já que estão seguros sobre o valor e a validade de suas inspirações, desejam ardente mente que estas sejam colocadas em prática, aceitas e utilizadas por outras pessoas, estando dispostas a não poupar tempo e esforços para que isso seja conseguido. São geralmente resolutas e perseverantes, e muitas vezes irão conseguir que outras pessoas trabalhem quase tão duramente quanto elas. Embora suas preferências se encaminhem decididamente para o uso da intuição, são capazes, se necessário, de focalizar sua atenção nos pormenores de uma situação, a fim de que sua visão possa ser realizada.

Freqüentemente são encontradas pessoas deste tipo em campos, tais como: o da Ciência Pura, da Política, da Filosofia e da pesquisa de novos produtos e tecnologias, usando com a máxima confiança e valorizando bastante a visão e as características que a função intuição lhes forneceu.

A concentração quase maníaca aos fins a que se propõem pode lhes ocasionar problemas. Já que suas metas finais são tão claras, elas não se preocupam muito em enxergar outros aspectos da situação que possam entrar em conflito com aquelas. Portanto, provavelmente precisam aprender a ouvir as opiniões alheias.

O fato de não considerarem muito os valores sentimentais pode levá-las a ignorar totalmente os das outras pessoas. Quando isso acontece, provavelmente, se espantam com o azedume e a força da oposição às suas idéias.

É preciso que tentem levar em conta seus próprios valores, pois se estes forem constantemente ignorados, irão adquirir cada vez maior força no inconsciente, manifestando-se nas ocasiões mais inesperadas no comportamento, de forma nem sempre adequada. As

necessidades emocionais destas pessoas devem ser usadas de maneira construtiva; por exemplo, aprendendo a apreciar sinceramente os méritos alheios. É bem verdade que isto não será fácil, dado seu talento para a análise; mas se esta aprendizagem for levada a cabo, irão perceber que a capacidade de apreciação pode lhes ser de grande valia tanto em seu trabalho quanto em suas relações pessoais.

Introvertido, função principal pensamento, função auxiliar intuição, função menos utilizada sentimento.

I Ps In

As pessoas deste tipo psicológico usam o pensamento para encontrar os princípios subjacentes às idéias que lhes chegam à consciência, confiando também no intelecto para desenvolver as consequências lógicas destes princípios e antecipar suas consequências. São Analíticas, lógicas e capazes de crítica objetiva.

Provavelmente prestam mais atenção às idéias do que às pessoas que estão por trás das idéias; prefere isso a atuar nas mais variadas situações e só o farão isto se as circunstâncias assim o exigirem.

Geralmente mostram grande curiosidade intelectual. Tendem a ter apenas um pequeno círculo de amigos chegados e apreciam a companhia daqueles que gostam de discutir idéias.

As pessoas deste tipo psicológico podem se tornar tão absorvidas por uma idéia qualquer que, em alguns momentos, chegam mesmo a ignorar ou esquecer o mundo que as cerca. São um tanto quanto reservadas e caladas, embora, às vezes, possam falar por horas sobre assuntos que conhecem bem e sobre os quais refletiram bastante. Sabem adaptar-se a circunstâncias novas - quando estas não entram em conflito com seus princípios básicos, pois quando isto acontece, podem se mostrar bastante inflexíveis. Interessam-se muito em tentar vislumbrar possibilidades além do senso comum, do conhecido e do que está presente no aqui - agora. Compreendem tudo rapidamente, e a intuição colabora para aumentar sua curiosidade intelectual, sua capacidade de enxergar para além do evidente e do óbvio, e sua habilidade de encontrar soluções novas para os problemas.

Dependendo, é claro, de seus outros interesses e de circunstâncias ligadas ao meio ambiente, podem apresentar um bom desempenho no campo da ciência pura, da pesquisa

acadêmica, da matemática, podendo se tornar professores universitários e pesquisadores em campos tais como: Economia, Filosofia e Psicologia, interessando-lhes principalmente os aspectos teóricos destas áreas do conhecimento. As pessoas deste tipo psicológico interessam-se muito mais pelo grande desafio que é para elas encontrar uma solução original para um problema qualquer, do que em ver esta solução ser posta em prática. Se não desenvolverem adequadamente sua percepção, correm risco de acabar tendo pouco conhecimento e experiência sobre o mundo em geral. Quando isto acontece, irão raciocinar sobre o vazio e o nada de útil que para eles resultará de suas idéias. Esta pouca habilidade natural de manter o contato com o mundo exterior pode trazer dificuldades para a comunicação entre eles e outras pessoas: elas gostariam de apresentar suas verdades de maneira muito exata, mas muitas vezes o fazem de modo tão complicado, que os ouvintes têm dificuldades para entender o que estão tentando dizer. Portanto, é importante aprender a simplificar um pouco seu modo de apresentar idéias, pois dessa forma, seus argumentos serão compreendidos e aceitos por um maior número de pessoas.

Outro perigo que ameaça as pessoas deste tipo psicológico vem da confiança que depositam em sua maneira lógica e racional de encarar os problemas; tendem a deixar de lado considerações sobre o valor sentimental, tanto para elas quanto para as outras pessoas. Às vezes, decidem que certos itens não são importantes, pois não lhes parece lógico que o sejam. É importante, portanto, que percebam que se deixarem sempre à lógica reprimir seus sentimentos, estes irão se acumulando a nível inconsciente, criando uma pressão interna, que, a qualquer momento, poderá romper barreiras e fazer com que os sentimentos reprimidos se expressem de maneira pouco apropriada.

Embora sejam excelentes para Analisar o que há de errado com uma idéia, não lhes é fácil expressar apreciação. Devem se empenhar em aprender isso, pois lhes será de grande valia, tanto em seu trabalho quanto em suas relações pessoais.

Introvertido, função principal sensação, função auxiliar sentimento, função
menos utilizada intuição.

I Ss St

As pessoas que pertencem a este perfil de preferência são extremamente confiáveis e capazes de aceitar responsabilidades que vão além da sua obrigação. Costumam ter um respeito completo, realista e prático por fatos concretos. Quando, a partir desses,

percebem que é preciso fazer algo, geralmente param para pensar a respeito e decidem que sua ação poderá contribuir para que a situação possa ser esclarecida – aceitam, então, a responsabilidade por ela. São pessoas que lembram e utilizam um grande número de fatos, dando grande importância à sua fidedignidade. Apreciam muito que tudo seja apresentado da forma mais clara possível.

Suas reações mais íntimas são freqüentemente vividas e intensas, e muitas vezes imprevisíveis. Raramente mostram suas emoções através de sua expressão facial, o que faz com que possam parecer extremamente calmas, mesmo quando têm de enfrentar uma emergência. Só quando se conhece bem estas pessoas é que se percebe que, atrás de uma máscara de calma, estão encarando fatos e situações a partir de uma perspectiva muito própria, não raro deliciosamente humorística. Contudo, quando estas pessoas estão a serviço e têm de lidar com o mundo da realidade concreta, mostram-se confiáveis e sensatas.

Caracterizam-se como seres perfeccionistas, diligentes e capazes de trabalhar com afinco, além de muito pacientes com procedimentos e pormenores, sendo, portanto, capazes de executar sem problemas todos aqueles pormenores que precisam ser feitos para que um projeto seja levado a cabo. Portanto, a perseverança de que se mostram capazes contribui para estabilizar tudo e todos que lhes dizem respeito. Estas pessoas não entram impulsivamente em situações, mas, uma vez dentro delas, não é fácil distraí-las ou desencorajá-las. Também só desistem quando convencidas de que estão erradas através de sua própria experiência. Freqüentemente, têm tendência a escolherem carreiras e profissões em que possam combinar seus talentos à observação cuidadosa, ao interesse genuíno que têm pelas pessoas, sendo, por exemplo, atraídas pelas profissões na área de saúde. Outras áreas profissionais que podem se mostrar atraentes para elas seriam o ensino, trabalho em escritório e, de modo geral, todas as ocupações que fornecem aos outros, serviços e atenção pessoais. Sua utilização da função sentimento para lidar com o mundo que as cerca é muito evidente, pois são capazes de se mostrar bondosas, compassivas, diplomáticas e genuinamente interessadas nas outras pessoas; podem, então, ajudar muito aqueles que delas venham a necessitar. Devido à sua preocupação com precisão e organização, é freqüente encontrá-las em cargos executivos. Quando têm de assumir a responsabilidade por alguma tarefa, seu julgamento prático e apreciação das soluções eficazes fazem com que se mostrem consistentes e conservadoras, tomando cuidado para conhecer todos os fatos necessários para apoiar suas avaliações da situação, bem como as decisões que irão tomar. Na medida em que vão adquirindo experiência, estas pessoas mostram a tendência para comparar os problemas atuais aos que tiveram que enfrentar antes. As pessoas deste tipo poderão ter problemas, se não desenvolverem adequadamente suas

funções ligadas a julgamento (no caso delas, julgamentos feitos a partir de seus sentimentos), pois se não o fizerem, não serão eficientes para lidar com o mundo que as cerca, adotando uma atitude de fecharem-se dentro de si mesmas, focalizando toda a atenção em suas próprias reações e nas impressões que lhes vêm através dos órgãos dos sentidos. Quando isso acontecer, é claro que não poderão fazer nada de útil e proveitoso. Outro perigo que ronda estas pessoas vem de sua tendência a desconfiar bastante da imaginação e da intuição, não levando muito a sério as informações fornecidas por elas.

Introvertido, função principal sentimento, função auxiliar sensação, função
menos preferida pensamento.

I St Ss

As pessoas que têm este estilo cognitivo possuem pontos de vista muito particulares sobre a vida, tendendo a julgar tudo e todos a partir de seus ideais e valores individuais, embora sejam pessoas que se prendam a valores facilmente influenciáveis por aqueles de que gostam. Sua existência é governada com lealdade e idéias internas sobre os quais não têm de falar. Os indivíduos que se enquadram neste tipo psicológico expressam muito raramente suas emoções mais profundas e escondem, atrás de uma máscara de tranquilidade reservada, um núcleo interior muito suave e doce. Na sua vida cotidiana, demonstram tolerância, flexibilidade, adaptabilidade e espírito aberto. Porém, quando sentem que alguma de suas idéias pessoais está sendo ameaçada, podem se mostrar surpreendentemente inflexíveis. Os indivíduos deste tipo são aqueles capazes de aproveitar ao máximo o momento presente, saboreando cada uma das múltiplas facetas. De um modo geral, pode-se dizer que as pessoas deste estilo cognitivo não se sentem motivadas a impressionar ou dominar as outras; valorizam principalmente aquelas que são capazes de refletir longamente para alcançar a compreensão de seus valores pessoais e dos objetivos que pretendem alcançar.

Esse tipo psicológico tem sua atenção voltada principalmente para a realidade que apreende através de seus órgãos dos sentidos, realidade esta que tanto pode ser interior quanto exterior. Geralmente são pessoas que se sentem bem em um tipo de atividade na qual são importantes o bom-gosto, a capacidade de discriminação e o senso ético. Têm uma relação toda especial com a natureza e uma grande simpatia pelos animais. Além disto, muitas delas possuem grande habilidade manual e freqüentemente aquilo que produzem com suas mãos fala muito mais do que exprimem por meio de palavras.

As pessoas que adotam este estilo cognitivo são muito mais eficientes quando estão trabalhando em algo que acreditam, pois suas emoções são o que lhes fornece o combustível para seus esforços. Usualmente são capazes de ver o que precisa ser feito em um determinado momento e fazê-lo sem hesitação. Precisam sentir que seu trabalho está contribuindo para algo que é importante para elas: um aumento da compreensão mútua entre as pessoas, um aumento de sua felicidade ou uma melhoria de sua saúde física e mental. Estas são as pessoas que precisam ver um objetivo qualquer em seu trabalho, além do aspecto puramente pecuniário, não importando quanto bem remuneradas sejam. Quando estão emocionalmente envolvidas com seu trabalho, tendem a querer executá-lo da maneira mais perfeita que lhe for possível, sendo, portanto, particularmente indicadas para aquele tipo de tarefa que exige tanto grande dose de dedicação quanto capacidade de adaptação.

Algumas pessoas deste tipo podem apresentar o seguinte problema: sentem um contraste tão violento entre aquilo que gostariam de realizar e aquilo que conseguem realizar, que faz com que se sintam profundamente incompetentes e inábeis, mesmo quando seu desempenho é bom, ou melhor, do que os dos outros. Muitas vezes estas pessoas partem do princípio de que qualquer pessoa é capaz de fazer aquilo que elas fazem, sendo, portanto, extremamente modestas e tendendo a não atribuir a si o valor que têm.

É importante que estas pessoas encontrem uma maneira prática para expressar seus ideais, pois se não o conseguirem, continuarão a sonhar com o impossível e hão de realizar muito pouco. Além disso, se elas não conseguirem algum modo de expressar estes ideais através da ação, correm o risco de se tornarem tão sensíveis e vulneráveis, que pouco a pouco, a confiança nelas mesma e na vida vai sendo corroídas. É preciso que as pessoas deste tipo busquem um lugar apropriado para que suas qualidades se manifestem.

Introvertido, função principal sensação, função auxiliar pensamento,
função menos utilizada intuição.

I Ss Ps

As pessoas que pertencem a este perfil de preferências são exatamente confiáveis e mostram um respeito completo, realista e prático pelos fatos. Podem absorver, lembrar e utilizar um grande número de fatos, tomando muitas precauções quanto à sua precisão. Quando percebem que algo deve ser feito, aceitam a responsabilidade pela sua execução,

muitas vezes além do que seria sua obrigação fazê-lo. Gostam das coisas muito claras e colocadas: o preto no branco.

Embora raramente o demonstrem em público, suas reações emocionais muitas vezes são vividas e intensas. Essa peculiaridade de esconder suas reações mais íntimas faz com que pareçam extremamente calmas e seguras quando têm de enfrentar situações de crise; só quando se conhece bem essas pessoas é que se percebe que, por trás de uma fachada de calma, estão encarando a situação a partir de um ponto de vista extremamente pessoal. Contudo, quando estão em público e têm de lidar com o mundo das realidades concretas mostram-se extremamente confiáveis e sensatas. Costumam também ser sistemáticas, perseverantes, trabalhadoras e capazes de levar em consideração cada pormenor de um problema, bem como as regras que devem ser seguidas em cada caso. Esta capacidade para a perseverança estabiliza todas as coisas com que entram em contato. É bem verdade que também têm a tendência a se engajar um tanto quanto impulsivamente, e uma vez engajadas não será fácil desencorajá-las ou distraí-las do caminho a ser seguido.

Geralmente mostram a tendência para escolher carreiras e profissões nas quais seus talentos para a organização e para levar pormenores em consideração sejam reconhecidos e recompensados. Exemplos disso seria a engenharia civil, a profissão de contador, o direito, carreiras na área de saúde e trabalho em escritório, de maneira geral. Freqüentemente, podem ser encontradas em cargos executivos.

Profissionalmente, e de uma maneira geral, pode-se dizer que, quando são responsáveis por algo, mostram-se extremamente consistentes, conservadoras e buscam com o máximo cuidado acumular os fatos necessários para justificar suas avaliações e decisões. Isto se deve ao fato de encararem e julgarem as situações de um ponto de vista essencialmente prático e considerarem importante que certas regras e procedimentos sejam seguidos à risca. Geralmente, busca no processo do passado a solução para os problemas atuais. Com o correr do tempo vão se tornando cada vez mais familiarizadas com todos os componentes de seu trabalho, mesmo os mais insignificantes, sem que se vangloriem disto.

Um dos problemas que as pessoas com este tipo de preferência podem encontrar vem da tendência a esperar que todos sejam tão lógicos e Analíticos quanto elas. Assim sendo, correm o perigo de julgar outras pessoas a partir de uma perspectiva falsa ou de se mostrarem extremamente dominadoras ao lidar com pessoas menos assertivas do que elas. Acreditamos que uma regra que lhes poderá ser muito útil é usar seu domínio dos processos ligados ao pensamento para tomar decisões a respeito de objetos inanimados ou de sua própria maneira de comportar-se, e tentar usar a percepção para tentar compreender as outras pessoas.

Aliás, quando são capazes de usar seus órgãos sensoriais para enxergar o que é realmente importante para o outro, fazendo com que isto se torne um fato a ser levado em consideração, mostram-se dispostas a despender, com bastante generosidade, grandes esforços para ajudar seu próximo.

As pessoas com este tipo de preferência podem vir a ter problemas se não desenvolverem ao máximo suas funções cognitivas, pois, neste caso, correm o perigo de se fechar demasiado em si mesmas, colocando toda sua atenção nas próprias reações e nas impressões que lhes são transmitidas através do sensório, tudo isto as levando a que nada realizem de satisfatório. Existe algo mais com que elas têm de tomar cuidado: não desconfiar demais da imaginação e da intuição e aprender a levá-las um pouquinho mais a sério.

Introvertido, função principal pensamento, função auxiliar sensação, função
menos utilizada sentimento.

I Ps Ss

As pessoas com este tipo psicológico usam o pensamento para buscar os princípios em que estão baseadas as informações que lhes chegam à consciência. Estando habilitadas a confiar no pensamento, são geralmente lógicas, capazes de críticas objetivas, só se deixando influenciar por argumentos que sejam racionais e solidamente fundamentados em fatos estabelecidos.

Gostam de organizar tanto fatos quanto dados, e preferem não ter de organizar situações e pessoas, a menos que sejam forçadas por razões profissionais. São geralmente muito curiosas, embora esta curiosidade não se manifeste explicitamente. Tendem a ser pessoas tímidas quando em situações sociais, exceto quando estão entre bons amigos. Existem ocasiões mais intensas, que podem chegar a extremos de ignorar ou perder o contato com o mundo que as cerca.

São tranqüilas e reservadas; contudo, quando tratam de assuntos nos quais podem utilizar o grande arquivo de informações que possuem, podem lançar-se em discursos intermináveis. Geralmente mostram uma grande capacidade de adaptação às atividades da vida diária, a menos que sintam que algum dos seus princípios está sendo violado; então, deixam de adaptar-se. Possuem boa habilidade manual, apreciam a vida ao ar livre e a prática de esportes, bem como qualquer coisa que forneça informações a seus órgãos dos sentidos.

Se estas pessoas tiverem desenvolvido bem seus dons de observação a respeito do mundo que as cerca, serão capazes de aprender com facilidade suas diversas e mais relevantes facetas.

São pessoas que mostram um grande interesse em saber como e por que as coisas funcionam e, portanto, provavelmente poderão desempenhar bem profissões e carreiras ligadas às ciências aplicadas de uma maneira geral, tais como a mecânica e engenharia. Quando não demonstram interesse por assuntos técnicos, estas pessoas podem utilizar o seu talento pondo em ordem elementos que não estão muito bem organizadas em campos tais como o direito, a economia, o marketing, a área de vendas de maneira geral, o campo dos seguros ou a estatística.

Pode acontecer que estas pessoas confiem tanto no seu modo racional de encarar a vida que deixem de lado o que as outras pessoas e o que elas mesmas valorizam, só porque não lhes parece lógico que aquilo seja importante para as pessoas.

O fato de deixarem que o que pensam tenha mais importância do que aquilo que sentem e de que gostam, pode favorecer o aumento de sentimentos reprimidos. Esses sentimentos potencializados poderão vencer as barreiras e se expressar no comportamento de forma inadequada. As pessoas do tipo I Ps Ss são excelentes para Analisar o que está errado com alguém ou alguma coisa, mas, às vezes, encontram dificuldade para se mostrarem satisfeitas com algo. Se tentarem vencer esta dificuldade que lhes é natural, irão perceber que saber apreciar é algo que poderá lhes ser muito útil tanto em sua vida profissional, quanto em sua vida pessoal, especialmente em situações em que outras pessoas estiverem envolvidas.

Um dos problemas que ameaçam as pessoas deste tipo é a tendência para adiar decisões e para não completar o que começam a fazer. Uma de suas mais notáveis características é sua capacidade para economizar esforços; isto lhes poderá ser de grande utilidade quando forem capazes de julgar precisamente qual é o esforço que deve ser gasto, já que nestas ocasiões fazem estritamente o que é necessário naquele momento, sem pressa e sem movimentos perdidos.